

ANNAES

DA

BIBLIOTHECA NACIONAL

DO

RIO DE JANEIRO

PUBLICAÇÕES SOB A DIRECÇÃO DO

BIBLIOTHECARIO

DR. BENJAMIN FRANKLIN RAMIZ GALVÃO.



*Litterarum seu librorum
negotium concludimus hominibus
esse vitam.*

(PHILOLOGION. CAP. XVI.)

1877 — 1878.

VOLUME III.

RIO DE JANEIRO.

Typ. G. Leuzinger & Filhos.

1877

A COLLECÇÃO CAMONEANA

DA

BIBLIOTHECA NACIONAL

CATALOGO.

[Continuação (*)].

Obras relativas a Camões.

142) Apologia em que defende Ioam Soares de Brito a poesia do principe dos poetas d'Hespanha Luis de Camoens no canto 4 da est. 67 a 75 e canto 2 est. 21. E responde a censura de hum critico d'estes tempos. A Ioam Rodrigues de Sá de Meneses Cavalleyro da ordem de Santiago, Camareyro mór d'el Rey D. Ioam o IV. N. S. Filho primogenito do Conde de Penaguião, o herdeyro de sua Casa &c.

Em Lisboa. Na Officina de Lourenço de Anveres (sic). No anno de 1641, o I. da Restauração de Portugal.

In-4.º de 16 — 61 — 3 folhas, sendo as primeiras e as ultimas numeradas, e as outras numeradas de um só lado.

Em nosso exemplar, todas as palavras, desde *Apologia* até *tempo*, da folha de titulo, e as primeiras das trez paginas seguintes, são escriptas á mão.

Além do titulo, comprehende:

I. Trez epigraphes extrahidas de Cicero, Arnóbio o Apuleio.

(*) Continuação da pag. 358 do vol. II.

II. Licenças para a impressão, as quaes occupam duas paginas.

III. Um retrato bem gravado do Camões. Representa o poeta em meio corpo, tendo na mão esquerda um livro e na direita a penna, e em volta a seguinte legenda:

Maasura per arum. Fatorum Comites.

IV. *De Theatro Lusitaniae literariae, non exculendo, Ioannis Soares de Brito.* E' um artigo biographico de Camões.

V. Uma gravura representando o escudo das armas dos Sás, e em volta esta inscripção:

Dignum virtus invexit honorem.

VI. Charta dedicatoria a d. João Rodrigues do Sá de Menezes, datada de 15 de Agosto de 1641.

VII. *Panegyris ad Amplissimum Dominum Ioannem Rodericum de Sá Meneziam. &c.* Este panegyrico, segundo os mais auctorizados bibliographos, foi composto pelo jesuita Lourenço d'Aguilae.

VIII. Duas chartas: uma de Sá de Menezes a Diogo de Paiva de Andrade, e outra de Andrade a Sá de Menezes.

IX. A quem ler.

X. Apologia. Esta Apologia occupa as folhas numeradas, isto é, de ff. 1 a 61.

XI. A quem lee.

XII. *Protestatio auctoris.*

XIII. Sonetos e versos em louvor do auctor.

Sabe-se pelo que diz João Franco Barreto na sua *Orthographia* a pag. 208 e 209, citado por Innocencio da Silva a pag. 10, vol. 4.º do seu *Diccionario*, que esta Apologia foi escripta contra um *Licenciado*, por nome Manoel Pires de Almeida.

São já muito raros os exemplares d'esta obra.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

143) Oitava de Luis de Camoens. *Deu signal a trambeta castelhana.* Glozada pello doutor Antonio Barboza Bacellar, a glorioza victoria do Canal. Em 8. de Junho de 1663, Sendo Governador das Armas da Provincia do Alentejo, Dom Sancho Manoel, Conde de Villa-Flor.

Lisboa, na Officina de Henrique Valente de Oliveira, Impressor de S. Magestade. Anno de 1663.

In-4.º de 4 ff. inn.

O nosso exemplar faz parte da collecção: — « Noticia dos successos militares entre as Armas Portuguezas, e Castelhanas. Reynando em Portugal o Serenissimo Monarcha D. Affonso VI. Collegida por Diogo Barboza Machado. »

Vide sobre a mesma glosa Innocencio da Silva, vol. 1.º pag. 94.

144) Triunfo das armas portvguezas, deduzido de varios versos do insigne poeta Lvis de Camoens Glosados, & reduzidos ao intento por Andre Rodrigues de Mattos, dedicado ao Excellentissimo Senhor D. Lvis de Sovsa e Vasconcellos, Conde de Castel-Melhor, escrivão da puridade del-Rey Nosso Senhor, &c.

Lisboa. Com todas as licenças necessarias. Na Officina de Antonio Craesbeeck de Mello. Anno 1663.

In-4.º de 8 ff. inn.

No verso da folha de rosto traz a dedicatória e duas licenças para a impressão, a primeira datada de 18 e a segunda de 20 de Julho de 1663. Segue-se a Gloza, tendo os versos dos Luzindas ao lado as indicações do lugar do poema, donde foram extrahidos.

Nosso exemplar faz parte da Collecção: « Noticia dos successos militares entre as Armas Portuguezas, e Castelhanas. Reynando em Portugal o Serenissimo Monarcha D. Affonso VI. Collegida por Diogo Barboza Machado... »

145) Bibliotheca Lusitana Historica, Critica, e Cronologica. Na qual se comprehende a noticia dos authores portuguezos, e das obras, que compuserão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente. Offerecida à Augusta Magestade de D. Juão V. Nosso Senhor por Diogo Barbosa Machado Ulyssiponense Abbade da Parochial Igreja de Santo Adrião de Sever, e Academico do numero da Academia Real. Tomo I.

Lisboa Occidental, na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca. M.D.CC.XXXI. Com todas as licenças necessarias.

In-fol. de 39 ff. inn. e 767 pag.

Idem. T. II. *Ibi: na Off. de Ignacio Rodrigues. M.D.CC.XLVII.*

In-fol. de 4 ff. inn.—926 pag.—1 f. inn. com as erratas emendadas.

Idem. Tomo III. *Ibi. Ex ead. typ.* M.DCCLII.

In-fol. de 798 pag. e 1 f. inn. com as erratas.

Idem. Tomo IV. *Ibi, na Off. Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.* M.DCC.LIX.

In-fol. de 3 ff. inn.—721 pag. e 2 ff. inn. com a correcção dos erros do auctor e da impressão incluídos nos 4 tomos.

Todos os volumes tem o título impresso a duas tintas. O primeiro traz o retrato do auctor.

No terceiro tomo, de pag. 70 a 76, vem um extenso artigo sobre Camões, acompanhado de uma biographia do poeta e de uma relação das differentes edições, traducções e escriptores, que escreveram sobre elle e suas obras, ou a elle se-referiram com louvor.

Em cada um dos artigos relativos a estes escriptores o auctor tracta mais por menor esta materia.

Accrescenta o sr. visconde, que é para sentir, que Barboza Machado nos não desse noticias mais circumstanciadas dos dois manuscriptos que se achavam na livreria do conde de Vimieiro, os quaes continham poesias inéditas do nosso poeta, e dos autographos de Faria e Souza.

146) Camões defendido; e o editor da edição de 1779, e o censor deste julgados sem paixão em huma carta dada à luz por Patricio Alethophilo Misalazão (D. José Valerio da Cruz).

*Lisboa. Na Regia Officina Typographica Anno M.DCC.LXXXIV.
Com licença da Real Mesa Censoria.*

In-8.º peq. de 48 pag.

A edição do p. Thomaz José do Aquino, publicada no anno de 1779, posto que não exempta de alguns graves defeitos, adquiriu todavia bastante celebridade, e tanto esta primeira, como as que logo se-seguiram, exauriram-se rapidamente.

O p. José Clemente, presbytero da Congregação do Oratorio de Lisboa, sem gosto para a poesia, e sem possuir ao menos os mais elementares conhecimentos das regras de metrificacção, mas excessivamente osado, se-abalançou a fazer d'aquella primeira edição de 1779 uma censura desabrida e de todo o ponto infundada.

Isto deu occasião ao apparecimento de grande numero de opusculos em defesa do p. Thomaz de Aquino. Entre elles está

este de d. José Valério, justamente reputado pelos litteratos, como um bom trabalho de philologia e de judiciosa critica.

147) Discurso critico, em que se defende a nova edição da Lusíada do grande Luiz de Camões, feita no anno de 1779, das accusações que contra ella publicou o Author da Carta de hum Amigo a outro, &c.

Lisboa: na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, anno de M.DCC.LXXXIV. Com licença da Real Meza Censoria.

In-8.º peq. de 105 paginas.

Na pag. 106, que não está numerada, vem a est. LXV, do canto XII, no poema *Ulysses* de Souza de Macedo, a qual assim termina:

Quem louvará Camões, que elle não seja?

Na pag. 107, tambem innumerada, traz uma pequena *Advertencia* ou errata.

A respeito d'este opusculo (do p. Thomaz José d'Aquino). Innocencio da Silva diz o seguinte:

« Para se formar idéa d'esto assumpto, bastaria saber-se que n'elle se allega e cita a cada passo a edição de Manuel de Lyra de 1534 (a primeira adulterada e desfigurada em centos de versos, segundo se erá, pelos jesuitas) como um modelo de exactidão, e como concordando em tudo com as de Faria e Craesbeeck em 1609!!! Não se pôde abusar mais despojadamente da credulidade do publico. »

Realmente, Innocencio da Silva tem razão, pois são estas as proprias palavras do auctor, á pag. 11 e 12 do seu Discurso Critico:

« A's duas Edições de Faria, e Craesbeeck de 1609, ainda a pesar do empenho com que o senhor Orthographo pretende confundir e baralhar as cousas, devo tambem agora ajuntar terceira de não menor merecimento, a qual tenho presente, por me communicar o mesmo novo Editor, e he a de Manoel de Lyra feita em Lisboa no anno de 1534, cinco annos depois da morte do Poeta. Della me servirei nas occasiões, para confirmar o que dizem as duas, com as quaes em tudo concorda. »

(Ex libr. J. B. G. Rebello da Fontouca.)

148) Compendio da vida de Luis de Camoens. Argumento historico dos Lusiadas.

In-32, de XXXVIII paginas.

Sem folha de rosto.

Traz um retrato do poeta com estes versos:

Aquelle, cuja Lyra sonora
Será mais affamada que ditosa.

E' a introdução posta á frente da edição de *Crim'ra*, 1890.

149) Reflexões criticas sobre o episodio de Adamastor nas Lusiadas. Canto V. Oil. 39. em forma de carta. Author José Agostinho de Macedo.

Lisboa: na Impressão Regia Anno de MDCCCXI. Com licença.

In-8.º peq. de 34 paginas.

Depois do titulo vem: *A quem quizer ler, o em seguida as Reflexões criticas debaixo da seguinte forma: «Carta a Allico.»*

Este opusculo provocou uma resposta do fr. Francisco, de S. Luiz. (Vide o n.º 164).

(Ex libr. J. E. G. Rebollo da Fontoura.)

150) Gama, poema narrativo, author José Agostinho de Macedo.

Lisboa, na Impressão Regia. 1811. Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço. Vende-se na Loja de Desiderio Marques Leão no largo do Calhariz, N.º 12.

In-8.º peq., de XVI — 266 paginas.

Contém: de pag. III a XV um *Discurso* preliminar, em que o poeta explica a razão de seu commettimento; á pag. XVI (inn.) uma advertencia do editor; de paga. 1 a 7 — *A Luiz de Camões ode pindarica* (a qual se não encontra em outra parte, diz Innocencio), e emfim de 9 a 263 os dez cantos do poema.

151) O doutor Halliday em Lisboa impugnado até á evidencia. Carta do professor régio Antonio Maria do Couto a hum seu amigo. *Lisboa, na Offic. de Joaquim Rodrigues d'Andrade*

Rua dos Sapateiros N. 11. 1812. Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.

In-8.^o peq. de 30 pp.

E' respost aao opusculo de José Agostinho — *Reflexões criticas de*

152) Carta de Manoel Mendes Fogaça, em resposta á que lhe dirige Antonio Maria Couto, intitulada — O Doutor Halliday em Lisboa, impugnado até á evidencia.

Lisboa: na Impressão Regia: 1812. Com licença.

In-8.^o peq. de 56 paginas.

Nesta, como em muitas outras obras do p. José Agostinho de Macedo, transluz sua idéa fixa de abater o grande merecimento de Camões e do seu immortal poema.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

153) Resposta aos dois do Investigador Portuguez em Londres, que no caderninho VIII, a paginas 510 atacão, segundo o costume, o poema Gama. Por José Agostinho de Macedo.

Lisboa: na Impressão Regia Anno 1812. Com licença.

In-8.^o peq. de 64 paginas.

O exemplar contem: *Proemio, a Resposta, e no fim algumas notas.*

José Agostinho de Macedo, para defender o seu poema das acres censuras que lhe-fôram feitas, se-occupou muitas vezes nesta resposta com os Lusíadas do grande Camões.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

154) Exame critico do novo poêma epico intitulado o Gama que ás Cinzas, e Manes de Luiz de Camões, Principe dos Poetas, dedicão, como em desaggravo, os antigos Redactores do Correio da Peninsula, João Bernardo da Rocha, e Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

Lisboa, 1812. Na Officina de Joaquim Rodriguez d'Andrade. rua dos Sapateiros N.º 11. Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

In-8.^o peq. de 85 paginas (as 7 primeiras innumeradas).

No verso da folha de titulo a seguinte sentença de Horacio:

« Nunc satis est dixisse: ego mira poemata pango. »

E, logo depois uma *Dedicatória* ás cinzas do Camões o um *Prologo*.

No fim do volume, em uma pagina innumerada, traz ésta advertencia:

« Adverte-se que hirá sabindo por folhetos a analyso mais circumstanciada de cada hum dos Cantos do mesmo Poema, comparados com os do immortal Camões. »

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

155) O Exame Examinado, ou Resposta aos Senhores Bachareis João Bernardo da Rocha, e Nuno Pato Moniz. Por José Agostinho de Macedo.

Nós te pagamos, ai com que abundança!....

Bacharel João Bernardo,
Soneto aos annos, &c.

Lisboa: na Impressão Regia. Com Licença. 1812.

In-8.º peq. de 100 paginas e mais uma folha innumerada com o seguinte annuncio: *Livros que se vendem na rua Augusta.*

Entre o titulo e o Exame traz:

Epistola dedicatória aos Srs. H.º João Bernardo da Rocha e Nuno Pato Moniz. Em seguida á ésta epistola uma Advertencia.

Neste opusculo, como na charta dirigida a Antonio Maria Couto, o p. José Agostinho, para se-defender, accusa a Camões.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

156) O Oriente, poema de José Agostinho de Macedo.

Lisboa: na Impressão Regia. Anno de 1814. Com Licença.
2 tomos em 1 volume in-8.º

Primeira edição d'este poema.

O primeiro tomo traz antes do titulo o retrato do auctor gravado por D. J. Silva. Depois do titulo: *Dedicatória A' nação portuguezã. — Discurso preliminar*, em que censura aere e injustamente a Camões, a ponto de dizer que nos *Lusiadas* tudo é mau, excepto o que é copiado de outros escriptores!

Segue-se um retrato de Vasco da Gama grav. por José Joaquim Marques, e depois o poema.

Consta o primeiro tomo de 247 paginas.

O segundo, com 238 pag. e uma folha innumerada com as *Erratas*, comprehende os septe ultimos cantos do poema.

É sabido que o *Oriente* foi composto com a ousada intenção de supplantar as *Lusiadas*. Dizer que a não conseguiu seria ocioso. Todos os bons engenhos portuguezes são unânimes em reputá-lo muito inferior aos *Lusiadas*, e censuram severamente ao p. J. A. de Macedo pelo modo porque fala de Camões e do seu immortal poema.

Vide v. de Juromenha, vol. 1.º pag. 367. Innocencio Francisco da Silva vol. 4.º pag. 135 do seu Dictionário.

Neste mesmo Dictionario, vide: Nuno Alvarez Pereira Pato Moniz, Antonio Maria do Couto, Francisco Roque de Carvalho Moreira e Raymundo Manuel da Silva Estrada.

(Ex libr. J. B. G. Rebello da Fontoura.)

157) Breve Analyse do novo poema, que se intitula *Oriente*: por hum amigo do publico (Antonio Maria do Couto).

Quod fuit in pretio, sit nullo denique honore.

Lucret. Liv. 4.

Produção XXXV.

Lisboa. M.DCCCXV. Na Nova Impressão da viuva Neves e Filhos. Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

In-8.º peq. de 28 paginas.

No verso da folha de titulo uma *Advertencia*. — Segue-se uma dedicatória a Luiz de Camões e logo depois a *Analyse*.

(Ex libr. J. B. G. Rebello da Fontoura.)

158) Manifesto critico, analytico, e apologetico: em que se defende o insigne vate Luiz de Camões (sic), da mordacidade do discurso preliminar, que precede ao poema *Oriente*; e se demonstrão os infinitos erros do mesmo poema.

Uno actu multos offendit.

Plat.

Lisboa, na Impressão de J. F. M. de Campos. 1815. Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

In-8.º peq. de 104 paginas, mais uma folha innumerada com um NB. e a *Emenda*.

Antonio Maria do Couto, no *Proemio*, nos-diz qual seja o plano d'esta sua obra: «Para não confundir os objectos, dividirei este manifesto em duas partes; na primeira combatarei o antedito

discurso preliminar; na segunda analyzarei o Poema -Oriente.- e o Publico instruido decidirá se tenho razão.»

D'z Innocencio da Silva que um exemplar tinha dentro um segundo frontispicio, que se via ter sido separadamente impresso, e depois reunido á obra, intitulado : Analyse do façanhudo poema Oriente, dado á luz por Antonio Maria do Couto. Produção XXXVI. Lisboa, 1814.

O nosso exemplar não traz este segundo frontispicio.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

159) A Analyse analysada. Resposta a Couto, por José Agostinho de Macedo.

Lisboa, na Impressão Regia. Anno 1815. Com Licença.

In-8.º peq. de 54 paginas.

No verso da folha do titulo ésta epigrapha: *Alanha do Açougue.* Segue-se um *Prologo* e depois a *Analyse*.

De folhas 41 a 54 vem como appendice o seguinte: *Joaquim José Pedro Lopes, Redactor da Gazeta de Lisboa, ao Sr. Antonio Maria do Couto, S. D.*

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

160) Carta ao Sr. Antonio Maria do Couto, na qual se dá breve, seria, e terminante resposta ao Manifesto, em que pretende mostrar os erros do Poema Oriente, e defender os das Lusiadas. Por Joaquim José Pedro Lopes.

Lisboa : na Impressão Regia. Anno 1815. Com licença.

In-8.º peq. de 31 paginas.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

161) O Couto. Por José Agostinho de Macedo.

Mais lbe valia não ter nascido!!!

Lisboa : na Impressão Regia. Anno 1815. Com licença.

In-8.º peq. de 151 paginas.

É uma resposta á obra de Antonio Maria do Couto intitulada. *Regras da Oratoria da Cadeira, applicadas a uma Oração de José Agostinho, recitada em S. Julião a 22 de Junho de 1814.*

• Nesta resposta á critica de Couto o p. José Agostinho se referio frequentemente a Camões e aos Lusiadas. •

A' pag. 169 vem em forma de appendice o seguinte: *Carta ao Sr. Antonio Maria do Couto, Professor que ensina Grego aos seus discipulos. Por Joaquim José Pedro Lopez, Redactor da Gazeta de Lisbon.*

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fouloura)

162) Exame analytico e parallelo do poema Oriente do R.^{do} José Agostinho de Macedo, com a Lusíada de Camões Por Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

Lisboa, na Typografia Lacerdina. Anno M.DCCC.XV. Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.

In-8.^o de VII — 355 páginas, e mais 1 innumerada com a Errata.

Para responder a esta critica, diz Innocencio da Silva, publicou José Agostinho o *Espectador portuguez*, que durou dous annos; trazendo em todos os numeros o artigo obrigado Pato, no qual dizia elle ir' desfiando o parallelo aos bocadinhos, e provocando com seus ataques e insultos pessoas novas represalias de Pato no *Observador portuguez*, até serem ambos os periodicos supprimidos por ordem do governo.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

163) Nova Castro, tragedia. Por João Baptista Gomes. Tercceira edição, correcta e augmentada.

Lisboa: na Impressão Regia. Anno 1815.

In-8.^o de 114 páginas com uma estampa gravada por A. I. Quintos.

Traz no fim, em uma folha innumerada, um annuncio de livros.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

164) Apologia do Camoens contra as Reflexões Criticas do P. José Agostinho de Macedo sobre o episodio de Adamastor no Canto V. dos Lusíadas.

Em Santiago: na Officina Typografica de D. Joam^o Moldez. Anno de 1819. Com as licenças necessarias.

In-4.^o

Esta obra é de fr. Francisco de S. Luiz, Patriarcha de Lisboa,

No verso da folha do título traz um Conto de Boccacchi cit. por Addison no seu disc. sobre o Poem. de Milt.

Segue-se o *Prologo*, e logo depois a *Apologia*.

Contem o exemplar 5 fl. inn. — 64 paginas.

Foi reimpressa em Lisboa, 1840, 8.º gr., tambem sem o nome do auctor.

165) Breve Resposta á critica da Nova Edição dos Lusíadas publicada em 8.º n'este anno, por Firmino Didot, e conforme em tudo á que em 4.º deo á luz, em 1817, o Ill.º e Ex.º S.º D. J. M. de Souza-Botelho: a qual critica appareceo no 4.º volume dos *Années des Artes, des Sciencias e das Letras* publicados em Pariz.

Virtutis verus custos rigidus quo satelles...

Horat. Ep.

Por Bento Luiz Vianna.

Pariz. Na Officina de P. N. Rougeron. 1819.

In-8.º de 36 paginas.

A critica a que se refere esta resposta foi escripta pelo medico Francisco Solano Constantino.

(Ex libr. J. F. G. Robello da Fontoura.)

166) Censura das Lusíadas. Por José Agostinho de Macedo.

..... Tollantur in altum,

Ut lapsu graviores ruant.

Claud.

Lisboa: na Impressão Regia. Anno 1820. Com Licença.

2 volumes in-8.º pequeno.

O primeiro volume, com uma *Introdução* logo após o título, contem 295 paginas e 1 innumerada com o *Indice*.

O segundo volume contem 271 paginas e 1 innumerada com o *Indice* e um NB.

Talvez nem um outro livro tenha provocado no mundo litterario tantas reclamações ou tantos protestos como a « *Censura dos Lusíadas* » do p. José Agostinho de Macedo. Os mais robustos talentos, as maiores glorias da litteratura, quer nacional, quer estrangeira, se-levantaram a uma só voz contra a obra da temeri-

dade, e, afixaram-na, á contemplação das gerações vindouras, como tristissimo corpo do delicto do orgulho, da presumpção e arrogancia do seu auctor.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

167) Memoria historica e critica ácerca de Luiz de Camões, e das suas obras. Por Francisco Alexandre Lobo (Bispo de Vizeu). Impressa no Tomo VII. Parte I. das Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Lisboa. Na Typografia da mesma Academia. 1820. Com licença de Sua Magestade.

In-fol. de 123 paginas.

Vém tambem impressa no tomo I. das suas obras—Lisboa, na Typ. de José Baptista Morando, 1848, in-8.º gr. de XX—462 paginas.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

168) Exame critico das primeiras cinco edições dos Lusíadas. Por Sebastião Francisco de Mendo Trigueiro.

In-fol. de 45 paginas.

Sem folha de rosto.

No fim do volume lê-se: « Impressa no Tomo VIII. Parte I. das Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa. » E' de 1823.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

169) Prefação. Vida de Luis de Camões.

In-8.º de LXIX paginas, com o retrato de Camões.

Sem folha de rosto.

Tudo isto foi sem duvida tirado de algum dos exemplares da edição de Hamburgo do Barreto Feio e Gomes Monteiro, e enquadernado separadamente.

170) A' morte de D. Ignez de Castro, Cantata por Manoel Maria Barbosa du Bocage; a que se ajunta o episodio, ao mesmo assumpto, do immortal Luiz de Camões.

Lisboa, na Typographia Rollandiana. 1824. Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

In-8.º de 24 paginas.

No verso da folha do título estes dous versos:

« As Filhas do Mondego, a Morte escura
Longo tempo, chorando, memorarão.
Camões, *Lusiad.* Cant. 3.º »

Seguem-se: *Soneto a Ulina*, o qual assim termina:

« Tu és copia de Ignez, encanto amado,
Tu tens seu coração, tu tens seu rosto....
Ah! Defendão-te os Ceos do ter seu Fado. »

Logo depois a *Cantata* e o *Episodio do grande Luiz de Camões, a morte de D. Ignez de Castro*.

De pag. 21 a 24, traz um annuncio de livros.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

171) Camões Ode do Cavalheiro Raynouard.... Traduzida em verso portuguez por Francisco Manoel (Filinto Elisio) Vicente Pedro Nolasco F. L.º Verdier correcta e annotada, dedicada a Sua Magestade Elrei o Senhor D. João VI. Nosso Senhor pelo seu humilde e fiel vassallo Heleodoro Jacintho d'Araujo Carneiro.

Lisboa: na Impressão Regia. 1825. Com Licença de Sua Magestade.

In-4.º de 2 ff.—52 paginas; tendo na 53.ª innumerada a *Errata*.

No verso da folha de título se-lê esta sentença de Horacio:

..... « Vos exemplaria Græca
Nocturna versate manu versate diurna. »

assim traduzida, por F. Elisio:

« Os exemplares puros com nocturna
Diurna mão por vós sejam versados. »

Seguem-se: *Dedicatoria*. — *Prologo*. — Tradacções, seguidas de notas.

Diz Innocencio Francisco da Silva:

« Na opinião do Snr. Conselheiro José Silvestre Ribeiro, que inteiramente coincide com a opinião que eu formava acerca d este opusculo, desde que tive occasião de o ler, pôde considerar-se esta obra como um bom trabalho philologico, de que os estudiosos que

o consultarem tirarão grande proveito para adiantar os seus conhecimentos na lingua materna. Veja-se o artigo a que se allude do Snr. Jesé Silvestre Ribeiro, na sua obra intitulada: *Primeiros Traços de uma Resenha de Litteratura Portugueza*. Tomo 1, pag. 315. »

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

172) Camões, poema.

Paris, na Livraria nacional e estrangeira, rue Mignon, n.º 2, faub. St. Germain. 1825.

In-12.º, de VII-1 fl. — 216 paginas e mais 1 innumerada com a *Errata*.

No verso da folha precedente ao titulo lê-se: *Imprimerie de J. Mac Carthy, rue des Petites-Ecuries, n.º 47.*

Primeira edição d'este notavel poema, o qual, na opinião de todos os entendidos, é uma das mais bellas produções do robusto talento do visconde de Almeida Garret. Acham-se ahí elegantemente entrelaçados vigor de inspiração e sentimento, harmonia, graça e correção do metrificacão.

Diz o sñr. v. de Jurumenha acerca do mesmo poema:

« Ainda que este nosso tão celebre poeta não tivesse escripto mais que este poema, e o seu drama Frey Luiz do Souza, estas duas obras eram somento sufficientes para o collocar no numero d'aquelles homens exceptuados a quem a natureza dotou da mais rasgada inspiração e da mais viva imaginação. »

Depois do titulo traz uma *Advertencia*. — A ésta segue uma dedicatória *Ao seu amigo M.*, e logo o poema. De pag. 195 a 216 acham-se interessantes e eruditas notas.

Este poema tem tido varias reimpressões.

173) A Estante do Côro, poema heroi-cómico, compôsto em verso francez por Nicolao Boileau Despréaux e traduzido em portuguez verso a verso pelo Dr. Antonio José de Lima Leitão, Lente de Pathologia e Clinica Médica da Escola Real de Cirurgia de Lisbôa: seguido da Ode a Camões feita em francez pelo Sr. Raynouard e posta em portuguez pelo mesmo traductor.

Lisbôa: na Imprensa Nacional. 1834. Com Licença.

In-12.º gr., de XI — 59 paginas e uma innumerada com um NB. e a *Errata*.

De pag. 55 a 59 vem a traducção da Ode de Camões, precedida de uma dedicatória em quintilhas *A uma menina lisbonense dotada de muito estro poetico e de muita sisudeza.*

A dedicatória traz á margem a data de 21 de Abril de 1834.

Esta ode é a mesma que foi traduzida por Filinto Elysio e por T. L. Verdier.

(Ex libr. J. R. G. Rebello da Fontoura.)

174) D. Ignez de Castro. Novella pela Condeça do Genlis, traduzida do francez pelo D.^r Caetano Lopes de Moura, natural da Bahia, traductor das obras de Walter Scott, Cooper; &c. Ornada com estampas.

Paris, na livreria portugueza de J. P. Aillaud, 11, quai Voltaire. 1837.

In-12º, de 2 ff.-243 paginas.

Traz o exemplar cinco vinhetas, e antes da folha de rosto, uma gravura, representando a scena da coroação de d. Ignez de Castro, e em baxo da gravura estes versos de L. de Camões:

« O caso triste e digno de memoria
Que do sepulchro os homens desenterra
Aconteceo da misera e mesquinha
Que depois de ser morta foi rainha. »

Na verso da folha que precede a gravura se lê esta indicação:

« *Paris: impresso por Bourgogne e Martinet, rua Jacob 80.* »

(Ex libr. J. R. G. Rebello da Fontoura.)

175) Apologia de Camões contra as Reflexões do P. José Agostinho de Macedo sobre o episodio de Adamastor no Canto V. dos Lusíadas.

Lisboa. Na Typographia do Largo do Contador Mór n.º 1. 1840.

In-8.º de 87 paginas.

Segunda edição do opusculo n.º 164.

176) Breves Reflexões sobre a vida de Luiz de Camões escrita por M. Charles Magnin, membro do Instituto, no principio da sua traducção dos Lusíadas. Por D. Francisco Alexandre Lobo, Bispo de Viseu, Socio da Academia Real das Sciencias, &c.

Lisboa. Na Typographia da mesma Academia. 1842.

In-fol. de 8 paginas.



Este escripto do bispo de Vizen vem tambem no tomo I das suas obras.

E', como diz o sñr. v. de Jurumenha, uma resposta apologetica a algumas censuras que lhe-fez o Academico francez.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

177) Camões por J. B. de Almeida Garret. Terceira edição.

Lisboa. Na Imprensa Nacional. 1844.

In-8.º de XVII—291 paginas.

Depois da folha de rosto seguem-se: Prologo. — *Advertencia*. — *Prologo* (da primeira edição). = Uma charta do sñr. José Maria do Amaral, então ministro do Brazil na Russia, dirigida ao auctor, e dedicando-lhe a traducção que fez da ode de M.^{te} Pauline Flaugergues « *A M. de Almeida Garrett sur son poeme de Camões.* »

No exemplar vem o original francez com a traducção portugueza ao lado.

Traz em seguida o poema, e, logo depois, as notas que commecam á pag. 209.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

178) Os Amores de Camões e de Catharina d'Athaide; por Madame Guatier (*sic*), traduzidos do francez por D. Maria Emilia de Macedo.

Lisboa: Typ. de L. C. da Cunha. Costa do Castello N.º 15. 1844.

2 tomos em 1 volume in-8.º peq.

Antes do titulo traz uma estampa lithographada, e em baixo d'ella estas palavras: « e o Amor amaldiçoando sua venda a arrancará para misturar suas lagrimas com as da Patria, e coin os sentimentos das Musas. »

Seguem-se: *Noticia sobre Camões.* — *Os amores de Camões e de Catharina d'Athaide.*

O primeiro tomo consta de 2 ff. — XVI — 202 paginas; o segundo de 215 paginas.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

179) Parodia ao primeiro Canto dos Lusíadas de Camões.

Porto: Typographia da rua Formosa n.º 243. 1845.

In-8.º de XIII—87 paginas.

No meio da pagina do titulo uma lyra. Segue-se um prologo, no qual se-diz como foi composta [esta parodia, se-dá uma ligeira noticia biographica de seus auctores, e se-declara ser a primeira impressão d'esta obra, que correu por muitos annos manuscripta.

Depois traz este segundo titulo:

« *Festas Bachanaes: conversão do primeiro canto das Lusíadas do grande Luiz de Camões vertidos do humano em o de-vinho por uns caprichosos auctores: S. O D.^r Manoel do Valle. Bartholomeu Varella. Luiz Mendes de Vasconcellos. O licenciado Manoel Luiz. No anno de 1589.* »

Segue-se uma Noticia de Francisco Soares Toscano, datada de 10 de Janeiro de 1619, na qual entre outras cousas, diz:

« O quarto e principal auctor foi o licenciado Manoel Luiz, Bacharel; e este anno de 1619 vive com o Priorado de Terena. Este foi o promovedor desta obra, e a fez quasi toda, ou o melhor della. »

No fim d'esta noticia vem:

Soneto ao autor desta obra, e logo depois a parodia, precedida de um argumento, tambem em oitava rhythmica.

180) Revista Universal Lisbonense.

In-4.º

No vol. V, serie I, Julho—31—1813, pag. 66, vem sob o titulo « *Parte litteraria* » o capitulo VI das « *Viagens na minha terra* » pelo sr. João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, (visconde de Almeida Garrett). Este capitulo, como indico o seguinte summario, é quasi todo relativo ao grande epico Luiz de Camões: « Prova-se como o velho Camões não teve outro remedio senão misturar o maravilhoso da mythologia com o do christianismo. — Dá-se razão, e tira-se depois ao p. José Agostinho. — No meio d'estas dissecções academico-litterarias vem o A. a descobr'r que para tudo é preciso ter fé n'este mundo. — Diz se n'este mundo, porque quanto ao outro já era sabido. — Os Lusíadas. Fausto e a Divina Comedia. — Desgraca do Camões por ter nascido antes do romantismo. — Mostra se como a Styge e o Coeyto sempre são melhores sítios que o Inferno e o Purgatorio. »

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

181) Luiz de Camões Drama em cinco actos por L. A. Burgain Membro do Conservatorio Dramatico, e autor dos dramas Pedro-Sem, Tres Amores, Amor de um Padre, &c. Approvado

pelo Conservatorio Dramatico Brasileiro e representado em muitos theatros tanto no Brazil como em Portugal. Quinta edição. .

Rio de Janeiro em casa de Eduardo & Henrique Laemmert
Rua da Quitanda, 77.

In-12.º gr., de 125 paginas. S. d.

O exemplar comprehende: No verso da folha, que precedo o titulo, um annuncio das obras de theatro de Burgain. — Depois do titulo:

I. *Parecer do Conservatorio Dramatico Brasileiro ácerca do drama Luiz de Camões.* Este parecer é datado de 27 de Dezembro de 1845.

Em uma nota dizem os editores que se tem tirado d'esto drama cinco edições:

- 1.ª Typographia do Jornal do Commercio.
- 2.ª Typ. da viuva Serpa (Bahia) contra-facc.
- 3.ª Typ. do Despertador.
- 4.ª e 5.ª Typ. Universal.

II. *Epistola dedicatoria (em verso) dirigida pelo autor á sua cunhada a Srta. D. Maria Luiza Elvira Desrousseaux.*

III. O drama em prosa.

IV. Em uma folha innumerada, um soneto em francez dirigido a Camões pelo auctor, e no fim da pagina esta indicação: *Rio de Janeiro. Typ. Universal de Laemmert, rua dos Invalidos, 61 B.*

182) *Eccos da Lyra Teutonica.* Ou Traducção de algumas poesias dos poetas mais populares d'Allemanha por José Gomes Monteiro.

Porto: na Typographia de S. J. Pereira, praça de Santa Theresza n.º 28. 1848.

In-8.º de 4 ff.—237 paginas.

Depois do titulo, uma pequena introdução sobre a litteratura allemã. — Dedicatória ao seu amigo Sebastião de Almeida e Brito. — Segue-se a traducção dos poetas mais populares da Allemanha, taes como Schiller, Goethe, Lessing, Voss, Uhland e outros.

Do pag. 103 a 130 vem o seguinte:

Camões. (Poema dinamarchez de Staffeldt.)

Que segredo tam alto e tam profundo,
Nascer para viver, e para a vida
Faltar-me quanto o mundo tem p'ra ella!

Cam. Canç. X.

Depois das poesias traz um Appendix, no qual, entre outras, vem uma nota relativa ao poema de Staffeldt. Nesta nota aprecia o traductor o merito do grande poeta portuguez, faz um rapido e judicioso parallelo entre os escriptores modernos e os escriptores gregos e latinos, e juncta uma resenha das traducções e obras de imaginação, que dizem respeito a Camões.

183) Obras poeticas e dramaticas por Alexandre Montei-ro.
Porto: Typographia da Revista, rua de St.^a Thereza, n.^o 3. 1848.
In-8.^o de 4 ff. — 191 paginas.

Depois do titulo vem a seguinte dedicatória:

« A' sua presada irmã a Baroneza de Junqueira off. o author. »

Segue-se um prologo, no qual diz:

O assumpto apesar de nobre e grandioso, acho-o esteril para hum drama — mas foi irresistivel o desejo que tive de occupar a minha imaginação com cousas do nosso Camões. Os seus manes me perdoem o atrevimento. »

Segue-se até a pagina 83:

« Camões, drama em 4 actos. »

Diz I. F. da Silva, no vol. 1.^o pag. 39:

« O mesmo critico portuense, do qual já tenho citado por vezes os juizos sobre o merito dos escriptores seus patrios, dá a respeito d'este o seguinte: A. Monteiro é um poeta antes de arte que de natureza; e essa arte sem coração, sem estro é geralmente fria, embora o artista seja dos mais habéis. — Os seus versos pecam, pela maior parte, pela frouxidão ou pela aspereza; mas ainda assim, se não fora a falta de enthusiasmo, podia pela legislação de um grande mestre absolver-se-lhe o peccadilho da desharmonia do rythmo. — Os seus dramas confirmam a existencia de uma verdade, de ha muito conhecida. A poesia dramatica dá-se mal no nosso solo, ou seja pela aridez, ou pela falta dos agronomos. Como quer que seja, é indubitavel que nunca foi tão vasto o cultivo d'esta especie de poesia, que são as mais das vezes enquistada. » (Revista Peninsular, tom. II, pag. 277.) — Revista Universal Lisbonense, tom. VII, pag. 536.

184) Camões. Estudo historico-poetico; liberrimamente fundado sobre um drama francez dos Senhores Victor Perrot, e Armand du Mesnil, por Antonio Feliciano de Castilho.

Ponta Delgada. Typographia da rua das Artes 68. 1849.

In-8.^o de 300 paginas.

Antes do título o retrato de Camões grav. em madeira. Depois do título:

I.—Dedicatória em verso a S. M. o Snr. D. Pedro 2º, Imperador do Brazil.

II. — *A quem lêr*, especie de prologo ou charta mui bem escripta, que assim começa: O germen do presente drama nasceu francez, e tão francoz, ou tão pouco portuguez, que passado assim para os nossos ares, infallivelmente, e para logo, pereceria. De Camões, não tinha mais que o nome; da terra e dos tempos de Camões, coisa nenhuma. O que por lá lhe-deu vida e fortuna, que a teve e muita, foi o enredo, a disposição, o bem calculado e acertado dos lances: tudo isso me parecem tomar-lhe, e o tomei; modificando-o todavia, e accrescentando-o copiosamente. Obtido assim o terreno, e a maior parte dos alicerces e paredes mestras edificuei, sem me importar cujos fossem os materiaes, &c. »

III. — O drama dividido em 5 actos.

IV. — *Notas para se terem*. Notas notas disenta o auctor com muita erudição questões importantes sobre pontos historicos, scientificos, litterarios e criticos.

V. — Uma gravura representando a gruta do poeta em Macau.

VI. — *Despedida*.

Diz Innocencio da Silva, que a edição começa a tornar-se rara e os exemplares procurados.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura).

185) Carta ao Ill.º Snr. Thomaz Norton sobre a situação da Ilha de Venus, e em defeza de Camões, contra uma arguição, que na sua obra intitulada Cosmos, lhe faz o Snr. Alexandre de Humboldt. Por José Gomes Monteiro.

Vous retrouvez partout une âme
aussi profonde que l'Océan.

Edgard Quinet, sur
le Camoëns.

Porto: na Typographia de S. J. Pereira, praça de Santa Thereza n. 28. 1849.

In-8.º de 84 paginas.

Depois do título segue-se a charta acompanhada de notas no fim de quasi todas as paginas.

No fim da charta traz:

I. — *Appendix.* Opiniões acerca da Ilha do Vénus.

II. — *Variantes que se encontram nas diferentes Edições dos Lusíadas no verso 6.º da oitava 21.ª do Canto 9.º* É um mappa comparativo da quarenta e sete edições diversas dos Lusíadas.

III. — *Notas.*

Este trabalho do Sñr. J. G. Monteiro tem sido objecto de muitos louvores da parte dos competentes.

Na *Epoca*, tomo II, pag. 181, vem um juizo analytico do sñr. Rebello da Silva sobre esta obra, a-saz lisongeiro, como diz Innocencio da Silva para o auctor d'ella.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

186) Poesias por Luiz Augusto Palmeirim.

Lisboa. Imprensa Nacional. MDCCCLII.

In-8.º de XXII — 1 fl. — 458 paginas, e mais 2 folhas innumeradas com o *Index*, e outra com as *Erratas mais notaveis*.

A segunda edição é de 1864.

Nesta primeira, antes do titulo, traz o retrato do auctor lithographado por Michellis, e á pag. 209 a seguinte poesia a Luiz de Camões » precedida d'estes versos do mesmo Camões:

Os doegostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento, e eterno somno.
Mas, tu me dá que cumpra, ó grãa rainha
Das musas, co'o que quero á nação minha.

No fim do volume, nota F., pag. 446, se-diz, que esta poesia do sñr. Palmeirim foi publicada em todos os jornaes, e recitada em todos os theatros da Capital. Transcreve em seguida o artigo da *Revista Universal Lisbonense*, em que narra o effeito que ella produzia, quando recitada pelo sñr. Rosa no theatro do D. Maria II.ª

187) Estudo moral e politico sobre os Lusíadas por José Silvestre Ribeiro.

Lisboa. Imprensa Nacional. 1853.

In-8.º gr. de XI — 237 paginas e mais uma folha innumerada contendo as *Erratas mais notaveis*.

No meio da pagina de titulo ha um pensamento de Marмонтel e outro de Horacio. No verso d'esta folha, um pensamento de Francisco Dias Gomes e outra de Millié.

Depois traz: — Dedicatória á Ex.^{ma} Snr.^a D. Anna Perestrello da Camara Bettencourt. — Segue-se a *Introdução*, na qual diz: O alvo a que atirei n'este trabalho — foi o de desentranhar dos Lusiadas as sentenças moraes e politicas, que o grande Camões lançou aqui e acolá, aprendidas na sua vasta lição, na escola do mundo e na da adversidade, e inspiradas pelos mais generosos impulsos de um coração, que transbordava de sentimentos nobres, ou, como hoje se diz, altamente humanitarios, &c.

Logo depois da *Introdução* vem o *Indice*, e, em seguida, o *Estudo moral e politico sobre os Lusiadas*.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

188) Os Lusiadas e o Cosmos ou Camões considerado por Humboldt como admiravel pintor da natureza. Por José Silvestro Ribeiro.

Lisboa Imprensa Nacional. 1853.

In-12.^o, de IX — 98 paginas.

Primeira edição, dedicada a s. m. a imperatriz viuva e duquesa de Bragança. Comprehonde a dedicatória um prefacio *A quem lêr*, logo depois o texto, e no fim as notas, as quaes commecam á pag. 43.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

189) Cantos Juvenis por I. S. da Silva Ferraz.

Rio de Janeiro Typ. Commercial de Soares & C.^a Rua d'Alfandega N.^o 6. 1854.

In-8.^o de 68 paginas.

Nesta collecção, á pag. 26, vem a seguinte poesia: « *Por occasião d'uma representação academica no Theatro de Camões* », na qual se menciona com louvor o nome de Camões.

De pag. 30 a 35, est'outra: *Lamentos de Camões. Offerecido ao meu amigo A. A. Soares de Passos.* »

190) Camões pelo V. de Almeida Garrett. Quarta edição.

Lisboa. Em casa da Viuva Bertrand e Filhos. 1854.

In-8.^o de XIX — 291 paginas e mais uma folha innumerada com o *Indice*.

No verso da folha preecedente ao titulo, a seguinte indicação:
Na Imprensa Nacional.

Depois do titulo vem :

I. — Um prologo d'esta edição.

II. — Na terceira edição.

IV. — Na segunda edição.

V. — Na primeira edição.

VI. — Ode de M.^{me} P. de Flangergues, e em frente a traducção do Sr. José Maria do Amaral.

VII. — O poema.

VIII. — Notas.

Os srs. Innocencio da Silva e v. de Juromenha dizem que esta quarta edição é de 1853. O nosso exemplar traz a data que fica acima mencionada, de 1854.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

191) Apontamentos Biographicos sobre o nosso insigne poeta Luiz de Camões. Offerecidos ao Instituto de Coimbra por Miguel Ribeiro de Vasconcellos. Conego da Cathedral de Coimbra, Doutor na Faculdade de Canonicos, Socio correspondente d'Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Coimbra Imprensa da Universidade. 1854.

In-fol. de 11 paginas.

O nome todo d'este auctor, segundo o sr. visconde de Juromenha e Innocencio da Silva, é Miguel Ribeiro de Almeida e Vasconcellos.

O sr. visconde, acerca d'esta obra, diz o seguinte :

« N'esta Memoria attribue o auctor ao Poeta differente naturalidade e ascendencia, dando ao poeta uma madrastra; porcm esta opinião não póde sustentar-se á vista dos Documentos J, K e L, que deixámos lançados na Vida do Poeta, dos quacs consta officialmente que sua mãe Anna de Sã de Macedo lhe sobrevivera. O que deu motivo ao equívoco do illustre auctor da Memoria, foi o tomar um Simão Vaz de Camões pelo pai do nosso Poeta que tinha o mesmo nome e naturalidade do outro. »

192) Camões e o Jáo. Scena dramatica, original de Casimiro Abreu. Representada no theatro de D. Fernando, em 18 de Janeiro de 1856.

Lisboa Typographia do Panorama Travessa da Victoria, 52. 1856.

In-8.º de 23 paginas.

A' scena dramatica, primeira composição de Casimiro de Abreu, ao menos, a primeira que da pasta de seus ensaios passou ao dominio da critica, precede um bem escripto Prologo, longo e do-rido suspiro de saudade, exhalado pelo poeta em remotas plagas, pela sua terra natal, o rico, magestoso, poetico e sublime Brazil.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura)

193) A Grinalda. Cantos da Juventude por João Joaquim d'Almeida Braga, com uma carta-prefacio por Torres e Almeida.

Brága: Typographia Lusitana, rua Nova, n.º 3 E. 1857.

In-8.º de 144 paginas.

Nesta collecção de poesias vem as seguintes relativas a Camões:

De pag. 75 a 78 « Camões ».

De pag. 84 a 90 « Camões e Garret ».

De pag. 129 a 132 « O escravo de Camões ».

Na pagina de rosto da folha que precede o titulo se-lê este offerecimento do proprio punho do auctor:

« A seu prezado Primo José Luiz de Souza Torres e Almeida offerço o Auctor. »

Este poeta não é mencionado pelo sr. visconde de Juro-menha.

194) Os Lusíadas e o Cosmos ou Camões considerado por Humboldt como admiravel pintor da natureza. Por José Silvestre Ribeiro. Segunda edição, correcta e augmentada.

Lisboa. Imprensa Nacional. 1858.

In-12.º, de LX — 123 paginas.

Depois do titulo comprehende ésta edição:

I. — *A quem lêr*, onde diz: « A primeira edição d'este opus-culo esgotou se ha muito tempo, não obstante haver sido avultado o numero de exemplares de que se compunha. »

..... Accedendo hoje a estas instancias (dos livreiros), decla-ramos formalmente que aproveitámos este ensejo, para dar alguns retoques no texto, e augmentar consideravelmente as notas, etc. »

II. — *Prefacio da segunda edição.*

III. — O texto.

IV. — *Notas*, as quaes começam na pagina 47. e vão até o fim do volume.

195) Melodias, Cantos da Adolescencia por João Joaquim d'Almeida Braga.

Braga na Typographia Lusitana, rua Nova, n.º 3 E. 1859.

In-8.º de 128 paginas.

Entre estas poesias traz a seguinte, de pag. 39 a 42, « Luiz de Camões. »

Tambem em outras, como na de pag. 89 « Recordações » e na de pag. 122 « Glorias portuguezas » falla com muito elogio de Camões.

196) Analyse dos Lusiadas de Luiz de Camões dividida por seus cantos com observações criticas sobre cada um d'elles. Obra posthuma de Jeronymo Soares Barbosa..... Proprietario e editor Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

Coimbra Imprensa da Universidade, 1859.

In-8.º de 114 — 24 paginas.

Depois do titulo vem a dedicatoria do editor A. S. M. El-Rei o Snr. D. Pedro V.

No fim da Analyse traz: *Appendio á Analyse dos Lusiadas de Camões.*

Contem os juizos criticos do Jornal do Commercio, Instituto e Conimbricense.

Termina o volume com uma minuciosa tabella de correções.

Este *Appendio* numerado separadamente, consta de 21 paginas.

Tão judiciosa nos-parece a apreciação que faz o sñr. visconde do Juromenha d'esta obra de J. S. Barbosa, que não nos-podemos furtar ao desejo de aqui transcrevel-a:

« É uma critica severa e escholastica dos Lusiadas, em que o auctor ~~analysa~~ analisa o Poema immortal do nosso Camões, com toda a frieza de um grammatico. Labora desde o principio em um erro, e é esse, que o assumpto do Poema dos Lusiadas é a simples navegação de Vasco da Gama em descobrimento da India, e por isso acha vicioso o titulo que pretende devêra mudar em Vasqueida ou Gama, quando o mesmo titulo de Lusiadas e a verdadeira proposição

Que en canto o peito illustre lusitano
A quem Neptuno e Marte obedeceram

indicam bem que o pensamento do Poeta era differente, e elle se destinava a cantar a gloria dos portuguezes por terra e mar. »

197) Os Últimos Momentos de Camões. Poema dramatico originalmente escripto em verso italiano por Leone Fortis. Vertido em versos portuguezes por José da Silva Mendes Leal Junior. *Lisboa Typographia Universal, rua dos Calafates, 110. 1860. In-12 gr. de 38 paginas.*

As nove primeiras não estão numeradas.

No pequeno prologo, que accompanha o titulo, o sñr. Mendes Leal faz uma ligeira apreciação do merecimento d'este poema, no qual nota falta de originalidade no delineamento das principaes figuras, e offensa á verdade historica, ou para melhor dizer á verdade nacional.

O sñr. v. de Juromenha cita unicamente a edição d'esta traducção de 1859 (que supponho ser a primeira) com algumas variantes no titulo.

E' a mesma traducção que em 1863 appareceu na 2.^a edição do *Estudo historico poetico* do sñr. Antonio Feliciano do Castilho.

198) G. de La Landelle. A Velhice de Camoens. Editor e traductor J. L. Rodrigues Trigueiros.

Lisboa: Typ. Lisbonense d'Aguiar Vianna. Rua d'Atalaia n.º 185. 1860.

2 tom. em um vol. in-4.º peq.

O 1.º tomo com 181 paginas e mais 2 innumeradas, uma com o *Indice* e outra com as *Erratas*.

O 2.º tomo com 184 paginas e duas folhas innumeradas, uma com o *Indice* e a outra com as *Erratas*.

O sñr. v. de Juromenha faz ácerca d'este romance a seguinte exacta observação:

« Um romance que, bem como quasi todas as obras de imaginação, que tomaram por assumpto a vida do nosso Poeta, se afasta inteiramente da verdade historica. »

Vem no *Journal pour tous*.

199) Luiz de Camões levantando o seu monumento ou a historia de Portugal justificada pelos Lusíadas. Pelo Dr. Alexandre José de Mello Moraes.

Rio de Janeiro publicado e á venda em casa de Eduardo & Henrique Laemmert. Rua da Quitanda, 77.

In-16º, de 93 paginas, s. d.

O prologo é datado de 20 de Agosto do 1860.

Falta ao nosso exemplar a estampa ou desenho do monumento que se-projectava levantar em Lisboa á memoria do poeta, estampa ou desenho de que falla Innocencio da Silva, á pag 37, vol. 8.^o do seu Diccionario.

200) Camões. Estudo historico-poetico liberrimamente fundado sobre um Drama francez dos Senhores Victor Perrot, e Armand du Mesnil por Antonio Feliciano de Castilho. 2.^a Edição copiosamente accrescentada nas notas.

Lisboa Typ. da Sociedade Typographica Franco-Portuguesa 8, Rua do Thesouro Velho, 6. 1863.

3 tomos em 1 vol. in-18.^o.

O primeiro tomo, com XIV — 259 paginas, contem:

I. — Dedicatoria em verso A S. M. o Sr. D. Pedro II.

II. — A quem lêr (da primeira edição).

III. — Advertencia d'esta edição.

IV. — Interlocutores.

V. — Aos espectadores — prologo.

VI. — Camões — drama.

VII. — Noticia complementar.

O segundo tomo, com 248 paginas, é todo composto de notas.

O terceiro tomo, com 226 paginas, é tambem todo composto de notas, e entre ellas — Os ultimos momentos de Camões — (projecto de Leone Fortis verudo do italiano pelo sr. Mendes Leal).

No fim das notas vem: Despedida (no fim da primeira edição).

Despedida d'esta segunda edição. Indices d'esta obra.

201) Selecta Canoniana ou Excerptos dos Lusíadas com summarios e notas explicativas. Por Antonio José Viale professor de litteratura grega e latina, no curso superior de lettras, e sócio effectivo da Academia Real das Sciencias.

Selige de libris optima quæque bonis.

Lisboa. Livraria da V. Bertrand & Filhos. Aos Martyres, 73. 1863.

In-12.^o gr. de 4 ff. preliminares innumeradas, 314 paginas, e mais uma folha innumerada com as *Erratas*.

No verso da folha de titulo lê-se: *Depositada na Bibliotheca Nacional de Lisboa para os effeitos da lei de Julho de 1851.*

Mais abaxo: *Typographia Universal. Rua dos Calafates, 110.*

Segue-se um annuncio de livros e logo depois o *Prologo*, no qual diz o auctor: « Os *Lusiadas*, poema merecidamente contado entre as melhores epopéas de que se ufamam os povos mais cultos, os *Lusiadas*, a epopéa portugueza por excellencia, não podem, sem graves inconvenientes, ser postos em sua integra, nas mãos dos alumnos das escolas primarias. Disso o Sr. Dr. Antonio Feliciano de Castilho, o principe dos nossos poetas contemporaneos..... Mas deverá d'aquí concluir-se que os meninos que frequentam as aulas não hajam de familiarisar-se, desde a infancia, com os versos do poeta eminentemente patriota, do escriptor classico, a quem a linguagem vernacula he devedora de huma grande parte de suas riquezas e primores? Não será possivel evitar-se qualquer perigo moral, e qualquer inconveniente de outra natureza, resultantes da leitura do inteiro poema, sem defraudal-os do grande proveito que d'ella poderão colher, instruindo-se, deleitando-se, e afervorando-se nos mais nobres sentimentos? Com tal intuito, e para facilitar-lhes a intelligencia de muitos lugares que elles mal entenderiam sem alguma explicação, he que foi ordenada esta *Selecta*.

Ao *Prologo* seguem-se os *Excerptos* do poema, em cuja exposição o auctor adoptou o seguinte methodo:

I. Supprimiu todos os lugares perigosos á innocencia dos primeiros annos, fundado na maxima antiga: « *Maxima debetur puero reverentia.* »

II. Fez preceder de um *summario* cada um dos *excerptos*, no qual se-indica o assumpto de que se-vae tractar.

III. Acrescentou aos *excerptos*, no fim do livro, breves notas, nas quaes dá uma resumida noticia dos personagens historicos e *mythologicos* que n'elles se falla; exceptuando porém aquelles que o texto mesmo do poema torna sufficientemente conhecidos; e não deixando tambem sem uma rapida explicação os nomes *geographicos* cuja noticia não seja vulgar.

IV. Elucida nas mesmas notas os passos escabrosos, ou que encerram alguma difficuldade: substituindo por vocabulo de significação conhecida algum termo obsoleto, ou de menos obvia intelligencia.

V. Finalmente, aponeta algumas irregularidades de construção, alguns desprimores metricos, e outros descuidos, incorridos pelo poeta.

202) Os *Lusiadas* do seculo XIX Poema heroi-comico



(Parodia) por F. A. de Almeida (Francisco Augusto de Almeida).

Lisboa Typ. da Sociedade Typographica Franco-Portuguesa Rua do Thesouro Velho n.º 6. 1865.

In-8.º de 206 paginas.

Este exemplar ou volume abrange somente os cinco primeiros cantos do poema, sendo cada um d'elles precedido de dous argumentos, um em prosa e outro em verso.

O segundo volume, que deve conter os cinco ultimos cantos, ainda não foi publicado.

203) Diccionario bibliographico portuguez Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil.....

Lisboa Na Imprensa Nacional. MDCCCLVIII — LXX, 9 vol. in-8.º

Os dous ultimos volumes pertencem ao Supplemento: o 8.º de A — B. O 9.º de C — G.

No 5.º vol. d'este importantissimo Diccionario, de pag. 239 a 277, vem um longo artigo sobre Camões, artigo notavel, quer pela grande copia de informações que nos dá do poeta e de suas obras, e dos escriptores que a ella se referem com louvor, quer pela erudição e criterio com que são tractadas todas as questões bibliographicas.

Em outros artigos do mesmo Diccionario fala ainda o auctor com muita particularidade de Camões e de suas obras.

204) Album de homenagens a Luiz de Camões. Nova edição dos principaes escriptos em verso e prosa publicados pela imprensa periodica por occasião de se erigir o monumento que á memoria do egregio poeta consagrou a patria reconhecida.

..... Um monumento mais duravel

Do que as molles do Egypto, arguer-lhe doves

Garret; Cam. c. 3.º XXI.

Lisboa Lallemand Frères. Typ. 6, Rua do Thesouro Velho, 6. 1870.

In-8.º de 3 ff. — XV — 332 paginas, e mais 2 ff. innumeradas, uma com a *Lista dos illustres poetas colloboradores*, e outra com a *Lista dos illustres prosadores articulistas*.

Precede o titulo um retrato do Camões grav. em madeira por Pedrozo. Depois do titulo vem:



A' memoria de Luiz de Camões. Homenagem de varios escriptores.

Dedicatoria dos editores *Ao Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sar. Dr. José Cardoso Vieira de Castro*, Depntado ás Côrtes portuguezas.

Proemio aos leitores, pelo editor Antonio Maria d'Almeida Netto.

Seguem-se: uma *Introdução*, alguns documentos relativos ao acto da inauguração do monumento, e, logo depois, a primeira parte com as homenagens em verso, e a segunda com as homenagens em prosa.

205) Camões e os Lusíadas por Joaquim Nabuco.

*Rio de Janeiro Typographia do Imperial Instituto Artistico 21—
Rua Primeiro de Março 21. 1872.*

In-4.^o; de 286—V paginas, e mais 1 fl. innumerada com o Índice.

Contem além do titulo: Dedicatoria « *A' minha Mãe.* — *Introdução*, datada de 10 de Abril de 1872. — *Lágo primeiro: Camões antes dos Lusíadas.* — *Livro segundo: Os Lusíadas.* — *Livro terceiro: Velhice e morte de Camões.* — *Notas.*

Foi escripto este livro, como diz o auctor no fim da introdução, « como tributo de uma admiração sempre crescente á Luiz de Camões no terceiro centenario de seu poema. »

Este trabalho de critica litteraria faz honra ao talento e á illustração do joven litterato brasileiro, e certo, constitue mais um ornato precioso do monumento litterario que, á memoria do grande epico, ergue a posteridade reconhecida.

**206) Historia da poesia portugueza. (Eschola italiana — II.)
Seculo XVI.**

Historia de Camões por Theophilo Braga.

Parte I. Vida de Luiz de Camões.

Porto Imprensa Portugueza-Editora. 1873.

Parte II. Eschola de Camões.

Porto Imprensa Portugueza-Editora. 1874.

2 volumes in-8.^o

O primeiro volume traz: um prologo dos editores — *Historia de Camões, a Restituição das principaes epochas da vida de Luiz de Camões, Notas e excursus.*

Consta de VIII — 441 paginas e mais duas innumeradas, uma com as *Erratas essenciaes* e outra com o *In lre*.

O segundo volume, com IV — 318 paginas, traz tambem um pequeno prologo.

207) O Bardo. A Camões por A. A. Soares de Passos.

In-8.º

O exemplar em que vem ésta ode a Camões por Antonio Augusto Soares de Passos não tem folha de rosto. Contem varias poesias por diversos auctores.

A Revista Peninsular, tom. II, pag. 281, emitta a respeito d este escriptor o seguinte juizo critico:

« As suas poesias publicadas em 1856 valeram-lhe os maiores elogios. São bem merecidos. Entre os poetas do Minho é dos que mais se avantajam pela elevação do seu genio. Ha quem o prefira a Alexandre Braga. Não sei se na generalidade isto é possível. No seu genero cada um é grande, e ambos são os primeiros. São dons talentos distinctos, vocações differentes, genios oppostos para dons diversos generos de poesias. Na poesia d'alma, na paixão que Byron chamava verdadeira poesia, não vejo superior a A. Braga. E tel-o-ha A. de Passos na d'imaginação, no genero heroico? Fé, enthusiasmo, grandeza, eis a poesia de Soares de Passos: paixão, sentimento e saudade, eis a de A. Braga. A ode a Camões de Soares de Passos é uma peça de poesia nada inferior á feita a Napoleão por A. Manzoni, o primeiro lyrico moderno. A. Passos é indubitavelmente um talento superior. »

208) Journal des Savans. Juillet 1818.

A Paris, de l'Imprimerie Royale. 1818.

In-4.º do pag. 387 a 448.

De pag. 387 a 398 traz um artigo do Mr. Raynouard sôbre. « Os Lusíadas, poema epico de Luis de Camões; nova edição correct a dada á luz, por dom Joze Maria de Souza-Botelho, etc. Paris, na officina typographica de Firmin Didot, 1817, in-101. »

Constitue este artigo uma justa homenagem prestada pelo distincto litterato francez a Camões e ao Morgado de Mattheus.

Fallando dos Lusíadas diz:

« Ce qui donne à la Lusíade un caractère particulier, c'est la verité des mœurs, le brillant des couleurs locales, l'élégance variée et continue de la diction; la vivacité des images, la noblesse des discours, un enthousiasme ardent et soutenu, un sentiment pro

fond de l'amour de la patrie et de la gloire nationale: toutes ces heureuses qualités montrent sans cesse et par-tout le talent le plus éminemment poétique, et charment les littérateurs qui ont l'avantage de lire la *Lusitane* dans la langue de l'auteur. »

Fallando da rica edição de 1817, diz:

« Le monument élevé par M. de Souza à la gloire de l'Homère portugais ne se recommande pas seulement par la beauté de l'édition, des gravures et de tout ce qui tient à la magnificence de l'art typographique; le zèle, le talent que le généreux éditeur met à développer et à faire sentir toutes les beautés de la *Lusitane*, méritent que son nom soit en quelque sorte associé désormais aux éloges de l'illustre poète dont il cherche en tant de manières à consacrer la renommée. »

209) *Scènes de la nature sous les tropiques, et de leur influence sur la poésie, suivies de Camoens et José Indio; par Ferdinand Denis.*

On ne saurait douter que le climat, la configuration du sol, la physionomie des végétaux, l'aspect d'une nature riante ou sauvage, n'influent sur le progrès des arts et sur le style qui distingue leurs productions.

Humboldt.

A Paris, chez Louis Janet, libraire, rue de Saint-Jacques, n.º 59.
1824.

In-8.º de IV — 516 pag. e mais 1 fl. inn. com a errata.

Contém:

I. Dedicatória do exemplar do proprio punho do auctor « à Monsieur Horace-Say de la part do l'auteur F. Denis. »

No fim d'esta pagina vem a seguinte indicação: *Imprimerie de Marchant du Breuil, rue de la Harpe n. 80.*

II. Uma pequena gravura de J. M. Fontaine representando a morte de Camões.

III. *Preface.*

IV. *Scènes de la nature sous les tropiques.*

V. *Camoens et José Indio*, com esta epigraphe:

Vereis amor da patria não movido
Do premio vil, mas alto e quasi eterno.

Os Lusíadas, cant. 1.º Est. 10.

Precede a esta obra uma advertencia, na qual diz o auctor

que, para o seu trabalho, muito o-auxiliou a magnifica edição de 1817 do Morgado de Mattheus.

VI. Ode de Mr. Raynouard em louvor de Camões, a qual assim começa:

« Habitans des rives du Tage, etc.

Esta ode é, no conceito do auctor, a mais bella de todas as homenagens poeticas prestadas ao poeta portuguez.

VII. *Notes.*

VIII. *Table.*

Na collecção figura em separado outro exemplar do *Camoens et José Indio*.

210) La Reine de Portugal, tragédie en cinq actes, par M. Firmin Didot, représentée pour la première fois, sur le second théâtre français, le 20 Octobre 1823.

Paris. De la typographie de l'auteur, rue Jacob, n. 24. 1824.

In-8.º de VI—88 pag. e mais uma folha inn. com umas breves notas.

O prefacio começa assim: « Un grand poëte, qui mérite bien d'etre étudié dans sa propre langue, *Camoens*, s'exprime ainsi au sujet d'Inés, dans un bel episodio des *Lusiades*, chant III, stance 118:

Misora e mesquinha

Que depois de ser morta, foi rainha;

Infortunée, qui ne fut reine qu'après sa mort. C'est en lisant ce passage que je me suis écrié involontairement: « La Motte n'a pas traité tout son sujet! »

Ja se-vê, pois, por estas palavras, que foi o grande poeta portuguez que inspirou ao escriptor e mui distincto typographo francez.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

211) Version portugaise de l'ode a Camoens de M. Raynouard..... avec des notes, &c. du traducteur (Francisco Manuel do Nascimento, Filinto Elysio).

A Paris, de l'Imprimerie de H. Fournier, rue de Cléry, n. 9. M.DCCC.XXV.

In-8º de 59 paginas.

No verso da folha que precede a de rosto: « *Se trouve à Paris, chez Lheureux, Libraire, Quai des Augustins, n.º 37.* »

Depois do título traz: De pag. 3 a 9 — dedicatória a M. Raynouard, datada de Paris, 1.º de Dezembro de 1818. De pag. 11 a 25, a ode de Mr. Raynouard com a versão portugueza em frente. De pag. 27 a 59, « *Version portugaise, interlinéée de latin, s uive du sens littéral des vers portugais en prose française, et accompagnée de notes.* »

A primeira impressão d'esta tradução (1819) é acompanhada de notas. Dizem ser ella a última composição de Francisco Manuel.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

212) Lettre a l'Académie Royale des Sciences de Lisbonne, sur le texte des Lusiades (Par Mr. Mablin, Sous-bibliothécaire de l'Université de France).

A Paris, chez Treuttel et Wurtz, libraires, rue de Bourbon, n.º 17; à Strasbourg et à Londres, même maison de Commerce. 1826. In-8º de 77 paginas.

No verso da folha que precede o título a seguinte indicação: *Imprimé chez Paul Renouard, rue Garçencière, n.º 8.*

Excellente trabalho sobre o texto das duas primeiras edições dos Lusiadas.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

213) Journal des Savans. Septembre 1826.

A Paris, de l'Imprimerie Royale, 1826.

In-4.º de pag. 515 a 576.

De pag 528 a 532 traz um artigo de Mr. Raynouard sobre a obra de Mr. do Mablin assim intitulada: « Lettre à l'Académie royale des sciences de Lisbonne sur le texte des Lusiades. Paris, chez Treuttel et Wurtz, libraires, rue de Bourbon, n.º 17, 1826, 1 vol in-8.º »

214) Les Amours de Camoëns et de Catherine d'Ataïde: par Madame Gautier, auteur du poème « De la Tombe royale », et de diverses autres poésies.

A Paris, chez Trouvé, libraire, rue Notre-Dame-des-Victoires, n.º 16. Ponthieu et C.,^{1o} libraires, Palais-Royal, galerie de bois, n.º 252 et 253. 1827.

2 vol. in-12.º

O primeiro volume, com 268 paginas, contem: Uma estampa lithogr representando o tumulto de Camões. — Noticia sôbre este poeta, onde vem o soneto de Tasso com a versão franceza de Millié. — Segue-se o romance.

No verso da folha que precede a estampa se lê esta indicação: « *Imprimerie de O. J. Trouvé, rue Notre-Dame-des-Victoires, n.º 16.* »

O segundo volume consta de 272 paginas.

Este romance foi traduzido em portuguez.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

215) Poésies nouvelles. Par Alfred de Guyon.

Paris, J. L. J. Brière, libraire, rue Saint-André-des-Arts, n.º 68. 1828.

In-8.º, de 2 ff. — 74 paginas.

No verso da folha que precede o titulo esta indicação: *Paris, Imprimerie de Decourchant, rue d'Erfurth n.º 1, près l'Abbaye.* »

Nesta collecção, de pag. 57 a 67, vem a seguinte poesia: « Camoens s'exilant a Goa. »

Na noticia biographica que precede a dicta poesia diz o auctor fallando de Camões:

« *Aucune passion noble, aucune douleur ne fut étrangère à son existence.* »

216) Le Naufrage de Camoens, Ode couronnée par l'Académie des jeux floraux, dans sa séance publique et solennelle du 3 Mai 1828; par Adolphe Puibusque.

Paris. Delaforest, libraire, place de la Bourse, rue des Filles-St.-Thomas, n.º 7. 1828.

In-8.º de 7 paginas.

No verso da capa, que se conserva, esta indicação: « *Imprimerie Anthelme Boucher, rue des Bons-Enfants, n.º 24.* »

Esta ode de Mr. de Puibusque nos parece uma homenagem digna de Camões. Não se lhe pôde negar poesia na inspiração, vigor no sentimento, propriedade, concisão e nobreza de expressão.

Eis aqui um trecho que nos mostra a alma de Camões na adversidade:

Son cœur, au fort de la tempête,
Ne voit dans la mort qui s'apprête
Qu'un pas vers l'immortalité.

Est aqui outro que resume eloquentemente a vida do grande epico:

Poète et soldat, ton audace
A conquis un double laurier;
Sur la brèche comme au Parnasse,
Vainqueur, tu montas le premier.

(Ex libr. J. R. G. Rebello da Fontoura.)

217) Camoens, drame historique (en cinq actes). 1829.

In-8.º de 185 paginas.

Sem folha de resto.

Precede ao drama uma folha innumerada contendo « Un mot au lecteur » e « Personnages. »

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

218) Théâtre européen. Nouvelle collection des chefs-d'oeuvre des théâtres allemand, anglais, espagnol, danois, français, hollandais, italien, polonais, russe, suédois, &c. Avec des notices et des notes historiques, biographiques et critiques par MM..... (diversos auctores). Théâtre Portugais. (A tragedia «*Ignéz de Castro*» e a comedia «*O cioso*» de Antonio Ferreira).

Paris Ed. Guerin et C.^e, éditeurs, rue de Dragon 30. 1835.

In-fol. de 2 ff. inn. e 82 paginas.

No verso da folha que precede o titulo está indicação: *Imprimerie de E. Duverger, 4, rue de Vernueil.* »

Comença o volume por uma noticia sobre Ignéz de Castro pelo sr. Ferdinand Denis. Nesta noticia o illustrado escriptor se-referre com louvor a Camões.

(Ex libr. J. R. G. Rebello da Fontoura.)

219) Vie de Luiz de Comoens.

Agora toma a espada, agora a penna
Il prend tantôt l'épée, tantôt la plume

Camoens.

Lista des principaux historiens de Camoens (Par Charles Marguin).

In-12.º de LIX paginas, sem folha de resto.

Esta noticia sobre a vida e obras de Luiz de Camões, enqua-

dernada aqui separadamente, foi tirada de algum dos exemplares da ultima edição de Millié, 1841, corrigida e annotada por Mr. Duboux.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

220) Camoens et ses contemporains. Par Ferdinand Denis. In-12,º de LXVII pag. sem folha de rosto (1841).

E' eó a introdução, enquadernada em separado.

221) Théâtre de l'Opéra-Comique.

L'Esclave du Camoens. Opéra-comique en un acte Paroles de M. de Saint-Georges, musique de M. Flotow. Représenté pour la première fois, à Paris, sur le Théâtre de l'Opéra-Comique, le 1º décembre 1843.

Prix: 60 centimes.

Paris. Deck, éditeur rue Saint-André-des-Arts, 21. Tresse, successeur de J.—N. Barda, Palais-Royal. 1843.

In-8.º gr. de 1 fl. inn. e 12 paginas.

No verso da ultima folha está declaração: « Imprimerie de A. Henry, rue de Git-le-Coeur, 8. »

Conserva a capa da brochura, e ali occorre o titulo, que acima se-transcreveu.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

222) (Introdução á « Traduction des Lusiades de Camoens par M. M. Ch. Aubert. Paris, 1844, » precedida de uma dedicatoria a M. Villemain).

In-12,º de XXIV pag., sem folha de rosto.

Esta introdução, enquadernada aqui separadamente, foi tirada de algum dos exemplares da supra dicta traducção.

223) Théâtre de l'Odéon. Camoëns, drame en cinq actes et en prose, par MM. Victor Perrot et Armand Du Mesnil. Représenté pour la première fois à Paris sur le théâtre royal de l'Odéon, (second Théâtre Français), le 29 Avril 1845.

Prix: 60 centimes.

Paris. Deck, éditeur, rue Git-le-Coeur, 12. Tresse, successeur de J.—N. Barda, Palais-Royal. 1845.

In-8.º gr. de 1 fl. inn. e 34 paginas.

No verso da ultima folha a seguinte declaração: « *Imprimerie hydraulique de Giroux et Vialat, à Saint-Denis-du-Port, près Lagny.* »

Nosso exemplar conserva a capa da brochura, e é ahí que se têm as indicações do titulo acima referido.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fountoura.)

224) Idem.

Paris en casu de V.^o J. P. Aillaud, Monlon de C.^o Livres de suas Majestades o Imperador do Brasil e El-Rei de Portugal 47, *Rue Saint-André-des-Arts*. 1855.

In-12.^o, de 2 ff. — 243 paginas, com trez vinhetas e a mesma gravura da precedente edição.

No verso da folha que precede a gravura esta indicação: « *Havre. Impresso por A. Lemale.* »

225) Dom Luis de Camoëns ou le poëte voyageur. Par M. Jules Pautet. Lu à la séance générale de la Société de Géographie, le 23 Mars 1861.

Paris. Ledoyen, libraire, Galerie Vitée, Palais-Royal. 1861.

In-8.^o de 15 paginas.

No verso da ultima folha um annuncio de livros, e, no fim do annuncio, esta indicação: « *Paris. — Imprimerie de L. Martinet, rue Mignon, 2.* »

O auctor faz a largos traços a biographia do Camões, dispensando-lhe muitos elogios, bem como ao povo portuguez.

226) L'agonie de Luiz de Camoëns par Amédée Tissot.

Paris. Dentu, éditeur libraire de la Société des Gens de Lettres Palais-Royal, 17 et 19, Galerie d'Orléans. 1867.

In-8.^o de 3 ff. — XVIII — 144 pag. e 2 ff. inn. com a tabua das materias.

No verso da folha que precede o titulo esta indicação: « *Li-sieux. — Typographie Lajoye-Tissot.* »

Na folha que se segue á de rosto traz uma epigraphe de Chateaubriand e outra do Beranger.

Vem depois a historia da agonia do Camões, dividida em prologo, II capitulos, cada um d'elles com titulo especial, e epilogo.

A obra de mr. Tissot é bem escripta, e nella falla o auctor com muitos elogios de Camões e do seu poema.

227) *Elvira* (Ignez de Castro): a tragedy. Acted at the Theatre Royal in Drury-Lane (by David Mallet).

London: printed for A. Millar, in the Strand. MDCCLXIII.

In-8.º de 69 paginas, e mais 4 ff. no principio e 1 no fim innumeradas.

As quatro folhas do principio contem: o titulo. — *Dedicatoria to the right honorable the Earl of Bute.* — *Prologue* (em verso) e *The persons* (os personagens).

A folha innumerada do fim contem: *Epilogue by Mr. Garrick.*

Antes d'esta folha, a pag. 70, que tambem não está numerada, traz um *Postscript*, em que o auctor diz que deu em sua tragedia a d. Ignez de Castro o nome de *Elvira*, e toos elogios a L. de Camões. A sua obra foi, portanto, inspirada pela leitura do interessante episodio de Ignez de Castro do poema portuguez.

(Ex libr. J. F. G. Rebello da Fontoura.)

228) Bell's edition. *Elvira*. A tragedy. As written by Mr. Mallet: Distinguishing also the variations of the theatre, as performed at the Theatre-Royal in Drury-Lane. Regulated from the Prompt-Book, by Permission of the Managers, by Mr. Hopkins, Prompter.

London: printed for John Bell, near Exeter-Exchange, in the Strand. MDCCLXXVIII.

In-12.º gr. de 50 pag.—2 ff. inn. e 2 gravuras.

O exemplar comprehende:

I. *Dedicatoria* « *To the Right Honourable the Earl of Bute.*

II. *Prologue* em verso.

III. *Elvira*, tragedia.

IV. *Postscript*, em que falla com louvor de Camões: « The melancholy event on which it is built has a foundation of truth in history, and was celebrated long ago by the famous Portuguese poet, Camoens, in his *Lusiad*. There he has described at large, and with all the graces of his poetry, the beauty, the virtue, and the tragical fate of that lady, to whom I have here given the name of *Elvira*. »

V. *Epilogue*. Written by Mr. Garrick. Spoken by *Elvira*.

229) *Inez*, a tragedy.....

London, printed for R. Edwards, Bond-Street..... 1796.

In-8.º de VI—124 paginas.

Entre a *Advertencia* e a tragedia vem uma folha innumerada com os nomes dos personagens e a errata.

No centro da pagina do titulo traz duas epigraphes, a primeira de Lucrecio, a segunda de Horacio.

Na *Advertencia* o auctor se-refero com louvor a Camões.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

230) *Dona Ignez de Casto*, a tragedy from the portuguese of Nicola Luiz, with remarks on the history of that infortunate Lady, by John Adamson.

Contra hua Dama, o peitos carniceiros,
Ferozes, vos mostrais, e cavalleiros?

Camões.

O foul disgrace, to knight hood lasting stain,
By men at arms an helpless Lady slain.

Mickle.

Newcastle: printed and sold by D. Akenhead and Sons.....
1808.

In-8.^o peq. de 124 paginas.

E' dedicada a Lord Strangford.

No prefacio dá uma noticia das tragedias a que este tragico acontecimento deu origem Falla com muitos elogios do Camões, e diz, que o episodio de Ignez de Castro, nos *Lusiadas*, é a mais feliz producção do genio do epico portuguez.

231) *Poems*, (never before published), written chiefly at Bremhill, in Wilshire. By the Rev. W. M. Lisle Bowles.

Printed for Cadell and Davies, Strand, London; and Cruttwell, Bath. 1809.

In-8.^o peq. de VIII—197 pag. e mais 1 fl. inn. com um annuncio de obras publicadas pelo mesmo auctor.

No verso da folha do titulo e no fim do volume ésta indicação: « *Printed by Richard Cruttwell, St. James's Street, Bath.* »

No principio do volume uma gravura representando *Bremhill church yard*.

De pag. 81 a 85 vem o poema assim intitulado: *The Last Song of Camoens. Inscribed to Lord Viscount Strangford.*

Esta obra escapou ao sñr. v. de Juromenha e a Innocencio da Silva.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

232) *Memoirs of the life and writings of Luis de Camoens.* By John Adamson, F. S. A. London, Edinburgh, and Newcastle upon Tyne.

London: printed for Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown.
MDCCCXX.

2 vol. in-8.º

O primeiro volume, com XIV — 310 paginas, contem:

I. O retrato de Camões, gravado por W. Skelton, à meio corpo, com o livro na mão esquerda e a penna na direita, e por baxo da gravura as armas do mesmo poeta.

II. No meio da pagina do título uma gravura representando a medalha de Camões dedicada pelo barão de Dillon.

III. No verso da folha do título a seguinte indicação: *Newcastle: printed by Edw. Walker.*

IV. Delicatoria *To Thomas Davidson, Esquire*, precedida de um escudo de armas com esta legenda *Sapienter et sincera.*

V. Um prefacio, precedido e seguido de uma copia da medalha do Morgado de Matheus.

VI. *Memoirs of Luis de Camoens*, comprehendendo a biographia do poeta, e uma noticia sobre as rimas, com a traducção de alguns sonetos pelo auctor dr. Haley e Southey.

VII. Na pagina 119 uma pequena gravura representando a gruta de Macan.

VIII. No fim da pag. 310 a seguinte indicação: *Newcastle: printed by Edward Walker.*

O segundo volume, com 392 paginas, comprehende:

I. Um retrato de d. Ignez de Castro gravado pelo mesmo Skelton.

II. No centro da pagina do título copia em gravura da medalha de Camões pelo barão de Dillon.

III. No verso da folha do título esta indicação: *Newcastle: printed by Edw. Walker.*

IV. *An essay of the Lusiad of Camoens, translated from the portuguese of Dom Jose Maria de Souza.*

V. *Some account of the translations of the Lusiad of Camoens, with notices concerning the translators.*

VI. *Some account concerning the editions of the works of Camoens.*

VII. *Notices of commentators, apologists.*

VIII. No fim da pag. 392 esta indicação: *Edw. Walker, printer, Newcastle on Tyne.*

IX. Entre as pag. 312 e 313 o retrato de Faria e Souza.

X. Entre as pag 316 e 317 o retrato de Camões.

XI. Na pag. 318 o retrato de d. Fr. de Almeida

XII. Na pag. 319 o retrato de D. G. Noronha.

XIII. Entre as paginas 350 e 351 o retrato em corpo inteiro de Camões.

Este retrato, como diz o sñr. visconde de Juromenha, se encontra em alguns exemplares da edição das suas obras de 1720, in folio.

Este trabalho de Mr. John Adamson tem merecido muitos louvores da parte de todas as pessoas competentes.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

A Bibliotheca possui outro exemplar com grandes margens e em papel forte, pertencente que foi á Real Bibliotheca.

233) The Quaterly Review. April, 1822.

Art. I. — 1. *Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens.* By John Adamson, F. S. A. London, Edinburg, and Newcastle-upon-Tyne. 2 vols. crown 8vo. 1820.

2. *O Oriente.* Poema de José Agostinho de Macedo. Lisboa. 2 vols.

Este artigo, que vae de pag. 1 a pag. 39, contém uma biographia resumida de Camões, um juizo critico de seus *Lusiadas*, e do *Oriente* de José Agostinho de Macedo.

Seguem-se outros artigos sobre diversos assumptos, formando todos um volume in-8.º gr. de 272 paginas.

234) O Fluminense, a poem, suggested by scenes in the Brazil. By a utilitarian.....

London: printed for Orr and Smith, Paternoster Row and Robert Robinson, Manchester. MDCCCXXXIV.

In-8.º peq. de 3 ff. — 85 paginas.

No verso da folha do titulo e no fim do volume a seguinte indicação: « *Robert Robinson, Printer, 7, St. Ann's Place, Manchester.* »

O exemplar contém:

I. Prefacio.

II. *O Fluminense*, poemeto em trez cantos em oitava rima. Nelle se refere o auctor algumas vezes a Camões.

III. De pag. 69 a 75 uma poesia intitulada « *Camoens in the hospital.* »

IV. Notas ao poemeto.

235) The tragedies of Harold, and Camoens. By H. S.^r G. Tucker, Esq.

London: Parbury, Allen, & Co., Leadenhall Street. 1835.

In-8.º gr. de VIII — 198 paginas.

No verso da folha de rosto e no fim do volume a seguinte indicação: « *London: printed by Y. L. Cox and Sons, 75, Great Queen Street, Lincoln's-Inn Fields.* »

Começa o exemplar por uma pequena introdução, segue-se uma dedicatoria ao duque de Wellington, e depois a tragedia « *Harold* », e de pag. 85 em diante, a tragedia « *Camoens* ».

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

236) Bibliotheca Lusitana; or Catalogue of books and tracts, relating to the history, literature, and poetry, of Portugal: forming part of the library of John Adamson, M. R. S. L., F. S. A., F. L. S., corresp. memb. Roy. Acad. of Sciences of Lisbon, & author of Memoirs of the life and writings of Camoens, &

Newcastle on Tyne: printed by T. and J. Hodgson, Union Street. MDCCCXXXVI.

In-8.º de IV — 115 paginas, com vinhetas.

No alto da pagina traz a seguinte dedicatoria do proprio punho de J. Adamson: « *To His Excellency the Duke of Palmella, From John Adamson.* »

O titulo é impresso a duas tintas.

Neste volume, de pag. 47 a 74, vem o seguinte catalogo especial da collecção camoneana: « *Bibliotheca Lusitana: Fasciculus tertius.* »

Books relating to Camoens.

Editions.

Translations.

Miscellaneous.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

237) Indian Hours: or, Passion and Poetry of the Tropics, Comprising The Nuptials of Barcelona, and The Music-Shell. By R. N. Dunbar, author of « *The Cruise* » « *The Caraguin,* » &c.

London: Edward Bull, 19 Holles Street. MDCCCXXXIX.

In-12.º gr., de X — 1 fl. — 138 paginas.

No centro da pagina de titulo uma epigraphe de Virgilio.

No verso da folha ésta indicação: « *London: C. Richards printed, St. Martin's Lane.* »

No fim do volume a mesma indicação assim modificada: « *C. Richards, printer, 100, St. Martin's Lane.* »

A' primeira parte precedem uma dedicatoria a Sir Henry William Martin, Bart., uma advertencia, e um index, e cada um dos cantos é seguido de breves notas.

A segunda parte é precedida de um prefacio, acompanhada de notas e seguida de um *Postscript*.

Nesta segunda parte á pag. 150, vem uma poesia a Camões, assim intitulada: « *Sonnet to Camoens.* »

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

238) *Ines de Castro. A lyric tragedy, in three acts. Poetry by Signor Salvador Cammarano The music by Signor Persiani. As represented at Her Majesty's Theatre. Haymarket. 1840.*

London: printed by W. Clowes and Sons, 14, Charing Cross
.....1840.

In-12.º de 81 pag. e 1 fl. inn. com um annuncio.

Não traz o resumo historico que precede a tragedia na outra edição. O texto italiano é aqui o mesmo, mas a versão ingleza é diversa.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

239) *Lusitania Illustrata; notices on the history, antiquities, literature, & of Portugal. Literary department. Part. I. Selections of sonnets, with biographical sketches of the authors, by John Adamson, M. R. S. L., F. S. A., F. L. S., corresp. memb. Roy. Acad. of Sciences of Lisbon, &c. &c. &c.*

Newcastle upon Tyne: printed by T. and J. Hodjson, Union Street. M. D. CCCXLII.

In-8.º de XII—100 paginas.

O primeiro volume ou parte traz uma vinheta na pagina de rosto, uma dedicatoria ao duque de Palmella, os retratos de Faria e Souza e Camões, a traducção de algumas poesias dos poetas antigos e modernos.

De pag. 8 a 17, reproduz a traducção de alguns sonetos de Camões, a qual vem na sua obra: *Memoirs of the life and writings, &c.*

O segundo volume ou parte é dedicada ao sr. visconde de

Almeida Garrett, e comprehende a traducção dos seguintes romances do mesmo poeta: *Bernal Francez*, *Noite de S. João*, *Rosalinda* e *O Chapim d'El Rei ou Parras Verdes*.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura)

240) Sonnets: by J. Adamson, K. T. S., K. C., F. S. A., F. L. S., F. G. S., &c. &c. &c.

Newcastle-upon-Tyne: imprinted by M. A. Richardson.

MDCCCXLV.

In-8.º de 16 pag. impresso a duas tintas, e no meio da pagina do titulo uma vinheta.

Collecção de alguns sonetos, uns originaes do auctor, outros imitados de Camões.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

241) Anonymous Poems.

London; Richard Bentley, Publisher in Ordinary to Her Majesty. 1850.

In-4.º peq. de IV — 60 pag. e impresso em bom papel.

No verso da folha do titulo e no fim do volume a seguinte indicacção: « *London: printed by Schulze and Co., 18, Poland Street.* »

De pag. 18 a 26 vem algumas poeias intituladas « Camoens » (estancias do poeta traduzidas para inglez).

242) Camoens, a tragedy.

In-8.º gr. de 95 paginas, sem folha de rosto.

Esta tragedia é de H. S.^r G. Tucker. Confrontando os dois exemplares, isto é, o que temos á vista com o de 1835, que anda annexo á tragedia « Harold », do mesmo auctor, vê-se que são edições differentes.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

243) Ines de Castro. Tragedia Lyrica. A serious opera. In three acts. The music by Sig. G. Persiani. The poetry by Sig. Cammarano. As represented at Her Majesty's Theatre, Haymarket.

London; printed for H. N. Millar, Norris Street; for Her Majesty's Theater.....

In-12.º de 48 paginas, s. d.

Precede a tragedia um resumo historico do episodio de d. Ignez de Castro, assignado por H. N. M.

Ao concluir, diz o seu auctor o seguinte:

« This tragic and romantic subject has been embodied in noble verse by great poets of all nations, but by none more than by the divine Camoens, in an episode in his « Lusiada » who has thereby erected an everlasting monument to his own nation. »

No verso da ultima folha vem esta indicação: « *Printed by R. Macdonald, 30, Great Sutton Street, Clerkenwell.* »

O exemplar traz o texto italiano com a versão ingleza em frente.

244) A catalogue of choice, rare, & valuable books, in all languages, on sale by Trübner & Co.

57 & 59 Ludgate Hill, London.

In-8.º de 48 paginas.

Sem folha de rosto.

Neste volume, do pag. 1 a 13, vem o seguinte catalogo especial da collecção camoneana: Luis de Camoens Obras; e Camoniana. &c.

A este catalogo da camoneana precede uma resumida mas interessante noticia bibliographica da collecção.

245) Pedro und Ines. Ein deutsches Originaltrauerspiel in Versen von fünf Aufzügen.

Quid est inimicissimum homini?

Alter homo!

Cicero.

Wien, gedruckt bey Johann Thomas Edlen von Trattnern Kaiserl. königl. Hofbuchdruckern und Buchhändlern. 1771.

In-8.º de 83 paginas.

No prefacio o auctor se-refere a Camões e traduz a estancia dos Lusiadas que assim começa:

Passada esta tão prospera victoria, &c.

Esta estancia vem transcripta por inteiro em uma nota ao mesmo prefacio.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.

246) Einige Nachrichten von der portugiesischen Litteratur, und von Büchern, die über Portugall geschrieben sind.

Frankfurt an der Oder, bey Carl Gottlieb Strauss, 1779.

In-8.º peq. de 144 pag. e 1 fl. inn.

Tracta de Camões, bem como de outros grandes engenhos da
Litteratura portugueza.

247) *Novellenkranz. Ein Almanach auf das Jahr 1834.*
Von Ludwig Tieck. Dritter Jahrgang. Mit sieben Kupfern.
Berlin, bei G. Reimer.

In-8.º peq. de X — 347 pag. o 7 gravuras.

Este volume, que faz parte da serie de publicações annuaes
intitulada *Novellenkranz*, encerra o seguinte romance: « Tod des
Dichters ».

O poeta é o nosso Camões.

Ludwig Tieck, auctor d'este interessante romance, é um dos
mais celebres poetas da Allemanha.

248) *Camoens. Dramatisches Gedicht in einem Aufzuge*
von Friedrich Halm.

Motto:

El bronce muere y se deshace el mármol,
Mas el canto divino
No se rinde al imperio del destino.

Don Alb. Lista.

(Editio princeps). *Wien, Gedruckt und im Verlage bey Carl
Gerold. 1838.*

In-8.º de 44 paginas.

Precede ao poemeto uma dedicatoria « *Seiner Majestät dem
König Ludwig von Bayern.* »

Idem. *Zweite Auflage.*

Ibi. 1843.

In-8.º de 44 paginas.

É a mesma primeira edição com folha de rosto mudada.

(Ex hbr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

249) *Ignaz de Castro. Trauerspiel in fünf Aufzügen* von
João Baptista Gomes. Nach der siebenten Auflage der portugie-
sischen Urschrift übersetzt von Dr. Alexander Wittich.....

Leipzig: F. A. Brockhaus: 1841.

In-12.º gr. de VIII—160 paginas.

Contem uma dedicatória a seu amigo dr. Scheidler, um prefácio, uma introdução e a tradução em verso da tragedia.

Na introdução vem a versão allemã de algumas estancias do canto III dos *Lusiadas*.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

250) Schaack Staffeldts Samsede Digte.

..... Still govern thou my song,
Urania, and fit audienecs find, though few.

Milton. Book VIII. Udgivne af F. L. Liebenberg. 1843.
*Kjobenhavn. Forlagt af Samfundet til den danske Litteraturs
Fremme Trykt hos J. P. Qvist, Veg-og Nodeltrykker.*

2 vol. in-8.º O primeiro com XVI — 636 pag. e o segundo com X — 636 dictas, e mais um index.

No segundo volume, de pag. 269 a 287, traz um poemeto intitulado « Camoens »

Parce-nos ser este o mesmo poemeto de que falla o sũr. v. de Juromenha, vol. 1.º pag. 299 e 300.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

251) Ines de Castro. Dramma per musica da rappresentarsi nel regio teatro di Via della Pergola l'autunno del MDCCXCIII. Sotto la protez. dell' A. R. di Ferdinando III. Arciduca d'Austria Principe Reale d'Ungheria e di Boemia. Gran-Duca di Toscana, &c. &c. &c.

In Firenze. MDCCXCIII. Nella Stamperia Albizziniana da S. M. in Campo per Pietro Fantosini. Con Approvazione.

In-8.º peq. de 46 paginas.

No prefacio se-refere a Camões. A pag. 4 se-acha a seguinte indicação: *La poesia è del Sig. Cosimo Giotti Fiorentino. La musica è del celebre Sig. Maestro Gaetano Andreozzi.* »

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

João de Saldanha da Gama.



ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA.

NOTICIA DAS OBRAS MANUSCRIPTAS E INÉDITAS RELATIVAS Á VIAGEM PHILOSOPHIA DO DR. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, PELAS CAPITANIAS DO GRÃO-PARÁ, RIO-NEGRO, MATTO-GROSSO E CUYABÁ. (1783-92.)

POR ALFREDO DO VALLE CABRAL.

(Continuado de pp. 198 do vol. II.)

III.

Códices de collecções particulares.

A

Pertencentes ao sñr. d.^o João Antonio Alves de Carvalho.

- 1) Viagem / á / Ilha Grande de Joannes. / Participada / ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor / Martinho de Mello, o Castro; / Ministro, o Secretario de Esta / do dos Negocios da Marinha / e Domínios Ultramarinos. / Pelo Naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira / a quem acompanharão / os Desenhadores Joseph Joaquim Freire, e Joaquim Joseph / Codina; e o Jardineiro Botânico Agostinho Joaquim / do Cabo. / Em Carta... de Dezembro de / 1783. /

Com. = Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. / — Escrever a Historia Filosófica e Política / da Ilha Grande de Joannes, por ou / tro nome o Marajó: Reflectir nos / Productos naturaes, que ha, e podem / haver na dita Ilha: Presentar de / cada hum delles huã descripção cir / cunstanciada; e tão circumstancia / da, como merecem as suas proprie / dades, os seus usos, e as suas applica / ções: =

Está incompleta, e mostra ser o rascunho. Contem 8 ff. não num., que medem 20 centímetros de altura por 14 de largo.

O sñr. Carvalho possui outro exemplar egualmente autographo e incompleto. Este porém não traz titulo e começa assim:

— Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Senhor. / — Escrever a *Historia Filosófi / ca*, e *Poli / tica da Ilha Gran / de Joannes*, por outro no / me o *Marajó*: *Individuar / os Productos naturaes*, que / ha, e podem haver na di / ta Ilha: *Presentar de / cada um dellos huã des / crição circumstanciada*, / e tão circumstanciada, co / mo merecem as suas pro / priedades, os seus usos, e as suas applicações: *Em / todas ellas* =

Contém 7 ff. não num., medindo 16 centímetros de altura por 8 de largo.

Conserva ainda o sñr. Carvalho uma cópia contemporanea sob o titulo *Noticia historica da Ilha de Joannes ou Marajo*. É conforme a cópia da Bibliotheca Nacional de que se-faz menção sob n.º I, I em seguida á descripção do exemplar autographo da referida Bibliotheca.

Compta 20 ff. não numeradas, que medem 26 $\frac{1}{2}$ centímetros de altura por 19 de largo.

2) *Memoria sobre o Engenho / de branquear o Arroz do Cap.^m / Luiz Per.^a da Cunha. /*

Com. = Illm.^o e Exm.^o Sñr. / — Ainda q na volta q fiz da Ilha Grande de Joannes / para esta Cidade do Pará, não pude aportar, como / queria, na Ilha da Cutijuba, onde me havião in / formado q possuía seu Dono o Cappitão Luiz Pe / reira da Cunha, hum perfeitissimo Engenho =

Ac. = Ha machi / nas de hum só fuzo, e de dois como esta, e / de m.^{tas} mais pode haver. / =

Autographo.

Não traz o nome do auctor, nem data; mas no *Extracto do Diario da Viagem Philosophica que fez o D.^o Naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira pelo Estado do Grão-Pará*, no qual se-contém uma relação das obras que escreveu o naturalista, vem esta memoria indicada sob o titulo *Descripção do Engenho de deaseascar, e branquear o Arroz: segundo o fez construir na Ilha de Cutijuba, seu Dono o Capitão de Infantaria Auxdior Luiz Pereira da Cunha*, e como daictada de 27 de Fevereiro de 1784.

É na ordem chronologica a terceira memoria que escreveu o auctor, depois que aportou ao Pará para dar começo a sua peregrinação philosophica.

Consta de 5 ff. não numeradas, as quaes medem 17 centímetros de altura por 12 de largura.

3) Miscellanea / Historica / para / servir de explicação / ao / Pros-
pecto da Cidade / do / Pará. / 19 de Septembro d' 1784. /

Não traz o nome do auctor. Contém 39 ff. não num., medindo cada uma mais ou menos 28 centímetros de altura por 15 $\frac{1}{2}$ de largo, e consta de varios numeros titulados, sendo alguns d'elles escriptos com esmero pela propria mão do naturalista, a saber:

N.º 1.º Prospecto da Cidade de S. Maria de Belém do Grão- /
Pará. /

Com. = Na distancia de 20 legoas (a) da Ponta da Tijúoca, (escre- /
veo no seu Roteiro o Vigario Geral Jozé Monteiro de No- /
ronha) subindo a Costa Occidental do Continente, que / me-
doya entre a Ilha do Maranhão á Leste, e a Ilha / grande de
Joannes á Oest (sic), está situada a Cidade do / Pará, em huma
ponta de terra visinha á bocca do / rio, q os naturais chamão
Goyará, por onde os dous / rios Guamá, e Capim depois de se
unirem, desagoão / por hum ramo de maior largura, concorren-
do os rios / Uacará, Moju, Tocantins, Jacundá, Pacajás, Guana /
pá &, na Latitude de 1.º e 26' ao Sul da Equinoctial, / sobre
a Longitude contada do Meridiano da Ilha do / Fene de 329,º
e 15'. (b). Chamou-se depois Grão-Pará. / =

Ac. = Se os Indios da nova Hespanha não tinham / outros q se fos-
sem proprios das feras, bem injunzoa fica / sendo aos Hespa-
nhos a demora de mais de 40 annos, em q du / vidarão da
sua racionalidade, até ser preciso q o Papa Paulo 3º / por
Breve de 10 de Junho de 1537 os habilitasse p.º os Sacra /
mentos. / =

Autógrapho. 15 folhas.

N.º 2.º Hospital Real Militar. /

Com. = Antes de se mudar o Hospital para esta eaza, existia no
Castel/lo huma Enfermaria tal, que nem accomodava os doen-
tes da / repartição militar. =

Ac. = Ella tem a commodidade de ter agua á porta, por onde corre
hũ / Igarapó. / =

Traz leves correções da mão do auctor. 3 paginas.

N.º 3.º Castello da Cidade. /

Com. — He hũa praça quadrada com artilharia montada só em / duas
fases, =

Ac. = casa p.º Offi- / cial, prisão. &. / =

1 pagina, contendo 12 linhas.

N.º 4.º Igreja do Convento dos Religiosos de N. S.ª / do Monte do
Carmo. /

Com Fundado já o Convento da Cid.^a de S. Luiz do / Maranhão, q̃ foi o primeiro da Vigairaria, em 20 / de Fever.^o de 1616 pelo seu Fundador Fr. Cosme / da Anunciação, e collocados nelle alguns Religio- / sos mandados da Bahia, =

Ac. Segundo a relação q̃ deu o P.^a M.^a Fr. João / de Almeida Loureiro contava esta Religião em 10 / de Fevereiro de 1784, 45 Religiosos por todos: a saber / residentes no Convento 29: Administradores das Fa- / zendas 6: occupados no serviço da Igreja, e de S. / Mag.^a 9: no Hospicio da Villa de N. S.^a da Na- / zaréth da Vigia 1. / —

4 folhas.

N.^o 5.^o Igreja Cathedral da invo- / cação de Santa Maria da Graça, da Cid.^a de Belem do Grão Pará. /

Com. = Informado o Sñr. D. João 5.^o da distancia, que ha entre o / Maranhão, e Pará, e de que não hastava hum só Bispo no / Maranhão, =

Traz leves correções de R. Ferreira. 8 folhas.

N.^o 6.^o Collegio que foi dos Je- sui- / tas, a que deu principio o P.^a Reitor João de Soutto Mayor, debaixo da / Invocação de Santo Alexandro. /

Com. — Repetidas vezes (escreveo Berredo) tinham pretendido os Religio- / zos da Companhia de Jezus do Estado do Brazil, a sua funda- / ção na Cidade de Belem do Pará; =

Ac. = em beneficio do Seminario, ou do Hospital, segd.^a / a letra da ordem. / =

As ultimas 7 linhas são do punho de Ferreira. 3 folhas.

Let. A. Casa da Alfandega. /

Com. = Não chega a accomodar esta casa a carga inteira de / hum Navio, =

Ac. — são por todas 10 pes- / soas. / —

19 linhas.

N.^o 7.^o Casa das Canóas. /

Com. = Mandou fazer este abrigo =

Ac. = que / se podem accomodar. / =

7 linhas.

N.^o 8.^o Palacio da Residencia dos / Exm.^{as} SS. Generais. /

Com. = Neste mesmo lugar, em que está hoje o Palacio, —

Ac. = para escaparem ás impressões / do tempo. / —

1 folha.

N.º 9.º Igreja do Convento dos / Religiosos de N. Sra. das Merc-
ces. /

Com. — Deve esta Religião o seu estabelecimento no Pará, ao / Cap.º
Mór Pedro Teixeira, que foi quem trouxe de Quito os primei-
ros / Religiosos, =

Ac. = e cansados pelos trabalhos das Missões, ao occupassem / nas
outras mais antigas, e domesticadas. / =

As ultimas 24 linhas são do punho do naturalista. 5 paginas.

N.º 10. Forte de S. Pedro Nolasco. /

Com. = He pequeno este Fôrto. —

Ac. = da qual / fica o Fôrto. / =

1 pagina.

N.º 11. Torre da Igreja da Mizeri- / cordia. /

Com. = Veja-se a informação, que deo do seo Estado prezento o Pro-
vedor / João Teixeira de Mattos, em carta de 11 de Agosto de
1784. =

Ac. = porque nem / nos enterros dos Irmaos se vê tumba, ou accom-
panhamento / da Mizericordia. / =

2 folhas.

N.º 12. Igreja Matriz de S. Anna do Bairro da / Campina. /

Com. = Antes do sêr separada esta Freguezia, =

Ac. = As tarjas de todos tres aio- / da estão por dourar. / =

1 folha.

N.º 13. Falsa.

N.º 14. Convento dos P.P. Capuchos de S. Antonio. /

Com. = Ainda que no Archivo da Custodia do Pará se não achão
do / cumentos circumstanciados da sua primeira fundação, he /
contudo innegavel, q os Capuchos forão os primeiros, q prega /
rão o Evangelho neste Estado. =

Ac. = O Convento em si he grã.º / porem não tem agora mais do q
5 Religiosos resi / dentes. / =

Autographo. 3 folhas.

D'esta *Miscellanea historica* conserva ainda o sñr. Carvalho outro ex-
emplar por letra de um dos amanuenses do naturalista, faltando porém o
frontispicio ou titulo Compta 26 ff. sem numeração, medindo 28 centi-
metros de altura por 15 $\frac{1}{2}$ de largo.

Neste exemplar o « N.º 13 » achase mencionado apenas com o titulo
— CAES.

O n.º 6 é mais completo, pois no final occorre um documento sobre o
objecto de que elle tracta.

E o n.º 9 traz no fim quatro versos de Camões tirados dos *Lusiadas* cant. x, est. cxix.

4) *Miscellanea / de / Observações / Filosóficas / no Estado do Grão Pará. / Anno de 1784.*

Com. = Da pelle da Preguiça preparão os Ma / zombos os seus cordoens. —

Ac. = com terra solta, e / livre, como na Europa. / =

São 13 observações curiosas sôbre varias cousas do Pará, todas escriptas do punho do naturalista, exceptuando porém a que tracta do clima do Pará que se acha em duas folhas. Constan de 11 folhas sem numeração, medindo cada uma 14 centímetros de altura por 10 de largo.

5) *Diario / do / = Rio Branco = /*

Com. = Pelas 7 horas da manhã de 5 de / Maio sahy da Forta / leza da barra, para o Rio / Branco: —

Ac. = as fazendas / de gado, q.ª mais se espalharem / pelas campinas, servirão de es / preitar, segurar, e rebater os / imprevistos approches dos Hesp.ª / e Hollandezes confinantes, / =

Seguo-se os *Nomes dos Sold.ª Directores* e os *Inventarios das Povoações. Autographo*. Consta de 22 ff. não num., que medem 16 $\frac{1}{2}$ centímetros de altura por 9 de largo.

D'elle tirou o sñr. Carvalho por lettra sua uma cópia em 1868, a qual anda em um volume de folio junctamente com outras cópias de memorias do Rodrigues Ferreira extrahidas pelo mesmo sñr. Carvalho.

Vejase a descripção da cópia d'esse *Diario* que guarda a Bibliotheca Nacional sob n.º I, 10.

Não traz data; mas foi escripto em 1786.

6) *Diario / da / Viagem Philosophica / pela Capitania de S. Joseph / do Rio Nêgro, / com a Informação / do / estado presente / dos Estabelecimentos Portuguezes na sobredita / Capitania, dêsde a Villa Capital da Barcellos, / até a Fortaleza da Barra do dito Rio. / Ordenado / em officio de 15 de Abril de 1786 pelo Ilm.ª e / Exm.ª Sñr. João Pereira Caldas; do Consêlho / de S. Mag.ª Km.ª, Seu Governador, e Capitão Ge / neral nomeado para as Capitánias de Mato / Grosso, e Cuyabá; e nos Districtos dos Góvêrnos / dellas, e do Estado do Grão-Pará, Encarrega / do da Execução do Tratado Preliminar de / Limites, e Demarcação dos Reaes Dominios. / &ª &ª &ª / Cumprido / em 7 Participações de differentes datas, / Pelo D.ª Alexandre Rodriguez Ferreira, Na / turalista empregado na expedição Philoso / phica do Estado. /*

Só contem a primeira *Participação*.

Autographo. Consta de 62 ff. numeradas recentemente á tinta, que medem $26\frac{1}{2}$ centímetros de altura por 13 de largo.

Veja-se a descripção do códice original da Bibliotheca Nacional sob n.º I, 12

Traz a « Cópia / do officio expedido / ao sobredito Naturalista. / ; »
mas falta a *Cópia de Aviso expedido ao Commandante da Portaleza da Barra*, e a epigrapha latina extrahida de Sirach e Linnou.

Notam-se alguns accrescimos marginaes, que não vêm no exemplar original da Bibliotheca Nacional.

Accresco ainda um *Supplemento* sob a indicação marginal N. XVI, que occupa as trez ultimas paginas do códice, e começa :

= Não digo, quanto ao Tabaco, que delle devão os lavra / dores em-
prehender para o diante tão avultadas la / vouras, que não só
se venha á fabricar o preciso, p.º / o consumo do Estado, mas
que até sobre, para se ex / portar para o Reyno. / =

Ac. = e presentemente sem o perigo / dos Muras, se para o futuro
não quebra / rem o pacto de Paz, e de Amizade, que, / agora
contractão com nòsco. / - -

Este *Supplemento* do qual posue ainda o sñr. Carvalho um exemplar original com leves correções do punho de R. Ferreira, mas sob o N.º XIV, constando de 2 ff. (29×12), mostra ser um dos appensos d'esta primeira *Participação*, appensos estes que, como se disse, faltam no exemplar original na Bibliotheca Nacional. Posue mais o sñr. Carvalho outros dois appensos originaes, um sob o N.º VI, que contém 3 ff. innum. (29×12), e começa :

= Do mesmo exemplo se aproveitaram no / anno de 1769 os Soldados
da Guaruição / da Fortaleza de Maritabanas, os quaes, como /
deixo escripto na Participação VI. da pri / meira Parte do
meu Diario de Viagem. se / levantarão contra seu Comman-
dante Bar / nabo Ferreira Malheiros, =

E outro sob o N.º VIII, comptando 7 ff. sem numeração (29×12), e tendo por titulo: « Traslado dos Autos, / Termos, e Certidoens, que pre-
cederão, e se / encorporarão com o Auto da Devaça / accusada pelos Officiaes
do Sennado para / ser presente a V. Ex.ª, pela ordem com que fo- / rão
lançados, debaixo dos titulos seguintes. / »

O primeiro documento é titulado — « Auto que mandou fazer o
D.º Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, Ouvidor Intendente G.º desta
Capitania, pela injuria, espancamento, e ferimento, que lhe fez o Capitão
Felippe da Costa Teixeira, do Regimento da Cidade do Pará, destacado

nesta Villa de Barcellos, associado com o R.^o Vigr.^o della Jeronimo Ferreira Barreto. »

E' do anno de 1777.

- 7) Máppa de to- / dos os Moradores Brancos, Indios. e Prê- / tos escravos, existentes na Villa Capital / de Barcellos, em 31 de Outubro de / 1786. / .

Andam junetamento:

- a) « Máppa das qualidades, e quantidades dos Generos cultivados e colhidos pelos Moradores Brancos, e Indios da Villa Capital de Barcellos, segundo o numero de braços cada um applicou; em 31 de Outubro de 1786. »
- b) « Máppa dos Moradores Indios da Villa de Barcellos, que no prezente Anno de 1786, tem colhido, esperão colher alguns generos de lavouras. »

Foram organizados por Rodrigues Ferreira; mas não trazem o seu nome.

Original. Consta de 4 fl. innumeradas, as quaes medem 33 centímetros de altura por 20 de largo.

Acima do título do primeiro mappa lê-se « N.^o XI, e no alto do *Mappa das qualidades e quantidades dos generos*, &c. vem « N.^o XII. », o que mostra pertencido á collecção de documentos que acompanhava alguma memória do naturalista.

- 8) Memoria / sobre o Peixe Pirá-urucú, de q / já se remetterão dous da Villa / de Santarem, / para o Real Gahinôto / de Historia Natural; e agora / se remoltem mais cinco (à margem— desta V.^a de Barcellos), os quais / vão incluídos nos cinco caixos / ens, que constituem parte da / sexta Remessa do Rio Negro. / Barcellos 30 de Abril de 1787. /

Traz em primeiro lugar a descripção scientifica em latim do peixe, a que se segue a sua historia, que

Com. = Pelo nome de Pira-urucú, que em am / bas as Capitánias do Estado do Grão / Pará, se dá a este Peixe, =

Ac. — O ósso da lingua do Pirarucú he o / rallo com que os Natures costu / mão rallar o Guaraná, o Cravo, / a nox-muschata: as escamas / são a principal lixa dos tornei / ros, Carpinteiros, e de todos os / outros Artistas desta Classe. / — Barcellos 30 de Abril de 1787, — *Alexandre Rodriguez Ferreira.* / —

Autographo. Consta de 4 ff sem numeração, que medem 25 centímetros de altura por 10 de largo.

A Bibliotheca Nacional guarda um exemplar original, cuja descripção póde vêr-se sob n.^o I, 18.

É differente da memoria abaxo descripta sob n.º 9, isto é menos completa, ainda que ambas tragam a mesma data de 30 de Abril de 1787

Conserva ainda o sñr. Carvalho uma cópia d'este autographo extrahida por sua propria mão.

9) Descripção / do Peixe Pirarucú. / Por / A. R. F. / Em 30 de Abril de 1787.

Traz em seguida ao titulo acima a descripção scientifica em latim do *pirarucú*.

Com. a Historia = Por este nome de Pirarucú exprimem os / Indios do Pará a idea que se lhes representa da cor da tinta do Urucú; sendo / semelhante á ella, a de que parecem tinta, das membranas, que orlão as escamas / deste Peixe: vindo o seu nome a signi / ficar entre nós « Peixe tinta / do de Urucú. » =

Ac. = O osso da lingua do Pirarucú serve aos / Naturaes de Ballo para rallarem o Guara / ná, o Cravo da terra, o Puxery, a Noz / moscada &c. As suas escamas servem de / lixa aos Carpinteiros, Torneiros e outros / Artistas desta, e das outras Classes. / — Barcellos do Rio Negro; em 30 de / Abril de 1787. A. R. F. / =

Autographo. Consta de 8 ff. não num., que medem 21 centimetros de altura por 16 de largo.

É um tanto diversa e mais completa que a memoria acima descripta sob n.º 8, ainda que sejam ambas dactadas do mesmo lugar, e no mesmo dia, mez e anno.

Possue ainda o sñr. Carvalho mais um exemplar original com correcções do punho do auctor, com titulo em tudo identico ao autographo, Compta 5 ff. não numeradas, que medem 21 centimetros de altura por 16 de largura.

10) Memoria / sobre os Gentios Caripunas, que ha- / bitão na margem Occidental do Rio / Yatapú, o qual dezagoa na margem / Oriental do Rio Uatumaã; segundo os / fez Desenhar, e remetter para o Real / Gabinete de Historia Natural o D.º / Naturalista Alex.º Roiz Ferreira. /

Original, com uma nota marginal do punho do auctor, quasi ao finalizar a memoria. Consta de 3 ff. não num., que medem 23 centimetros de altura por 12 $\frac{1}{2}$ de largo.

O sñr. Carvalho possue egualmente o proprio autographo d'esta memoria, o qual anda sem titulo. Consta de 2 ff. não numeradas, medindo 26 centimetros de altura por 13 de largo. *Começa:*

— A Táboa I.^a representa hum dos Gentios Cari / punaa, =
e acaba :

— e nenhum delles vê, se não o que / immediatamente lhes entra
pelos olhos. / — Barcellos 28 de Agôsto do 1787. / — *Alexandre
Rodriguez Ferreira.* /

Não traz porem a nota marginal que se-acha no exemplar original
que fica acima descripto.

Vêja-se a descripção do códice da Bibliotheca Nacional sob n.º I, 19.

Ainda guarda o referido sñr. Carvalho uma cópia d'esta memoria extra-
hida de seu proprio punho.

II) Memoria sobre os gentios Ucrequonas.

Com. = A Táboa II.^a representa hum dos Gentios Uero / quenas, que
habitão nos Rios Içana, Ixié, =

Ac. = Persuado-me que tenho / respondido aos que me impacientão
com / perguntarem-me, para que ajunto eu, o remet / to simi-
milhantes ármãs, e galantarias. / — Barcellos 29 de Agôsto de
1787. / — *Alexandre Rodriguez Ferreira.* / =

Autógrapho. Não traz título e consta de 4 fl. innumeradas, medindo 28
centímetros de altura por 13 de largo.

Sob n.º I, 20, fica descripto o exemplar original da Bibliotheca Na-
cional.

Tambem guarda o sñr. Carvalho uma cópia tirada por sua lettra.

12) Memoria sobre o Gentio Mura.

Com. = A Taboa III.^a representa um dos Gentios Múras, / que pelo
meiado do Mês de Novembro do Anno / proximo passado de
1786 aportarão no Lugar / de Airão, situado na margem aus-
tral do Rio / Negro: =

Ac. = Note-se, que todos elles, homens, e mulheres, furão / ambos os
labios, e nos ditos furos introduzem / uns ricos feitiços de pe-
dras, que achão no cerebro do Peixe — Piraracú. / =

Seguem-se copias de duas chartas de fr. José da Conceição datadas
do Lugar de Airão a 11 de fevereiro e 4 de março de 1787 e dirigidas a
João Pereira Caldas, e as respostas d'este datadas a 17 de fevereiro e 12
de março do mesmo anno.

Traz no fim:

— Barcellos. 30 de Agôsto de 1787. / — *Alexandre Rodriguez Fer-
reira.* / =

Autógrapho. O título é escripto por lettra moderna. Consta de 6 fl.
sem numeração, que medem 28 centímetros de altura por 13 de largo.

Vejam-se as descripções do exemplar original e de uma cópia pertencentes á Bibliotheca Nacional, que fica tudo indicado sob n.º I, 21.

D'esta memoria possue mais o sñr. Carvalho uma cópia extrahida por sua mão.

- 13) Memória / sobre as Máscaras, e Farcas que fazem / para os seus Bailes os Gentios Yurú pixu / nas; segundo o fez Desenhar, e remet- / ter para o Real Gabinete de Historia / Natural o D.º Naturalista Alex.º / Rodriguez Ferreira. /

Original, com algumas correcções do punho do auctor. Consta de 7 ff. não num. Mede 22 $\frac{1}{2}$ centímetros de altura por 13 de largo.

O sñr. Carvalho possue ainda o autógrapho d'esta memoria, que conta 4 fls. não numeradas, sem titulo, e mede 28 $\frac{1}{2}$ centímetros de altura por 13 de largo. *Começa:*

= A Taboa IV.ª explica o uso que tem as Máscaras, e / as Camizetas, que fazem os Gentios Yurupixunas, / para os seus Bailes marciaes, e festivos. Presen / tei eu mesmo, hum destes Bailes, =

e acaba:

= para logo transbordar / em seus rostos a alegria, a esperteza, a vi / vacidade. / — Barcellos 31 de Agosto de 1787. / — *Alexandre Rodriguez Ferreira.* / =

A Bibliotheca Nacional possue igualmente um exemplar original, e vai descripto sob n.º I, 22.

Tambem guarda o referido sñr. Carvalho uma cópia de sua propria lettra.

- 14) Memória / sobre os Gentios Cambébas, que / antigamente habitárão nas margens, / e na Ilhas da Parte Superior do Rio / dos Solimoes; segundo o fez Desenhar, e remetter para o Real Gabi- / nete de Historia Natural o Doutor / Naturalista Alexandre Roiz Ferreira. /

Original. Contem 7 ff. não numeradas, que medem 22 $\frac{1}{2}$ centímetros de altura por 13 de largo.

Possue ainda o sñr. Carvalho o autógrapho d'esta memoria, em 4 ff. não numeradas, medindo 29 centímetros de altura por 13 de largo, e trazendo o titulo seguinte escripto por lettra moderna:

Memoria sobre o gentio Cambeba, pelo D.º Alexandre Roiz Ferr.º,
que começa:

= A Táboa V.ª representa hum dos Gentios Cambébas, que já / o Capitão-mór Pedro Teixeira, quando voltava do / Quito para a Cidade do Pará, pelos annos de 1639, / =

e acaba:

— to / mara o expediente de desertar, para essa / par da morte. / —
 Barcellos ao 1.º de Septembro de 1787. / — *Alexandre Rodrigues
 Ferreira.* / =

Cumpra observar que tanto o exemplar original do sñr. Carvalho, que fica aqui descripto em primeiro lugar, como o da Bibliotheca Nacional, que vai descripto sob n.º I, 23, trazem a data de 17 de septembro, o que evidentemente mostra ter sido erro de escripta do amanuense do naturalista no acto de trasalhar os referidos dous exemplares, e este engano não foi notado pelo auctor. Tomou-se 1.º, que está no autographo — 1.º —, por 17; erro este que egualmente passou para as datas do *Extracto do Diario da Viagem Philosophica que fez o D.º Naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira*, no qual se contem. uma relação das obras que escreveu o naturalista, &c.

- 15) Participação Geral / do / Rio Nêgro, / e / seu Território. / Extracto / do Diário da Viagem Philosophica, pela Ca- / pitania de S. Joseph do Rio Nêgro. Com a / Informação do Estado presente dos Estabeleci- / mentos Portuguezes no sobredito Rio. / Pelo D.º Naturalista Alexandre Rodriguez / Ferreira, a quem acompanhão / os Desenhadores / Joseph Joachim Freire / e Joachim Joseph Codina / o o Jardineiro Botânico / Agostinho Joachim do Cabo. / Em Viagem, que de Ordem de Sua Magestade / de... de Julho de 1783, fizeram aos dous Rios Nê- / gro, e Branco, nos Annos de 1785 e 86. /

Veja-se a descripção do códice da Bibliotheca Nacional sob n.º I, 24.

Original. Contem 5 ff. não numeradas, 124 paginas numeradas pela mesma letra do corpo do m.: as 5 ff. prelim. comprehendem o frontispicio, o *Indice dos titulos* e o officio do naturalista a João Pereira Caldas, o qual fica reproduzido no lugar acima indicado. As ff. medem 29 centímetros de altura por 15 de largo.

Este códice porém, achá-se incompleto, pois faltam o final do titulo XXIII e os titulos successivos até o XXVIII que é o ultimo. Que o códice ficou completo e caso fôra de duvida, porque no *indice* dos respectivos titulos designam-se as paginas por onde elles commecam e acabam: d'onde se vê que o titulo XXVIII abrangia de paginas 211 a 218, ultima do códice.

- 16) Prospecto Filosofico / da Serra de S. Vicente, e seus / Estabelecimentos. / Por / Alexandre Roiz Ferreira. / Villa Bella, 1790. /

É uma cópia muito menos completa que os dous exemplares originaes da Bibliotheca Nacional que vão descriptos sob n.º I, 30. Consta de 19 ff. sem numeração, medindo cada uma 19 centímetros de altura por 10 de largura.

17) Viagem / á / Gruta das Onças. / Por / Alexandre Rodrigues
Ferreira. /

Com. = De algumas Grutas fazem menção os Naturalistas, / as quaes
verdadeiramente são dignas de se notarem; --

Ac. = Por este modo, não foi D.^o servido, terminar daquella / vez,
os trabalhos da minha Peregrinação. / — Cuyabá, 5 do Outu-
bro de 1790. / = Alexandre Rodrigues Ferreira. /

Original. Consta de 9 ff. não numeradas, as quaes medem 23 $\frac{1}{2}$ centi-
metros de altura por 16 de largo.

Esta curiosa *Viagem á gruta das Onças* foi impressa pela primeira vez
no tomo XII (1819) da *Revista trimestral* do Instituto Historico e Geogra-
phico do Brazil, de p. 87 a 95.

18) Viagem a Gruta do Inferno. /

Com. = §.^o Para examinala, o cumprir com as Soberanas / Ordens
de S. Magestade, que por V. Ex.^o me forão / intimadas, =

Ac. = que costuma deixar o Gentio, nenhum acha- / mos. / — Da
boca do Canal de fora da Lagoa da Ube / rava, aos 5 de Mayo
de 1791, em viagem / pelo Rio Paraguay. / =

E' o extracto de uma charta do naturalista dirigida ao general João de
Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, escripto do proprio punho do
Rodrigues Ferreira. Não traz o nome do auctor, e consta de 2 ff. não nu-
meradas, que medem 21 centímetros de altura por 14 de largo.

Maior extracto da referida charta porém, foi impresso po a primeira
vez no artigo que sob o titulo *Gruta do Inferno. Descripção feita pelo dr. Ale-
xandre Rodrigues Ferreira em Cuyabá* acha-se no tomo IV (1812) da *Revista*
trimestral do Instituto Historico e Geographico do Brazil de paginas 363 a
367, e d'ahi passou para o tomo I do *Ostensor brazileiro* de paginas 154
a 166.

19) Ao Governador e Cap.^o General João de Albuquerque / de
Mello. Pereira, e Cáceres, Alexandre Rodri / guez, em Carta de
5 de Maio de / 1791. /

E' fragmento de uma extensa charta do naturalista dirigida ao gover-
nador da capitania de Matto-Grosso João de Albuquerque de Mello Pereira
e Cáceres, onde dá uma circumstanciada relação sobre os indigenas *Guaí-
curús* e seus vizinhos alliados *Guanaás*, e ao já ficou dicto por occasião do
descrevermos a cópia contemporanea que d'elle possui a Bibliotheca Na-
cional, sob n.^o 1, 32.

Autographo. Consta de 6 ff. não numeradas, que medem 23 centime-
tros de altura por 14 de largo.

Traz muitos acrescimos marginaes, os quaes andam todos nos respectivos logares da referida cópia da Bibliotheca Nacional.

O sñr. Carvalho tambem guarda em sua collecção o comêço de outra cópia d'este extracto da charta do naturalista; é escripto porém do proprio punho do auctor. Apenas consta de uma folha e tem o mesmo titulo:

« Ao Governador e Cap.^m Gen.^m João de Albuquerque de Mello, /
Pereira, e Cáceres, Alexandre Rodrigues Ferreira, / em Carta
de 5 de Mayo de 1791. / »

Ainda o referido sñr. Carvalho possui uma cópia de sua propria lettra extrahida do autógrapho acima descripto, a qual anda sob o titulo de *Memoria sobre os Gentios Guanáes e Guaicurú pelo D.^s Alexandre Rodrigues Ferreira. 1791.*

(Continúa.)



REZULTADO DOS TRABALHOS

E

INDAGAÇÕES STATISTICAS

DA

PROVINCIA DE MATO-GROSSO

POR

LUIZ D'ALINCOURT

Sargento-Mór Engenheiro

ENCARREGADO

DA COMMISSÃO STATISTICA TOPOGRAFICA Á CERCA DA MESMA PROVINCIA

(CUIABÁ 1828).

Cód. $\frac{CDXLIX}{10-100}$

Emprehende hoje a Bibliotheca Nacional a publicação de um valioso inédito da sua secção de manuscriptos sôbre a historia e geographia de Matto Grosso, no intuito de concorrer com este subsidio para a nossa historia geral, e ministrar assim informações minuciosas e dados pouco vulgarizados á cerca d'esta provincia tão extensa, quão importante por seus ricos dotes naturaes ainda não convenientemente explorados.

Produção de um diligente engenheiro, que á custa de enormes sacrificios poude manter-se por largo tempo na referida provincia, padecendo toda a sorte de trabalhos e fadigas, bem faccis de imaginar, seria para sentir que ella permanecesse por mais tempo ignorada do publico estudioso com desprov

immenso para a historia e conhecimento particular daquella notavel porção do Brazil. Não é um trabalho de gabinete organizado á vista de documentos e dados escriptos, mas uma obra composta em presença dos proprios objectos, que o auctor observou e estudou com aquella madura reflexão e zêlo paciente, que lhe-eram tão caracteristicos.

Divulgarem se trabalhos conscienciosos relativos á historia e geographia do Brazil, que existem no mais completo esquecimento, é sem duvida fazer-se obra eminentemente util e civilizadora.

Já é tempo de irmos resuscitando as memorias da patria da indigna obscuridade em que hão permanecido até agora sepultadas. E' este um dos fins a que se-propõem os *Annaes da Bibliotheca Nacional*.

O titulo fiel do códice manuscripto é este:

Resultado dos trabalhos
e indagações Statisticas da Provincia de
Mato Grosso,
por
Luis D'Alincourt,
Sargento mór Engenheiro,
Encarregado da Commissão Statistica, e
Topografica ácerca da mesma Provincia.
Cuyabá. 1828.

E' o proprio original com a assignatura autographa do auctor em um bello volume in-folio, constando de 1 fl., 408 pp., estando numeradas só as do recto de cada folha.

Acêrca de Matto-Grosso uma das provincias mais remotas do Imperio, e cujas terras ainda estão incultas em sua quasi totalidade, poucas e bem poucas memorias impressas possuimos, e o apparecimento da obra de D'Alincourt, posto que escripta em 1828, virá fazer revelações interessantes para a sciencia, extendendo-se a sua utilidade não só á vasta provincia, como ao Brazil em geral.

Eis o cléncho da obra de D'Alincourt, que agora se-imprime:

SECÇÃO PRIMEIRA

ESTATISTICA GEOGRAPHICA E NATURAL.

Cap. I. — Situação geographica da provincia, sua extensão, superficie e limites.

Cap. II. — Clima e estações.

Art. 1.º — Atmosphaera.

§ 1.º — Calor.

§ 2.º — Pezo.

§ 3.º — Humidade.

Art. 2.º — Meteoros.

§ 1.º — Ventos.

§ 2.º — Neblinas e geadas.

§ 3.º — Chuvas e trovoada.

Art. 3.º — Insalubridade.

Art. 4.º — Epochas das estações.

Cap. III. — Aspecto do paiz e natureza do terreno.

Cap. IV. — Serras e montes.

Cap. V. — Fontes.

Cap. VI. — Rios.

Cap. VII. — Portos e enseadas.

Cap. VIII. — Ilhas.

Cap. IX. — Lagoas.

Cap. X. — Pantanos.

Cap. XI. — Planicies.

Cap. XII. — Charnecas e baldios.

Cap. XIII. — Prados.

Cap. XIV. — Mattas e bosques.

Cap. XV. — Sesmarías.

Cap. XVI. — Agricultura.

Cap. XVII. — Animaes.

Art. 1.º — Animaes domesticos.

§ 1.º — Animaes vacuns, cavallares e muares das tres capitánias móres da provincia de Matto Grosso.

§ 2.º — Gado ovelhum.

§ 3.º — Gado caprino.

§ 4.º — Porcos.

§ 5.º — Aves domesticas.

Art. 2.º — Caça.

§ 1.º — Quadrupedes.

§ 2.º — Aves.

Art. 3.º — Pesca.

Art. 4.º — Insectos, vermes e reptis.

§ 1.º — Insectos.

§ 2.º — Vermes.

§ 3.º — Reptis.

Cap. XVIII. — Descobertas ou lavradas.

Cap. XIX. — Pedreiras e terras.

Cap. XX. — Curiosidades naturaes.

SECÇÃO SEGUNDA

ESTATISTICA POLITICA E CIVIL.

Cap. I. — Divisão do territorio.

Art. 1.º — Divisão civil.

Art. 2.º — Divisão ecclesiastica.

Art. 3.º — Divisão militar.

Cap. II. — Governo.

Art. 1.º — Governo ecclesiastico.

Art. 2.º — Governo civil.

Art. 3.º — Governo militar.

Cap. III. — Administração da justiça.

Cap. IV. — Fôrça armada.

Art. 1.º — Fôrça maritima.

Art. 2.º — Fôrça de terra.

Art. 3.º — Ordenanças.

Cap. V. — População.

Art. 1.º — População classificada por idade.

Art. 2.º — População classificada por Estados.

Art. 3.º — População classificada por profissões e condições.

Art. 4.º — Nascimentos, obitos, expostos, casamentos, fogos e casas.

Cap. VI. — Estabelecimentos publicos.

Art. 1.º — *Sem titulo.*

Art. 2.º — Outros estabelecimentos.

Art. 3.º — Edificios publicos.

Cap. VII. — Manufacturas.

Art. 1.º — Manufacturas do reino animal.

Art. 2.º — Manufacturas do reino vegetal.

Art. 3.º — Manufacturas do reino mineral.

Cap. VIII. — Construcção naval.

Cap. IX. — Artes e officios mechanicos.

Cap. X. — Artes liberaes.

Art. 1.º — Pintura.

Art. 2.º — Musica.

Art. 3.º — Dança.

Cap. XI. — Commercio.

Art. 1.º — Importação.

Art. 2.º — Exportação.

Art. 3.º — Meios de conducção.

Art. 4.º — Feiras e mercados.

Art. 5.º — Pesos e medidas.

Art. 6.º — Bancos, casas de seguros, companhias de commercio, usos, e legislação do mesmo, direitos que se pagam ao Estado, e municipaes, estado das communicações, e si convém abrir novas.

Cap. XII. — Pescarias.

Cap. XIII. — Rendas publicas.

Art. 1.º — Rendas do Estado.

Art. 2.º — Rendas municipaes.

Art. 3.º — Rendas ecclesiasticas.

Cap. XIV. — Estradas.

Cap. XV. — Canaes.

Cap. XVI. — Pontes.

Cap. XVII. — Historia.

Art. 1.º — Historia civil.

§ 1.º — *Sem titulo.*

§ 2.º — Governadores, e capitães-generaes.

§ 3.º — Acontecimentos publicos.

§ 4.º — Alimentos, e bebidas mais usuaes dos habitantes, seu vestuario; estado physico, estatura, força, duração, molestias: estado moral, costumes, caracter, modas, divertimentos, e festividades.

§ 5.º — Nações indigenas.

§ 6.º — Meios empregados para a civilização dos indigenas, ou que se devem empregar.

Art. 2.º — Historia militar.

§ 1.º — Noticias das principaes guerras, dos campos da batalha.

§ 2.º — Praças, e postos fortificados, suas vantagens, seu estado.

§ 3.º — Topographia relativa de posições, e obstaculos naturaes que offerece o paiz á defensiva, e operações strategicas, e á facilidade das communicações, e conducções.

§ 4.º — Que força armada póde alojar e sustentar?

Pela analyse e descriminação que aqui ficam exaradas bem póde deprehender-se a importaneia, utilidade e merecimento da obra do engenheiro-naturalista. E' ella uma peça official exacta e do mais subido quilate, devida á iniciativa do fundador do Imperio o sñr. d.º Pedro I, de grata memoria.

O governo de então, reconhecendo que os trabalhos estatísticos ainda estavam mui atrasados em nossa patria, pretendeu mandar explorar as provincias do Imperio, e encarregou a commissionados especiaes de escrever obras relativas a cada uma d'ellas em particular, dando conta por menor do resultado de suas investigações. A Luis D'Alincourt tocou a provincia de Matto-Grosso, e de modo assás lisongeiro e satisfatorio soube elle desempenhar-se da sua delicada incumbencia.

Acreditamos que si cada provincia do Imperio tivesse a fortuna de possuir obras da natureza do *Rezultado dos trabalhos e indagações statisticas de Matto Grosso*, haveria já boa cópia de elementos para quem tomasse a si a ardua tarefa de escrever a historia civil, topographica, politica e litteraria do Brazil.

Com a publicação da obra de Luis D'Alincourt, a Bibliotheca Nacional presta pois um serviço ás lettras brazileiras.

Ainda que no sentir de alguns as obras de merito real devem conservar-se inéditas, não só para se lhes dar maior importancia, como para maior gloria de seus auctores, a nossa opinião é mui differente a este respeito. Fazemos, portanto, sinceros votos para que a Bibliotheca Nacional vá dando á luz da imprensa os-seus inéditos preciosos que dizem respeito ao Brazil; d'est'arte os *Annaes da Bibliotheca* virão a ser não só um archivo de noticias bio-bibliographicas, mas egualmente um rico repositório de documentos de valia concernentes á historia patria.

Permitta-nos o leitor que lhe-demos algumas indicações pessoacs relativas ao auctor da obra que ora lhe-offerccemos.

O major Luis D'Alincourt era natural da villa de Oeiras, em Portugal, sendo filho de Luis D'Alincourt e de d. Clara Rita Iphigenia D'Alincourt, ambos portuguezes, neto de Luis D'Alincourt, francez, e de d. Anna D'Alincourt, portugueza, tendo nascido pelos annos de 1787.

Assentou praça de soldado na brigada real a 16 de Junho de 1799, embarcando para as Barcas Canhoeiras, d'onde desembarcou no mesmo anno. Passou a cabo d'e esquadra a 10 de Abril de 1801; fez passagem para o regimento de artilharia da côrte de Lisboa, por aviso da Secretaria de estado dos negocios da marinha de 19 de Agosto de 1803 e ordem do inspector de 22 do dicto mez; cadete addicionado ao regimento de artilharia do Rio de Janeiro por officio do Quartel general de 11 de Julho de 1809; despachado segundo tenente aggregado ao mesmo regimento, por decreto de 12 de Agosto de 1809, tendo então 22 annos de idade; passou a primeiro tenente por decreto de 13 de Maio de 1810.

Saiu Luis D'Alincourt em commissão para a cidade da Bahia a 19 de Fevereiro de 1816 e voltou em Janeiro do anno seguinte. Destacou para Pernambuco a 18 de Abril do anno de 1817, voltando em Agosto do mesmo anno.

Passou a capitão graduado de engenheiros, por decreto de

6 de Fevereiro de 1818 e á effectividade d'este posto por decreto de 31 de Março do mesmo anno; a major graduado por decreto de 24 de Junho de 1822 e á effectividade d'este posto por decreto de 12 de Outubro de 1823. Luis d'Alincourt tinha o curso da Academia Militar do Rio de Janeiro até o 6.º anno inclusive, menos o exame de mineralogia, com plena approvação e dous premios.

Marchou em commissão para a provincia de Matto-Grosso no anno de 1818, em virtude do decreto da effectividade de capitão, e voltou em Março de 1823. Foi novamente mandado servir na mesma provincia de Matto-Grosso encarregado de trabalhos estatísticos e topographicos por portaria de 14 de Agosto do mesmo anno de 1823, e recolheu-se d'esta importante e laboriosa commissão em Março de 1830.

Chegado ao Rio de Janeiro tractou logo Luis D'Alincourt de publicar uma interessante e curiosa obra de sua lavra, cujo titulo é:

« Memoria sobre a viagem do porto de Santos á cidade de Cuyabá; organisada e offerecida a sua magestade imperial, o senhor d. Pedro primeiro... por Luiz D'Alincourt, sargento mór engenheiro.

Rio de Janeiro, na Typographia Imperial e Nacional, 1830, in-4.º de XII — 198 — 5 pp. num.

Falleceu o major do corpo de engenheiros Luis D'Alincourt pouco depois do anno de 1839, na provincia do Espirito Sancto, onde se-achava em commissão do Governo imperial desde 1831, ignorando-se ainda a data de seu obito. Tal é o apreço que se-ha dado aos homens eminentes que entre nós encanecem no serviço da patria!

No desempenho das variadas e importantes commissões scientificas de que fôra encarregado, Luis D'Alincourt revelou o seu alto merecimento como engenheiro, e sempre foi zeloso cumpridor de seus deveres. Tivemos occasião de examinar na Secretaria de estado dos negocios da guerra, ainda que mui perfunctoriamente, uma boa collecção de papeis e documentos officiaes relativos a Luis D'Alincourt, que abonam o cabal des-

empenho de suas [commissões e] o seu exemplar procedimento.

Ouçamos o juizo que ácerca de Luis D'Alincourt faz Augusto Leverger, depois barão de Melgaço, em sua *Breve memoria relativa á chorographia de Matto Grosso*, inserta no tomo XXVIII (1865) da *Revista trimensal* do Instituto historico e geographico do Brazil, de pp. 129 a 155:

« Com o general Maggessi viera para a provincia o capitão, depois major de engenheiros, Luis D'Alincourt, a quem se devem *trabalhos de bastante interesse para a chorographia* . . . *Ao major D'Alincourt não faltava zelo, nem instrucção, e colhem-se dos seus escriptos valiosas informações.* Porém não fez observação astronómica alguma, e commetteu erros na designação da posição geographica de alguns pontos importantes. . . »

Passemos agora a dar uma relação dos

TRABALHOS DE LUIZ D'ALINCOURT QUE OCCORREM INSERTOS
NA REVISTA TRIMENSAL DO INSTITUTO HISTORICO
DO BRAZIL.

Documentos sobre o Rio Doce. — Saíram no tomo VII (1845) de pp. 351 a 382.

Officio do engenheiro Luiz D'Alincourt em 10 de Novembro de 1824, contendo noticias interessantes sobre a parte meridional da provincia de Matto-Grosso. — Inserto no tomo XX (1857) de pp. 332 a 334.

Resumo das explorações feitas pelo engenheiro Luiz D'Alincourt, desde o registro de Camapuã até a cidade do Cuyabá (1825). — No mesmo tomo XX de pp. 334 a 345.

Resumo das observações estatísticas feitas pelo engenheiro Luiz D'Alincourt, desde a cidade do Cuyabá até a villa do Paraguay Diamantino (1826). — No referido tomo, de pp. 345 a 360.

Reflexões sobre o systema de defesa que se deve adoptar na fronteira do Paraguay, em consequencia da revolta e dos insultos praticados ultimamente pela nação dos indios Guaicurús ou Cavalleiros. Feitas e offerecidas aos Ill.^{mas} e Ex.^{mas} Srs. Pre-

sidente, e Governador das Armas da provincia de Matto-Grosso; por Luiz D'Alincourt, sargento-mór engenheiro. Cuyabá, 1826. — No mesmo tomo XX, de pp. 360 a 365.

Officios sobre a estatística, defesa e administração da provincia de Matto-Grosso em 1824 a 1826. — No referido tomo, de pp. 366 a 690.

Memoria sobre o reconhecimento da foz e porto do Rio Doce até duas leguas e meia acima da mesma foz, respondendo-se aos artigos das instrucções dadas sobre este objecto; e tambem ácerca da parte da costa, que decorre desde a mencionada foz até á do Riacho, e subindo por este á confluencia do Rio Comboys: trata mais do reconhecimento d'elle, e termina no Rio Preto, e Lagôa Parda: organisada segundo as instrucções, e ordens do Illm. e Exm. Sr. Manoel José Pires da Silva Pontes, Presidente da Provincia do Espirito-Santo. Por Luiz D'Alincourt, sargento-mór engenheiro. Villa de Linhares, em Agosto de 1833. — No tomo XXIX (1866), part. I, de pp. 115 a 138.

Continuação da Memoria sobre o reconhecimento do rio Doce e dos mais objectos na fôrma das instrucções dadas pelo Illm. e Exm. Sr. Manoel José Pires da Silva Pontes, Presidente da provincia do Espirito Santo, com tres grandes mappas annexos, por Luiz D'Alincourt, sargento-mór engenheiro, em 1833. — E' datada da cidade da Victoria a 2 de Junho de 1834. — No mesmo tomo, parte I, de pp. 139 a 158.

Acêrca d'esta ultima memoria observa o brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira em seu officio de 14 de Maio de 1845 dirigido ao conego Januario da Cunha Barbosa:

« Nenhuma duvida pôde haver nas informações que d'este rio (*Doce*) dá o major Alincourt, porque além de ter sido um official muito intelligente e profissional nessas materias, residiu alli alguns annos, e tomou vivo interesse pela exploração d'aquelle rio e seus affluentes, e principalmente para determinar com exactidão a posição dos bancos da sua fóz. »

Das chartas geographicas levantadas por D'Alincourt temos noticia das seguintes: *Mappa do reconhecimento praticado na*

fronteira do Casal Vasco a Jaurú, no anno de 1827, do qual existe uma cópia no Archivo militar d'esta côrte; Planta da parte do rio Riacho a contar da barra da Valleia por onde elle deve seguir para a concha, com a linha da direcção do paredão projectado, datada do Rio Doce em Julho de 1833, a qual se encontra no Instituto historico do Brazil; e Planta do forte Olimpo ou Bourbon fundado em 1792 na margem direita do rio Paraguay, levantada no anno de 1827, a qual corre lithographada.

Julfreda da Valle Cabral.

ESTATISTICA DA PROVINCIA DE MATTO-GROSSO.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor. — Tenho a honra de pôr nas respeitaveis mãos de V. Ex.^a o resultado total das minhas indagações, e observações estatisticas, tanto na parte geographica, e natural, como na politica e civil; ultimando assim a Comissão de que fui encarregado para a Provincia de Matto-Grosso: ajunizo, se não me deslumbra o amor proprio, que satisfiz do modo mais positivo, e claro, compativel com as minhas debeis forças, o quanto exige o Elenco. Queira a minha estrella, que V. Ex.^a julgue digno o meu trabalho de apparecer na Augusta Presença de Sua Magestade Imperial, e que eu tenha a ventura de vir elle a ser util á Nação, e ao Estado.

Sendo por V. Ex.^a, como são, bem conhecidos os principios fundamentaes da interessante sciencia da estatistica, he V. Ex.^a tambem justo avaliador das difficuldades, que se-presentão á colheita de seus multiplicadissimos, e variados elementos, prin-

principalmente no Brazil: persuado-me que não fiz pouco, attentos os obstaculos, e tropeços que experimentei, e que forão presentes às Secretarias de Estado da Guerra, e do Imperio, bem como o methodo que segui no desempenho da Commissão, instrucções que dei aos mais empregados, e correspondencia que tive com o Governo da Provincia, e Authoridades Constituidas; e esta conta fiel, e documentada do meu procedimento, que V. Ex.^a tem no seu poder, sálva a minha responsabilidade de maneira que, nesta parte, nada me fica a dezejar.

D.^a G.^{do} a V. Ex.^a Rio de Janeiro, 26 de Março de 1830.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor Conde do Rio Pardo, Ministro, e Secretario d'Estado dos Negocios da Guerra.

Luis d'Alincourt, — Sargento-mór Engenheiro.

Resultado dos trabalhos, e indagações, que fazem o objecto da Estatística da Provincia de Matto-Grosso, segundo o methodo prescripto no Elenco.

SECÇÃO PRIMEIRA.

CAPITULO PRIMEIRO.

Situação Geographica da Provincia, sua extensão, superficie, e limites.

A Provincia de Matto Grosso, a mais occidental do rico, e vasto Imperio do Brazil, he de um interesse reconhecido, para o mesmo Imperio, servindo-lhe de antemural por todo o Occidente e grande parte do Meio-dia, cobrindo assim as Provin-

cias do Grão Pará, Goyaz, e S. Paulo, e desenvolvendo humã Fronteira dilatada de mais de quinhentas legoas, que principiando na caxoeira de S.^{ta} Antonio, no rio Madeira, pela Latitude de $8^{\circ}48'$; segue por este, por grande parte dos Rios Marmoré, Guaporé, e Paragaú, passa pela Serra de limites, e a Oeste das de Albuquerque, vai á boca do Rio Negro, no Paraguay, e corre depois pelo Rio Apa, até ás fontes do Igatimby, na Latitude de $23^{\circ}20'$ onde finda.

Comprehende esta Provincia hum terreno vastissimo, collocado na parte mais central da America Meridional, entre os parallelos de $7^{\circ}36'$, e 22° e os Meridianos de $312^{\circ}12'$, e $327^{\circ}42'$ (contando passar o primeiro pela Ilha do I'erro), os quaes ao Norte, Sul, Este, e Oeste toção os pontos mais salientes da Provincia; distantes entre si, o primeiro do segundo 288 legoas geographicas, e o terceiro do quarto 310. Estas duas distancias são contadas, a primeira desde a foz do Rio Piranatingas, ou das Tres Barras, no Arinos, até á do Rio Ápa no Paraguay; e a segunda, começando na ponta do Norte da grande Ilha do Bananal no Rio Araguaya, termina a poucas legoas de distancia da Caxoeira da Pederneira, no amplo Madeira. O mappã geographico da Provincia dá-lhe por limites ao Sul, o Rio Ipané, que partindo das Serras de Amanabaly, em rumo geral ao S.O., entra no Paraguay pela sua margem Oriental; e neste caso seria a maior distancia Norte, Sul, de 319 legoas; todavia, actualmente serve o Rio Ápa de raia entre esta Provincia, e a Republica do Paraguay, e o Rio deste nome he igualmente raia desde o Negro, e a bahia notavel da mesma denominação, até a barra do Ápa, existindo entre este Rio, e o Ipané, o Forte de S. Carlos, e as Villas Real, e de Belem, pertencentes á mencionada Republica.

Contem a superficie desta Provincia 432,000,000,000 de braças quadradas, ou 48 mil legoas quadradas.

Confina pelo Septentrião com as Provincias do Rio Negro, e Grão Pará; pelo Meio dia com parte da Provincia de S. Paulo, e com a Republica do Paraguay, servindo-lhe de fosso o Rio Ápa, e parte do Paraguay: ao Oriente corre o pujante Ara-

guáya, que a separa da Provincia de Goyaz; e finalmente, ao Occidente extrema com as Provincias de Moxos, e Chiquitos, pertencentes á Republica Boliviana, sem outro ambito além do que apresenta grande parte dos Rios Madeira, Mamoré, Guaporé e Paraguá.

CAPITULO SEGUNDO.

Clima, e Estações.

Artigo 1.º

Paragrafo 1.º

CALOR.

Na Provincia de Matto-Grosso hé mui forte o calor, por isso mesmo que ella toda existe na Zona torrida; todavia hé mais ou menos intenso em alguns terrenos da mesma Provincia, segundo a qualidade dos mesmos, sua posição geographica, e elevação acima da superficie do Occano.

Na cidade de Cuyabá, e terrenos circumvisinhos, segundo as observações de Mr. Rubzoff, astrónomo da Commissão scientifica Russiana, feitas desde o 1.º de Fevereiro até o 1.º de Setembro de 1827, com o Thermometro de Reaumur, conheceu-se que o maior calor de manhã chegara a 23.º; ao meio dia a 28.º; e pela tarde a 25.º; e durante os mesmos mezes o menor calor era, pelo ditto Thermometro, de 16.º pela manhã; 23.º ao meio dia, e 19.º pela tarde.

Deve observar-se que, no tempo chuvoso, isto hé, desde Outubro até Fevereiro, e Março, é o calor assaz forte, fazendo-se muito menos sensível no tempo da secca, em que as madrugadas são geralmente frescas. Não cause admiração sentir-se de tarde, em Cuyabá, maior calor que de manhã, a igual numero de horas do meio dia; porque não obstante terem os raios do sol a mesma obliquidade sobre a superficie do lugar, ao atravessar as diversas camadas componentes da atmosphaera, deve metter-se em linha de conta que estas mesmas camadas de ár, que nos cercão, se achão de tarde, mui empregnadas de

calorico, por serem penetradas por mais tempo pelos raios do sol, ajuntando-se a isto a continua reverberação do cristal de rocha de que são calçadas as ruas da cidade, e de que geralmente hé coberto o terreno das circumvizinhanças, já por fragmentos, e bancos do mesmo cristal, e já por cascalho grosso, e miuco; e por estes motivos tornão-se as noites quentes até quasi á madrugada.

No tempo da secca hé a atmosphera geralmente refrescada pelas virações do Norte, e hé durante este mesmo tempo que apparecem as friagens, de que adiante tratarei: o que junto a terem então os raios do sol maior obliquidade sobre a superficie do lugar, fazem que o calor seja menor, e segundo as observações do mesmo Astronomo, mostrou o Thermometro ser o menor calor no tempo da friagem de manhã 7.º; ao meio dia 11.º; e de tarde 9.º Na serra da Chapada, onde existe o Lugar de Guimarens, mostrou o Thermometro desde 2 de Abril até 13 de Junho, em geral, de manhã 14.º; ao meio dia 20.º e 30', e de tarde 16.º; e no tempo da friagem pela manhã 8.º, ao meio dia 11.º, e de tarde 9.º; a superficie de todo este grande terreno em geral cleava-se á da cidade de Cuyabá, e suas vizinhanças 1880 pés inglezes, que reduzidos á medida portugueza, fazem 264 braças, 3 palmos e 6 polegadas.

§ 2.º

PEZO.

Em 30 de Julho de 1827 observou o Cavalheiro Langsdorff que a maxima altura do Barometro era de 29,600, ventando Norte hum pouco forte, e em 28 de Fevereiro do mesmo anno mostrou o Barometro ser a menor altura 29,400.

Sobre este ponto deve haver differenças necessariamente em outros lugares da Provincia, pelos motivos já indicados, e que não obstante ser por mim visitado grande numero delles, não pude fazer as necessarias observações, por falta de instrumentos proprios.

§ 3.º

HUMIDADE.

Na Província de Matto Grosso varia o grão de humidade, segundo as circumstancias dos lugares. Para as partes da Cidade de Matto Grosso, por serem os terrenos geralmente innundados nos tempos das chuvas, hé maior o grão de humidade; assim como pelo mesmo motivo na Fronteira do Paraguay, e suas immedições: o mesmo acontece na Villa do Diamantino e seu termo; mais aqui, por ser cortado de muitos rios e ribeirões, charcos, longas e espessas mattarias.

Em Cuyabá, segundo observou mr. Rubzoff em 1827, e nos mezes de Fevereiro até Agosto mostrou o Hygrometro ser o maior grão de humidade 95, e o menor 46. Na Aldêa de S.^{ta} Anna da Chapada, ou Lugar de Guimarens, desde 2 de Abril até 13 de Junho, sendo tempo secco, mostrou constantemente o Hygrometro de manhã 60, ao meio dia 50, e de tarde 58; e quando sobrevêio a friagem em 14 do sobredito mez de Junho, passando o vento a S.S.O constante, e forte por alguns dias, mostrou o Hygrometro 97; cobrindo-se a atmosphera de densa neblina, que não deixava divizar couza alguma alem de 12 a 15 braças de distancia.

Observou-se que a Cidade de Cuyabá está na Latitude de 15º,36'; e Longitude de 321º,23'; e 101 braças portuguezas, 2 palmos e 4 polegadas acima da superficie do Oceano, ou 720 pés inglezes; e a Aldêa da Chapada na Latitude de 15.^a, 35',30", e Longitude de 320º, 53', e 365 braças, 6 palmos, e 2 polegadas acima da mesma superficie, ou 2,600 pés inglezes.

Artigo 2.º

Meteoros.

§ 1.º

VENTOS.

Na Província de Matto-Grosso, em geral, são os ventos periodicos, e desde Outubro até Março, e Abril inclusivos, venta

do Norte, Noroeste e NE, e hé então que sobrevem as chuvas e trovoadas, principalmente dominando o Norte: durante este tempo são quentes, e humidos os ditos ventos, temperados nos mezes da secca, isto hé, desde Maio até Agosto e Setembro, ainda que nestes dous ultimos mezes soffrem alterações causadas pelas grandes queimadas, ás quacs se seguem as plantações. Nos mezes das agoas, e nos dias em que apparece friagem, são os ventos humidos, e frios, sómente emquanto esta dura, a qual mostrando-se na secca com vento S., que cobre a atmosphera de densas nuvens, arrastando muitas vezes chuvas; dura tres, quatro e seis dias, findos os quaes volta o Céu limpo, e sereno. São pois os indicados ventos os que dominão em geral, tanto no Cuyabá, e terrenos adjacentes, como no departamento de Matto-Grosso; mas aqui, e nos terrenos altos da Chapada, faz-se mais sensivel o Sul no tempo das friagens.

§ 2.º

NEBLINAS E GEADAS.

Desde Outubro, até Março e Abril, que hé, como disse, a Estação das chuvas, se mostram repetidas vezes Neblinas nos terrenos altos, e montanhosos, e algumas tão espessas, que escondem os objectos alem de 12, ou 14 passos de distancia; o que acontece principalmente na grande extensão da Serra da Chapada, nos terrenos vizinhos a Camapuã, fronteira do Paraguay: em toda a serra de Matto-Grosso, e na fronteira que olha para os Governos de Chiquitos, e Moxos, acontecendo o mesmo em quasi todo o Districto do Diamantino, e junto aos grandes rios e lagôas, sendo mister que o Sol suba ao ponto conveniente para que os seus raios, ferindo com menos obliquidade os differentes lugares, ganhem a força conveniente para a dissipação das neblinas. No tempo das friagens não se desvanecem com tanta facilidade, pois que então o vento S. conserva sempre a atmosphera toldada de grossas nuvens, e suas diversas camadas mui empregnadas de humidade.

As Geadas mostram-se no tempo da secca, e com mais

força nos paizes altos, porém não são geraes em toda a Provincia: nos terrenos juntos a Camapuá, e em todos aquelles que estão debaixo do parallello de 19,° e deste para o Sul, tornão-se ellas mui sensiveis e cauzadoras de graves damnos á certos generos de plantações.

§ 3.º

CHUVAS E TROVOADAS.

Nos mezes em que principião as agoas, isto he, em Outubro, e Novembro, e nos de Março e Abril, em que ellas findão, são as epochas em que se fazem sentir fortemente as trovoadas, que durão poucas horas, sendo então mui grossas as chuvas, tornando-se assaz intenso o calor depois dellas; hé portanto durante este tempo, que a Atmosphera se acha notavelmente impregnada do fluido electrico, cujos effeitos são fataes, principalmente em muitos dos lugares altos: os mezes de Dezembro, Janeiro, e Fevereiro são os das maiores chuvas, que tornão caudalosos ainda os *menores regatos*, e, com promptidão, fazem que os rios saíão do seu alveo. No tempo secco raras vezes apparecem chuvas, e estas sómente em algumas occasiões de friagens.

A' vista desta fiel descripção, fundada na experiencia, e observações, e das circumstancias phyzicas do terreno, poder-se-hão talvez deduzir as verdadeiras causas da frequencia, ou raridade das chuvas e trovoadas na Provincia de Matto-Grosso.

Artigo 3.º

Insalubridade.

Existindo toda a Provincia de Matto-Grosso dentro da Zona Torrida, e sendo variadas as circumstancias dos terrenos, que cobrem a sua superfície, na ampla extensão de 48 mil legoas quadradas, superficie cortada por grandes serranias, rios extensos, pantanaes e lagoas, terrenos paludosos, vírgens e largas mattarias, está claro que, o grão de insalubridade deve variar na razão da posição geographica, e das circumstancias phyzicas, que apresenta,

em sua variedade, o aspecto, e natureza dos terrenos da mesma Provincia; devendo entrar tambem em linha de conta o estado em que se acha a agricultura; estado que muito influe no maior, ou menor gráo de insalubridade, segundo o maior ou menor gráo em que existe a cultura das terras.

A experiencia mostra que a Cidade de Matto-Grosso, e lugares circumvizinhos, e os que se alongão para o Oeste, são sujeitos a grandes innundações no tempo chuvoso, e sezonaticos, principalmente no começo e fim das agoas; parece-me que os principaes motivos deste acontecimento são = quando as agoas principião, a superficie daquelles terrenos existe como abrazada, as torrentes arrastão grandes immundicias e podridões das espessas mattarias, juntando-se-lhes as de animaes de muitas especies; e estes males assim preparados fazem que as evaporações continuas alterem o equilibrio, que deve existir necessariamente entre os gazes de que se compoem o ar vital, e sobrecarregando-o de azoto e carbonico vão desta fórma infestar, e alterar o organismo, produzindo enfermidades. A estas causas physicas juntão-se: as privações que soffre o baixo Povo, tanto pela qualidade de alimentos, como pelo fraco módo de medicar-se, o que vizivelmente transtorna a saude; e os abastados, sendo, em geral, pouco sobrios, dando-se com algum excesso, ao prazer da meza, sem attenção ao ar que respirão, á terra que pizão, e á má agoa que bebem, durante muitos mezes do anno, são atacados de indigestões frequentes, d'onde se originão febres agudas, e sezões malignas.

A villa do Paraguay Diamantino, e seu districto, hé, em geral, doentio; as molestias vão-se tornando cada vez mais frequentes, principalmente em alguns dos Arraiaes, e sobretudo no descuberto denominado as = Areias = e vizinhanças do Rio Arinos. Estes paizes são cobertos de altas e densas mattarias, que impedem a livre circulação do ar, e depositão na superficie, sempre humida e cheia de immensos vermes, insectos e reptis, milhares de folhas, cuja podridão tornando-se mui sensivel ao olfacto, engrossa e altera de maneira o ar que se respira, pelo excessivo desenvolvimento dos gazes mephiticos, que vem a

tornar-se a verdadeira cauza de tantas sezões e febres malignas, que por ali consomem a humana creatura: no sítio das Areias e circumvizinhanças padecem mais as pessoas de côr branca; basta dizer que tem acontecido a algumas irem ao lugar, e sem se demorarem nelle, voltarem para a villa já infectadas das sezões. Como estes terrenos tem sido em muitas partes revolvidos pelos Mineiros, o que há produzido largas e fundas escavações, sem que tenham o cuidado de lhes preparar escoantes, acontece que enchendo-se d'agoa, no tempo das chuvas, e ficando esta represada, vem a corromper-se, e por sua evaporação a cauzar grandes máles, juntando-se o desarranjo dos alimentos, o excesso da concupiscencia, e a fraqueza em que existe a Agricultura; além disto, o frequente uzo dos banhos sem escolha de estação, e muitas vezes tomado logo depois da comida, conspira igualmente para transtornar-se a saúde, sendo elles mui prejudiciaes em principio das agoas, quando os rios começam a encher.

Não obstante ser muito innundada a Frónteira do Paraguay em partes, no tempo das chuvas, e n'outras na Estação secca, pelo trasbordamento do Rio Paraguay, que só então succede; não se experimentão nella frequencia de molestias, sendo geralmente bom o clima: concorre para isto, a meu ver, a posição geographica da dita Frónteira; o serem correntes sempre as agoas das innundações do Paraguay; o haverem escoantes formados pela Natureza em toda aquella grande Campanha, e ser a Atmosphera continuamente lavada de ventos puros: com tudo, para as partes de Miranda ha tempos em que batem algumas sezões, mas não são perigosas.

Na Freguezia do S.^r Bom Jesus de Cuyabá, sendo mui calido o clima, respira-se um ar puro, e saudavel; ali apparecem com menos frequencia as molestias; porem nos paizes contiguos ao Rio Cuyabá, para baixo do Porto-Geral da cidade, há sezões no tempo chuvoso, mas não são perigosas, ou malignas.

A grande extensão do terreno pertencente á Freguezia de Santa Anna da Chapada, é geralmente saudavel, correntes e

saborosas as agoas; os ventos não tendo que arrastar vapores pestíferos de grandes mattarias, e de agoas estagnadas, servem de purificar, e refrescar a atmosphera, livrando de impuridades o ar vital; juntando-se a isto a grande altura em que existem os ditos terrenos acima da superficie do oceano, pois que se elevão em geral a 365. braças, 6 palmos, e 2 polegadas portuguezas, ou 2600 pés inglezes, como disse.

Tenho expendido quantô o meu fraco conhecimento há podido alcançar, relativamente ao artigo—Insalubridade, e por isso mesmo que bem conheço a debilidade de minhas forças sobre este assumpto, assumpto dependente de muitas e reiteradas observações, feitas em todos os lugares, e épocas: vou fielmente transcrever a opinião do Cirurgião-mor da Provincia, Antonio Luiz Patricio da Silva Manso, ácerca da mesma insalubridade. Elle a faz depender, em grande numero dos Portos da Provincia de Matto-Grosso,

1.º

Da posição geographica.

2.º

Da Configuração phyzica

3.º

Do estado de cultura.

E hé do modo seguinte que o dito Cirurgião-mór manifesta a influencia destes tres principios sobre a insalubridade:

§ 1.º

« He constantemente observado, que debaixo da Zona-
« torrida, sendo o clima já inimigo da saude dos que não são
« indigenas (pois que ardendo por todo o anno, precipita o
« processo vitál por hum calor eximio, atenúa o organismo,
« dispoem para as molestias asthenicas; e sobretudo para as
« que atacão os órgãos da digestão), nem ao menos se podeo
« homem livrar das consequencias do refresco; porquanto, posto
« que seja a terra calidissima, costumando nesta zona serem as
« noites alguma couza frescas, o organismo hé sobremaneira affe-
« ctado em razão directa do quanto a sensibilidade da pelle foi

« exaltada pelo calor diurno. Estas observações são, em toda a
 « extensão, applicaveis ao districto de Matto Grosso, e contorno
 « do Diamantino, onde são as noites frescas; e as molestias en-
 « demicas só cedem aos remedios applicados ás que têm sua
 « cauza no systema dermoide, e orgãos da digestão.

§ 2.º

« A configuração phyzica. A região que, debaixo da zona
 « torrida (palavras de Hartemann), tendo huma situação profunda,
 « se impregna de effluvios paludosos, offerece hum clima pes-
 « tifero.» Certamente não he outra a condição de Matto-Grosso,
 « e Diamantino, situadas, aquella em sitio paludoso, entre ser-
 « ras, e esta igualmente entre montanhas, que parccem restos
 « de huma inundaçãõ ás margens do Paraguay, cujo leito, desde
 « onde se precipita da Serra, não tendo mais de quatro braças
 « de largura, sobre hum fundo de tres pés, hé hum leito de mais
 « de 300 braças, e assim os que nelle confluem, onde princi-
 « palmente estão os trabalhos dos Mineiros: qualquer agoa que
 « tome este rio, tão baixo, que pouco mais de mil pés terá
 « sobre o nivel do mar, immensa superficie alagada, a podridão
 « dos vegetaes espoliando a Atmosphera do oxigenio, a im-
 « pregnação de gaz carbonico, hydrogenio, e hydrogenio carboni-
 « zado: o ar já desproporcionado por esta causa sobre enorme
 « massa de agoas estagnadas, augmenta sua insalubridade, so-
 « brecarregando-se de podridão, que deve resultar de tantos
 « vermes, insectos, peixes, amphibios e seus excrementos, e lar-
 « vas profuzamente espalhadas por hum terreno incommen-
 « suravel; ao que se pode ainda ajuntar o vapor aquoso, por
 « si só capaz de produzir incalculaveis enfermidades.

« A ja tantas causas que combatem a mesquinha existencia
 « humana pela zona, e configuração, accresce

§ 3.º

« O estado da cultura. As plantas, como se sabe, na som-
 « bra, bem como durante a noite consomem o Oxigenio sub-
 « stituindo-lhe o gaz hydrogenio e azotico. Nas lavras do Dia-

« mantino tem mui consideravel influencia mais esta causa: ora
 « concorrendo todas as referidas causas, que destituindo o ar
 « d'aquelles dotes, que o constituem pasto da vida, o sobrecar-
 « regão de qualidades que suffocão o processo vital, e promovem
 « a dissolução do organismo, commovem ao Philantropo; mas não
 « admira ao Sabio que sejam ali endemicas (ainda mais nos lu-
 « gares incultos, como eu mesmo observei, além da relação dos
 « que têm soffrido, e visto soffrer) as febres intermittentes, per-
 « tinazes, malignas, coliquativas: arthrites, obstrucções, cache-
 « xias, & &.

« Alem das supraditas potencias morbificas, observadas, e
 « as que incumbe ainda observar, pela presença dellas apparece
 « em razão inversa outra, que ainda não tem sido sufficiente-
 « mente tractada, e cujos effeitos são tão violentos, que nem
 « tempo dão a pensar sobre os phenomenos que apparecem.

« Tal hé a electricidade, que sendo negativa, como hé
 « neste caso, não só não subministra á vida sufficiente pasto,
 « com que lhe restitua o principio positivo, mas rouba-lhe aquelle
 « mesmo, que o organismo tira da força do processo vital. Pora qui
 « se explica a razão porque, durante a tempestade, apparece
 « respiração mais difficil; anxiedade, lassidão, debilidade, e ou-
 « tros phenomenos: do que se segue que o organismo humano,
 « exposto por mais tempo á electricidade negativa, muito se
 « encommoda, e cahc nas molestias de debilidade do processo
 « vital com subtração do principio positivo. Prescindindo da in-
 « dagação da razão porque o fluido electrico obra sobre o or-
 « ganismo, e da coincidencia do processo electrico da respiração
 « com a oxidação nos pulmões, e a evolução da electricidade de
 « que concluem os Escrutadores da Natureza o quanto a
 « electricidade influe sobre a economia, cumpre-me observar
 « aqui, em ultimo lugar, que a Natureza parece certamente
 « ter procurado precaver o conflicto electrico entre a cutis, e a
 « Atmosphera, porquanto cobrio a cutis da epiderme sem
 « duvida como hum imperfeito conductor da electricidade; se
 « porem hé maior a differença entre a electricidade da cutis, e
 « dos objectos externos, a epiderme não poderá mais impedir

« o conflicto electrico entre estes e aquella: daqui procedem
 « más disposições, e affecções na cutis, o que faz que a epi-
 « derme não goze rectamente de suas attribuições, e por con-
 « sequencia que não defenda sufficientemente seu organismo
 « contra o accesso da electricidade externa. Da irregularidade
 « pois do commercio electrico entre a cutis, e a atmosphaera,
 « estou persuadido derivão sua origem muitas molestias, sobre
 « tudo cutaneas, exantematicas, catarrhaes, e a maior parte das
 « febris.

« Eis a condição das adjacencias de Matto-Grosso, e Dia-
 « mantino, onde concorrem ao mesmo tempo todas as razões
 « para serem pestíferas; e o melhor estado da Atmosphaera apenas
 « basta para minorar tantos riscos: porem n'outros pontos são
 « tanto menores os encommodos, quanto se diminue o numero
 « das causas morbozas. Assim, na Fronteira do Baixo Paraguay,
 « onde hé igualmente terreno apaulado, não são tão frequentes
 « nem perniciosas as febres, porquanto não está em baixo de
 « serras. 2.º, está 4.º ao Sul de Matto-Grosso; 3.º, hé lavada de
 « ventos que renovão o ar, e equilibraão a zona temperada.
 « Esta Cidade, que apenas se alonga 34' ao Sul de Matto-
 « Grosso, que está em 15.º, hé contudo notavel pela sua salu-
 « bridade; attribuo a que: está a serra longe (*); o lugar suffi-
 « cientemente alto e arejado; não se ajuntão aguas enxarcadas,
 « nem reinão ventos que tragão corrupção de outras partes;
 « sendo por sua configuração mais ardente que Matto-Grosso,
 « e Diamantino, o calor é uniforme, ou sobe ou desce gradual-
 « mente, não havendo que temer das sequellas da refrigeração,
 « nem da falta de oxigenio e electricidade. Ligeiras anginas e
 « pleurisias, que oxorrem no solsticio do inverno, se não aco-
 « dem logo algumas chuvas, jamais as vi perigosas, senão pelo
 « abuzo dos mesmos doentes.

« Sendo tantas e tão diversas as causas da insalubridade,
 « outros tantos e diversos deverião ser os meios de prevenir,

(*) Cuyabá dista 7 legoas da serra mais proxima, a cidade de Matto-Grosso 9 para 10; logo esta razão tem força.

« ou diminuir seus effeitos; mas como grande parte das causas
 « notadas são secundarias, dos melhoramentos que se fazer pos-
 « são nas primarias deve resultar cessarem estas: sendo porem
 « impossivel melhorar a primeira, e falliveis as correcções, que
 « se podem fazer á segunda, e terceira causa propostas, me pa-
 « rece mais razoavel procurar prevenir o quanto for possivel
 « tantos males nos objectos que a elles se expõem; por isso
 « me arrisco a propor os melhoramentos que se podem fazer
 « contra a insalubridadado da Provincia de Matto-Grosso, refe-
 « rindo-os 1.º, ao lugar: 2.º aos individuos.

« 1.º Soterrar a cidade do Matto-Grosso quanto baste para
 « o rio Guaporé não sair do seu alveo: cultivar as matas (do
 « Diamantino principalmente); esta cultura, que restituindo o
 « oxigenio e equilibrando a electricidade, tornaria o ar menos
 « pestifero, deve dar resultados mais solidos, e constantes que
 « a mineração: em tempo devido, grandes explosões artificiaes
 « de substancias combustiveis, que penetrem as camadas de
 « gases mephiticos, e revoquem a electricidade: fogueiras, que
 « consumão o vapor aquoso, e algumas substancias heteroge-
 « neas, neutralizem outras, e recquilibrem os principios vivifi-
 « cantes do ar. Estas idéas, com outras que melhores observa-
 « ções podem indicar, são relativas aos pontos geographicos,
 « configuração physica, e variação da atmospheria.

« 2.º Quanto porem aos individuos, seria a desejar que os
 « principios prophylacticos fossem tanto em acção, que huma
 « Pragmatica regulasse a hora do passcio, e do banho, e sobre
 « tudo alimentos com que os senhores devem assistir a seus
 « escravos; além d'isto a introduccão do uzo do café entre os
 « trabalhadores, não sair jámais em jejum; uzar de bebidas es-
 « pirituosas; ter sempre o estomago confortado; e evitar com
 « ainda maior cuidado todo o genero de deboches. »

Hé deste modo que se expressa-o mencionado Cirurgião-
 mór, mas pelo que respeita aos melhoramentos, que aponta
 para minorar o grão de insalubridade, sendo um delles, como
 diz, soterrar a cidade de Matto-Grosso quanto baste para o rio
 Guaporé não sair do seu alveo, julgo não ter lugar. Esta ci-

dade está situada n'uma vasta campanha, a curta distancia da margem direita do Guaporé, e porque o terreno eleva se pouco da superficie do rio no tempo da secca, e hé geralmente plano; está claro que na Estação chuvosa deve ser grande, como na realidade hé, a trasbordação do mesmo rio, accrescendo ver-se a corrente das suas agoas interrompida pelas do Sararé, que passa tres legoas abaixo da cidade a confluir no Guaporé, na Latitude de 14°, e 11', pelo que, tornando-se grande a innundação, que em geral cobre a Campanha, e algumas ruas da Cidade para o lado do Rio, tendo as agoas pouca correnteza, parece evidente que só com dispendiosas obras de hydraulica, abrindo-se canaes com direcções convenientes, se esgotaria a Campanha, fornecendo-se assim os precisos escoantes ás agoas que a cobrem; e nunca limitar o trabalho a soterrar a Cidade, porque, ficando ella sempre cercada de innundações, e de agoas estagnadas, não se alcançarião os fins de diminuir-se a insalubridade. Diz mais o mesmo Cirurgião-mór, que se devem cultivar as matas, principalmente as do Diamantino; hé huma verdade incontestavel, mas sendo a população mui diminuta, que hé por isso mesmo que se acha tão atrasada a Agricultura, como será possível cultivarem-se tão cedo as grandes mattarias? Todavia, ellas são causadoras de grandes males á Villa do Diamantino, que se vai tornando muito mais doentia que a cidade de Matto-Grosso, não só por este motivo, mas tambem porque, multiplicando-se as escavações, com a continua mineração, multiplicação-se igualmente os reservatorios que apresentam agoas estagnadas, e corrompidas; hé logo necessario que, ao menos a algumas legoas em torno da villa, se deitem abaixo as matas virgens, e se queimem, e pelo que respeita ás escavações, sejam obrigados os mineiros, á medida que as vão emprehendendo, a fazer-lhe logo os escoantes, que dêem sahida ás agoas, para outras, e para algum dos muitos Ribeirões e Rios que cortão o Paiz. Tem se observado que de anno em anno se vai tornando mais insalubre o Diamantino, o que hé devido sem duvida ao não augmento de cultura, e ao crescer o numero de charcos, pelas continuadas escavações.

Artigo 4.º

EPOCA DAS ESTAÇÕES.

Na Provincia de Matto-Grosso não hé possível marcar-se com precizão as epocas das quatro Estações do anno, distinguindo-se somente a Estação chuvosa, e a secca, durando aquella desde Outubro até Março, e Abril, e esta os outros mezes, passando-se repentinamente de huma para outra; durante a primeira hé maior o calor do que na segunda; nesta, o vento Sul faz toldar a atmosphera de densas nuvens, experimentando-se então hum frio excessivo, e tanto mais forte, quanto maior foi o grão de calor, que se deixou, fazendo-se mui sensivel a toda a qualidade de animaes, por isso mesmo que repentinamente se passa de hum a outro estado; o frio dura tres, quatro, e seis dias, no fim dos quacs, isto hé, desapparecendo o vento Sul, volta novamente o calor; os habitantes dão o nome de friagens áquelle tempo periodico, e algumas são tão excessivas, que occasionão a morte a grande numero de animaes selvagens, e até domesticos: em 1822 houve huma cujos effeitos se fizeram mui sensiveis; na grande campanha do rio Manso, que faz parte dos terrenos altos da Serra da Chapada, perecerão de frio mais de vinte negros novos, que vinhão em Combois do Rio de Janeiro, e ali forão surprehendidos da friagem.

O estado da vegetação no tempo da secca hé quasi o mesmo em toda a Provincia; geralmente despen-se as arvores, e os pastos se anniquilão largando-se-lhes fogo nos mezes de Julho e Agosto, para brotarem de novo com as primeiras chuvas; todavia, nos terrenos paludosos, e nas margens dos rios, conservão-se as arvores frondosas. Com a entrada da Estação das aguas tem principio a grande vegetação, de maneira que em terrenos bastantemente pedregosos, e despidos de terra humus, e até de estrumes, ella se faz notavel, arrebentando e crescendo nelles grande copia de arbustos, que em mui pouco tempo lhes cobrem a superficie, e que desapparecem com igual presteza, faltando as chuvas; mas o estado da vegetação em cada huma das Estações nunca poderá ser desenvolvido com

precisão, sem que precedão observações exactas, e repetidas sobre os differentes e multiplicadissimos generos de plantas, que a Provincia produz, para que se possa conhecer cabalmente a influencia das Estações sobre a vegetação das mesmas plantas; e de passagem notareei que as uvas, no Cuyabá, chegam a apparecer quatro vezes no anno, havendo cuidado de se podarem as parreiras a tempo, e geralmente ha sempre uvas duas vezes no anno em todos os lugares da Provincia, onde se cultivão; notareei mais pelo que toca á florescencia, que ella se renova, n'um mesmo anno, de maneira que muitas vezes se encontra em hum só arvore flor, fructo verde, maduro, e em estado de podridão.

CAPITULO III.

Aspecto do Paiz, e natureza do terreno.

A Provincia de Matto-Grosso por sua extensão notavel, hé naturalmente dividida em cinco grandes Districtos, pelo que respeita á natureza do seu terreno, e aspecto do Paiz: vou pois descrever a posição geographica destes cinco Districtos, para melhor desempenho do que exige o presente capitulo.

1.º — *Districto do Cuyabá.*

Este Districto comprehende o terreno, que tem por limites ao Septentrião a serra do Mórro-Grande, que hé hum ramificação da dos Parecis; ao Meio dia parte do Rio S. Lourenço, e parte do Paraguay até ao morro Escalvado, junto a este Rio; ao Oriente o Rio Manso e a serra da Chapada, e ao Occidente o Rio Jaurú.

2.º — *Districto da Serra da Chapada.*

Contem este Districto o terreno elevado, que se estende para o Oriente até o Rio Araguaya, que o limita por este lado, alongando-se para o occidente até ás Cabeceiras do Rio Coroaráguassú, e para o Septentrião toca as origens do Rio Chingú, e das Mortes; ficando-lhe ao Meio dia as do Rio Iti-

queira e Piquiré, e outros ramos do Rio S. Lourenço; hé por este extenso torrão que segue a estrada, que communica a cidade do Cuyabá com a de Goyaz.

3.º — *Districto do Diamantino.*

Abrange este Districto hum terreno geralmente elevados, que tem ao Norte o grande sertão, por onde correm os Rios Chingú, Arinos e Paranatingas, que levão as suas agoas ao Amazonas; ao Meio dia fica-lhe o Morro Grande, que o separa do Districto do Cuyabá; ao Oriente termina no Districto da Chapada, e ao Occidente no Rio Sepetuba.

4.º — *Districto da Fronteira do Paraguay.*

Este Districto tem principio, pelo Norte, no morro Escalvado, junto ao Rio Paraguay, servindo-lhe de extrema, tambem por este lado, o Rio S. Lourenço; e pelo Meio-dia vai terminar nos Rios Apa e Negro; estendendo-se para o Oriente até Camapuã, Rio Vermelho, huma das cabecciras do Pardo, e parte do Cochim, e para o Occidente finda nas Serras de Limites e d'Albuquerque; e na extensa bahia Negra.

5.º — *Districto de Matto-Grosso.*

A famosa Serra dos Parecis estende-se ao Septentrão deste districto, e o sertão immenso, cortado pelo rio Juruena, Juina, e outros muitos; ao Meio-dia corre o Rio Paragaú, que em parte o limita por este lado, assim como a linha Divisoria, que lhe serve de Raia com a Provincia de Chiquitos, tirada da margem direita do mesmo Paragaú, passando pelo ponto mais alto do morro denominado a Baliza, á ponta do Norte do morro mais austral dos que se chamão os Quatro Irmãos, proseguindo d'aquí ao morro da Boa-Vista, d'onde indireita a Tromba septentrional da Serra de Limites: fica-lhe ao Oriente o Rio Jaurú; e finalmente pelo Occidente hé separado dos dominios da Republica Boliviana por huma grande porção dos Rios Guaporé, Mamoré, e Madeira, e parte do Paragaú, extendendo-se para este lado a Provincia de Moxos.

São estas as cinco grandes divisões que a Natureza marcou ás 48 mil legoas quadradas que contêm a superficie da Provincia de Matto Grosso, que por esta fôrma dividida vem a tornar se mais fácil a descripção do aspecto do Paiz, e natureza do terreno de cada hum dos referidos Districtos.

I.º

Districto do Cuyabá.

Em geral a differença do nivel deste Districto ao da Chapada hé de 264 braças, tanto a superficie deste se eleva á d'aquelle: o terreno é irregular, e pedregoso, pequenas colinas se elevão, mais ou menos distantes humas das outras; huma crusta de poucos palmos, e pouca tenacidade, fórta em geral a superficie deste terreno, e vai assentar sobre bancos de argilla, atravessados, em algumas partes, por viciros de cristal de rocha, que na profundidade de 6, 8 e 10 braças filtrão agoa, e a vão fornecer aos póços: em varias paragens hé este mesmo terreno cortado por bancos de pedra arenosa, que atravessando os rios formão as caxoeiras, e em muitos espaços forrão os alveos. Este Districto acha-se destituido de grandes matas, e somente se encontrão nelle alguns bosques e capoeiras pouco extensas, razão porque não hé apto para as plantações, a não ser junto ás margens dos Rios, e nos lugares dos bosques, que são unicamente os aproveitados: no tempo da sêcca torna-se quasi esteril, e falto d'agoas, pois que geralmente os ribeiros e ribeirões que na Estação chuvosa são caudalosos, na outra, apenas em alguns se conservão póços com agoa, seccando quasi todos, e o mesmo acontece a muitas vargens, e a algumas lagoas: nos mezes de Agosto e Setembro, isto hé, no rigor da secca, ~~mostra-se~~ a superficie do terreno como crestada, e hé nesta epoca que se lança fogo aos campos, e ás derrubadas dos bosques e mattas para as plantações. A arte não tem melhorado a qualidade destes pedregosos terrenos, usa-se sómente d'estrumes nas pequenas hortas junto ás Povoações; as regas, nestas hortas, praticão-se á força de braços, tirando-se a agoa

dos póços com baldes, sendo o uso das noras, e de outras machinas inteiramente desconhecido em toda a Provincia.

Hé este Districto cortado por varios Rios, e ribeirões, apresentando alguns valles, e em todo elle não se mostra terra humus, por lhe faltarem as grandes mattarias, unicas paragens, onde ella se encontra: exceptuão-se os terrenos da Serrania que passa na Jacobina, e alguns outros visinhos a S. Pedro d'El Rei.

2.º

Districto da Serra da Chapada.

Os terrenos deste Districto elevão-se em geral sobre a superficie do Oceano, como disse, 365 braças, e mais em alguns pontos: penetra-se para elle por ladeiras bastantemente acantiladas, que olhão para o Districto do Cuyabá, e para o lado opposto vai o paiz alargando consideravelmente, apresentando planicies notaveis, valles mais ou menos profundos, charnecas, morros e boas mattarias; hé cortado por muitos rios e ribeirões, que nelle nascem e por isso abundantissimo d'agoas, que são excellentes, e hé em geral humido, e optimo para as plantações, sendo tal a producção, que dá 300 e mais alqueires por hum: os Cuyabanos têm nelles a maior força das suas fabricas, ou engenhos, a canna de assucar produz ali exuberantemente; abunda em terra humus de que hé coberta a superficie das mattas, e que tem d'altura media de 2 até 4 braças, e assenta sobre bancos de pedra arenosa, e em algumas paragens sobre argilla, deixando unicamente de existir a dita terra humus nos lugares cobertos de raras arvores, a que chamão serrados, e naquelles cuja superficie hé areenta; os quaes se encontrão com frequencia alem das mattas do Alccrim, vinte e oito legoas distante do Cuyabá, em seguimento para o rio Araguaya. Notão-se neste Districto montes extensos, que sendo ramificações da grande Cordilheira da Chapada, proseguem na direcção da mesma N. S.

Districto do Diamantino.

O terreno deste Districto hé, em geral, montanhoso, e alto, cortado por muitos rios e ribeirões, e coberto de espessas mattarias: comtudo, entre as serras, que são ramificações, ou mesmo que fazem parte da Córdilheira dos Parcciz, abrem-se largos e longos taboleiros, e profundos valles, que offerecem boas pastagens; e sendo geralmente o paiz mui proprio para a cultura, acha-sé esta mui atrasada, por se entregarem os habitantes á mineração, offerecendo esta ouro, e diamantes, principalmente na proximidade das cabeceiras de muitos rios e ribeirões. Hé o terreno compacto, e a terra humus se-mostra em quantidade, por isso que são grandes, e espessas as mattarias, e tem tambem d'altura média 2 a 4 braças, em algumas paragens assenta sobre argilla, e n'outras sobre terra areienta.

Districto da Fronteira do Paraguay.

Hé geralmente este Districto mui apto para as plantações, tanto nos terrenos altos, que se alongão para o lado de Camapuã e nos que existem junto ás Serras d'Albuquerque, como nos baixos, principalmente nas visinhanças de Miranda, e hé quasi todo elle humido, apresentando dilatadissimas planicies, grande parte das quaes são cobertas pelas inundações dos rios Paraguay, S. Lourenço, Taquari, e Mondego, e chamão a estes lugares, sujeitos ás enchentes dos ditos rios, pantanaes, não obstante ser a agoa corrente sempre, e alem d'elles, para o lado da Serra de Camapuã, apresentam-se vistosas lagoas, extensas e excellentes pastagens, onde o gado se reproduz exuberantemente, tanto vaccum como cavallar, de maneira que toda esta deliciosa superficie, que desde a Serra de Camapuã, e de Amambay, continuação daquella, hé propria, e mui rica,

para grandes estabelecimentos de Fazendas de gado vaccum e cavallar, que virão hum dia a fazer prosperar a Provincia pela sua exportação.

Os terrenos altos de Camapuã são inteiramente semelhantes aos da Chapada, pois que realmente vem a ser a continuação destes para o S.; portanto excellentes tambem para a cultura, abundantes de cristalinas agoas, e de terra humus.

5.º

Districto de Matto-Grosso.

Tendo eu até aqui fallado com perfeito conhecimento de causa, segundo me persuado, por haver por mim mesmo reconhecido o aspecto e natureza do terreno dos Districtos antecedentes, exceptuando, o do Diamantino, do qual, tive todavia exactas informações, direi tambem o que entendo relativamente ao de Matto-Grosso, que duas vezes visitei.

Este Districto acha-se cortado por grandes serras, e extensos rios; hé composto de terrenos bastantemente altos, e baixos; aquelles occupão as serras, onde existem os Arraiacs de S. Vicente, Chapada, e Ouro-fino, Santa Anna, Pilar, e Chiqueiro; e estes as dilatadissimas campanhas regadas pelos rios Barbados, Alegre, Guaporé, Sararé, e outros, inundadas em grande parte na estação chuvosa; terrenos propícios para a eriação do gado vacuum e cavallar, e cortados em diversas direcções por grossas lingoas de matto, e tanto estes como aquelles são geralmente humidos: os altos estão vestidos de espessas mattarias, e tão notaveis, que hé dellas derivado o nome que tem a Provincia; por aquí mostra-se a terra humus com frequencia, e hé grande a producção das plantações. Estes terrenos altos vão encostar á Cordilheira dos Parecis, que se estende ao Septentrião do Districto: nos baixos apresentam-se amplos terrenos igualmente proprios para a cultura, e são apuelles que existem cobertos pelos bosques, que são largos e espessos junto ás margens dos rios e lagoas.

CAPITULO IV.

Serras e Montes.

Sete legoas distante da cidade de Cuyabá, para E., apresenta-se a grande Cordilheira, que por ali tem o nome de Serra da Chapada, ou de S. Jeronymo; ella corta a America Meridional quasi pelo centro, seguindo a direcção geral de N. S., e tendo principio no paiz que banha o Uruguay, vai perder-se na Provincia de Piauby, passando pela de Goyaz: esta cordilheira notavel hé como hum grande salto que a Natureza formou para todo o Occidente della, mostrando-se para este lado a sua grande altura, que hé, em geral, de 365 braças sobre a superficie do Oceano; para o lado opposto, isto hé, para o Oriente, estende-se por muitas legoas, apresentando terrenos excellentes para a cultura. As morrarias desta grande cordilheira são todas formadas de pedra arenoza, que, em muitas partes carcomidas pelo tempo, apresentão figuras elegantes e curiosas, que até parecem, vistas de longe, ser formadas pela arte, segundo a Architectura do gosto gothico; desta mesma cordilheira partem diversos ramos, com direcções differentes, e têm origem as fontes e braços de muitos rios; a sua fórma hé variada, e toma varios nomes, segundo os lugares por onde passa: para o S., entrando pela Republica do Paraguay, hé conhecida pelo nome de Serra de Amambahy, donde partem os terrenos da Vaccaria; e seguindo para o Norte, denomina-se Serra de Miranda, de Camapuã, da Chapada, &c; tem mais, em varias paragens, outros nomes particulares, com que os habitantes as differencção, e alguns delles apropriados á figura, que apresenta aquella porção da Serra, e com outros derivados dos nomes dos rios que a cortão. A face desta Cordilheira que olha para o Occidente, hé em geral coberta de arvoredos; todavia, em muitas paragens mostrão-se sómente arenosos rochedos, e curtas e raras arvores; esta mesma face, para este lado, hé sempre de grande altura, e de inclinação assaz ingreme, sem exceptuar-se a grande parte da sobredita Cordilheira, que tem o nome de Amambay, e a que passa fronteira ao

Presidio de Miranda, e que distando muitas legoas para o Oriente do rio Paraguay, jámais as enchentes deste vão lavar a sua fralda, e muito menos inundar a parte Occidental della ⁽¹⁾. Os terrenos altos da mencionada Cordilheira offerceem grandes e extensas mattarias, excellentes para a cultura, e que são com effeito cultivadas em varias paragens, nas visinhanças de Camapuã, e na Serra da Chapada: os rios que partem da Cordilheira huns deslisão as suas agoas pelas aberturas que a Natureza lhes preparou, e outros as precipitão por grandes saltos: muitas plantas medicinaes ali se descobrem; são abundantes as madeiras chamadas de lei, ou de construcção; ha ouro e diamantes em algumas paragens, como no rio Quilombo da Serra da Chapada, apparecem veieiros de cristal e bancos de marmore branco, com manchas avermelhadas ⁽²⁾. Sobre esta cordilheira, a distancias diversas, elevão-se altos morros, e á vista da cidade de Cuyabá apresenta-se hum, notavel pela sua fôrma, que de longe parece uma especie de meza, e chama-se o morro de S. Jeronymo, junto ao qual passa a estrada, que da cidade segue para a aldêa de Santa Anna ou Lugar de Guimarens; a face superior deste morro está 368 braças e meia acima da superficie do Oceano, segundo as observações de M.^r Rubzoff; e o Cavalheiro Langsdorff, chefe da Commissão Scientifica Russiana, narrou-me que havendo subido ao seu cume, achára nelle varias conchas petrificadas.

No Parallelo de 19°, e 40' com pouca differença, têm principio as serras d'Albuquerque, que em grande parte bordão a margem Occidental do rio Paraguay, e formão hum solido de 10 legoas de comprido; das quaes a parte mais Austral tem o nome de Serra de Jacadigo, e a mais Occidental a dos Macacos, ficando-lhe para o Oriente a do Rabixo, que está logo

(1) Eu desci esta serra por huma grande e alcantilada ladeira, e sufficientemente observei os terrenos altos, que se alongão para o Oriente, e os baixos que seguem por Miranda, para o rio Paraguay, o que aconteceu quando, partindo de Camapuã, explorei a fronteira chamada do Paraguay.

(2) Eu vi no Cuyabá huma mesa coberta com esta qualidade de pedra, qua hé mui lisa e lustrosa, e vi mais, da mesma pedra, dous grandes solidos circulares, destinadas para fazerem-se dellos pias d'agoa benta.

abaixo da Povoação de Albuquerque, lavada pelo Paraguay: este grande solido abre-se em dois dilatados ramos, hum prosegue na direcção geral de N. N. E., e o outro ao N. N. O., aquelle ramo, isto hé, o mais Oriental, vai sendo lavado, em muitas partes, pelas agoas da margem Occidental do Rio Paraguay, com os nomes de Serra dos Dourados, Caveiras, Chenos, Pedras d'Amolar, e Insua, ramo que sendo geralmente de grande altura e coberto de mattaria, atravessa o Paraguay pela latitude de 16°, 43', onde existe, na margem oriental, o Morro Escalvado, e d'aqui prosegue (*), passando á vista de Villa Maria, pela Jacobina, Sangrador, e vai unir-se ás grandes morrarias do Diamantino, e com ellas á famosa cordilheira dos Parecis; offerecendo em toda a sua extensão longos e pingues taboleiros para as plantações. De onde partem estes dous grandes ramos de serranias, abre-se hum valle de vinte legoas, até á ponta mais septentrional do ramo occidental, que tem o nome Ponta de Limites, na qual toca a Linha divisoria, e apresentando então grandes falhas e aberturas, por onde se elevão alguns morros dispersos, apparece de novo, com o nome de Serra de Burburena, das Salinas, e logo mais do Agoapehy, Santa Barbara, e continuando para os Arraiaes de S. Vicente, Chapada e Ourofito, prosegue á unir-se á Cordilheira dos Parecis. Hé este ramo coberto de grandes mattarias, nascidas de excellentes terrenos para a cultura, por isso que são abundantissimos de terra humus, e igualmente logrão a mesma propriedade os terrenos baixos, cobertos pelas grandes mattas, que bordão as margens

(*) A *Corographia Brasiliæ*, não obstante ser huma obra interessante, e mui bem escripta, acha-se nella a verdade hum pouco alterada em alguns pontos, pelo que respeito á Provincia de Matto-Grosso, de que tenho sufficiente conhecimento: por exemplo, na descripção do Paraguay, quando falla das serranias, que vão ao longo da sua margem oriental, diz (Capitulo—Districto do Cuyabá—Artigo—Rios—pag. 294) « que terminão na Ponta Escalvada, onde ambas as margens do dito rio comecção a ser raras e alagadiças, por espaço de vinte legoas abaixo da dita Ponta, onde então principia a margem Occidental a ser hordada de serras. » Descripção que não tem a precisa exactidão: acima do morro Escalvado, a serrania vai-se pouco a pouco afastando do Paraguay, de maneira que, quando passa á vista de Villa Maria, que está na Latitude de 16°, 8', 23", e na Longitudo de 220°, 2'; 84 braças e 4 palmos acima da superficie do Oceano, ou 600 pés inglezes, situada na margem Oriental, demora-lhe a serra duas legoas de distancia; e abaixo do Morro Escalvado vai proseguindo ao Occidente do Paraguay, sendo verdade que, por algum espaço affasta-se da margem Occidental d'aquelle rio, que juntamente com a Oriental se alagada no tempo proprio; mas desde a Lat. de 17°, 30', com pouca differença, para o S., hé em muitas paragens lavada a Cordilheira pelas agoas d'aquelle magestoso rio, seguindo ella sempre proxima á margem Occidental.

dos rios e lagoas. Comtudo a cultura em toda a extensão desta serrania sómente se apresenta nas visinhanças dos Arraiaes, que pertencem ao Departamento da cidade de Matto-Grosso, e nas immedições do Paraguay as que ficão proximas á Povoação d'Albuquerque e Aldêa da Misericordia.

Pelo que pertence aos productos naturaes mais conhecidos, mostram-se nestas serranias grandes morros de pedra calcarea, como acontece nas visinhanças da Povoação d'Albuquerque e nas da Jacobina, e excellentes pedras d'amollar; a cordilheira que passa á vista da cidade de Matto-Grosso hé geralmente aurifera, e foi a mineração que deu origem aos Arraiaes, que nella existem; o outro ramo que vai para o Diamantino, tem ouro e diamantes; perto da Jacobina ha muito ferro, e as arvores que fornecem a verdadeiaa quina peruviana ali as ha em abundancia: neste Oriental ramo apresentam-se grandes fumaças, que offerecem o salitre abundantemente, tanto na proximidade de Villa Maria, como na parte que tem o nome de Serra do Sangrador (4). Em todas estas serranias ha plantas medicinaes, e boas madeiras de construcção.

A famosa cordilheira dos Parecis tira o nome da mesma Nação de Indios Parecís, que a povoão, e que existe hoje mui diminuta; estende-se do Oriente para o Occidente por grande numero de lagoas, ficando ao Septentrião dos Districtos de Matto-Grosso e Diamantino. A sumidade destas serras hé formada por largos campos, de cuja superficie se levantão áltos, e compridos comoros de arêa, á maneira das ondas do Oceano quando está cavado; arêa balofa, e mui solta, que muito fatiga os viajantes, e animaes que por ali transitão: estes campos não offerecem pastagens, e só nelles apparece certa qualidade de arbusto curto, e de folhas muito asperas; formão o terreno mais elevado do Brazil, onde tem as suas fontes mais remotas os dous rios maximos do Mundo: o Amazonas e o da Prata. Exceptuando estes arenosos terrenos, são, em geral, a Serra.

(4) Eu vi algumas arrobas delle já refinado, do que se compôz excellente pólvora, para cujo fim ficou o Governo da Provincia de o mandar extrahir, que hó miatar aproveitar-se occasião propria, isto hé, antes que carregem as chuvas.

dos Paracís, e suas adjacentes ramificações, cobertas de mattaria virgem, e mui aptas para a cultura; ellas alongão-se para o Septentrião por não pequeno espaço, e são mui ricas de ouro e diamantes, e outras preciosidades.

No Districto do Diamantino vêm se grandes serranias, que são ramificações da Cordilheira dos Paracís, que passa a 20 legoas, com pouca differença, ao N. da Villa; estas ramificações, que apresentam quebradas, e largas aberturas, humas e outras, são conhecidas por seus diversos nomes, a saber: A Serra do Morro Grande, que por lhe ficar ao S. o Ribeirão do Paré, tem, para este lado, o mesmo nome; no cimo desta serra estende-se hum chapada, que apresenta sete lagoas assaz fundas, que se communicão humas com as outras, tres legoas distantes da Villa, e ao S. E. da mesma, e que formão a verdadeira origem do grande Paraguay. Este ramo, com outros a elle contiguos, tem o nome geral de Serra da Melgueira. A Serra Azul, onde nasce o Cuyabá, 25 legoas a E. N. S. da villa do Diamantino. A Serra da Mangabeira: a do Tamanduá: a do Morro Vermelho: a do Corrego Fundo, são os principaes ramos das serranias que cortão o Districto do Diamantino, cobertas em geral de frondosas mattas; pouco aproveitadas para a cultura, sendo excellentes; ha em todas ellas ouro e diamantes.

Outras serranias se apresentam sahindo da Cordilheira dos Paracís em direcção geral para o S., e quasi partem de meia distancia da mesma cordilheira, contada de E. a O.; os rios Cabaçal e Sepetuba dellas provêm, as quacs, ao N. e á vista da estrada que vai para a cidade de Matto-Grosso, tem o nome de Serra do Olho d'Agoa, que seguindo para o Sul, vai-se desfazendo em morros, que a mesma estrada atravessa, quando do sitio do Pão Secco segue para o Caithé, morros que vão findar na margem septentrional do Jaurú.

Além da margem esquerda do Guaporé, fronteando a cidade de Matto Grosso para Oeste, estende-se o alto morro do Ouro-Pará, que apresenta uma linda chapada no seu cume, e vai pegar com hum comprida serra, que prosegue ao N. N.

O., serrania que acompanha o Guaporé a duas e tres legoas de distancia da sua margem esquerda, e vai terminar abeirando a dita margem, em frente á barra do rio Piolho, e na Latitude de $13^{\circ} 33'$, no sitio chamado as Torres, nome que lhe provém de hum morro destacado, e limite daquella scrra, e que de longe apresenta huma engraçada illusão optica, parecendo antigas e arruinadas muralhas, com suas torres, e fica onze legoas abaixo da barra do Rio Verde, que vai serpenteando pelo meio do prolongamento daquella serrania, até indircitar para o Guaporé, onde conflue; nella existirão as minas de nome Guarajús, mandadas abandonar, não por falta de ouro, mas em virtude das requisições da Côrte de Madrid: a fralda do morro do Grão-Pará, que olha para a cidade, hé cultivada em varias paragens.

MONTES.

No Districto de Matto-Grosso o Monte da Baliza, os Quatro Irmãos, e o da Boa-Vista, são notaveis por servirem de marcas á Linha divisoria, que por elles passa, e que separa os nossos Dominios dos da Republica Boliviana, por aquelle lado.

Cinco para seis legoas distante da cidade de Cuyabá, levanta-se hum monte, inteiramente isolado, de nome Santo Antonio, que fica junto á margem esquerda do rio Cuyabá, agoas abaixo, e o seu cume eleva-se á superficie do Oceano 227 braças e 8 palmos portuguezes, ou 1620 pés inglezes.

No Districto da Fronteira do Paraguay, e pela Latitude de $19^{\circ} 55'$, existem dous isolados morros, por entre os quaes emana o Paraguay; no da direita, junto á margem do rio, e na tromba que olha para o Oriente e Meio-dia, está construido o Forte de Coimbra, e hé este morro notavel por conter a famosa caverna de que tratei em seu lugar: acima destes morros, junto ao Paraguay, na margem direita, está o morro chamado do Conselho, nome que lhe provém da conferencia que ali tiverão os encarregados da fundação de Coimbra, que tendo ordem de a fazer no l'exo dos morros, pela Latitude de $21^{\circ} 22'$, onde as margens do Paraguay começam a ser montanhosas, e onde finda a sua notavel innundação, nove legoas ainda abaixo

do Forte de Bourbon, hoje Olimpo, erradamente julgáráo que os morros de Coimbra lhe havião sido os indicados; porque de certo visitáráo aquelle lugar no tempo da vazante do Paraguay, não se lembrando que as largas campanhas que em todos os sentidos cercão os ditos morros, se achão, n'aquelle mesmo tempo, mui pouco elevadas acima da superficie do rio, e que por isso, na sua grande enchente, havião de ser innundadas precisamente, como são; e por esta falta de reflexão ficámos privados do senhorio de todo o immenso lagamar, que fórma o Paraguay, e de termos a nossa Raia muito mais ao Sul.

Navegando-se para o Presidio de Miranda, encontra-se o Morro do Azeite, junto ao Rio Mondego, morro notavel porque dá bem a conhecer de longe as multiplicadas voltas que descreve o rio, e por causa dellas apparece o morro humas vezes pela prôa, outras pela pôpa, e outras já para hum e outro lado, cuja vista enfastia os navegantes, porque, parecendo demorar-lhes mui pertô, canção no trabalho, primeiro que cheguem a elle.

Na estrada que vai de Cuyabá para Goyaz, vê-se o morro chamado Paredão, notavel pela sua figura, que parece huma alta muralha, e porque serve de baliza á dita estrada, que passa por junto d'elle, avistando-se a' muitas legoas de distancia, para hum e outro lado: por entre este morro, e outro menor que lhe fica contiguo, avistão-se ao longe mais dous isolados, de figura bastantemente curiosa; parece devida ao trabalho da arte, formando duas elevadas torres, em fórma de atalaias.

Ha outros muitos Montes em terrenos baixos, que deixo de fazer menção delles por serem pouco notaveis; nas serranias encontrão-se com frequencia, e entrão na ordem da formatura dellas.

CAPITULO V.

FONTES.

NATUREZA E QUALIDADE DAS SUAS AGOAS.

Hé limitadíssimo o numero das fontes em toda a Provincia, e ôs habitantes geralmente bebem dos rios e ribeirões, que passam junto ás suas moradas, e de cacimbas, e não se conhe-

cem outras agoas além das communs, que são excellentes em todo o Districto da Serra da Chapada. Na cidade do Cuyabá contão-se apenas cinco fontes, mui pouco abundantes no tempo da secca, o que causa bastante incommodo aos habitantes, porque hê das suas agoas que fazem uso: a construcção destas fontes hê mui ordinaria, ficando á curta distancia a sua origem; todavia com alguma despesa e boa direcção podia-se trazer agoa de mais longe, que bastecesse a cidade sufficientemente. Em Matto-Grosso bebem do rio, que sendo a agoa boa, no tempo da secca, torna-se má na Estação chuvosa. Em algumas paragens da Provincia correm aguas salobras, principalmente nas visinhanças da Jacobina, sendo ao mesmo tempo mui cristalinas.

CAPITULO VI.

RIOS.

Todas as torrentes innumeraveis, que cortão e regão a superficie da ampla Provincia de Matto-Grosso, vão entrar em cinco grandes canaes, ou rios, a que chamão da primeira ordem que as levão aos magestosos Amazonas, è Prata; são estes canaes o Paraguay, Madeira, Araguaya, Tapajóz e Chingú, os maiores da Provincia, que por sua ordem vou descrever.

PRIMEIRO GRANDE CANAL.

RIO PARAGUAY.

Rivalisa em grandeza com o pujante Amazonas; emana a sua origem de sete lagoas, abertas em huma chapada, no cimo da serra do Morro Grande, que faz parte da serra da Melgueira; lagoas profundas, que se communicão humas com as outras; da mais septentrional parte o Paraguay, se por emquanto humilde, logo soberbo e navegavel: está o seu nascimento nos 13°.53' de Latitude, e nos 321°.2' de Longitude, tres legoas ao S. E. da Villa do Diamantino, e trinta ao N. N. O. da cidade do Cuyabá: por pequeno espaço vai este notavel rio seguindo ao Norte, e precipitando-se da serra, volta, pelo Poente,

ao rumo geral do seu dilatado curso, isto hé, ao Sul, até unir-se-lhe o Uruguay. São-lhe tributarios, formando as suas mais remotas fontes, o rio Diamantino, que lhe conduz o ribeirão do Ouro, e o de Fr. Manoel, e hé o primeiro que se lhe une a tres legoas de distancia da Villa: o de Santa Anna, engrossado pelo de S. Francisco, ribeirão da Conceição da Serra, S. João da Bocaina, e ribeirão das Arêas: o ribeirão do Brumado, e o da Jaraquara, todos estes pequenos rios, e os ribeirões não são navegaveis, porem fazem-se notaveis por diamantinos e auríferos.

O curso total do Paraguay, desde a sua origem até entrar no oceano com o nome de Rio da Prata, que toma logo que se-lhe une, pela esquerda, o Uruguay, na Latitude de 34° , hé de quasi setecentas legoas, e a sua bocca, entre os cabos de Santa Maria, e Branco, ou de Santo Antonio, chega a quarenta. Desde as suas mais longinquas fontes até ao paralelo de 20° segue, em rumo geral, ao Sul: donde vai inclinando para o S. S. O. até á latitude de $31^{\circ}, 35'$, seguindo d'aqui igualmente em rumo geral, a E. S. E., e com a largura de 6 legoas, recolhe o mencionado Uruguay, dirigindo-se logo a sua margem esquerda para E. a findar no Cabo de Santa Maria, enquanto á direita corre a S. E. a encostar no Oceano. Toda a extensão deste rio, que hé privativamente brasileira, comprehendida desde á sua origem, até a barra do Rio Negro, onze legoas abaixo do Forte de Coimbra, segue, hé verdade, a direcção geral para o Sul, mas ha paragens em que descreve grandes curvas, e noutras apresenta dilatados estirões; quando o rio se vai aproximando ao paralelo de 19° , corre para elle do N. N. E., e tocando o morro em que existe a Povoação de Albuquerque, volta direito a E. pelo dito paralelo, e salvando a ponta da Serra do Rabicho, ramo Oriental das de Albuquerque, descreve, por este lado, huma grande curva até inclinar-se algum tanto a S. O. para a bocca do Rio Negro. Hé neste espaço e pouco acima de Coimbra, que se apresenta o longo estirão da Piuva, que nas enchentes do Paraguay apresenta aos navegantes as mais engraçadas e pittorescas illusões opticas: as agoas, cobrindo as margens, e campanhas contiguas, só deixão mos-

trar as arvores, que achando-se muito isoladas, parecem de longe grandes combois, e armadas, com o panno largo, navegando por hum oceano tranquillo e de superficie prateada; para outro lado julga-se que hé real a existencia de multiplicidade de pequenas ilhas, formalizando vistosos archipelagos; — quadro encantador, que torna a viagem delcítavel.

Sete legoas abaixo da já citada Serra dos Dourados, divide-se o Paraguay em dous braços: o mais oriental tem o nome de Paraguay-mirim, corre ao Sul, descrevendo muitas e pequenas curvas; este braço: tem em algumas partes 40 bráças de largo, e 18 palmos de fundo, e para vencer-se hé mister navegar-se por elle 19 legoas; torna a unir-se ao braço Occidental, que tem 31 legoas, pelo parallelo de 19°, fronteando a tromba Oriental da Serra do Rabicho, e ambos formão humã Ilha geralmente innundada no tempo proprio, e que tem 14 para 15 legoas no seu maior comprimento.

A branda inclinação das dilatadissimas campanhas por onde corre o Paraguay, faz que a velocidade do seu curso, até ao Fecho dos Morros, onde terminão, seja insensível, principalmente nos mezes da sua grande transbordação; mas emanando este rio do Fecho dos Morros para baixo, por terreno firme, e levantado, torna-se então algum tanto rapida a mesma velocidade, sendo assaz forte naquelle estreito passo, dividido ainda em duas gargantas por hum' grosso penhasco.

Poucas legoas abaixo das suas já descriptas cabeceiras principia a prestar navegação de bom fundo, sem encontrar-se váos até á sua entrada no Oceano. O alveo hé lodoso, o tempo o tem alterado em alguns pontos; logo abaixo de Villa Maria, não se póde navegar pelo antigo leito, que segue á direita, encanando actualmente o rio mais pela esquerda: junto ao dito lugar vê-se, na margem Occidental, hum grande espaço de terreno por onde o rio seguia; não ha muitos annos, que se acha coberto de mato, e descrevendo agora huma curva, carga as agoas de encontro ao lugar, que o vai demolindo pouco a pouco, de modo que algumas casas têm cahido com a demolição do barranco. Logo ao Sul da Serra dos Dourados en-

contra-se hum canal, que a força das aguas abriu e tornou de boa largura e fundo, e que fronteia os morros do Secury, que lhe dão o nome; hé de curta extensão, de forte correnteza, e por onde se navega presentemente, poupano se muito em tempo e trabalho, desprezando se a grande volta da antiga madre do Paraguay, descripta pelo Occidente do canal.

As margens deste rio são geralmente baixas, pantanosas em muitas paragens, e alagadas no tempo em que o rio trasborça; cobertas de matas, que em si contêm arvores que produzem fructos silvestres; todavia do Fecho dos Morros para baixo, tornão-se altas e livres de innundações, e também nas paragens em que o rio lava a Serrania que segue das de Albuquerque a E. N. E., como já disse.

Além dos pequenos rios e ribeirões que formão as cabeceiras do Paraguay e de que já tratei, são-lhe tributarios, pela sua margem Oriental, os rios Novo, S. Lourenço, Tacuary, Mondego, e Ápa, com outros mediocres, e com muitos ribeirões e escoantes: entrando-lhe pela margem Occidental os rios Seputuba, Cabaçal, Jaurú e Negro, e igualmente muitos ribeirões e esgotadouros; e tanto os primeiros como os segundos correm por Dominios brazileiros, pertencentes á Provincia, razão porque só elles serão descriptos no presente capitulo; todavia direi que além do Ápa engrossão o Paraguay pela esquerda, os rios Ipanés, guassú e merim; o Chichuly, o Tabixú, o Pirajú, Canabé, Tibicuary, o soberbo Paraná, e o caudaloso Uruguay, e da junção deste para baixo hé conhecido com o nome de rio da Prata: pela direita, recolhe as torrentes dos rios Pilco-Maio, Colorado, Salado, Xalupoy, e Carcapal.

Em Abril começa a grande enchente do Paraguay, que dura até Setembro; tem de N. a S. quasi cem legoas de extensão, contadas desde pouco abaixo da foz do rio Jaurú até ao Fecho dos Morros; e quarenta de E. a O. em varias paragens, alongando-se para hum e outro lado da madre do rio: hé pois durante aquelles mezes, que, todos os annos, se patentea o Caspio Americano, a que os antigos Vicentistas, pri-

meiros exploradores desta região central, denominarão Lago Xarays, de huma Nação que por ali habitava, e que já não existe; e tiverão este Lago pela verdadeira origem do Paraguay, até que posteriores observações destruirão esta falsa idea, e hé mister notar que, durante o tempo em que existem baixas as agoas dos rios, tributarios do Paraguay, hé quando tem lugar a innundação deste: aquelles rios, ainda que encanados por margens barrancosas, correndo assim muitas legoas além das suas origens, vão todavia serpentear as suas torrentes por terrenos baixos, que principião muito acima das suas confluencias; torrentes que, engrossando na estação chuvosa, desde Outubro até Março, e Abril, espraiaão-se por aquelles terrenos baixos, ou campanhas dilatadas, que vão abeirar no Paraguay, e não só por ellas, como pelas mãres dos mencionados rios, lhe hé conduzido a hum tempo hum enorme volume d'agoas, volume que não podendo ser contido em seu leito, de margens de altura diminuta, e soffrendo huma formidavel repreza na garganta do Fecho dos Morros, dilata-se, em todos os sentidos, pelas vastas campanhas, que avanção para o Oriente, e Occidente do mesmo rio; que só é compellido nos limites do seu alveo do Fecho dos Morros para baixo, por serem então as margens em terreno firme, e alterosas; são portanto estas as causas de taes enchentes periodicas.

Offerece o Paraguay franca, livre e mui sadia navegação desde poucas legoas abaixo das suas mais remotas fontes, até á sua foz no Oceano; sem enontrar-se huma só catadupa, huma só cachocira: por um grande numero de legoas acima da sua ampla bocca hé navegado por embarcações de alto bordo, quando tem o nome de Rio da Prata, e por Sumacas, Escunas, Brigatins e outras embarcações deste porte até á Serra dos Dourados, já mencionada; por este modo vê se que do centro da America Meridional pôde haver communicação facilissima com os portos de mar; mas infelizmente só podemos navegar por este notavel rio até ao Forte Olympo, primeiro posto dos Paraguayanos; d'ali para baixo hé-nos vedada a navegação; se nos fosse franqueada, que proveito que tirarião d'ella os habitantes da

Provincia de Matto-Grosso? Neste caso crescerião os objectos da sua industria, porque podia haver prompta exportação, e sem esta jamais poderá prosperar a Provincia, e hum nova, e florescente Povoação, em sitio azado, ver se hia nascer precisamente nas margens do Paraguay, para servir de deposito aos generos do Paiz, conduzidos de diversas partes em pequenas embarcações, e onde se descarregassem os effeitos vindos dos portos de mar, para serem levados aonde conviesse. Nos mezes da enchente do Paraguay encurta-se muito a navegação, seguindo-se pelas campanhas innundadas, com direcções rectilineas; mas hé mister pilotos praticos das mesmas campanhas, do contrario não se deve sair da madre do rio. As unicas embarcações que na Provincia se empregão na navegação deste rio, são canoas grandes e pequenas, a que chamão batelões, construidas de hum só tronco, puchadas á varas e á remos curtos, sendo desconhecido o uso das vellas: servem de conduzir o necessario fornecimento aos Presidios. No porto da cidade do Cuyabá existe hum barca canhoneira acabada, e outra no estaleiro, destinadas a seguirem para a Fronteira do Paraguay; e hé sem duvida em barcas canhoneiras, que consiste a sua principal defeza.

A sua foz fica entre os parallellos de 35°, e 37' de Latitude Austral, tem de largo, como já disse, 40 legoas, fôrma a amplissima bocca do grande Golpho Argentino, que vomitando no Oceano hum immenso volume d'agoas doccs, vão, com a força de sua corrente, muitas legoas ao mar da Costa, refrescar os navegantes. Não me hé possivel marcar com precisão a que distancia sóbe a maré; com tudo sci que, em varias paragens d'aquelle magestoso Golpho, hé sujeito o fluxo e refluxo das agoas aos ventos fortes chamados Pampêros.

Hé o Paraguay abundantissimo de aves e pescado; aquellas constão principalmente de tucanos, araras, papagaios, pombas, jacutingas, aracuãs, mutuns, jaós, macucos, emas, patos, marrecos, &: este consiste em dourados, pacus, piraputangas, piabuçús, pácupevas, corimbatas, piranhas, thezouras, piquiras, &; todo este pescado hé de escama, e mui agradavel ao paladar;

são de pelle jaús, pintados, jerupenscns, jerupocas, barbados, palmitos, fidalgos, arraías, bagres, &; algumas destas espécies são bastantemente saborosas; no Capitulo proprio tratarci do genero, espécies e qualidades destas aves e peixes, do melhor modo que me fôr possível, segundo os esclarecimentos que alcancei do famoso naturalista allemão Mr. Naterer, que actualmente viaja na Provincia. Abunda tambem o Paraguay em bugios, coatás, macacos, tamandoás, tatús, guaribas, onças, arí-ranhas, lontras, capivaras, cutias, jacarés, &.

**Rios tributarios do Paraguay que lhe entrão pela esquerda
ou margem Oriental.**

RIO NOVO.

Fallando com precisão, não hé este rio mais do que hum grande esgotadouro dos pantanaes e da famosa bahia do Rio de Janeiro, que ficão ao Meio dia do Rio Cuyabá, e ao Oriente do Paraguay, podendo dar-se-lhe por origem principal o ribeirão de Bento Gomes, que nasce perto, e para a direita da estrada que vai da cidade do Cuyabá para a de Matto-Grosso, atravessando-se tres legoas além de S. José de Cocaes, com pouca differença, e que recolhendo outros muitos, vai entrar na supracitada bahia ou lago.

A extensão deste rio anda em 40 legoas entrando o ribeirão de Bento Gomes, e segue em rumo geral ao N. O. a entrar no Paraguay, 9 legoas abaixo do morro Escalvado, com bránda velocidade, desde os pantanaes que atravessa, descrevendo o seu leito muitas e pequenas curvas.

Tem váos em varios pontos, emquanto conserva o nome de Bento Gomes; mas depois que o engrossão as agoas provenientes da bahia do Rio de Janeiro, e de outras, não dá váo em parte alguma até á sua barra.

Emquanto ribeirão de Bento Gomes, é o alveo geralmente pedregoso, forrado de cascalho, em partes cortado por veeiros de cristal de rocha, e n'outras por bancos de pedra arenosa; mas depois que o rio entra nos terrenos baixos, seguindo

pelos pantanaes, hé o alveo de arêa em partes, e em geral lodoso, confundindo-se com os mesmos pantanaes, quando estes se cobrem d'agoa, desde a força das chuvas, em Janeiro e Fevereiro, até entrar-se pela secca em Maio e Junho. As margens são levantadas e firmes até aos pantanaes, cobertas de matto, depois chegam a ficar submergidas durante os ditos mezes, por espaços consideraveis, e n'outros são cobertas de mattarias.

Recebe o rio Novo varios ribeirões, alguns dos quaes são atravessados pela estrada que de Cuyabá vai para Matto-Grosso, e bons esgotadouros de diversas bahias e lagoas, mas nem hum só rio. Nos supracitados mezes vem a sua enchente que por isso hé periodica; todavia, nas immedições de sua foz a conserva ainda além de Junho, pela influencia da trasbordação do Paraguay.

Este rio pôde dar bôa navegação até mui perto do Arraial de S. Pedro d'El Rei, huma vez que o limpem dos aguapezaes e outras plantas aquaticas, por tal modo embaraçadas humas com as outras, que confundem o seu alveo com os pantanaes adjacentes; plantas que, despregando-se com as grandes enchentes, vão entrar nos estirões do Paraguay, por diversas partes, parecendo ilhas boiantes; portanto pôde ser navegavel, mas não o tem sido.

A sua foz hé, como disse, no Paraguay, 9 legoas abaixo do Morro Escalvado, e de bôa largura; e tem a mesma qualidade de Pescado, de caça e de aves que este rio.

RIO S. LOURENÇO,

antigamente Porrudos.

Nasce na Serra da Chapada, pelo parallelo de 15°, 40', em hum grande buritizal ao S. O. e não longe do engenho do Capitão Joaquim da Silva Prado, que dista 22 legoas da cidade do Cuyabá, e hé o ultimo caminho para Goyaz; por aqui indireita agora a estrada geral, seguindo o rio Manso hum pouco á esquerda da antiga, e sempre por terrenos descobertos, vai unir-

se á velha junto ao sitio do Alecrim, 8 legoas além do Capitão Prado; está hé sempre coberta de escuras mattarias, e de transito difficil em algumas partes, motivo porque se abandonou, ainda que algum tanto mais curta. Quando a estrada nova atravessa o S. Lourenço, hé ella ainda pobre d'agoas, e huma legoa abaixo da sua origem, faz hum salto de 50 palmos de altura; porém recebendo por hum e outro lado, á curtas distancias, varios ribeirões, torna-se algum tanto corpulento, quando o atravessa a antiga estrada, apezar de mediarem poucas legoas da passagem desta á da nova.

Durante o espaço que este rio corre pelos terrenos altos, ou serrania da Chapada, hé, por algumas legoas, a sua margem esquerda acompanhada de huma corda de morros, e elle puchando ao S. E., e S. S. E., vai depois descrevendo huma grande curva pelo Sul, até endireitar ao seu rumo geral, para o S. O., que segue por muitas legoas, e assim entra no Paraguay, sendo o seu curso total 130.

A velocidade do S. Lourenço hé forte, em quanto emana pelos terrenos altos, por onde tem varias cachoeiras; mas depois que se desprende das serranias, hé mediana a mesma velocidade, e o rio offerece váos em algumas das ditas cachoeiras, que desapparecem totalmente desde pouco mais de 30 legoas, abaixo da sua origem.

O alveo deste rio hé, em geral, pedregoso por muitas legoas desde o seu começo, forrado, em varias paragens, de lagedos e bancos de pedra arenosa; e tambem por alguns espaços coberto de arêa e cascalho; mas depois que entra nas vastas Campanhas que se deslisão para o Paraguay, hé o mesmo alveo lodoso e arciento. As suas margens são barrancosas, e de grande altura, em diversos lugares, e assim se conservão por muitas legoas além da sua origem; mas quando o rio se vai aproximando ás mencionadas campanhas, vão as margens insensivelmente diminuindo de altura, até se tornarem bastantemente baixas, nas mesmas campanhas, e sempre são cobertas de frondosas mattarias.

Muitos ribeirões fórmão as mais remotas fontes do S. Lou-

renço, como são: o Cachoeirinha, Piraputangas, Jatubá, Alecrim, & todos de permanentes, cristalinas e saborozas agoas, e correndo na serra da Chapada; recebe depois pela esquerda os rios Parnaíba e Piquiri, conduzindo-lhe este as agoas do Jaguari e Itiquira, os quacs são de grandeza mediocrc, mas navegaveis (5). Pela direita ou margem occidental entrão-lhe o rio Cuyabá e diversos ribeirões e esgotadouros das Campanhas.

(5) Com o Itiquira faz contravertentes o Sucuriú, que vai confluír no Paranan menos de meio dia de viagem abaixo da barra do rio Tieté: huma constante e bem fundada tradição attesta que hum Paulista apossado da fortuna, descêra o Tieté, com a sua familia, e receioso de que o perseguissem, largára a navegação ordinaria de Porto-Feliz para Cuyabá, mettendo-se pelo Sucuriú, e subindo este, estabelecêra roça perto das suas cabeceiras, explorára o terreno, e no anno seguinte construiu canôas junto ás fontes do Itiquira, descêra por elle, pelo Pequiri e S. Lourenço; subira o Paraguay e Jaurú e se mettêra para Matto-Grosso. O que esta tradição relata foi-me confirmado pelos resultados das minhas pesquisas, quando estive n'huma Aldêa dos Cayapós, sita tres quartos de legoa da margem direita do Paranan, fronteira á barra do rio Tieté, e para melhor descobrir a verdade, ensaiei a duas pessoas da minha comitiva sobre as perguntas que devião fazer aos Indios, tanto pelo que respeita á qualidade dos terrenos, distancias d'alí a Camapuã, Cuyabá e Goyaz, como principalmente sobre os rios Sucuriú e Itiquira, apartando-se cada pessoa insensivelmente com o seu Indio, para melhor inquirição, achando-se por bôa fortuna alguns que fallavão portuguez, e que havião pertencido ás Aldêas de Sant'Anna e S. José do Goyaz; eu fiz o mesmo, e juntando-se depois, enchi-me de jubilo, vendo que os relatorios combinavão em que o Sucuriú e Itiquira dão bôa navegação, com menos cachoeiras que os rios Pardo e Coxim, e sendo o varadouro muito menor que o de Camapuã; e neste Registro alcancei noticias identicas

Com effeito, estabelecida esta navegação, torna-se muito mais breve, commoda, e menos dispendiosa, a communicação entre as provincias de S. Paulo e de Cuyabá hé praticada pelo interior desta provincia, sem o risco de passar-se, como acontece actualmente, pela Fronteira do Paraguay; poupando-se a laboriosa subida do rio Pardo, a apertada e tortuosissima navegação dos pequenos rios Sanguesuga e Camapuã; o extenso varadouro de quasi tres legoas, a passagem arriscada de oito famosas cachoeiras, das vinte e quatro que tem o sombrio Coxim, a grande curvatura do Taquarí, e finalmente a subida pelo Paraguay e S. Lourenço até á barra do Cuyabá. Seguindo a projectada navegação, entra-se no Paranan, sahindo do Tieté; mas em vez de correr-se 85 legoas por aquelle rio até á fôz do Pardo, andão-se sómente 4 para 5, para entrar-se no Sucuriú; sóbe-se este, varão-se as canôas, desce-se o Itiquira, depois o Piquiri e S. Lourenço até á barra do Cuyabá: quanto hé pois mais abreviada esta, do que aquella outra navegação! A exploração destes rios foi comprehendida no Governo do Ex.^{mo} Marquez de Aracati, e ultimamente no do Ex.^{mo} Senador do Imperio José Saturnino da Costa Pereira, porém apezar do cuidado destes senhores, de ambas as vezes mallograda pela má direcção dos encarregados, e por vir a faltar o mantimento; e nem esta navegação se poderá estabelecer, nem abrir-se o caminho por terra de Cuyabá a S. Paulo, como se projecta, sem precederem providencias indispensaveis ao bom exito da empreza.

Os terrenos que regão, por aquella altura, o S. Lourenço e Piquiri, cortados pelo caminho de Miranda para Cuyabá, são conhecidos até poucas legoas áquem das cabeceiras do mesmo Piquiri; é por ali que o Coronel Jeronymo Joaquim Nunes tem huma bôa fazenda de gado, d'onde podem ser fornecidos os exploradores do Itiquira; mas antes de tudo, deve principiar-se, tanto para o reconhecimento do Sucuriú como para abrir-se a picada á nova estrada, por mandar o Governo estabelecer huma bôa roça, escolhendo-se lugar conveniente entre as cabeceiras do Itiquira e Sucuriú. Combinando-se o dito dos Sertanistas com o que apresenta o grande mappa da Provincia, vê-se não ser difficiloso chegar-se por terra ás ditas cabeceiras, indo procurar-se a orientação, e os primeiros fornecimentos de bocca na Fazenda do mencionado Coronel. Estabelecida a roça, construo-se sufficientes paioes onde mais convenha ao intento, e depois que as cousas estiverem assim dispostas hé que se deve entrar na obra, sem o que ver-se-ha novamente mallograda, por isso mesmo que a Provincia não tem forças para mandar-se a hum tempo huma expedição capaz de chegar á méta do que se pretende, sem experimentar misérias. A estrada deve seguir do Cuyabá ao rumo geral de S. E. e das cabeceiras do Sucuriú e Itiquira,

O S. Lourenço augmenta notavelmente o volume das suas agoas na estação chuvosa, e levando as torrentes ás Campanhas razas, por onde as suas margens são baixas, espraia se e vem a participar na secca, obra de 30 legoas acima da sua fóz, da mesma enchente periodica do Paraguay, podendo então navegar-se de hum a outro rio, pelos campos, sendo então rarissimos os lugares, onde os navegantes podem fazer pouzo, por causa da grande innundação; todavia, hum pouco para dentro da margem esquerda tem o S. Lourenço hum atterrado não pequeno, feito á força de braços pelos prínciros descobridores destes lugares remotos, em que empregarão a desgraçada raça indigena, o qual não se alaga, e hé todo coberto de bananeiras, que desde aquelles antigos tempos se reproduzem sem trato algum, servindo o seu fructo saboroso de refresco aos navegantes, e aos Indios Guatos: junto á margem direita, hum pouco acima da barra, eleva-se um morro isolado, de nome Carácará, que offerece na sua fralda hum pouzo nunca alagado. No tempo destas enchentes periodicas, são os navegantes muitas vezes obrigados a fazerem fogo para cosinhar, ou em girãos forrados de terra, que se tira do fundo d'agoa, ou dentro das canoas; e hé nesta estação que os navegadores do Cuyabá para a fronteira do Paraguay são pouco perseguidos dos mosquitos; mas logo que a enchente começa a diminuir, e, por consequencia, a apparecerem as campanhas, por tanto tempo submergidas, então

carregar-se-ha hum pouco á esquerda ao S. E. $\frac{1}{4}$ E., em busca do rio Paranan; e tanto na exploração dos rios como de sertão, convem muito haverem-se por guias os Indios Cayapós, conhecedores abalizados d'aquelles terrenos, para cujo fim devem ser attrahidos com milmos e bom agualho; e no alto Sucuriú construíam-se batelões para fazer-se o seu reconhecimento.

Abertas estas communicações virão a ser aproveitados os bellos terrenos dos Cayapós, a amena Vaccaria, as deliciosas campanhas que banhão os rios Mondego, Taquari e S. Lourenço; novas Fazendas de gado vaccum e cavallar ver-se-hão nascer, que florecerão em tempo breve, pela bondade dos pastos; e este lucroso ramo, segundo o meu entender, virá a fazer hum dia o principal artigo de exportação. Hé com effeito hum bom real para a Provincia de Matto-Grosso facilitarem-se-lhe as communicações com as mais Provincias; por falta de serem commodas e breves vê-se privada do commercio de exportação, verdadeira origem da sua decadencia, e diminuta população, e que tem feito a desventura de seus habitantes em geral, sendo bem pequeno o numero d'aquelles que a fortuna ha favorecido, por se haverem aproveitado das preciosidades que a natureza cança de prodigalizar, e que sahindo do paiz com a velocidade do rai, sem proveito da Fazenda Publica, vão ornar em outros climas a vaidade humana. Assim esta Provincia, matriz do ouro, havendo despejado de seu rico seio centonares de arrobas d'aquelle metal cubiqueo, folga muito agora, quando vê chegar-lhe o soccorro das laminas de cobre,

aluviões daquelles mortificantes insectos toldão a atmosphera e por todos os lados perseguem a humana creatura, que para preservar-se das suas dolorosas ferroadas, hé mister usar de mosquiteiros (*), encerrando-se nelles até dentro das barracas das canoas.

Da este rio limpa e boa navegação por mais de 80 legoas acima da sua foz, sem encontrar-se catadupas, e sempre de bom fundo; todavia sómente as 26 legoas, que vão da barra do Cuyabá até ao Paraguay, hé que são frequentadas pelas monções que descem e sobem da Fronteira, e poucas vezes vindas de Porto-Feliz (provincia de S. Paulo). Canoas e batelões, são, até aqui, as embarcações empregadas na sua navegação; podendo construir-se grandes barcos de fundo de prato, como os de Riba-Tejo, em Portugal, que demandão pouca altura d'agua, e carregão muito; mas não se tem querido variar deste molde de embarcações, cuja origem hé indigena, apesar de custarem já a apparecer, em lugares commodos, corpulentos troncos para as grandes canoas, chamadas de guerra.

Na Latitude de 17°, 55' está a foz do S. Lourenço, ou a sua confluencia com o Paraguay; 70 braças, e quasi meia, acima da superficie do Oceano, não sendo, nesta paragem, a largura d'aquelle rio inferior á deste.

As especies e qualidades dos peixes, caça e aves do rio S. Lourenço, são as mesmas que as do Paraguay, já mencionadas; porem as mattas daquelle abundão mais em onças, do que as deste, talvez por terem hum perseguidor acerrimo no gentio Guató, que lhes faz continua guerra.

RIO CUYABÁ.

O aurifero, sadio e alegre Cuyabá tem a sua origem na

(*) O mosquiteiro hé huma especie do grande camisola, só aberta por baixo, por onde se entra; na parte superior hé atravessado por huma corda, que sahe por duas pequenas aberturas feitas nas compridas mangas, e que se atezu quando se arma o mosquiteiro, amarrando-se os extremos da corda na altura que se quer, mettendo-se depois por dentro, entre a corda e o mosquiteiro, humas varinhas, que o fazem abrir de modo que fica como um quarto; havendo o cuidado de ficar a fralda presa por toda a parte, assim como amarradas á corda as aberturas das mangas, porque os mosquitos tem o instincto de procurar entrada por todos os lados do mosquiteiro.

Serra Azul, ramo da dos Parecís, no Departamento da Villa do Diamantino, 25 legoas a E. N. E. da mesma, e no paralelo de 12°, 30' com pouca differença. O seu curso total anda em 110 legoas, das quaes 70 são contadas desde a sua barra no S. Lourenço até ao Porto geral da cidade, a que deu seu nome: segue em rumo geral ao S. S. O., apresentando estôrços espaçosos, ora aos rumos do quadrante do S. O., ora aos do S. E., sendo maior o numero dos que seguem naquelle quadrante; mas entrando pelos terrenos baixos, hé então o seu curso bastante tortuoso; sua velocidade hé grande no tempo em que está cheio, pela extensão de quasi 60 legoas, da sua origem, por isso que corre por entre margens barrancosas e hé branda na estação da secco, excepto nas cachoeiras e correntezas; e a mesma velocidade hé menor depois que o rio entra nos terrenos baixos, para os pantanaes. Tem váos em algumas partes, desde hum salto que fórma, 15 dias de viagem para cima do Porto geral até ás suas cabeceiras.

O alveo deste rio hé, em muitas paragens, forrado de grandes bancos de pedra arenosa, com viciros de cristal de rocha, n'outras coberto de bancos d'arêa, cascalho e lodo em partes; mas seguindo pelos pantanaes hé geralmente lodoso e arciento. As suas margens, cobertas de arvoredos, são cultivadas para cima do Porto geral até ao referido salto, cousa de 25 legoas, e para baixo até ao sitio chamado do Lourencinho, distante do mesmo porto 14 legoas, e hé o ultimo movador, descendo o Cuyabá; desde o qual até ao salto encontrão-se casas e sitios com frequencia, mais ou menos distantes huns dos outros, e que muito formoseião as margens; e do Lourencinho para baixo, entre o Cuyabá e S. Lourenço, vão-se estabelecendo algumas fazendas de gado vaccum e cavallar. No tempo da secco mostra este rio lindas e compridas praias, cobertas em parte de grandes melanciaes e plantações de fumo, o que succede para baixo do Porto geral; torna-se então muito divertida a viagem, ate porque nesta epoca concorre muita gente á pesca da pequirá (pequeno peixe, que sobe em cardumes) para a factura do azeite; estende-se este povo pelas praias do rio

abaixo, que enfeita com repetidos fogos, com que faz ferver as caldeiras em que lança as piquiras, para extrahir o azeite: quem hé inclinado á caça recrea se em atirar ás pombas torcazes e outras aves que em bandos passeião nas praias, principalmente de manhã cedo.

Os ribeirões do Nobre, engrossados pelos da Piraputangas e Serragem; do Quibó-grande, com o Quibó-pequeno, e outros menos notaveis, fôrmao as suas fontes mais remotas, todas no Departamento do Diamantino.

Pela esquerda, ou margem oriental, a primeira torrente forte, que se encontra, é o rio Manso, que nasce na serra da Chapada junto a hum morro chamado Chapéo de Sol, e acarretando as agoas do rio da Casca e do aurifero e diamantino Quilombo, com as de muitos ribeiros, que partem da mesma Serrania, entra soberbo no Cuyabá, pouco abaixo do Salto, de que fiz menção, e hé navegavel por muitas legoas: este Rio Manso hé diverso d'outro do mesmo nome, que a estrada do Cuyabá para Goyaz atravessa, 4 legoas áquem do engenho do Capitão Prado, do qual já fallei; e do Rio tratarei no seu competente lugar.

Segue-se tambem pela esquerda o Coxipó-guassú; este rio corre seis leguas acima da cidade, tem a sua origem junto á Serra da Chapada, e por hum e outro lado recolhe diferentes ribeirões.

O ribeirão da Prainha entra no Cuyabá junto ao Porto geral; hé mui pobre d'agoas no tempo da secca, porem notavel pelas centenas de arrobas de ouro que d'elle se tem extraído; corre junto á cidade, da qual ficão perto as suas fontes.

Huma legoa abaixo do Porto geral faz barra no Cuyabá o Cuxipó mirim; nasce na serra da Chapada, não longe do lugar de Guimarens, hé engrossado por muitos ribeirões: poucas legoas acima da sua foz, e na margem esquerda, tiveram os Paulistas, primeiros exploradores destes rios, o Arraial da Forquilha.

Entra depois no Cuyabá o rio Aricá, que tem igualmente

a sua origem na serra da Chapada, e hé engrossado por varios ribeirões até a sua foz: pouco abaixo recebe o Aricá-mirim.

Algumas legoas mais abaixo recebe as agoas do Coroará-mirim, e Coroará-guassú; depois as do Cuyabá-mirim, e mais além as do Quacho mirim e Quacho-guassú, e as de varios ribeirões e arroios.

Pela margem direita, ou Occidental, hé engrossado sómente por differentes ribeirões, e nem hum rio.

O Cuyabá participa da enchente periodica do Paraguay, que chega ainda acima do grande atterro do Bananal, que está junto á margem esquerda, e dez legoas da foz daquelle rio; atterro notavel por ser feito a braços e á custa do suor dos Indios, obrigados pelos Paulistas Lemos, que ali habitarão, e desde aquelles tempos acha-se coberto sempre de grandes bananeiras, de cujo fructo se utilisão bem os navegantes: hé no tempo da secca que acontece esta enchente, achando-se então o rio mui baixo emquanto vai encanado por margens barrancosas, a contar da sua origem até muitas legoas além do Porto geral; sendo, por todo este espaço, soberbo e pujante na estação chuvosa, principalmente em Janeiro e l'evereiro.

Offerece o rio Cuyabá commoda, sadia e excellente navegação até o Porto geral; navegação muito frequentada pelas monções que seguem para a Fronteira do Paraguay, e para Porto Feliz, sem que encontrem huma só cachoeira. Hé ainda navegavel por muitas legoas acima do Porto geral, mas com algum trabalho, por causa de se apresentarem então differentes cachoeiras, baixios e correntezas, todavia sómente em tres hé que se necessita aliviar as canoas, e algumas são varadas á sirga.

A qualidade de embarcações que se empregão na navegação deste rio, consta de canoas grandes e pequenas, aquellas chamadas de guerra, estas batelões.

A sua foz está na latitude de 17°, 20' e na longitude de 320°, 5', acima da superficie do Oceano 84 braças e 4 palmos.

Hé abundantissimo de pescado, e as suas especies e quali-

dades, bem como as da caça, e aves, são as mesmas que as do Paraguay. Deve notar-se que no tempo da secca hé quando o Cuyabá abunda mais em peixe, todo elle escamoso, e sobe em cardumes atrás da Piquira, a qual não tem mais de tres pollegadas de comprido; entra depois a bastecer os rios tributarios do Cuyabá; desce para espalhar-se pelos pantanaes, onde deczova com os primeiros repiquetes do rio: nos mezes das agoas sómente apparece o peixe de pelle, para desaparecer na secca.

RIO TAQUARY.

A origem do Taquary não está ainda demarcada; sabe-se, comtudo, que vem dos terrenos altos, que se estendem para o Norte de Camapuã; até entrar nelle o Cuxim, segue em rumo geral ao S. O., desta confluencia para baixo vai descrevendo humna extensa curvatura, com a concavidade voltada para o Sul, e desde a confluencia do Coxim até á sua barra no Paraguay, tem 70 legoas de curso total; cuja velocidade é forte emquanto o rio vai encanado por margens alcantiladas, o que lhe acontece até duas legoas abaixo da Cachocira da Barra, depois segue por campanhas razas e em rumo geral a O., por trinta legoas, e no fim dellas carrega para O. S. O. por vinte legoas, e por mais vinte ao S. O. até á sua foz. Em toda esta extensão dá váo sómente no tempo da secca, duas legoas abaixo da Cachocira da Barra, a que chamão a passagem dos cavalleiros, por ser ali onde os Uai-curús atravessão o rio.

O alveo, geralmente pedregoso emquanto o rio emana pelos terrenos altos, torna-se depois que entra nos baixos areiento e lodoso em partes: hé permanente; todavia dez legoas acima da sua foz perde-se por largas bahias, por meio das quaes corre o rio, e assim vai por mais 10 legoas até ao boqueirão chamado do Taquary, onde encana então, com vinte e duas braças de largo e hum de fundo, não tendo as margens, por aquellas paragens, mais que hum palmo de altura

acima da superfície d'água, sendo em outras cobertas de frondoso arvoredor.

O unico rio notavel que entra no Taquary hé o Coxim, que tem a sua bocca, de 25 braças, na Latitude de $18^{\circ}, 24'$, e Longitude de $322^{\circ}, 37'$, e que existe 109 braças e 7 palmos acima da superfície do Oceano, e além delle huma legoa entra-lhe, pela margem do sul, o rio Taquary-mirim, e quatro legoas mais adiante recebe, pela do Norte, o pequeno rio Jaurú, que faz barra fronteiro á cachoeira do mesmo nome. Tem este rio 30 legoas de extensão, a contar da sua foz, até que nelle conflue o Camapuã-guassú; as suas margens são alterosas, e em partes formadas de paredões cortados perpendicularmente, seguindo em geral o rumo de N. E. ao S. O. Vinte e quatro cachoeiras difficultão a sua navegação, das quaes oito obrigão a descarregarem-se as canoas totalmente, passando-se por terra as cargas. A origem do Coxim fica a poucas legoas do Registro de Camapuã; a navegação pelo rio deste nome hé trabalhosa, por elle ser pouco abundante d'agoas, e mui tortuoso, de modo que ha paragens em que hé preciso arrastar as canoas á força de braços, por cima dos bancos d'arêa que forrão o seu leito; e deixando-se para a direita este rio, segue-se pelo Camapuã-mirim, e por elle navega-se huma legoa a chegar-se ao Registro, que está na Latitude de $19^{\circ}, 35'$; e na Longitude de $323^{\circ}, 38', 45''$; havendo-se ao todo navegado, com muito custo, 11 legoas desde a barra do Camapuã-guassú.

O Taquary participa grandemente da cheia periodica do Paraguay; dá boa e limpa navegação até a cachoeira da barra (7), e hé empregada a mesma qualidade de embarcações que navegação pelo Cuyabá: por este rio, pelo Coxim e Camapuã, segue a derrota para Porto Feliz.

Deságua no Paraguay por muitos canaes, que formão grande numero de ilhas apaúladas; o principal está na Latitude de $19^{\circ}, 15'$, e Longitude de $320^{\circ}, 32'$; 63 braças e 3 palmos acima da superfície do Oceano. Na sua grande enchente, com bons pra-

(7) Primeira do Coxim, junto á sua foz.

ticos, póde seguir-se deste rio para o de S. Lourenço, pelo campo, então innundado.

As especies e qualidades de peixes e aves, de que hé abundantissimo, são as mesmas que já mencionei tratando do Paraguay, assim como da caça; devendo fazer-se mensão das lindas e raras aves Anhupocas, que tem o tamanho das Anhumas, e como ellas hum chifre na cabeça, e esporões nas azas; cantão sobre a madrugada; os patos são innumeraveis, e para sua sustentação lhes preparou a Natureza, por ali, grandes arrozacs bravos, cujo grão tendo um grade bico, hé por isso desprezado pelas outras aves; as garças se mostram em bandos; ha paragens certas aonde as aves se juntão e formão seus ninhos, cubrindo copados arvoredos, o que deleita a vista: no tempo em que o rio apresenta praias, vêem-se estas recheadas de ovos de infinitas gaivotas, que é sobre a arêa que formalisão os ninhos; bem como os Kágados, porém estes amphibios enterrão os ovos.

RIO MONDEGO

anteriormente Limbotéliú.

Nas serras do Amambay, de que já fiz mensão, tem as suas mais remotas fontes o Rio Mondego, fazendo contraverentes com as do rio Anhandubyguassú, que vai entrar no rio Pardo, e hé por onde navegarão os primeiros Paulistas, que penetrarão para Matto-Grosso: dirige-se este rio em rumo geral ao Poente, descrevendo multiplicadissimas voltas, e a velocidade do seu curso não hé muito forte, no tempo da secca, principalmente quando serpentêa pelos pantanos. Hé sobre a margem direita do Mondego, na distancia de 247 braças, que existe o Presidio de Miranda, e ainda acima delle algumas legoas não dá váo o rio desde a sua foz.

Estando a maior porção do Mondego incluída nos terrenos baixos, e pantanaes, hé em geral o seu alveo lodoso e areiento, e só para as cabeciras forrado de lagedos e cascalho. As suas

margens são cobertas de frondosas mattarias, e boas para a cultura.

Acima do Presídio tres dias de marcha a cavallo, sempre com as margens do Mondego á vista, chega se á reunião de dous braços, que formão o dito rio; hum corre de E. das Serranias, e hé o mais fundo, e d'agoa mui saborosa; o outro, que se encaminha do S. E., hé d'agoa salobra; ambos contêm em si muitas cachoeiras. Varios ribeirões engrossão o Mondego e o unico rio notavel que elle recebe hé o Negro, de igual volume d'agoas, entrando-lhe pela direita poucas legoas acima da sua foz, acarretando-lhe as torrentes dos rios Aquidauane do Barranco Alto, e Daboque, que todos tem as suas cabeceiras na Serrania, que se dirige por Camapuã, sendo a principal do Rio Negro, o rio Negrinho, que eu atravesséi viajando ainda pelos terrenos altos, e os outros vadiei correndo já nas campanhas, quando explorei o sertão de Camapuã para Miranda.

Este rio participa igualmente, como os outros já descriptos, das enchentes periodicas do Paraguay, que por espaço dilatado lhes cobrem as margens. Hé por elle que se navega para o Presidio de Miranda, sendo sempre de bom fundo, e sem obstaculo, e ainda dá boa navegação por mais de 15 legoas acima do Presidio. Canoas grandes e pequenas são até aqui as embarcações que se empregão em o navegar.

A sua foz está na margem esquerda do Paraguay, cinco legoas abaixo da do Taquary. As especies e qualidades de peixes, aves e caça, são as mesmas que tem o Paraguay.

Acima do Presidio de Miranda, e na margem direita do Mondego, fundarão os Hespanhocs á cidade de Cheres, que os Paulistas destruirão em 1626, e cujos vestigios forão observados em 1778 pelo Capitão João Lemes do Prado.

RIO APA.

Tem a sua origem, fazendo contravertentes com as do rio Igatemy, no Paiz da Vaccaria, pelo parallelo de 20°, 50'; este vai confluir no Paranan, acima do salto das Sete-quedas, aquelle

no Paraguay, na Latitude de 23.^o; corre ao Sul do Presidio de Miranda 45 para 50 legoas, e hé até ali que se estendem as nossas Rondas, servindo este rio de raia entre os Dominios Brazileiros, e os da Republica do Paraguay. A cem passos da margem esquerda do rio Ápa tiverão os Paraguayanos o Presidio de S. José, que lhes desmantelámos em 1802. As suas mais remotas fontes distão das do Mondego tres a quatro dias de viagem. A velocidade do seu curso hé forte em algumas paragens; segue em direcção geral ao Poente, carregando hum pouco ao S. S. O.

Offercece váos em algumas paragens; tem cachoeiras, e o seu leito hé, em partes, coberto de arêa e cascalho, e n'outras cortado por bancos de pedra arenosa: as margens são povoadas de arvoredos, e as campanhas contiguas proprias para a criação do gado vaccum e cavallar. Recebe varios ribeirões por huma e outra margem, e nenhum rio notavel.

A sua enchente provém das torrentes que o engrossão na estação chuvosa. Hé navegavel ainda acima do lugar em que o atravessa o caminho que vai do Presidio de Miranda para Villa Real; mas esta navegação não hé frequentada. A sua foz hé, como disse, no Paraguay, e tem a mesma qualidade de pescado que este.

Rios que entrão no Paraguay, pela margem direita, ou occidental.

RIO SIPUTUBA.

Tem a sua origem na Serra Tapirapuã, grande ramo da dos Parecís; segue primeiro ao S. S. O. em rumo geral, depois vai voltando pelo S. ao S. E., e assim entra no Paraguay com 60 legoas de curso total. A velocidade da sua correnteza hé forte quando cheio, e mediana no tempo da secca. Dá váo em algumas partes, mas não nas primeiras legoas acima da sua barra. O seu permanente alveo vê-se forrado por lagedos em diversas paragens, e cortado por bancos de pedra arenosa com vieiros de cristal de rocha; e n'outras acha-se coberto de arêa e cascalho, sendo em partes lodoso. Suas margens são tolda-

das de frondosa e espessa mattaria, auríferas em alguns lugares, e abundantes de puáia.

Na parte superior deste rio entra-lhe, pela margem Occidental, o mediocre Jurubaubá, e por hum e outro lado varios ribeirões lhe conduzem as agoas, que as chuvas internão n'aquelles adustos sertões.

Na estação chuvosa se-manifesta a sua enchente, que se torna maior nos mezes de Janeiro e Fevereiro, tempo em que de ordinario desfechão as nuvens torrentes mais grossas.

Offerece navegação, por muitas legoas acima da sua foz, a canoas e a barcos chatos, e sem obstaculo algum por 20 dias de subida, mas não se ha frequentado.

A sua foz, no Paraguay, está na Latitude de 15°, 50'. Hé este rio aurífero, e já se trabalhou em minas de ouro, perto do seu braço Occidental Jurubaubá.

Abunda em pescado, como o que tem o Paraguay.

RIO CABAÇAL.

A sua origem está na mesma serra Tapirapuã, ou na que della faz parte com o nome d'Olho d'Agoa, e correndo ao S. S. E. até receber um braço, pela direita, que vem da mesma serra do olho d'Agoa, volta em rumo geral, ao Nascente a entrar no Paraguay; hé aurífero e diamantino. Não recebe rio algum, mas sim varios ribeirões por ambas as margens; e o que disse a respeito da velocidade, natureza do alveo, das margens, dos váos e das enchentes do Siputuba, digo a respeito do Cabaçal, pois são em tudo bem semelhantes.

Por oito dias sobem, por este rio, canoas grandes, e no fim delles encontra-se huma catadupa, além da qual torna-se difficil a navegação. A sua foz no Paraguay está 3 legoas abaixo da do Siputuba; e tem abundantemente a mesma qualidade de pescado que este.

RIO JAURU'.

Nasce nos Campos dos Parecís, pelo paralelo de 14.° 42', e meridiano de 319°, 13'. Corre, em rumo geral, ao S. até á La-

titude de 15', 45', onde está o Registro, a que dá seu nome; seu curso tortuozo hé, até este ponto, de 26 legoas, e d'aquí para baixo vai inclinando ao S. O., seguindo este rumo por mais 34 legoas, a entrar no Paraguay com 60 de corrente total.

A velocidade hé forte em toda a extensão das primeiras 36 legoas, a contar da origem, principalmente na estação chuvosa, tornando-se muito menor nas ultimas 24 legoas, por encanar então por campanhas razas.

No tempo da secca dá vão em muitas partes, e até bem perto da sua foz: tem cachoeiras para cima do Registro, e ainda abaixo delle.

O alveo é permanente, e dos terrenos baixos, ou campanhas, para cima, acha-se em muitas partes formado de lagedo arenoso, n'outras coberto de arêa e cascalho, cortado por bancos de pedra arenosa, com vieiros de cristal de rocha; mas depois que o rio segue pelos terrenos baixos, hé então o alveo em geral lodoso, encontrando-se todavia compridos bancos de arêa. As suas margens, cobertas em grande parte de frondosas mattas, e altas, geralmente, até algumas legoas abaixo do Registro, tornão-se pantanosas, por longos espaços, desde que o Jaurú serpenteia pelas campanhas razas (8). Perto da margem direita, e acima do Registro, descobrio-se cobre ultimamente, de que se fundio huma barrinha, e cunhou-se huma moeda de 40 réis.

Recbe este rio, por huma e outra margem, varios ribei-

(8) Perto da margem direita do Jaurú tem principio, em hum parizal, e na lagôa do nome Invernada a fantosa e extensa varzea das Salinas, que divide a Fronteira do Jaurú quasi pelo me. e seguindo primeiro ao S. E., corre depois em rumo geral ao S. até á Salina chamada do Almeida, dirigindo-se d'aquí ao S. S. O., e vai unte-se á varzea do Onco-bravo, depois de haver recebido os escoantes de muitas lagôas, pela direita e esquerda, e as aguas do pantanal Uacurizal. Esta notavel varzea tem as suas margens cobertas de frondosas e virgens mattarias, que sanem de terrenos excellentes para a cultura; eris o mesmo peacado que o Paraguay, e pela sua direita, até ao pouso de nome Uacurizal, segue o caminho que do Registro do Jaurú vai para a Missão de S. João de Chiquitos, á qual se chega com pouco mais de 40 legoas de marcha. Esta varzea, que reconheci em 1827, abunda em succo salino de que os antigos se auberão aproveitar; e são igualmente abundantes do mesmo succo muitas lagôas d'aquellas dilatadas campanhas. A Salina Velha ou do Almeida, nome que conserva do seu primeiro descobridor, está 14 legoas arredada do Registro, e a diante della meia legoa entrão na varzea das Salinas, pela direita, as aguas do pantanal Uacurizal, que vem do N. N. O., achando-se aqui o pouso do mesmo nome: caminhando-se mais 2 legoas o meia direito ao S., e atravessando-se muito obliquamente a mencionada varzea, chega-se á Salina Nova, onde eu vi estarem varias pessoas da Jacob na e de Villa Maria extrahindo muito e excellente sal. Pouco mais de legoa ao S. S. O. deste lugar está huma lagôa, ultimamente descoberta, que abunda em succo salino e caparrosa.

rões e esgotadouros das campanhas, e também pela direita o rio Agoapehy; e as suas enchentes provêm das chuvas que, desfechando no tempo proprio sobre os terrenos visinhos, formão torrentes, que se dirigem a engrossar o rio.

Costuma se navegar o Jaurú desde Villa Maria, e as embarcações que se empregão são canoas e batelões, que transportão effectos para o Registro.

A sua foz está no Paraguay, na Latitude de 16°, 24', e 81 braças acima do nivel do mar: meia milha abaixo della, acha-se sobre a margem occidental do mesmo Paraguay, seis braças para dentro, e 82 braças, 2 palmos e 4 pollegadas acima do Oceano, o Marco de limites, ali collocado em 1754, e orientado diagonalmente: hé hum tronco de pyramide recta quadrangular, firmado sobre a sua correspondente base, rematando em huma pequena pyramide, também quadrangular, de cujo vértice levanta-se huma cruz de quatro braços iguaes, tudo de bello marmore, cuja peça tem de altura total 23 palmos, e para aquelle fim veio de Portugal. Cada huma das faces trapezoidaes tem a sua inscripção: a que olha para o Paraguay, por baixo das Armas Portuguezas, tem gravado = Sub Ioanne Quinto, Luzitanorum Rege fidelissimo =. Na opposta face, por baixo das Armas de Hespanha, lê-se = Sub Ferdinando Sexto Hispaniae Rege Catholico =. Na face que olha para o S. O. tem = Iustitia et pax osculatae sunt =, e na opposta = Ex pactis finium regundorum conventis. Madridi, idib januar M.D.C.C.L. =

O rio abunda em pescado, aves, e caça, de que as qualidades são as mesmas que tem o Paraguay.

RIO AGOAPEHY.

Tem a sua origem no cume e extremidade meridional da serraania a que dá o seu nome, e que faz parte da cordilheira, onde estão os Arraiaes de Matto-Grosso, da qual já tratei; nasce pela latitude de 16°, poucos palmos distante da primeira fonte do Rio Alegre, correm ambos quasi parallelos com pequeno intervallo, atravessando a Serra, pelo espaço de 7 legoas, e no fim dellas precipitão-se por duas altas catadupas, cortadas

na face das serras, que olha ao N, formando no campo, huma legoa além dos Saltos, hum isthmo de 3900 braças ⁽⁹⁾, onde toma direcção opposta ao Alegre, correndo para o Oriente, em rumo geral, a entrar no Jaurú, 3 para 4 legoas abaixo do Registro, com 30 de curso total. Estendendo-se o corpo deste rio quasi todo por campanhas dilatadas, geralmente planas, a sua velocidade não hé grande: e no tempo da secca dá váo em qualquer parte, havendo então paragens em que a agoa apenas chega ás barrigas das pernas. O alveo hé permanente, lageado enquanto o rio corre na Serra: depois hé, em geral, areientó, e em partes lodoso; e as margens, baixas nas campanhas, são cobertas d'arvoredo, que em certos lugares hé pouco espesso.

Recebe alguns ribeirões e escoantes, e nenhum rio; e a sua enchente apparece na estação chuvosa, para sumir-se logo que entra a secca. Dá mui fraca navegação, e só a pequenas canoas, nos mezes em que as suas agoas estão baixas. A sua foz está, como disse, no Jaurú, 3 para 4 legoas abaixo do Registro; não hé muito abundante de pescado, e o que apparece não differe do que apresenta o Paraguay.

RIO NEGRO.

Fallando com propriedade, este rio não hé mais do que hum grande escoante da famosa Bahia Negra, de que tratarei a seu tempo; tem seis legoas de curso até entrar no Paraguay, e segue ao S. E. $\frac{1}{4}$ de S. Dá boa navegação a sumacas, para o que tem sobejo fundo; não hé forte a sua correnteza, não dá váo, e a natureza do seu permanente alveo hé de ser em geral lodoso. As margens baixas, são cobertas d'arvoredo e inundadas na maxima enchente do Paraguay.

(9) Hé este o isthmo da immensa, rica e opulenta Peninsula Braziliense, fechada por um lado pelos rios Alegre, Guaporé, Mamoré, Madeira e Amazonas até ao Oceano, que formão hum dilatadissimo fozzo de 710 legoas de extensão, e pelo outro mostra-se igualmente hum canal soberbo, não inferior ao primeiro; para a formação do qual concorrem as torrentes do Aguaréhy com as do Jaurú no Paraguay, que, de mistura com as proprias, vai conduzi-las tambem ao Oceano, já então com o nome de Rio da Prata: Peninsula interessante, que o Atlantico fecha por todo o Oriente, e que em si contém preciosidades avultadissimas de todas as qualidades, generos e especies nos diferentes Reinos; sendo, na diversidade de seus climas e bondade de seus terrenos, capaz de produzir, como produz, toda a casta de fructos e de plantações que apresenta a Europa, ou para dizer melhor, todo o antigo Mundo! Para cujo fim basta haver o cuidado de se apalpar as Estações e de se escolherem os lugares, e de não se retrogradar na empresa.

Recebe unicamente varios esgotadouros das campanhas razas, que rega; participando da enchente d'aquelle rio, hé em todo o tempo, navegavel sem algum obstaculo.

A sua foz existe 11 legoas ao S. O. de Coimbra, na margem direita do Paraguay, como disse, e, como este, abunda na mesma qualidade de pescado e de aves; e faz a nossa extrema com os Dominios da Republica do Paraguay.

SEGUNDO GRANDE CANAL.

RIO MADEIRA.

A este corpulento e interessante rio póde considerar-se-lhe duas notaveis e principaes origens, que são as dos seus maiores braços, que denominarei Oriental e Occidental; aquelle nasce e corre por Dominios Brasileiros, como veremos adiante; hé elle o rio Guaporé; o Occidental, com o nome de rio Beny, rega grande parte da Republica Boliviana, atravessando a Provincia de Moxos, demorando as suas remotas fontes no parallelo de 18°, e nas ramificações orientaes da Cordilheira dos Andes.

Dirige-se o Beny, em rumo geral, a E. N. E. até unir-se-lhe o rio Mamoré, pela margem Oriental, e desta junção até ao grande Amazonas, deu-se-lhe o nome de Madeira, que para aquelle rio vai seguindo a N. N. E., e N., apresentando largos e vistosos estirões, principalmente aos rumos do quadrante do N. E. A extensão do Madeira, desde a barra do Mamoré até á sua foz no Amazonas, hé de 214 legoas e meia.

Não se-lhe póde marcar precisamente a velocidade do seu curso; varia segundo o maior ou menor volume d'agoas, a maior ou menor largura do leito, e de suas voltas, que formão correntes assaz fortes em muitas paragens; nas cachoeiras hé geralmente arrebatada a corrente. Não offerece váos este rio desde que toca a provincia de Matto-Grosso até á sua foz.

O permanente alveo do Madeira hé forrado de grossas penedias, e cortado por longos bancos de rochedos em toda a extensão, que abrange cada huma das doze cachoeiras que elle contém, desde a primeira, duas legoas abaixo da junção

do Mamoré, que tem o nome do rio de que trato, até á ultima, ou Santo Antonio, que se apresentam no espaço de 52 legoas e meia; todavia neste mesmo espaço ha estirões, dos quaes o alvco hé coberto de arêa e seixos. Da cachoeira de Santo Antonio para baixo pôde dizer-se que o alvco, em varias paragens lodoso, hé todo areiento, entressachado de seixos, e cascalho, formando em partes varias crostas e camadas argilosas.

As margens varião de altura, segundo os terrenos contiguos, e são geralmente cobertas de preciosas mattas, que, apresentando multiplicadissimas arvores de extraordinaria grandeza e grossura, fizeram dar a este rio o nome de Madeira. Com effeito as madeiras extrahidas destas mattas são excellentes para toda a casta de construcção, e para as mais delicadas obras de marcenaria: parece que a Natureza se esmerou em prodigalisar seus dons com as margens deste notavel rio; nellas se encontrão abundantes effeitos dos que fazem a privativa riqueza do amplissimo paiz das Amazonas; compridos espaços das ditas margens são cobertos de frondosos cacãoaes, de cujo fructo se aproveitão os habitantes de Moxos para fazerem o seu estimado chocolate: não só as margens do Madeira, mas tambem as d'outros rios seus tributarios, e as de grandes lagos, que para elle escoão, abundão exhuberantemente em salsa-parrilha, pichiry, cravo e baunilha; differentes óleos, resinas, e gommas, e outros generos do Reino vegetal. Os terrenos cortados pelo Madeira são propicios para avultar a cultura, principalmente os vizinhos ás cachociras, por serem mais altos e pingues. He para lastimar-se que sendo este rio descoberto ha 104 annos, frequentada a sua navegação, no tempo em que os Capitães Generaes da Provincia residião na cidade de Matto-Grosso; riquissimas as suas margens, como se vio, farto de excellente pescado, e caça; proprias as terras para cultura; hé para lastimar-se que tantas vantagens se despresem, e que só Nações Selvagens o povôem! Nações que facilmente se aproveitarião em utilidade propria e do Estado.

Rios que entram no Madeira pela margem Oriental.

O rio Mamoré, que lhe conduz o notavel Guaporé, com as torrentes de outros muitos, feudatarios d'este: a foz do Mamore está na Latitude de 10°, 22', 30'', e hum dia de viagem abaixo della, conflue o ribeirão das Cachoeiras, junto ao qual, na mesma margem Oriental, se estabeleceu, em 1799, hum destacamento já florescente, e hoje reduzido a poucas praças, cobertas de nudez, e miseria. Segue-se o mediocre Jaúpará abaixo da Cachoeira do Caldeirão do Inferno, que occupa o nono lugar das doze que tem o Madeira, correndo pelos nossos Dominios.

Doze legoas e meia abaixo da cachoeira de Santo Antonio está a barra do rio Jamary, que vem das fraldas septentrionaes da Cordilheira dos Parecis, por onde vive o gentio Guariterés; passa por terrenos auríferos, e hé navegavel em grande parte, e as suas margens são habitadas pelos selvagens Muras.

Quatorze legoas e meia abaixo do Jamary está a bocca do rio Machado, que nasce, como aquelle, das serras dos Parecis; hé largo, e de agoas cristalinas, tem hum pequena ilha na sua foz; as suas visinhanças são povoadas por numerosa gentilidade.

Pouco mais de doze legoas abaixo do Machado, entra no Madeira o rio Aruapiára.

Quatro legoas e meia além do Aruapiára, fica a barra do rio Marmelo, e a este segue-se o Manicoré, com sete legoas de hum a outro.

Sete legoas e meia abaixo do Manicoré conflue o rio Anhangatény, e cinco legoas abaixo d'este entra o rio Mataurá, que, no interior do paiz, communica-se com o grande larro Topinambaranas, pelo rio Cunamá.

Dez legoas e meia mais abaixo está a bocca do mediocre Ariupaná; e proseguindo viagem, encontra-se a pequena Villa de Borba, vinte e duas legoas e meia acima da foz do Madeira; ha nesta hum Commandante Militar e hum destacamento; serve de Registo para os combois.

O famoso furo, a que dão o nome de rio Topinambaranas hé o quinto, ou o mais Occidental dos que communicão o amplissimo lago Saracá com o Amazonas, lago junto ao qual está a Villa de Silves, de quasi duas mil almas, empregadas no trafico que lhes facilita a abundancia do pescado, na colheita das tartarugas e na plantação do fumo, gencros estes que exportão para muitas partes: aoz do Topinhambaranas fica onze legoas e meia acima da do Madeira.

Rios que entrão no Madeira pela margem Occidental.

Abaixo da quinta cachoeira, de nome a Pederneira, está a foz do rio Abuná, quasi 200 legoas acima da do Madeira, que por ali curva para o Poente, até endireitar de novo ao seu rumo geral; fronteando o Abuná, na margem Oriental, existe huma ponta, que tira o nome d'aquelle rio, e que hé a parte mais Occidental da Provincia.

Onze legoas e meia abaixo do rio Machado, está a bocca do mediocre rio Arraias; e oito legoas acima do Aruapiára vê-se a do rio Baetas.

Sete legoas e meia acima da foz do Manicoré, fica a do rio Capaná, que hé bastantemente largo, e com dez dias de viagem communica-se com o rio Purús, que todo elle corre por Dominios de Bolivia.

Vinte e tres a vinte e quatro legoas acima da Villa de Borba está a barra do rio das Aráras: a margem oriental do Madeira hé, por ali, d'altos barreiros de ocres de differentes côres.

Finalmente, 21 legoas e meia acima da mesma villa entra no Madeira o rio Ariupaná. Além dos rios que, por ambas as margens, engrossão o Madeira, recebe este muitos esgotadouros dos lagos que, em quantidade, se encontrão nas immedições deste grande rio, todos ricos de pescado, e preciosas as mattas que os circundão.

As enchentes do Madeira provêm das chuvas, que tornando pujantes os muitos rios e ribeirões, que lhe levão as

suas torrentes, o fazem soberbo e caudaloso; enchentes que durão desde Janeiro e Fevereiro até Maio.

Este rio, como disse, fornece segura e desimpedida navegação desde a ultima cachoeira, ou de Santo Antonio, até á sua foz, pelo comprido espaço de 161 legoas; navegação que para cima, ou contra a corrente, hé ajudada por ventos largos, que principião ás 9 horas da manhã e durão até ás duas da tarde. Nas cachoeiras torna-se mui trabalhoso o transito do Madeira, encontrando-se estes obstaculos naturaes nas 52 legoas e meia, que vão da primeira á ultima cachoeira, e que por sua ordem vou descrever.

1.^a *Cachoeira do Madeira* — Annuncia-se por hum grande sirga, e salto, a que se seguem mais duas, quasi iguaes; sendo mister descarregar as embarcações, transportando-se as cargas por terra, pelo espaço de trezentos passos, para então carregar-se de novo: o todo da cachoeira tem meia legoa de extensão, o rio hé ali muito largo, apresentando hum archipelago de pequenas ilhas e forrado o leito de pedras dispersas por toda a largura do mesmo.

2.^a *Cachoeira da Misericordia* — Hé de curta extensão, e formada por hum grosso penhasco, que se une á margem Oriental, formando huma ponta, que tem defronte tres grandes penedos, e por entre elles e a ponta hé que se navega; passagem mui perigosa quando o rio está cheio, porque sendo grande o pezo d'agoa que vem d'encontro ao penhasco, indirecta d'ali, com incrível rapidez, para os tres penedos, e necessita-se muita vigilancia para livrar as embarcações de irem cahir sobre elles, que forçosamente se-despedaçarião.

3.^a *Cachoeira do Ribeirão* — Hé esta a mais terrível de todas as que tem o Madeira, composta de cinco cachoeiras parciaes, separadas por correntezas, ilhotas e penedias diversas. A primeira, e mais enfadonha, termina na foz do ribeirão; as cargas passam por terra, á distancia de 300 passos, e as embarcações são puchadas pelo rio, quando as agoas não estão na sua minima altura, porque, neste caso, vão-se por terra; junto ao ribeirão carregão-se novamente as canoas, e vencidas duas sirgas,

e algumas correntezas, apparece depois novo obstaculo, que obriga a descarregar outra vez, e a seguirem as cargas por terra o caminho de tres mil passos, e as embarcações são puchadas pelo rio com muito custo; vencido este formidavel abrolho, seguem se ainda tres sirgas, que se passam com as canoas carregadas.

4.^a *Cachoeira das Araras* — Hé formada por muitas ilhotas e penedias, que produzem difficultosas e arriscadas passagens, venciveis com a cautella de bons praticos.

5.^a *Cachoeira da Pederneira* — Composta de huma infinidade de pedras, as mais dellas cobertas d'agoa, que formão precipitadas e espumantes correntezas, que obrigão sempre a descarregar-se, vadeando as cargas por terra, por hum varadouro de 240 braças.

6.^a *Cachoeira do Paredão*. — Duas pontas de alta penedia que se apresentam nos extremos de humas ilhas, formão dous corpulentos canaes; navega-se pelo da direita, com o qual vão pegar varios penedos dispostos em linha recta, e parallellos á direcção do canal, que terão 12 braças de comprido e 15 palmos de grosso, representando as ruinas de huma muralha artificial, que della tira o nome a cachoeira; junto á muralha está aberto um canal, que não excede a 16 palmos de largo, por onde os navegantes disputão á força de seus braços com a forte corrente, quando sobem.

7.^a *Cachoeira dos Tres Irmãos*. — Hé formada por continuas pontes de pedras, que partem da margem esquerda do Rio, estendendo-se, em frente, huma grande ilha de quasi huma legoa de extensão; a cachoeira tem para o fim duas trabalhosas sirgas, e ao todo é de meia legoa de comprido.

8.^a *Cachoeira do Girão*. — Multiplicados penedos, e repetidas ilhotas dão princípio a esta cachoeira, e formão trabalhosas correntezas; apresenta-se depois huma alta catadupa, precipitando-se o rio por diversos canaes, e seguindo d'ali por hum apertado leito, que lhe torna arrebatada a sua velocidade, por algum espaço: as embarcações descarregão-se totalmente, são varadas por terra, e o varadouro hé de 350 braças.

9.^a *Cachoeira do Caldeirão do Inferno*. — Tem quasi huma legoa de comprido, e hé formada por muitas ilhas chamadas do Padre, e por infinidade de penedos, descrevendo as correntezas rumos oppostos; tem tres differentes sirgas, e na sua cabeça está o poço a que chamão Caldeirão.

10.^a *Cachoeira dos Morrinhos*. — Hé formada por muitas e pequenas ilhas acompanhadas de grossas pedras, que tambem se achão dispersas por toda a largura do Rio: vencidas duas grandes sirgas, apresentam-se tres canaes, navegando-se quasi sempre pelo do meio.

11.^a *Cachoeira do Salto*. — Hé muito grande, formada por huma seguida corda de penedos, que atravessa o rio de huma a outra margem, apresentando quatro canaes, por onde se precipitão as agoas de 40 palmos de alto; do Nascente vem depois huma comprida restinga de pedraria, parallela á dita corda, que encontra as agoas de tres dos seus canaes, e fórma sómente hum assás estreito, por onde hé tão arrebatada a corrente, que ao precipitar-se, em nova queda, faz levantar as agoas em altissimos cachões, que se espalhão ou dividem em particulas tão insensiveis, que de longe parece huma contínua fumaça: finalmente, por entre a ponta da descripta restinga, e a margem occidental, espaço fronteiro ao quarto canal da referida corda, corre quasi todo o peso d'agoas, batendo por elevados penhascos, apresentando-se, para a esquerda, huma perigosa sirga, que hé preciso vencer a todo o custo.

12.^a e última *Cachoeira de Santo Antonio*. — Hé formada de pequenas ilhas, que seguem proximas á margem oriental, e de penedos dispersos por toda a largura do rio; a meio do qual apresenta-se a maior das ilhas, aonde se mostrão dous canaes por entre grandes e multiplicados penedos, sendo a corrente velocissima para tentar-se a passagem destes canaes hé mister attender á altura d'agoa.

Se não fossem os obstaculos apresentados por estas doze cachoeiras, e pelas cinco do Mamoré, como veremos, tinha-se para o Norte, isto hé, da cidade de Matto-Grosso para a do Pará, huma navegação tão limpa, como a temos para o S., pelo

Paraguay, e ainda com a differença de não precisarmos licença alheia. A arte não tem diminuido aquelles obstaculos, o que não acho difficultoso, mesmo pela facilidade que offerece a penedia para quebrar-se, afim de se abrirem sufficientes canaes, com direcções accommodadas ao intento.

As embarcações até aqui empregadas nesta navegação, constão de grandes barcos, que carregão mil a duas mil arrobas; garités, que tem no fundo hum grosso tabuão, donde partem cavernas, sobre as quaes se prega o taboado; canoas e bate-lões. Transportão effeitos d'além mar, como sal, ferro, aço, vinhos, azeite, fazendas seccas, &c. que vão buscar, ou á Villa de Santarem, ou mesmo á cidade do Pará, navegando-se, segundo as voltas dos rios, 686 legoas e hum quarto, desde a cidade de Matto-Grosso até á do Pará, das quacs 250 correm-se pelo grande Amazonas. A exportação consistia em ouro em pó, barras e diamantes; hoje está quasi abandonada esta navegação com a decadencia da cidade, que a protegia.

A foz do Madeira no Amazonas está na Latitude Austral de 3°, 24', contendo mais de 500 braças de largo, e 10 de fundo. A maré não tem influencia alguma na barra deste rio, por isso que o mar lhe fica distante perto de 300 legoas.

Hé o Madeira abundantissimo de pescado, a saber: araias, barbados, barbadinhos, bagres, batuqueiros, botoados, corvinas, corimbatás, jacundás, jejuns, lambaris, lingoados, matrinchãs, muçum, que hé como cobra, pacús, pacupévas, piratíngas, peixe novo, piracanjuva, peixe agulha, peixe cachorro, peixe leitão, pintados, piranha, piavoçú, pirarâra piquira, peraquê, que hé como cobra, mostra orelhas junto á cabeça, e quando se pega nelle, estando vivo, fica logo o braço dormente e o corpo com dores por algumas horas; sardinhas, sanhás, tambuatás, tartarugas, tovyros, chamado tambem peixe espada, uhacarys, botos, dos quacs se faz azeite para luzes, jacarés monstruosos e bravos, jacarétingas; ambas estas qualidades de peixe são muito da estimação dos Indios; lontras, cuja pelle é estimada

As tartarugas são innumeraveis, e hé hum ramo de ex-

portação de que se aproveitam os habitantes do Amazonas; depositão centenares de ovos nas lindas praias do Madeira, onde se vão colher no tempo proprio, para fazer-se muito boa manteiga, principalmente na grande e vistosa praia do Taman doá, que tem começo quatro legoas abaixo da Cachoeira de Santo Antonio, e hé onde se faz a mais vantajosa pesca das tartarugas, outra riqueza do Madeira; a carne deste amphibio hé excellente, e mui saborosa, sendo preparada e adubada por quem saiba, que faz della differentes guisados, bem como acontece ao bacalháo.

As aves são abundantissimas, assim tambem a caça, que em geral tanto aquellas como esta pouco differem da qualidade das que já mencionei, tratando do Paraguay.

RIO MAMORÉ.

Quasi todo o corpo deste rio existe nos Dominios de Bolivia, e sómente as ultimas 34 legoas, desde que se-lhe une o Guaporé até á sua foz no Madeira, hé que são por nós navegadas, separando em toda aquella extensão a nossa Provincia de Matto-Grosso da de Moxos. As mais remotas fontes do Mamoré estão nas montanhas proximas a Santa Cruz de La Sierra, ramificações orientaes dos Andes, e quando toca as nossas Possessões segue ao rumo geral de N. E., e N. N. E. para o Madeira.

A sua velocidade hé forte, em geral, por causa de 5 cachoeiras que apresenta nas 52 legoas mencionadas, e nesta distancia não dá váo; e o seu permanente alveo hé quasi todo furado de lagedos e penedias; todavia torna-se areento em algumas paragens. As suas margens em grande parte são em tudo semelhantes ás do Madeira já descriptas.

O rio notavel que recolhe, nos Dominios brazileiros, he o Guaporé, sendo diversos os que o avultão, por ambas as margens, correndo pela Republica Boliviana. As suas cheias provêm da estação chuvosa, e são mais ou menos altas, segundo a maior ou menor abundancia das chuvas.

O Mamoré hé navegavel muitas legoas acima da sua

juncção com o Guaporé, apresentando comtudo diversas cachoeiras, e sómente 5 no espaço por nós navegado, as quaes difficultão bem a sua navegação, e vem a ser as seguintes:

1.^a —Cachoeira do Guajará mirim.—Hé a menor e a mais facil de vencer.

2.^a —Cachoeira do Guajará-guassú.—Hé de curta extensão, formando um plano inclinado, com grossos penedos, e arrebatada corrente, sendo mister alliviar as canoas de meia carga.

3.^a —Cachoeira da Bananeira.—Hé sumnamente perigosa; gastão-se alguns dias na sua passagem, fazendo-se indispensavel descarregar as embarcações, para vadear-se os diversos saltos, e canacs que a compõem.

4.^a —Cachoeira do Páo-Grande.—Precisa descarregar-se para vencer-se a meia legoa que tem de comprido.

5.^a —Cachoeira das Lages.—Não hé das maiores, nem das perigosas; tem huma ilha proxima á margem Oriental, por onde, costeando-a, se navega. A arte em nada tem diminuido estes naturaes obstaculos.

As embarcações empregadas em navegar este rio são as mesmas, de que fiz menção tratando do Madeira, e existe neste a sua foz, como disse, na Latitude de 10°, 22', 30"; e em pouco mais de 312° de Longitude.

Abunda em pescado da mesma especie e qualidades que o Madeira.

RIO GUAPORÉ.

Tem este rio as suas fontes mais longinquas na serra dos Parecís, na Latitude de 14°, 42', e Longitude de 313°, 42'; seis legoas a Oeste da principal cabeceira do Jaurú, e duas a Este da do Jurueña; foi reconhecido em 1737, e correndo em rumo geral ao S., por espaço de 15 legoas, vai depois volteando para o Occidente, passa junto á cidade de Matto-Grosso, com 49 legoas de curso, e com muitas, repetidas e curtas voltas, que, em varias paragens, e em poucos minutos, fazem apontar as prôas das embarcações a rumos oppostos, vai entrar no Mamoré, havendo decorrido o seu curso total,

a contar da origem, 256 legoas e tres quartos, seguindo para baixo da cidade os rumos geracs de O. N. O. e N. O.

A velocidade deste rio hé hum pouco forte somente quando cheio, e mediana quando está baixo; a maior parte do seu comprido corpo estende-se por campanhas dilatadas, e em muitas paragens innundadas na estação propria, ellas vão declinando suavemente para Oeste. No tempo da secca offerecem-se vãos em alguns passos mais espraçados.

O alveo hé permanente e quasi todo coberto de arêa, e em algumas partes lodoso, excepto enquanto correm as agoas pelas serras, desde a origem até poucas legoas acima da Cidade, sendo então forrado de lagêdo, pedras e cascalho, e hé por onde as margens são mais altas; mas logo que o rio encana pelos terrenos razos, tornão-se geralmente baixas e pantanosas, á medida que mais se avança para o Poente, e por longos espaços cobertas de mattaria, lugares pingues para a cultura.

Rios que engrossão o Guaporé pela margem direita ou Septentrional.

Alguns ribeirões entrão neste rio pela direita; e acima da da cidade, a tres quartos de legoa, corre o de nome Parí, que se atravessa na secca, por onde se dirige a estrada para Casal Vasco; tem principio em humas lagoas chamadas Tapanhumacanga e Tombadouro, passa por hum pantanal do seu nome junto ao Guaporé, por onde segue a dita estrada, que se torna ali intransitavel no tempo das agoas.

Duas legoas e meia abaixo da cidade recebe o rio Sararé, que lhe conduz as torrentes dos auríferos ribeiros Boa-Vista, Ouro-fino, Burity e Longavira, que passam proximos aos Arraiaes de Matto-Grosso, ficando a principal cabeceira do Sararé na serra dos Parecís, 3 legoas a Oeste da do Guaporé, e 3 para 4 abaixo della se precipita das serras, dando desde logo navegação franca até á cidade, que se vence em menos de oito dias.

Quatorze legoas e hum quarto abaixo do Sararé está a bocca do rio Galêra, que tem a sua fonte principal nos campos

dos Parecís, huma legoa ao Norte da do mesmo Sararé, e ainda ao Norte d'aquella tem mais tres origens d'agoas abundâtes, sendo dellas a mais septentrional a chamada Saborá. O Galéra dá navegação facil até ás catadupas que tem na face occidental das serras dos Parecís, não havendo obstaculo algum, desde aquelle ponto, para chegar-se ao Guaporé.

Trinta e huma legoas e hum quarto abaixo do Galera, encontra-se o mediocre Guariteré, e duas abaixo deste o Cabixy igualmente pequeno.

Além do Cabixy 2 legoas está, á esquerda, o sitio das Torres, de que fiz menção no Capitulo Serras — e mais abaixo quasi outras duas fica a barra do pequeno rio Piolho.

Trinta e sete legoas e meia abaixo do Piolho está a barra do mediocre Caturiry ou Caturuzinho. O sitio das Torres fica 34 legoas acima do Porto dos Guarajús, de que tambem fallei no mesmo Capitulo, e abaixo da cidade 52: logo este porto dista da mesma 86 legoas pela navegação do Guaporé.

O rio Mequens entra em frente da ilha Comprida, que tem de extensão 4 legoas, demorando a sua barra 20 legoas abaixo do Porto dos Guarajús.

Dezesete legoas e hum quarto abaixo da ilha Comprida está o pequeno Destacamento das Pedras, que dista da cidade 123 legoas e meia. Entre a ilha e o Destacamento abeirão no rio vistosos campos, fazendo-se notavel pela sua planura o chamado dos Amigos, que fica para a direita, e ao Norte delle, principiando no sitio do Destacamento, corre hum cordão de pequenas colinas, onde habita o gentio da nação Mequens.

Oito legoas e meia abaixo do Destacamento das Pedras está a foz do Rio Grande de S. Simão.

Dez legoas abaixo desta fica a do rio S. Miguel, e 19 abaixo deste está a bocca do pequeno S. Domingos, fronteira a huma ilha do mesmo nome.

São estes os rios tributarios do Guaporé pela sua margem septentrional; recebendo tambem os esgotadouros de hum labyrintho de bahias e lagôas que matizão as campanhas que, para o Norte, vão encostar na cordilheira dos Parecís, da qual

se conserva o Guaporé correndo para o Occidente, na distancia de 15 a 25 legoas, segundo as suas voltas e as sinuosidades da mesma cordilheira.

Rios feudatarios do Guaporé pela sua margem esquerda,
ou Austral.

RIO ALEGRE.

Meia legoa acima da cidade de Matto-Grosso está a barra do rio Alegre, que tem a sua origem pela latitude de 16°, no cume e extremidade meridional da Serra do Agoapehy, á curta distancia da primeira fonte do rio deste nome, e toma direcção opposta a este no lugar do Isthmo de 3.900 braças, de que tratei já; seguindo d'aqui o Alegre ao P'cente, até unir-se-lhe o Barbados, donde endireita, em rumo geral, ao Norte, a confluir no Guaporé, com pouco mais de 30 legoas de curso total. Na proximidade de sua foz descreve amudadas, estreitas e pequenas curvas, e hé então rapida a sua carreira, o que tambem acontece nos espaços em que este rio estreita sempre, que as margens são pantanosas, tornando-se então mui tortuoso; todavia quando as margens se elevão, e que por isso ficão livres das innundações, apresenta o rio lindos e espaçosos esteirões.

No tempo da secca dá vão em alguns pontos acima da barra do rio Barbados: o seu permanente alveo hé geralmente lodoso, e areiento nos seus estirões, com mistura de seixos; excepto nas 7 legoas desde a origem, enquanto corre na serra, que hé então lageado, e pedregoso. As margens são em geral pantanosas, ainda no tempo da secca, e cobertas d'arvoredo, sendo mais fundo e espesso o da margem esquerda, e ambas são cultivadas em algumas paragens, onde ha sitios e poucos engenhos.

Recebe o Alegre diversos escoantes das campanhas que rega, e de varias lagoas sitas nas mesmas, e pela esquerda entra-lhe o rio Barbados. As suas cheias provêm das copiosas chuvas, que principiando fracas nos mezes de Setembro e Outubro, tornão-se abundantes em Dezembro, Janeiro e Feveiro;

as campanhas quasi planas, que abeirão no Alegre, cobrem-se d'agoa, e só pequenos espaços de terreno deixão, por sua elevação, de ser innundados, apresentando-se como ilhas em hum grande lago; e deste modo se conservão até Abril e Maio.

Hé o Alegre navegavel até ao Isthmo, apresentando algumas difficuldades nos passos estreitos, quando succede ficarem trancados por arvores cahidas, que hé mister gastar tempo em cortal-as. Empregão se garitês, canoas e batelões na sua navegação.

A sua foz fica, como disse, na margem esquerda do Guaporé, meia legoa acima da cidade, e, como este rio, abunda na mesma qualidade de pescado.

RIO BARBADOS.

Tem a sua origem junto á serra do Agoapehy na face de Oeste, espraia e confunde ás suas agoas depois em hum grande tremedal ou paúl, ainda perto da dita origem, e com os escoantes de algumas lagoas, passa junto ao Posto avançado da Fronteira do Casal-Vasco, chamado a Ronda do Sul, vai seguindo em rumo geral ao N. N. O. e pela direita recolhe o ribeirão de Santa Barbara; mais abaixo o pequeno rio Verde e o Barbadinho; e pela esquerda, hum pouco acima deste, o grande escoante ou Curixo da Cinza, que vem de Chiquitos, e ao mesmo rumo geral vai seguindo o Barbados, até ao lugar em que o corta a estrada, que vai para Santa Anna, Capital da provincia d'aquelle nome, virando então ao Norte, para a povoação de Casal-Vasco, sita na margem Oriental, e assim corre para o Alegre. Em muitas paragens, e em ambas as margens, formou a natureza bacias contiguas de grandezas diversas, divididas e cercadas por linhas d'arvoredo, que tambem as separão do campo, e que parecem dispostas pela arte: estas bacias, que trasbordão muito no tempo chuvoso, conservão agoa até ao rigor da secca, esgotando pouco a pouco para o rio, e dando este vão, nesta estação; hé todavia mister ser bom pratico para entrar se nos lugares das passagens, por causa dos atoleiros, sendo o transito difficil nos mais pontos. A navega-

ção pelo Barbados para Casal Vasco hé mais difficiliosa do que pelo Alegre, por causa das frequentes e pequenas voltas que tem, e obstaculos que apresenta o arvoredó de que hé coberto, a que chamão Saranzal; e em muitas paragens sobresae o capim consideravelmente á superficie d'agoa. As margens são, em geral, alagadas e cobertas de arvoredó, porem as do comprido e alegre estirão, que termina em Casal Vasco, são de terreno secco,

Continuando a fallar dos rios que entrão no Guaporé pela margem Austral, vê-se a bocca do pequeno rio Capivary, 6 legoas e meia abaixo do Sararé.

Dezesete legoas abaixo do Galéra está a foz do rio Verde, que nasce na serraania que vem do morro do Grão Pará, fronteando á cidade e serpenteando pelo incio della, entrega as suas agoas ao Guaporé, 33 legoas e hum quarto abaixo de Matto-Grosso.

Oitenta e huma legoas abaixo da cidade está a foz do rio Paraguá, na Latitude de $13^{\circ} 33'$; corre da provincia de Chiquitos, e nasce entre as Missões de Sancto Ignacio e Conceição, na Latitude de 17° , dirige-se quasi parallelo ao Guaporé até descurir para entregar-se a elle, com perto de 60 legoas de curso total; faz a nossa Raia com Chiquitos desde o parallelo de $14^{\circ} 11'$ até ao de $15^{\circ} 48'$.

Abaixo do porto dos Guarajús nove legoas está a bocca de hum largo rio de nome Caraimbiára ⁽¹⁰⁾.

Acima do Destacamento das Pedras legoa e meia conflue o pequeno rio Tanguinhas, e abaixo do mesmo tres legoas e meia o S. Simão Pequeno, ou S. Simãozinho, até onde somos senhores de ambas as margens do Guaporé, porem daqui para

(10) Na margem septentrional do Guaporé, na frente á boca do Caminho Real, está a povoação de Vizeu, fundada em 1776, não só para proteger a navegação e fazer munição de Santo Antonio de Guarajús, que preparava a guerra. O porto está na margem Austral, nove legoas acima de Vizeu, e seis ao S. de elle, entre as montanhas da serra do mesmo nome; todavia a povoação e minas forão de império abnucialdas com a virtude da Ordem Regia expedida ao Governador e Capitão General da Província Luiz d'Albuquerque; orçam precedida dos crimes que a Sua Magestade Catholica commetia nos seus progressos, e por isso mesmo dirigio a Gabinete de Madrid a pedir as representações ao de La-hoa, para despejar-se aquelle lugar.

baixo possuímos unicamente a Septentrional, pertencendo a Austral a Província de Moxos; e o mesmo acontece á Occidental do Mamoré, e Madeira, até á sua derradeira catarata. O S. Simãozinho vem de huma bahia ou lago, que se estende do S. O. para N. E. por espaço de 5 legoas.

Dez legoas abaixo da confluencia do S. Simãozinho está a do rio S. Martinho.

Quatro legoas e tres quartos acima do forte do Principe Imperial está a foz do rio Baurés, que parte do paralelo de 17° , e por espaço longo corre perto do Guaporé, havendo de intervallo 6 até 8 legoas, de modo que, nas cheias, navega-se pelo campo de hum a outro rio; a sua navegação hé frequentada pelos Moxoenses das diversas Missões.

Tres legoas e meia abaixo do Baurés topa-se a barra do rio Itonamas, e navegando por elle acima 30 legoas, chega-se á notavel Missão da Magdalena, sita na margem occidental, na latitude de $13^{\circ}, 21', 40''$; e na longitude de $313^{\circ}, 13', 30''$, cuja população monta a mais de 9,000 almas.

Legoa e meia abaixo desta foz está, na margem septentrional do Guaporé, o Forte do Principe, de que fallarci no seu competente lugar; dista da cidade 190 legoas pela navegação do rio, e 110 em linha recta.

Pouco abaixo deste Forte chega-se á bocca do Rio Cantários, ultimo que recebe o Guaporé pela esquerda, e por este lado tambem muitos escoantes de multiplicadas lagoas.

As enchentes deste rio apparecem na estação chuvosa; espraia-se então, confundindo as suas agoas com as das largas e razas campanhas, que formalisão hum mar periodico; e porque são quasi horizontaes despejão-se mui brandamente, e deste modo conserva-se o Guaporé cheio entrando-se pela secca.

O Guaporé hé navegavel, sem obstaculos, ainda algumas legoas acima da cidade, sem huma só cachoeira, nem catadupa; todavia no rigor da secca precisa-se muitas vezes arrastar as canoas, e garités de maior porte, por cima dos bancos de arêa, que forrão o seu alveo, e até mesmo abrirem-se no fundo, que se vê mui bem pela transparencia d'agoa, alguns pequenos canaes.

As embarcações empregadas nesta navegação são da mesma qualidade que as de que fiz menção, fallando do Madeira, e transportão a mesma especie de generos.

A foz hé, como ficou dito, no Mamorê, na Latítude de 11°, 54', 46'', e longitude de 312°, 28', 30''; 19 legoas e tres quartos abaixo do Forte do Principe, e 13 em linha recta.

Abunda este rio em pescado, que não menciono, por ser da mesma especie, e qualidades do que referi descrevendo o Madeira.

TERCEIRO GRANDE CANAL.

RIO GRANDE OU ARAGUAYA.

Hé o Araguaya o mais Oriental rio da provincia de Matto-Grosso, dividindo-a da provincia de Goyaz; as suas vertentes demorão pelo parallelo de 19°. Corre ao N., e hé cortado, em differentes pontos, pelo Meridiano de 325°; despeja as suas agoas no Amazonas, já então unido ao Tocantins, pela latitude de 6°; a extensão do seu curso hé de 370 legoas.

A velocidade da sua corrente varia em razão do maior ou menor pezo das agoas, das curvas que descreve e do leito ser mais ou menos largo, segundo as circumstancias dos terrenos por onde se dirige; todavia nunca se mostra demasiadamente arrebatada, por causa da branda inclinação do mesmo leito, e porque não tem grandes cachoeiras, dando facil passagem as poucas que apresenta.

No rigor da secca offerece váos, em pequeno numero, para cima do lugar em que o toca a estrada geral, que da cidade do Cuyaba segue para a de Goyaz, aonde está hum Registro pertencente a Matto Grosso. O permanente alveo varia de natureza, segundo a qualidade dos terrenos, que corta; em várias paragens hé forrado de lagedo arenoso, com fundões de arêa e cascalho, n'outras cortado por bancos argillosos com vieiros de cristal de rocha; em partés torna se lodoso, e por compridos espaços hé areento com mistura de sexos e cascalho.

As margens, do Registo para cima, e ainda muitas legoas para baixo, são sufficientemente elevadas, cobertas de mattarias e aptas para a cultura, habitadas por numerosa gentildade, e abundantes de cacáo, picherí, oleo de cupaúba, e d'outros genderos estimaveis; ellas tornão se baixas quando se approximão á grande ilha de Santa Anna, ou do Bananal, de 60 legoas de comprido, para novamente se elevarem na extremidade septentrional da mesma ilha, correndo assim para a confluencia do Araguaya com o Tocantins. A ilha divide o rio em dous canaes assás compridos: o Occidental conserva o nome de Araguaya, e o Oriental o de Furo; as margens d'aquelle são mais altas que as d'este, e hé mais largo; em ambos, porem, mostrão-se varias cachoeiras de transito facil, e grupos de pequenas ilhas.

Rios mais notaveis que entrão no Araguaya pela sua margem oriental, e que pertencem á Provincia de Goyaz.

Abaixo do mencionado Registo entra o rio das Almas, com o cristalino ribeirão da Ponte Alta, e outros. Segue-se depois o diamantino e aurífero rio Claro, engrossado com as torrentes dos rios Fartura, e Pilões, e com as de varios ribeirões.

Mais ao Norte cousa de 40 legoas está a barra do rio Vermelho, que atravessa a capital de Goyaz, e tem as suas fontes junto ao pequeno Arraial do Ouro-fino, entrando neste o rio Bacalháo, que passa perto da dita Capital, e muitos ribeirões, e tem de curso total 60 a 70 legoas.

Algumas legoas abaixo do Vermelho, fica a bocca do rio Tizoiras, pouco menor em volume e extensão que o precedente.

Oito legoas além mais, vê-se a foz do rio Crixás, maior que os antecedentes, e todos dão boa navegação: na proximidade deste ultimo apresentão-se varias salinas.

Dez legoas ao Norte da foz do rio Crixás, na Latitude de 12°, 30', fica a ponta mais austral da ilha de Santa Anna, que vai terminar no parallelo de 9°, 30'.

Outros rios, e varios ribeirões menos notaveis, correm da provincia de Goyaz para o Araguaya, que por isso não pertencem á minha tarefa.

Rios que entram no Araguaya pela margem occidental.

Diversos são os rios que engrossão o Araguaya, por esta margem, sendo o curso e direcção da maior parte delles ainda ignorada, pela falta de se explorarem os sertões, por onde correm, havendo todavia fundamento para ajuizar-se que encerrão thesouros riquissimos, bem como os têm apresentado os braços orientaes.

O rio Cayapó he visitado todos os annos pelos habitantes do lugar em que está o Registro, convidando-os o bom jornal do ouro que tirão.

O rio Cotovello, conduzindo o dos Barreiros, Passa-Vinte e varios ribeirões, atravessados todos pela estrada geral do Cuyabá, entra no Araguaya acima do dito Registro.

O rio de S. João tem a sua barra 16 legoas ao N. da foz do seguinte.

O rio das Mortes mostra as suas fontes mais remotas algumas legoas para o N. da estrada geral do Cuyabá, nos terrenos da serra da Chapada, que se alongão para aquelle lado; inclina primeiro o seu curso para o Oriente, e vai descaindo depois para N. E., e N. N. E. a desagoar no braço Occidental do Araguaya, algumas legoas abaixo da ponta Austral da ilha de Santa Anna, pela Latitude de 12°, com 150 legoas de curso total. Os muitos ribeirões e rios, que regão o amplo sertão do Cuyabá para Goyaz, e que dirigem as suas correntes para o Norte, vão, pela maior parte, confluir no rio das Mortes, taes como o rio Manso na serra da Chapada, que passa 4 legoas arredado do ultimo engenho, seguindo-se a estrada para Goyaz; o Roncador; o Sangrador Grande, que corta a estrada a meia viagem da cidade do Cuyabá para o Registro do rio Araguaya. o Sangrador-Pequeno, e o Rio do Peixe, formado pelo Taquaral, Raizama e alguns ribeirões.

He navegavel, de bom fundo, contendo algumas cachoeiras; deriva o seu nome das muitas pessoas da primeira Ban-

os Guayanos canoas e batelões nas suas poucas viagens pelo Araguaya.

A sua foz, que hé a mesma do Tocantins, está no Amazonas, 20 legoas a Oeste do Pará, na Latitude de 1°, 40', e tem de largo 5 para 6 legoas, entre as grandes bahias de Marapatí e do Limoeiro, fronteiras á ampla ilha de Joannes, que divide o Amazonas em dous larguissimos braços, septentrional e austral.

Não hé sempre abundante de pescado o Araguaya, de meio corpo para cima; os nomes dos peixes, que em maior quantidade apparecem, são arraias, barbados, bagres, batuqueiros, curimbatas, dourados, jaús, lambaris, matrinxans, peixe cachorro, pintados, piquiras, tartarugas, botos, jacarés, lontras, &c.

QUARTO GRANDE CANAL.

RIO TAPAJÓZ.

A reunião dos rios Arinos e Juruena fórma o Tapajoz, que principia 100 legoas abaixo da origem daquelle, e 120 da deste, com 180 de grandeza total; despeja-se no Amazonas, seguindo em rumo geral ao N.

Nas cachoeiras, catadupas, correntezas e baixios, hé necessariamente sempre forte a velocidade do seu curso; porem, por longos espaços, abaixo da ultima cachoeira, e ainda acima della, a que chamão rio morto, hé mui branda, principalmente nas paragens onde o Tapajoz alarga tanto, que de huma margem não se divisa a outra, sendo por ali mui limpo de ilhas, baixios, e outros obstaculos.

Não apresenta váos, e o fundo hé sempre sobejo para grandes botes, se não obstassem os obstáculos das cachoeiras.

O seu permanente alveo hé, nas cachoeiras e baixios, e nos espaços a ellas proximos, pedregoso, lageado e cortado de recifes; no mais vê-se forrado de grandes bancos de arêa com mistura de cascalho e seixos, e, em algumas partes, lodoso.

As margens varião d'altura; em partes são baixas, e n'outras bantemente elevadas, ricas de excellentes madeiras,

salsa parrilha, cravo do Maranhão, cacáo, breu, & e, em geral, assaz pingues para a cultura.

Os grandes braços do Tapajoz, quero dizer o rio Arinos, que hé o mais Oriental, e o Juruena, o mais Occidental, conduzem-lhe as torrentes de muitos outros rios e ríbciões, como ver-se-ha adiante, entrando-lhe tambem pela margem direita ou oriental o rio de S. João da Barra, ou do Azevedo, pouco abaixo da foz do Arinos, em frente á primeira cachoeira; dá curta navegação.

Acima da última cachoeira de nome Maranhão, na mesma margem, está a barra do rio de S. Miguel, ou das Tres-barras, a que os Cuyabanos chamão Paranatingas.

Abaixo deste fica a bocca do rio da Tropa, nome que lhe ficou desde que por elle subio huma Bandeira de 1.000 homens, que foi a castigar os Indios Mundurucús, as incursões que haviam feito em alguns lugares do Amazonas.

Pela margem Occidental não são notaveis os pequenos e poucos rios tributarios do Tapajoz.

As enchentes occasionão-se por copiosas chuvas, que na Estação propria despejão as nuvens sobre toda a superficie da provincia de Matto-Grosso.

Dous saltos, nove cachociras grandes, onde hé mister descarregar totalmente as canoas, sendo até estas varadas por terra, em duas das mesmas cachoeiras chamadas S. Florencio e Canal do Inferno; onze cachoeiras, que se vencem a meia carga, e dous compridos baixios; são os obstaculos naturaes, que a arte não tem desvanecido, e que difficultão a navegação do Tapajoz.

Nomes destes obstaculos, a contar do rio acima para baixo.

Quatro dias de viagem para baixo da foz do Arinos está a primeira cachoeira de nome S. João. Meia legoa abaixo está a cachoeira de S. Carlos. Segue o grande salto Augusto, cujo varadouro hé de 220 braças. Estas duas cachoeiras e o Salto derivão seus nomes do Ex.^{mo} João Carlos Augusto, hoje Marquez de Aracaty, que no tempo do seu governo mandou esta

belecer a navegação pelo Tapajoz; até aqui sobem as piraivas, e pirararas, pescado do Amazonas, e deixão de seguir mais adiante por não poderem salvar o salto. Navegando se tres horas, mostra-se a cachoeira do Tocarizal, depois a das L'urnas, segue-se a das Ondas Grandes; a esta a de S. Lucas, depois a de S. Gabriel; a de S. Raphael; a de Santa Iria, e abaixo desta a do Canal do Inferno, até onde chegárão os primeiros botes de 1.200 arrobas de carga, vindos do Pará para Matto-Grosso, e porque já erão corridos 7 mezes com muito trabalho, e ainda havia grandes difficuldades a vencer, esmoreceu a equipagem, desertando grande parte dos camaradas. A curta distancia apresenta-se a cachoeira da Misericordia, depois a grande cachoeira de S. Florencio, de vista a mais engraçada de todas as que ornão o Tapajoz; segue-se a do Labyrintho; e chega-se, mais abaixo, ao Salto de S. Simão, até onde sobem bôtos e tartarugas. Navegando mais, topa-se a cachoeira de Todos os Santos, e vencidos dous baixios das Capoeiras, e do Theacoron, chega-se finalmente á ultima cachoeira, de nome Maranhão.

Estes obstaculos têm feito que se empreguem sómente canoas e batelões na navegação do Tapajoz.

A foz deste rio está no Amazonas, na Latitude de 2°, 24', 50'', e na Longitude de 323°, 13', posição da villa de Santarem, 118 legoas distante da cidade do Pará, e 162 pela navegação do Amazonas.

Abunda em pescado, sendo da mesma especie e qualidades que o do rio Araguaya.

RIO AKIAOS.

Tem principio no sitio de S. José, pertencente ao Capitão-mor da Villa do Diamantino, não longe das cabeceiras do Cuyabá; segue em rumo geral ao Poente, a unir com o Jurnena, com 100 legoas de curso, que hé veloz por causa da inclinação do leito.

Offerece váos só nas immedições das suas fontes; e o seu permanente alveo hé, em muitas paragens, cortado por

bancos de pedra arenosa, com vieiros de cristal de rocha, n'outras coberto d'arêa e cascalho; e aurífero em varias partes.

As margens são, em quasi toda a sua extensão, cobertas de espessa mattaria; abundantes de cacáo, salsa, castanhas do Maranhão e outros generos, desde que findão oito dias de viagem a contar do Registro, que se acha collocado na margem esquerda, pouco abaixo da foz do Rio Preto.

Muitos ribeirões engrossão o Arinos, descarregando nelle por ambas as margens, e os rios mais notaveis, que entrão pela direita, são — o rio Preto, que parte da Lagoa do Campo dos Veados, 6 legoas a E. S. S. da villa do Diamantino; hé estreito e dá curta navegação; a sua bocca fica acima do Registro, e hé elle de margens pantanosas.

Acima da junção do Arinos com o Jurucua, hum dia de viagem, está a barra do rio do Peixe, com 16 braças de largo: por elle sobem os Indios Apiacás em busca das pedras, que lhes servem de machados, e para as haverem necessitão bater-se com os Indios Tapayunas, povoadores das cabeceiras do dito rio.

Pela esquerda, ou margem Austral, existe a foz do rio Sumidouro, dia e meio de viagem abaixo do Registro, ali tão largo como o Arinos; faz contravertentes com o Supotuba, já descripto; todo este rio foi navegado em 1746 pelo afamado Scr-tanejo João de Souza e Azevedo, que subio pelo Supotuba até ás suas fontes, varou as canoas para o Sumidouro, e desceu por este, a entrar no Arinos. O Sumidouro corre subterraneo por não pequeno espaço, do que deriva seu nome.

A Oeste do Sumidouro, na Serrania dos Parccis, ficão as origens do rio Xacuruina, bem ao N. das do Jaurú, e vai confluir no primeiro.

As enchentes do Arinos provêm das chuvas, e na estação dellas torna-se mui sezonatico. Hé navegavel ate á barra do rio Preto, e por elle descem os Negociantes que vão buscar effeitos a Santarem, empregando canoas, e batelões nesta carreira; não tem cachoeiras, e sómente difficulta a navegação hum comprido baixio chamado dos Apiacás, que fica oito dias de viagem abaixo da foz do Sumidouro.

A sua barra no Jurucna tem meia legoa de largo, limpa de ilhas e penedias. Hê pouco abundante de caça e pescado.

RIO JURUENA.

Nos Campos dos Parecís e na Latitude de 14' 42', e 20 legoas ao N. N. E. da cidade de Matto-Grosso, tem a sua mais longinqua fonte o Jurucna, entre as do Guaporé e do Sararé, e mui perto dellas: corre para N. E. e N., unindo-se ao Arinos, com 120 legoas de curso total, e sempre veloz, por ser o seu leito bastantemente inclinado. Dá vão nas suas mais remotas fontes: e o seu alveo hê geralmente pedregoso e arciento. Corta terrenos toldados de fechadas e virgens mat-tarias, que tornão doentio o Jurucna na estação chuvosa.

Multiplicados ribeirões e rios lhe levão as suas torrentes por ambas as margens, e os que, na sua parte superior, lhe entrão pela margem occidental, facilitão boas communicações com o Guaporé, Sararé e Galéra: sendo o mais proximo aos Arraiaes de Matto-Grosso o rio Sucuriú, de bom fundo e navegavel até perto da sua origem, que fica huma legoa ao Norte da principal do Sararé. O Sucuriú tem um braço occidental chamado Ema, que facilita communicação com o Galéra, e nasce huma legoa a E. da principal cabeceira deste.

O rio Juína hê outro braço occidental do Juruena, e nasce sómente huma legoa distante da cabeceira mais septentrional do Galéra, chamada Saborá.

Avultão grandemente as cheias do Juruena na estação chuvosa, e arrastão impuridades de muitas especies, que tornão pestilentas as agoas naquelle tempo. Dá navegação este rio ainda acima da sua principal catadupa, aonde tem já 15 braças de largo, e grande fundo, e fica duas legoas abaixo da origem; tem varias cachociras, mas todas mais venciveis que as do Tapajoz.

Por esta descripção vê se que pelo Tapajoz, e por consequencia, pelo interior da provincia, póde communicar-se dos estabelecimentos do Cuyabá com os do Pará, navegando pelo Arinos; praticando se o mesmo pelo Juruena, com os do Depar-

tamento de Matto-Grosso; mas a navegação por este lado, muito mais curta que a praticada pelo rio Madeira, não se ha frequentado.

Hé este rio mais abundante de caça e pescado que o Arinos.

RIO PARANATINGAS, OU DE S. MANOEL, POR OUTRO NOME
DAS TRIS-BARRAS.

Por ordem do Ex.^{mo} Barão de Villa Bella, governando Matto-Grosso, fez o Tenente da 2.^a linha, Antonio Peixoto de Azevedo, o reconhecimento do Paranatingas, julgando-se a principio que seria o rio Chingú: em fins de Agosto de 1819 deu começo á sua viagem, embarcando na margem esquerda do rio em hum porto a que chamou de S. Francisco de Paula, nome derivado do Ex.^{mo} General, que o mandou, situado em terreno alto que pega com huma linda campina 40 legoas ao N. da cidade de Cuyabá: e perto da Villa do Diamantino tem o rio as suas cabeceiras. A navegação hé muito enfadonha desde o lugar de S. Francisco de Paula até ao ribeirão das Barreiras, por espaço de 9 legoas, devendo considerar-se todo elle hum continuado baixio, razão porque, no fim destas 9 legoas, se deve estabelecer o Porto desta navegação. As margens prendem a vistosas campinas; e seis ribeirões as regão, entrando pela esquerda, e tres pela direita. Abaixo do Salto Magessi, e das primeiras cachoeiras habita, pela direita, o gentio Mururá, que, com mais de 100 arcos, atacou a expedição, sem que felizmente as suas flexas offendessem a individuo algum, o que aconteceu em 15 de Setembro do dito anno, pelas 9 horas da manhã, e mandando-lhe fallar o commandante por hum interprete, em lingua geral, assegurando-lhe amisade, e remettendo lhe varios mimos, respondeu que não queria cousa alguma, e que os brancos não devião passar por este rio, visto que era lugar da sua habitação, que o deixassem, já que o tinham perseguido nas primeiras cachoeiras, onde antigamente habitara.

Abaixo do lugar do ataque 11 legoas está, á esquerda, a foz do rio Verde de 70 a 80 braças de largo; vem do S. O.

Varios ribeirões até este rio entram por ambas as margens, sendo os mais notaveis, pela direita, o das Pitas e Bacairis, ambos de 15 braças de bocca; e pela esquerda, o Cristalino, de 26 braças de foz.

Muitas legoas abaixo do rio Verde está a bocca do rio S. João da Bocaina, que vem igualmente de S. O., encanado por Serranias, que por dilatado espaço apertão o Paranatingas, e fazem as suas margens alcantiladas.

Pela margem direita recolhe o rio Pardo, de mansa corrente; tem de bocca 50 braças, e vem do N. E. Com a largura de 30 braças, conflue o rio de S. Verissimo, correndo de E. S. E. Temos mais, por este lado, o rio Branco, com 40 braças de bocca; vem de E. Finalmente mostra-se o rio Preto, com quasi a mesma largura, dirige-se de E. para Oeste.

Tem o Paranapatingas 4 saltos, varando-se por terra as cargas e canoas: doze cachoeiras grandes de se descarregarem totalmente as embarcações: 21 cachoeiras que se passam a meia carga; 8 baixios que para cima devem passar-se a meia carga.

Desde o porto de S. Francisco de Paula até a sua foz tem este rio 189 legoas, seguindo o rumo geral de N. O. As suas margens abundão em caça, e do Salto Tavares para baixo, em salsa e cravo do Maranhão; hé muito farto de peixe de diversas qualidades, e sadios os terrenos, que corta, não dando mostras as suas margens de haverem pantanaes proximos a ellas.

O mencionado Tenente, segundo as suas experiencias nas diversas viagens, que fez para Santarem e Pará, calculou que navegando-se pelo Paranatingas, poupão-se 80 legoas, que tem demais a navegação pelo Arinos, findando ambas na Villa de Santarem. Nos espaços do Rio-Morto, que apresenta o Paranatingas, anda se mais para cima á vara, do que para baixo á remos; o que não acontece no Arinos, pela sua forte corrente: portanto, tendo aquelle mais saltos e cachoeiras do que o Tapajoz, calcula-se que vem a dar no mesmo o tempo gasto em vencer o excedente dos obstaculos do Paranatingas, naquelle

em que se correm as 80 legoas, que tem de mais a navegação pelo Arinos e em lutar-se contra a sua corrente: accrescendo ser aquelle sadio, e farto de caça e peixe, e este doentio e escasso destes artigos, tão proveitosos aos navegantes.

QUINTO GRANDE, E ULTIMO CANAL.

RIO CHINGU'.

Dos Parccis parte o Chingú, fazendo as suas cabeceiras mais distantes, contravertentes com as do rio Cuyabá; segue em rumo geral ao N, e entra no Amazonas com 300 legoas de curso.

Corta este rio hum dilatadissimo sertão, que do Tapajoz se estende para o Oriente até ao Araguaya; sertão pouco explorado, mas que pelas noticias de alguns Indios, e Paranistas que nelle penetrarão, sabe-se que hé riquissimo em muitos generos da privativa exportação do Pará, e que são auríferos tanto o mesmo Chingú como os seus diversos braços, o rio dos Boys, o Barahú, o Trahyras, o Chanacy e outros ⁽¹⁸⁾. Hé este o mais cristalino dos caudaes braços do Amazonas, no qual tem a sua ampla foz, na Latitude de 1°, 42'; 70 legoas em linha recta a O. da cidadé do Pará, e 100, segundo a ordinaria navegação, e he abundante de pescado.

(18) Entre os poucos Sertanistas do Pará existe a constante tradição do que os Jesuitas extrahirão bastante ouro do rio Chingú. Julga-se que o encantado logar dos Martyres está em algum dos braços deste rio, ou nelle mesmo, existindo a vaga tradição de que se deve procurar o jazendo proximo aos braços superiores, o de B. do rio Cuyabá, que não justamente donde principia o Chingú. Este logar foi descoberto por Bartholomeu Bacio da Langa, em, na sua primeira entrada e hum seu notio, guiando-se pelo d'amo do Avo, desceu o rio das Mortes até avistar, pela sua margem Occidental, humas vastas campinas, que atravessou por alguns dias, seguindo a O., e chegando a huma parciele coberta de mangabeiras brancas (signal marcado no Roteiro) observou d'alli, entre o N. e o Oeste, tres costeadas e altos montes, tres dos quaes tinham a forma procurada, e entre elles devia existir aquellas minas; mas intezmente, hum subito ataque do Gentio, em que acbica o Chefe, e algumas pessoas mais desta Bandeira, mallogrou o intento, quando se suppunha realisado, julga-se, portanto, que este logar só póde existir no rio Chingú ou proximo a elle. He bem para desejar que, por humá vez, se explorasse com prompto este notavel Rio, ou subindo-se por elle á custa da Fazenda Publica do Pará, ou descendo-se á custa da do Mato Grosso; estou convencido de que, a todos os respeitoz, aproveitaria muito a Nação com esta empresa.

Recapitulação dos rios pertencentes á Provincia.

RIOS DA PRIMEIRA ORDEM.

Paraguay, Madeira, Araguaya, Tapajoz, e Chingú = som
mão 5.

RIOS DA SEGUNDA ORDEM.

S. Lourenço, Cuyabá, Taquari, Mondego, Ápa, Suputuba, Jaurú, Rio Negro do Mondego, Mamoré, Guaporé, Galéra, Arinos, Juruena, Paranatingas, ou de S. Manoel = sommao 14.

RIOS DA TERCEIRA ORDEM.

Rio Novo, Cabaçal, Negro do Paraguay, Parnahyba de S. Lourenço, Piquiri, Itiquira, Rio Manso do Cuyabá, Cuxipó-Guassú, Cuxim, Aquidauane do Barranco Alto, Jamarý, Rio Machado, Sararé, S. Simão Grande, Paragaú, Cotovello, Rio das Mortes, Rio Vertentes, Sumidouro = sommao 19.

RIOS DA QUARTA ORDEM.

Rios da Casca, do Quilombo, Cuxipó-mirim, Aricá-guassú, dito Mirim, Croará-mirim, dito guassú, Cuyabá-mirim, Quacho-mirim, dito guassú, Taquari-mirim, Jaurú do Cuxim, Carnapuã-guassú, dito Mirim, Dabôque, Jurubaúba, Agoapehy, Jaupará, Guariteré, Cabixy, Rio Piolho, Caturiry ou Caturuzinho, Mequens, S. Miguel, S. Domingos, Alegre, Barbados, Rio Verde do Guaporé, Tanguinhas, S. Simão pequeno, Cayapó, Barreiros, Passa-vinte, S. João, Rio Manso, que vai ao das Mortes; Roncador, Sangrador-grande, Sangrador-pequeno, Rio do Peixe, Rio da Ponta, Tappuráques, S. João da Barra, ou Azevedo; Rio Preto do Arinos, Rio do Peixe do Arinos, Xacuruina, Sucuriú do Juruena, Ema, Juina, Rio Verde do Paranatingas, Pitas, Bacairis, Cristalino, S. João da Bocaina, Rio Pardo do Paranatingas, S. Verissimo, Rio Branco, Rio Preto do Paranatingas, Rio dos Boys, Baraú, Trayra e Chanacy = Sommao 62 rios. Somma total dos rios destas quatro ordens = 100.

Muitos rios menores podião formar huma quinta ordem, se não se tornasse fastidiosa a sua nomenclatura, merecendo entrar na mesma, immensidade de Ribeirões: vê-se portanto exuberantemente regada toda a superficie da dilatada provincia de Matto-Grosso; devendo se todavia notar que, sendo cortados os terrenos das circumvisinhanças da cidade do Cuyabá; os que se estendem para o Arraial de S. Pedro d'El Rei; Villa Maria, e os que atravessão a estrada para Matto-Grosso, por multiplicados ribeirões e ribeiros, todos soberbos e caudalosos na estação chuvosa, deixão grande numero delles de ter agoa, quando aperta a secca, de modo que em muitas paragens, e na viagem para a cidade de Matto-Grosso, faz-se bem sensivel a escassez d'agoa.

(*Continúa.*)



DIOGO BARBOSA MACHADO.

[*Continuação* (*)]

III.

Catalogo de suas collecções.

Applausos oratórios, e poeticos ao complemento de annos dos serenissimos reys, rainhas, e principes de Portugal, collegidos por Diogo Barbosa Machado, Abbade da Paroquial Igreja de Santo Adrião de Sever, e Academia Real. (Tomo I-II que comprehendem do anno de 1576 até 1769). (*Arm. do bibliophilo*).

TOMO I.

Comprehende do anno de 1576. até 1729.

- 286)** Vota III^{AX}. (pro natali die regis Sebastiani). / *Olysippone*. /
Excudebat Franciscus Correa. 1576. /

In-4.^o de 6 fls. inn., com as arm. port. na fl. de rosto.

E^a uma poesia latina em versos heroicos.

- 287)** Preludio / encomiastico / y / representacion (3^{ra}) panegirica, /
con que la familia del illustriss^{imo} Señor D. Emanuel de
Sentmanat, y de la nuza, Mar- / ques de Castel dos Rios..... /
..... / continua en / celebridad de el feliz dia, en que el
Serenissimo / Señor Principe D. Juan, cumple sus / quatro di-
chosissimos años. / Compuesto. / Por el licenciado don Pedro
Joseph de / la Plana, Notario Appostolico..... / *Lisboa*. /
Na officina de Miguel Manescal. / Anno de 1693. /..... /

In-4.^o, de 7 fls. inn. — 31 pp.

(*) Cont. da pag. 191 do vol. II.

As 7 folhas preliminares são occupadas por poesias em hispanhol e em honra do auctor, do conde da Ericeira (romance), d. Francisco Mascarenhas (soneto e romance), d. Pedro Retz (soneto), Heitor Brito (romance hendecasyllabo), d. Luiz da Cunha (soneto), Henrique de Moura Manuel (soneto), Julio de Mello e Castro (romance) e Sebastião Pereira Pimentel (soneto).

288) Instral / celebridad / con que las esclareci- / das Provincas
de el Nobilissimo Rey- / no de Portugal, / concurren reverentes,
y obse- / quiosas al aplauso de el felicissimo primer Justru, que
cumple el Sere- / nissimo Señor Principe Don Juan, en el faus-
tissimo dia 22 de / Octubre de 1691..... / / Repitiendo
en la festividad de / tanto dia, su humilde afecto, la pluma de
el Licenciado Don / Pedro Joseph de la Plana,..... / *Em*
Lisboa. Na Officina de Miguel Manescal, / Anno
M.DC.XCIV. //

In-4.º, de 5 fls. — 48 pp

Tambem aqui procedem á Lea poesias em honra do auctor, e são:
um *Soneto pentametro* (hisp.) do conde da Ericeira;
um soneto (hisp.) do *Señor de Mello*;
outro de d. Francisco Mascarenhas Henriquez;
outro de André Rodrigues de Mattos;
dous sonetos (um hisp., e outro port.) do p.º d. Gaspar da Encarnação;
decimas e um soneto (port.) do conego d. Leonardo de S. Joseph,
um soneto (hisp.) do conego d. João de Christo;
e outro do visconde de Asseca.

289) Concurso festivo / de las gracias, / en que obsequiosamente
unidas / empeñan los afectos á celebrar el faustissimo dia 22.
de / Octubre de 1695. en que cumple / su sexto año. / El
serenissimo señor principe / don Ivan. / / Y / repite
en igual festividad, su humilde afecto, la pluma de el Licen-
ciado Don Pedro Joseph de la Plana..... / *Lisboa / Na Of-*
ficina de Miguel Manescal, / ... Anno de 1695. //

In 4.º, de 6 fls. — 29 pp.

Traz á frente da composição dramatica poesias dos mesmos citados acima sob n.º 288.

290) Obra / em / applauso / dos felicissimos annos / do serenissimo
príncipe / d. João / nosso senhor, / offerecida por / Valerio da
Costa e Gouvea / / (*Arm. port.*) / *Lisboa, / Na Officina de*
Antonio Pedroso Galvão. / M.DCC. / //

In-4.º, de 11 fls. inn.

Consta da dedicatória em prosa, de uma *Glosa* ao soneto 21. de Camões « Os reinos e os imperios poderosos » &, de uma *Canção*, e de um soneto.

- 291) Loa / para la comedia / Con / que Su Magestad que Dios guar- / de, festeja al dia del nombre / de la reyna / nuestra Señora / (Arm. port.) / *En Lisboa. / En la Imprenta de Antonio Petrozo Galran. / Año de 1709. //*

In-4.º, de 8 pp.

- 292) Silva / a la celebridad de / los felices años de la Reyna / Nuestra Señora / d. Marianna / Josepha de Austria / / que se representó a Sus Magestades en el festin que se hizo / en Palacio el dia 7. del mes de Setiembre deste / presente año. / Ofrecida a el / / conde de Vimioso / / Escrita / por Cypriano de Pina Pastana / *Lisboa. / En la Imprenta de Miguel Manescal, / / Año de 1709. //*

In-4.º, de 10 pp. — I fl. inn.

Consta da *Silva* e de um soneto.

- 293) Fabula / de / Acis, y Galatea, / fiesta armonica con Violines, Flautas, y Ubues, à la celebridad / de los felices años / del ... señor / d. Juan V. / / En 22. de Octubre de 1711. / (Arm. port.) *En Lisboa, / En la Imprenta Real Deslandesiana. / M.DCCXI. / //*

In-4.º, de 19 pp.

- 294) La comedia / El poder de la / armonia, / fiesta de zarzuela, que a los felices años / del rey don Juan V. / se representò en su Real Palacio el dia 22. de / Octubre de 1713 / De Luis Calisto de Acosta y Faria. / Compuso la musica, don Jaymo de La Te, y Sagan. / (Arm. port) / *En Lisboa, / En la Imprenta Real Deslandesiana. / M.DCCXIII. / //*

In-4.º, de 41 pp.

- 295) Introducçam panegyrica na conferencia publica da Academia Real da Historia Portugueza, que se celebrou no Paço em 7. de Setembro de 1721. dia dos annos da rainha recitada pelo conde da Ericeyra &.

S. l. e s. d. (Lisboa, 1721), in-fol., de 3 fls. inn., com a empresa da Acad. gravada na fl. de rosto.

E' extrah. da *Coll. de doc. da Acad.*, anno. de 1721.

- 296)** Idem em 7. de Setembro de 1722 recitada pelo padre d. Manoel Caetano de Sousa &
S. l. e s. d. (Lisboa 1722), in-fol., de 4 fls. inn.
 Extr. da mesma *Coll.* (anno de 1722).
- 297)** Oraçam panegyrica, que o marquez de Abrantes, repetio celebrando-se os annos d'elrey..... no dia 22. de Outubro de 1722.
S. l. e s. d. (Lisboa, 1722), in-fol., de 6 fls. inn.
 Extr. da mesma *Coll.* (anno do 1722).
- 298)** Oraçam, que o marquez de Alegrete repetio celebrando-se os annos da rainha no dia 7. de Setembro de 1723.
S. l. e s. d. (Lisboa, 1723), in-fol., de 1 fl. — 9 pp. num. de 265-273.
 Extr. da mesma *Coll.* (1723).
- 299)** Oraçam em que o marquez de Valença congratulou á Academia Real pelo feliz nascimento do senhor infante, em 27. de Setembro de 1723.
S. l. e s. d. (Lisboa, 1723), in-fol., de 6 pp. num. de 307-312.
 Extr. da *Collecção*.
- 300)** Oraçam panegyrica, que o marquez de Fronteira, repetio celebrando-se os annos de elrey no dia 22. de Outubro de 1723.
S. l. e s. d. (Lisboa, 1723), in-fol., de 1 fl. — 9 pp. — 1 fl. inn.
 Extr. da *Collecção*.
- 301)** Oração, que o marquez de Alegrete, repetio celebrando-se os annos da rainha no dia 7. de Setembro de 1724.
S. l. e s. d. (Lisboa, 1724), in-fol., de 10 pp.
 Extr. da *Collecção* d'esse anno, onde figura sob n.º 25.
- 302)** Oração panegyrica, que o marquez de Fronteira, repetio no Paço celebrando-se os annos d'Elrei no dia 22. de Outubro de 1724.
S. l. e s. d. (Lisboa, 1724), in-fol., de 8 pp.
 Extr. da mesma *Collecção*, onde se acha sob o n.º 29.
- 303)** Introdução panegyrica na conferencia publica da Academia em 7. de Setembro de 1725. Recitada pelo conde da Ericeira &
S. l. e s. d. (Lisboa, 1725), in-fol., de 1 fl. — 12 pp.
 Da *Coll.* (anno 1725), onde se acha sob n.º 20.

- 311)** Idem em 22. de Outubro de 1727. dia dos annos d'Elrey
..... pelo padre d. Manoel Caetano de Sousa, &
S. l. e s. d. (Ibi, 1727), in-fol., de 1 fl. — 12 pp.
Da mesma *Coll.*, e tem ali o n.º 22.
- 312)** Idem em 7. de Setembro de 1728. dia dos annos da
rainha pelo conde da Ericeira, &
S. l. e s. d. (Ibi, 1728), in-fol., de do 1 fl. — 16 pp.
Da mesma *Coll.* (anno de 1728), onde se acha sob n.º 26.
- 313)** Idem em 7. de Setembro de 1729. dia dos annos da
rainha por Joseph da Cunha Brochado, &
S. l. e s. d. (Ibi, 1729), in-fol., de 1 fl. — 8 pp.
Da *Coll.* (anno de 1729), onde está sob o n.º 19.
- 314)** Idem em 23. de Outubro de 1729. dia dos annos d'Elrey
..... pelo conde da Ericeira, &
S. l. e s. d. (Ibi, 1729), in-fol., de 1 fl. — 9 pp.
Da mesma *Coll.*, e alli tem o n.º 23.

TOMO II.

Comprehende do anno de 1731. até 1769.

- 315)** Introdueção panegyrica na conferencia publica da Academia
..... em 7. de Setembro de 1731. dia dos annos da rainha
recitada pelo padre d. Manoel Caetano de Sousa, &
S. l. e s. d. (Lisbon, 1731), in-fol., de 1 fl. — 9 pp.
Extr. da *Collecção da Academia* (anno de 1731), onde se acha sob n.º 23.
- 316)** Oração. que recitou o marquez de Abrantes, na confe-
rencia, que se fez no Paço, em 29. de Outubro de 1731.
S. l. e s. d. (Lisbon, 1731), in-fol., de 1 fl. — 2 pp.
Da mesma *Coll.*, onde tem o n.º 26.
- 317)** Introdueção panegyrica na conferencia publica da Academia
..... em 7. de Setembro de 1732. dia dos annos da rainha
..... pelo padre d. Manoel Caetano de Sousa, &
S. l. e s. d. (Lisboa, 1732), in-fol., de 1 fl. — 10 pp.
Da referida *Coll.* (anno de 1732), onde se acha sob n.º 23.
- 318)** Oração, que recitou Joseph da Cunha Brochado na
Conferencia, que se fez no Paço em 25. de Outubro de 1732.
S. l. e s. d. (Lisboa 1732), in-fol., de 1 fl. — 10 pp.
E' o n.º 27. da mesma *Coll.*

319) Oração do marquez de Valença em 7. de Setembro de 1735. &

S. l. e s. d. (Lisboa, 1735), in-4.º, de 8 pp.

Da mesma *Coll.* (anno de 1735.)

320) Idem em 25. de Outubro de 1735.

S. l. e s. d. (Lisboa, 1735,) in-4.º, de 7 pp.

Idem.

321) Idem em 7. do Setembro de 1736.

S. l. e s. d. (Ibi, 1736), in-4.º, de 4 pp.

Idem (anno de 1736), onde se-acha sob n.º 19.

322) Panegyrico para se recitar no dia 22. do Outubro de 1736.

em que se celebravão os annos d'Elrey : remetido do Evora pelo conde de Assumar, &

S. l. e s. d. (Ibi, 1736), in-4.º, de 19 pp.

Idem. Sob. n.º 25.

323) Oração, que recitou o marquez de Valença no dia 29. de Outubro de 1736. em que subio a Academia ao Paço por ordem do S. Magestado.

S. l. e s. d. (Ibi, 1736), in-4.º, de 5 pp.

Idem. Sob n.º 24.

324) (Oração aos annos do principe do Brazil d. Joseph.)

S. l. e s. d. in-4.º, de 3 pp. inn.

Sem titulo.

A serem exactas as indicações que em nota manuscrita no proprio original nos-deixou Barbosa, esta oração é do marquez de Valença. Ha comen esta asserção o forte argumento de que ella não occorre eitada no catalogo publicado por Francisco José Freire em seu *Elogio do segundo marquez de Valença (Lisboa, 1749, in-4.º)*, onde enumerando quatro Orações publicadas sem nome de officina e sem data, o mesmo Freire se não refere a ésta, que começa assim:

« Senhor. Se em Vossa Alteza são mais as virtudes, do que os annos, &c. »; entretanto a auctoridade de Barbosa é tambem do grande pêzo neste particular e sobretudo quando se considera que foi contemporaneo, collega e amigo do auctor, a quem não deixaria de consultar neste ponto

Quanto ao anno em que a Oração foi proferida e á data de sua publicação, deduzir-se-lia do logar em que a-collocou Barbosa na Collecção que não podia ser outra sinão 1737; mas o opusculo abaxo citado sob n.º 325 deste Catalogo prova evidentemente que não: ahi se-acha a verdadeira Oração proferida no dia 6 de Junho de 1737.

Ho ve pois engano de Barbosa na ordem em que dispoz os opusculos d'este tomo, e a Oração é de outro anno, talvez de 1736.

Cabe aqui ponderar que Innocencio sob n.º 1623 (Tomo III, F. do *Dicc.*) attribue ao marquez de Valença uma composição identica, com as indicações expressas e positivas de — Lisboa, 1737, 4.º de 3 pag. — E' claro, á vista do n.º 325 d'este Catalogo, que se não pode admittir a existencia de similhante especie bibliographica; ou ella não é do marquez de Valença, ou si o não tem as indicações de = *Lisboa, 1737* =, e portanto é um dos *dois discursos gratulatorios* (sem logar, nem anno) alli mesmo citados no n.º 1641 e sob a l.ª do Catalogo da Academia, de quem Innocencio, aliás com alguma razão, tantas vezes desconfia.

325) Oração / penegýrica, que recitou / o marquez de Valença, / Censor da Academia Real, a 6 de Ju- / nho de 1737. / Nos fe-
licissimos annos / do senhor / d. Joseph / príncipe do
Brasil. //

(In fine): *Lisboa Occidental. / Na Officina de Miguel Rodrigues, /*
..... *Anno de 1737. /* //

In-4.º, de 4 fls. inn.

Barbosa citou com accôrto este opusculo em sua *Bibl. Lusitana*; mas Innocencio que para a redacção do seu artigo parece haver consultado de preferência a relação do p. Francisco Jose Freire já acima citada, transcreveu o erro typographico que alli se acha, e deu ésta Oração com a data de 1747, dizendo entretanto que nunca a-tinha podido ver. Certamente não poderia vê-la pela razão muito simples de que ella nunca existiu. O *Catalogo* da Academia, que tão assiduamente copia Barbosa, caíu d'esta vez no mesmo lapso por haver abandonado o seu oraculo.

Não é ocioso acrescentar que um e outro se-enganaram pela demanda pressa com que tractaram do ponto, visto deduzir-se da propria lectura do *Elogio* do p. Freire que alli houve erro typographico: a Oração alludida figura entre as publicações de 1736 e 1738.

326) (Oração aos annos do príncipe do Brazil d. José).

S. l. e s. d. (*Lisboa, 1738*?), in-4.º, de 3 pp. inn.

Segundo nota manuscripta do proprio Barbosa. é composição do mesmo marquez de Valença.

Começa = Senhor. Já tive a honra casualmente & -; vem citada pelo p. Freire no *Elogio*, e por Innocencio sob n.º 1641 (*Dois discursos gratulatorios*, na fe do *Catalogo* da Academia, o qual, seja dieto de passagem, d'esta vez accertou.

327) Romances / a la serenissima señora / princesa / del Brasil
nuestra señora, / en su feleçissima venida a Portugal. / Por d.

Theresa Antonia Eugenia da Gamma Lobo, e Maldonado
Religiosa em o Convento de Santa Clara da cidade de Evora. /
S. l. o s. d., in fol. gr., de 1 fl.

Consta de 18 quadras castelhanas em assoantes, sendo 11 em e-o e 7 em e agudo.

328) Relaçam / das / insignes festas, / que aos Felices, e Reaes
Annos / da / princeza / do Brazil, / / se fizerão no Sitio
da Junqueira, extra-muros de Lisboa Occiden / tal, por direc
ção do Duque de Cadaval, felizmente exe / cutadas pela Prín
cipal Nobreza da Corte, em os dias / cinco, oito, e doze do
mez de Julho do pre / sente anno de 1738. / Offerecida /
por / Fernando Antonio da Roza / natural do Santarem. / & /
Lisboa Occidental, / na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca,
/ / M.DCCXXXVIII. / //

In-4.º, de 11 fls. — 62 pp. — 1 fls. inn.

Cit. por Figanière sob n.º 376, mas omitido por Innocencio. Consta
de uma dedicatória ao duque de Cadaval, um *Elogio poetico* ao mesmo (em
16 oitavas), as *Licenças*, a *Relaçam* das festas, e poesias em honra da prin
ceza (3 decimas, e duas oitavas).

329) Applauso / universal, / instruido: / em sublimaçam das pro
digiosas festas que no sitio da Junqueira fez a Pre / clara,
como Ilustre Nobreza della, / / Composto por seu
auctor / Antonio Gomes / Sylva Leam; / // *Lisboa Occi
dental, / na Officina Rita-Cassiana / M.DCCXXXVIII. /*
..... //

In-4.º, de 6 fls. inn.

Cit. por Innocencio. Consta de 32 oitavas, e dous acrostichos.

330) Joanni quinto / augustissimo Lusitanorum regi, / in eius Na
tali / Epigramma: //

(Infra. De XVII. Octobris / anno M.DCCXXXIX. / Philippus Jo
sephus Gama. //

In-fol., de 1 fl.

331) (Est.) Aos felices annos de / Sua Magestade. / Soneto. /

(Infra.) De Thomás Pinto Brandão. //

S. l. o s. d. (*Lisboa*, 1710?), in-fol., de 1 fl.

Não cit. por Innocencio entre as composições do auctor

A estampa que figura no alto da folha representa o escudo das armas
portuguezas ladeado por dous foliões, é aberto em metal, e mede 0",092 de
arg. × 0",055 de alt.

Na parte inferior da mesma folha, e abaxo do nome do auctor, occorre outra pequena estampa, que representa um menino nú, quasi de frente, com o rosto um pouco voltado para a direita, sentado sobre uma samphona. Tambem é aberta em metal, e mede 0^m.067 de alt. × 0^m.048 de larg. Sem nome de gravador.

332) Fazendo / elrey / a honra ao / conde da Ericeira, / dia dos
Annos do principe de mandar buscar a Senhora / princeza da
Beira; para que elle lhe beijasse a mão. / Sahio sua altoza
chorando, e a este / assumpto fez de repente o mesmo Conde
o seguinte / Soneto. //

S. l. e s. d. (Lisboa), in-fol., de 1 fl.

Não incluído por Innocencio entre as obras do auctor; tambem Barbosa já padecera este esquecimento.

333) En aplauso / de los felicisimos años, / del siempre invicto
augusto monarca / d. Juan quinto, / nuestro señor. / Romance
enderasyllabo. /

(In fine:) *Don Domingo Novi Chavarria. //*

S. l. e s. d., in-fol., de 2 fls. inn.

334) Em applauso / dos quatro completos, proseguidos, e desejados,
annos / da serenissima princeza da Beira, / a senhora dona
Maria, / ponderando a letra O; pelos cumprir no dia, em que
se solemniza / a Virgem Nossa Senhora / com a tal invo-
cação. //

(Infra:) *Por Pedro de Azevedo Tegal. //*

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

São dois sonetos. Citado por Innocencio de modo summario.

335) Fazendo annos / elrey / nosso senhor. / Soneto. /

(Infra:) *De Francisco de Pina e de Mello. //*

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

Omittido por Innocencio.

336) Serenissimo et augustissimo / Lusitanorum monarcha, Joanni
V. / Votum / pro felicissima annorum sospitate. //

(In fine:) *Utriusque juris Doctor D. Dominicus Novi Chavarria, Neapolitanus. //*

S. l. e s. d., in-fol., de 2 fls. inn.

É uma poesia latina em versos heroicos.

337) (Arm. port.) Soneto. //

(Infra:) *Don Domingo Novi Chavarria. //*

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

Em hispanhol. As armas são abertas em madeira.

338) D Joanni quinto, / Lusitanorum regi semper augusto, / in
Ejus Natali, / Epigramma: //

(Infra:) *Ulyssippone, die XXII. / Octobr. M.D.CCXLII. / Philippus
Josephus Gama. //*

In fol., de 1 fl.

339) Ao felicissimo complemento / dos tam saudaveis, como glo-
riosos / annos / do Rey / d. João V. / nosso senhor. /
(Arm. port.) Epigramma. //

(Infra:) *Por Pedro de Azevedo Toyal. //*

S. l. e s. d., in fol., de 1 fl.

E' um soneto. Omittido por Innocencio.

340) Aos felicissimos annos / do sempre augusto rey, e senhor
nosso / d. João V. / (Arm. port.) Decimas. //

(Infra:) *O P. Antonio de S. Jeronymo Justino. //*

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

341) Aos felicissimos / annos / do sempre augusto rey, e senhor
nosso / d. João V. / Soneto. //

(Infra:) *O p. Antonio de S. Jeronymo (sic) //*

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

342) En cumplimiento / de los felices Años del Augusto, / y siem-
pre Invicto Monarca / d. Juan quinto, / / Soneto. /

(Infra:) *Don Domingo Noci Chavarrin. //*

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

343) Aos felicissimos annos / do / elrey, / Soneto. //

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

E' de Luiz Borges de Carvalho?

344) Aos felicissimos annos / de sua magestade / fidelissima, que
Deos guarde. / Soneto. / Ao mesmo assumpto / decima. //

S. l. e s. d. (*Lisboa, 1737*), in-fol., de 2 fls. inn.

São de *Fr. Francisco Xavier de Santa Theresia*, que assigna no fim.

345) (Oração do marquez de Valença no anniversario da rainha
d. Marianna d'Austria)

S. l. e s. d. (*Lisboa, 1749*), in 4.º de 2 fls. inn.

Uma nota manuscrita do proprio punho de Barbosa nos-deixa saber que, ao offerecer esta oração á rainha no dia 7 de Setembro do referido anno de 1749, foi o marquez de Valença saltado de uma apoplexia, que trez dias depois o riscou da lista dos vivos. Não é pois exacto que fallecesse no paço real, como diz Innocencio da Silva.

346) Real / solemnisation / natalicia / en debida plausible celebri-
dad / á el felice cumplimiento / de años / de la / señora /
d. Mariana / Victoria, / / a cuja magestad /
dedica reverente / el p. f. Alonso Parra, y Cote, / //
Lisboa, M.DCC.LI / Na Officina de Joseph da Costa Coimbra. /
..... //

In-4.º, de 12 fls. inn. — 62 pp.

347) Falla / Luiz Jozé Valladas / prostrado por terra em a sem-
pre / real, augusta, e fidelissima presença / da / rainha / rei-
nante, / / em o dia dos sempre quarentissimos (*sic*),
felicissimos, / e completissimos / annos / do olroy / //
Offerree á mesma Soberana Senhora, para / dar ao Fidelissimo
Rey , es- / te agudissimo / soneto. //

S. l. e s. d. (1754), in-fol., de 2 fls. inn.

Pelo specimen offerrecido se-conclue que Valladas pouco deveu ás
Munas.

348) Aos annos felicissimos / da senhora / d. Mariana Victo-
ria / rainha de Portugal / Soneto. //

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

349) Aos annos / delroy / d. Joseph I. / / Soneto. /
(*Infra:*) *Do Beneficido Antonio Joseph Vaz Velho. //* = Ao mesmo. /
Soneto. / (*Infra:*) *Do mesmo Author. //*

S. l. e s. d. (Lisboa, 1751), in-fol., de 2 fls. inn.

350) O ano áugusto / de corenta / ó quinto imperio / Poema / e'
aplauzo dos annos do m. a. e p rei de / Portugal / d. Jozé I. /
Fazendo o ano coadrajezimo. / (*Vinh.*) / *Lisboa:* / *Na Officina*
de Pedro Ferreira, Impresor da Augus- / tissima Rainha Nosa
Senhora. / Anno de 1764 //

In-4.º, de 35 pp.

É obra de Felix José da Costa, a quem Barbosa por sua letta, em
uma nota que apparece no exemplar, qualificou de = *louco inventor de or-
thographia* =. Citado por Innocencio.

351) Ao serenissimo. / senhor / infante / d. Antonio / no da de
seus annos. / Canção genial, / que / / dedica / João Peres
de Macedo / Sousa de Tavares. / (*Arm. Port.*) / *Lisboa:* / *Na*
Offc. dos Herd. de Antonio Pedrozo Galvão. / Anno de M.DCC.LIV /
..... //

In 4.º, de 8 fls. inn.

352) Ao serenissimo / senhor infante / d. Antonio / em applauso
dos seus annos / Soneto, / /

(Infra:) *João Exaristo da Silva.* //

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

Auctor omitido no Dicc. bibl.

353) No dia de annos / do infante / d. Antonio / Romance //

(In-fine) *Pedro Vaz Rego.* //

S. l. e s. d., in-fol., de 2 fls. inn.

Auctor omitido por Innocencio.

354) Memorial / no faustissimo dia de annos / do infante / dom
Antonio, / / Romance heroico. //

(In-fine:) *Pedro Vaz Rego.* //

S. l. e s. d., in-fol., de 2 fls. inn.

355) No faustissimo dia / dos annos do Senhor / Infante D.
Antonio. / Soneto. //

(Infra:) *Do Padre Pedro Vaz Rego.* //

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

356) Aos felisissimos (sic) annos / do / senhor / d. Manoel /
infante de Portugal. / Soneto. //

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

357) Genethliacon / magestoso / no dia em que cumpro / trinta e
seis Annos / a senhora / d. Marianna / Victoria, / rainha
de Portugal. / Dedicado / / por / João Perez de Ma-
cedo Sousa de Tavares. / Lisboa: / Na Offic. dos Herd. de An-
tonio Pedrozô Galvão. / Anno de M.DCC.LIV. //

In-4.º, de 28 fls. inn.

Consta de 50 sonetos.

358) Ydilio genial / aos annos / de sua magestade / fidelissima /
dedicado a augusta magestade / da reynha / nossa senhora /
por / João Perez de Macedo de Souza Tavares / (Vinh.) /
Em Roma MDCCLV. / Na Typographia Salomoniana / //

In-4.º, de 33 pp., com 1 est.

A estampa representa o escudo d'armas da rainha.

359) Per il giorno natalizio / dell' augusta / principessa / di Porto-
gallo. / Cantata. //

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

E' provavelmente do mesmo auctor do soneto, que se segue.

360) Nel fausto giorno natalizio / della principessa / di Portu-
gallo. / Sonetto. //

(Infra:) *Di Giovanni Peres di Macedo / di Souza Tavares, / In Roma
1755. Nella Stamperia del Chracas, / //*

In fol., de 1 fl.

361) A sua maestá fidelissima / nel favsto giorno natalizio / della
principessa. / (Vinh.) / Sonetto. //

(Infra:) *Di Giovanni Peres di Macedo / di Souza Tavares, / In Roma
1755. Nella Stamperia del Chracas, / //*

In-fol., de 1 fl.

362) Relação / do / exercicio militar / com que as Tropas de S.
Magestade Fidelissima aquar- / teladas na Cidade do Porto
apprandirão os Annos do / mesmo Senhor, nos dias cinco, e seis
do Junho. / Composta por / Angelo Amado Melmezi. /

S. l. e s. d., in-4.º, de 16 pp.

363) Relação / do / combate militar, / que se celebrou / na cidade
do Porto / no dia cinco, e seis do presente mez do Junho, / em
que fez annos / o / rey fidelissimo / nosso senhor. //

S. l. e s. d., in-4.º, de 10 pp.

364) Breve noticia / do / applauzo, / com que na muita nobre, o
sempre leal / cidade do Porto / se festejou o feliz / anniversa-
rio do nascimento / do / rey / d. Joseph o 1. / //

S. l. e s. d., in-4.º, de 12 pp.

365) Oração / panegyrica / aos annos d'elrey / / que em 6 de
Junho recitou no Paço / o marquez de Valença, / como Dire-
ctor da Academia Real da / Historia Portugueza. //

S. l. e s. d., in-4.º, de 3 pp. inn.

Não cit. por Innocencio.

366) Tributo / di ossequiosa venerazione / consacrato alla
maestá / di / Giuseppe primo / / Per il di del
giorno natalizio che cade nel di 6. Giugno / dell'anno 1759. /
Da Mariano Borgonzoni Martelli. / (Vinh.) / In Londra, /
Nella Stamparia di Francesco Luigi Amano. / M. DCC. LIX //

In-4.º, de 14 pp.

Consta de dous sonetos, e uma Canzone.

367) A la augustissima / reyna / / en los feliceissimos años de
Su Magestad / Fidelissima / romance. //

(In-fine:) *D. Catharina Damasia Borges Teixeira. //*

S. l. e s. d., in-fol., de 2 fls. inn.

368, Oração / panegyrica, / que / d. Miguel de Portugal / e Castro, / sendo Director da Academia Real, repo- / tio na presença de Suas Magestades, / celebrando-se os annos / da rainha n. s. / no dia 31 de Março de 1760. / (Vinh.) / Lisboa, Na Officina Patriarchal de Francisco Luiz Ameno. / M.DCCLX. 1,

In-4.º, de 4 fls. inn.

Opusculo de que Innocencio não teve conhecimento.

369) Ossequioso tributo di congratulazione per il compleannos / di una maestá fidelissima / donna Marianna Vittoria, / / che siegue il di 31 Marzo 1760. /

S. l. e s. d., in-fol. obl., de 1 só fl.

Traz a assignatura do auctor = *Mariano Borgonzoni Martelli & =*.

370) Per il compleannos di sua altezza reale / / don Pietro / infante de Portogallo. / Sonetto / //

= A sua altezza reale / il medesimo signore / infante / che fa anni / il giorno cinque di Luglio dell' anno 1760. / Sonetto. //

S. l. e s. d., in-fol., de 2 fls. inn.

Trazem a assignatura do auctor = *Mariano Borgonzoni Martelli, =*

371) Per il felice compleannos / di / / d. Mariana / prima infanta di Portogallo. / Oda. //

S. l. e s. d., in-fol., de 2 fls. inn.

Com a ass. do auctor = *Mariano Borgonzoni Martelli, =*

372) Per il felice compleannos / di / / d. Maria Francesca / Dorottea / infanta di Portogallo. / Anacreontica. //

S. l. e s. d., in-fol., de 2 fls. inn.

Ass. pelo auctor, o reforido *Martelli*.

373) Per il felice compleannos di / / / d. Maria Francesca / Benedetta / infanta di Portogallo. / Egloga. //

S. l. e s. d., in-fol., de 2 fls. inn.

Do mesmo *Martelli*.

374) Nel fausto / giorno / natalizio / di s. maestá / fedelissima / canzone genial / dedicata / alla maestá della regina / n. s. //

S. l. e s. d., in-fol., de 7 pp.

Ass. pelo auctor — *Giouanni Perez de Macedo, di Souza Tavares &*

375) Nos annos / de / s. magestade, / que Deos guarde. / Soneto. //

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

Com a ass. de *Fr. Francisco Xavier de Santa Theresa*.

376) En los años / de su magestad fidelissima / a la
reyna, / y señora nuestra. / Soneto. //

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

Ass. por d. *Catharina Damasia Borges Teixeira*.

377) Parabens / á princeza, e sonhoras infantas / dos felices Annos /
da rainha / sua mãy. / Soneto. //

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

Ass.: *Do Marquez de Valença*.

É o 3.º d'este titulo. — D José Miguel João de Portugal. Obra omit-
tida por Innocencio.

378) A los años / de la / reyna / nuestra señora: / ro-
mante. //

S. l. e s. d., in-fol., de 2 fls. inn.

Ass.: *D. Catharina Damasia Borges Teixeira*.

379) No fausto dia dos annos / do / príncipe da Boira. /
..... / Soneto. //

S. l. e s. d., in-fol., de 2 fls. inn.

Ass. pelo auctor — *Marianno Borgonzoni Martelli*. Na segunda folha
occorre um soneto italiano no mesmo assumpto e do mesmo Martelli.

380) Al monarca / d. Giuseppe I. / in occasione del di Lui
felice compleannos. / Sonetto. //

S. l. e s. d., in fol., de 1 fl.

Provavelmente do referido Martelli.

381) Componimento gioco-serio / tributato a / / donna
Maria / principessa del Brasile / In occasione del di
Lei felicissimo Compleannos. //

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

Consta de 23 quadras, e não traz nome de auctor.

382) A sua / reale altezza. / Sonnetto. //

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

Ass.: *Mariano Borgonzoni Martelli*.

383) Alla stessa sacra reale / maestà sua. / Sonnetto. //

S. l. e s. d., in fol., de 1 fl.

Com a mesma assignatura.

384) Per il compleannos / dell / donna Marianna / Vit-
toria / regina fedelissima. / Canto / //

S. l. e s. d., in fol., de 4 fls. inn.

Ass.: *Mariano Borgonzoni Martelli*. Consta de 24 oitavas.

385) Oração / panegyrica / aos annos da rainha / / que em
31 de Março recitou no Paço / o marquez de Valença, / &

S. l. e s. d. (Lisboa, 1764), in-4.º, de 2 fls. inn.

Não cit. por Innocencio. Começa: « *Louvar em publico alguma parte d.*

386) Per il compleannos / di sua altezza reale / / d.
Pietro. / Al tempo. / Canzone. //

S. l. e s. d. (Lisboa, 1764), in-fol., de 2 fls. inn.

Ass.: *M. B. Martelli.*

387) Panegyrico / aos felicissimos annos / do / principe da Beira /
por Joseph Joaquim Militam. //

S. l. e s. d. (Lisboa, 1764), in-fol., de 2 fls. inn.

Obra não cit. por Innocencio.

388) Oração / panegyrica / aos annos da rainha / / que em
31 de Março recitou no Paço / o marquez de Valença, / &

S. l. e s. d. (Lisboa, 1765), in-4.º de 2 fls. inn.

Começa: « *O anno passado tive por ordem d.* Não cit. por Innocencio.

389) Al monarca / d. Giuseppe primo / / In occasione
di festeggiarsi il di Tanì ... Nome / l'anno 1765. / Sonetto. //

S. l. e s. d. (Lisboa, 1765), in-fol., de 2 fls. inn.

De *M. Bergonzoni Martelli.* A' pag. 2, outro — *Sonetto e coda* —.

390) Panegyrico / aos annos / de / elrey n. s. / por Joseph Joa-
quim Militão. //

S. l. e s. d. (Lisboa, 1765), in-fol., de fls. inn.

Não cit. por Innocencio.

391) Panegyrico / aos annos / da / rainha n. s. / por Joseph Joa-
quim Militam. //

S. l. e s. d. (Lisboa, 1765), in-fol., de 2 fls. inn.

Não cit. por Innocencio.

392) Panegyrico / aos annos / do / infante / d. Pedro / por
Joseph Joaquim Militão. //

S. l. e s. d. (Lisboa, 1765), in-fol., de 2 fls. inn.

Não cit. por Innocencio.

393) Panegyrico / aos annos / do / principe da Beira / por Joseph
Joaquim Militão. //

S. l. e s. d. (Lisboa, 1765), in-fol., de 2 fls. inn.

Não cit. por Innocencio.

- 394) A sua maestá / / d. Marianna / Vittoria / regina fo
deliasima / / In occasione del di Lei compleannos. //

Lisbona / *MDCCLXV.* //

In-fol., de 4 fls. inn.

Ass.: *M. Borgonzoni Martelli.* Consta de 19 oitavas.

- 395) Panegyrico / aos annos / de elrei / por Joseph Joaquim
Melitão. //

S. l. e s. d. (*Lisboa*, 1766), in-fol., de 2 fls. inn.

Não cit. por Innocencio.

- 396) Al monarca / d. Giuseppe I. / / in occasione di
festeggiarsi / / il di lui ... compleannos. / (Vinh.) / *Lis-*
bona / *MDCCLXVI.* //

In-fol., de 4 fls. inn.

Por *Mariano Borgonzoni Martelli.*

- 397) Per il compleannos / di ... / / d. Giuseppe / principe
della Boïra. / Sonetto / pastoral-anacreontico. //

S. l. e s. d. (*Lisboa*, 1766), in-fol., de 1 fl.

Ass.: *M. B. Martelli.*

- 398) Oração / panegyrica / aos annos d'elrei / / que em 6 de
Junho recitou no Paço / o marquez de Valença, / &.

S. l. e s. d. (*Lisboa*, 1766), in-4.º, de 2 fls. inn.

Não cit. por Innocencio. Começa: « Quizera a nossa Academia de. »

- 399) Oração / panegyrica, / que / d. Miguel de Portugal / e Cas-
tro, / repetio / na presença / da / rainha n. s. / celebra-
do-se os seus annos / no dia 31 de Março de 1766. / *Lisboa*, /
Na Officina Patriarcal. / *MDCCLXVI.* //

In-4.º, de 4 fls. inn.

Não cit. por Innocencio entre as obras do auctor, cujo nome integral
é — d. Miguel Lucio de Portugal e Castro —.

- 400) A sua maestá / / d. Marianna / Vittoria / regina
..... / in occasione di festeggiarsi / il di Lei Com-
pleannos. / (Vinh.) / *Lisbona* / *M. DCC. LXVI.* //

In-fol., de 4 fls. inn.

Traz a ass. de *Martelli*, e consta de 19 oitavas.

- 401) Vers / présentés / a son altesse roiale / madame / la prin-
cesse / du Brésil / le 17. Decembre 1766. / Jour anniversaire
de sa naissance / par / Dom Sulpice Gaubier de Barrault /
Major de Place de Lisbonne. //

S. l. e s. d. (*Lisboa*, 1766), in-fol., de 2 fls. inn.

De uma nota impressa no fim consta que este mesmo auctor compuzera um poema sobre a batalha de Kolin (1757), e outro sobre a de Maxen (1759); não ha porém noticia de que semelhantes obras se-imprimissem.

402) Panegyrico / aos annos / da rainha / / por Joseph Joaquim Melitão. //

S. l. e s. d. (Lisboa, 1766), in-fol., de 2 fls. inn.

Não cit. por Innocencio.

403) A sua maestã / / d. Marianna / Vittoria / regina fedelissima / in occasione di festeggiarsi / il di Lei Compleannos. / (Vinh.) / Lisbona / M. DCC. LXVII. //

In-fol., de 4 fls. inn.

Traz a ass. do auctor—*Mariano Borgonzoni Martelli*—, e é em verso com 17 oitavas.

404) Oração / aos annos / delrey / / recitada na sua Real presença em 6 de / Junho de 1767 / por / D. Miguel [Lucio] de Portugal / e Castro, / & / (Vinh.) / Lisboa, / na Officina Patriarcal. / Anno MDCCLXVII. //

In-4.º, de 4 fls. inn.

Omitt. por Innocencio na relação das obras do auctor.

405) Oração / panegyrica / aos annos da rainha / que em 31 de Março recitou no Paço / o marquez de Valença, / &.

S. l. e s. d. (Lisboa, 1767), in-4.º, de 2 fls. inn.

E' o já referido 3.º marquez de Valença D. José Miguel João de Portugal. Obra não citada por Innocencio. Começa: « Os justissimos parabens de. »

406) Oração / panegyrica / aos annos d'elrei / que compoz / o marquez de Valença, / e que elle não pôde / recitar no Paço em 6 de Junho / por estar enfermo. //

S. l. e s. d. (Lisboa, 1768), in-4.º, de 2 fls. inn.

Do mesmo auctor, e igualmente omittida por Innocencio. Começa » « Para que este Panegyrico de. »

407) Ossequioso tributo / consacrato / al monarca / d. Giuseppe I. / / In occasione del di Lui Compleannos, che cade nel / giorno festo di Giugno l'Anno 1768. //

(In-fine.) Lisbona Nella Stamperia di Michele Manescal da Costa / Impressore del S. Offizio. / //

In-fol., de 4 fls. inn.

Ass. pelo auctor: *Mariano Borgonzoni Martelli*.

408) Panegyrico / aos annos / de elrey / / por Jozé Joaquim
Melitão. //

S. l. e s. d. (Lisboa, 1768), in-fol., de 2 fls. inn.

Não cit. por Innocencio.

409) Oração / panegyrica / aos annos / da / rainha / / que
em 31 de Março recitou no Paço / o marquez de Valença, / &

S. l. e s. d. (Lisboa, 1769), in-4.º, de 2 fls. inn.

Do mesmo 3.º marquez de Valença. Começa: « *Esta he a quarta vez &c.* »

Não cit. por Innocencio.

(Continúa.)

Franciz Galvão.

SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA

MEMORIAS E CARTAS BIOGRAPHICAS (*)

solue a revolução popular e a seu ministério no Rio de Janeiro desde 26 de Fevereiro de 1821 até ao regresso de S. M. a sr. d. João VI com a corte para Lisboa, e as notas das honras d' Estado que acompanhavam a S. M.

Terceira serie

CARTA XXII

Meu Am.^o e S.^r — Frustrada a primeira tentativa que o Partido da Independencia havia feito para se apoderar do manejo dos negocios, mediante o Conselho governativo que logo depois do dia 26 do mez passado exigiam que S. Mag.^a creasse, approvando outrosim as nomeações que na mesma Proposta se continham das pessoas escolhidas pelo mesmo Partido, e cujos corypheos talvez occupavam nella os mais distinctos lugares; não tem cessado os rebates de novas commoções, com que de dias a dias se ameaça o Governo, sem se declarar qual seja o verdadeiro intuito dos homens turbulentos, que ou como instigadores, ou como instrumentos, parecem dispostos a lançar mão de todos os meios, para conseguirem os seus ambiciosos fins.

Debalde se tem dado á Policia ordens e instrucções para surprender em suas tramas os autores daquelles tenebrosos planos.

(*) Continuação da pag. 314 do vol. II.

Os principaes Agentes da Policia sam entrados na geral conspiração: E S. Mag.^{as} decidido a retirar-se, julga conveniente não fazer alteração no pessoal dos Publicos Empregados.

Avisado o Governo de que dentro em tres dias rebentaria hum novo tumulto, para o qual os conhecidos Agentes do Partido andavam publicamente sollicitando a Tropa Portugueza; tem sido este hum dos mais urgentes assumptos das deliberações dos Ministros de S. Mag.^{as} desde Domingo, que com toda a certeza consta, não so daquellas diligencias, mas dos rapidos progressos que o espirito de desordem hia já fazendo assim na Tropa de linha como nas Milicias da cidade, quasi toda composta, como V. S.^a sabe, de caixeiros do Commercio, pela maior parte Europeos.

Obrigado a dar o meo parecer, nenhum outro me occorreu mais prompto nem mais efficaz, do que entregar aos proprios Autores da desordem a manutenção da publica tranquillidade. Propuz pois que S. A. o Principe Real fizesse convocar toda a Officialidade de primeira e segunda linha: e que referindo-lhes os rumores que haviam chegado ao conhecimento de S. M. lhes ponderasse quanto elles eram injuriosos á conhecida lealdade do Exercito: terminando por exigir de todos e de cada hum a sua palavra de honra, de como não fariam movimento algum que não fosse conforme aos principios de lealdade que todos professavam, e unicamente em virtude de ordens que lhes fossem transmittidas pela via regular da Secretaria de Estado.

S. A. R. não obstante ter tratado de falsos aquelles boatos, não so recusou a dar este passo em que todos concordaram, mais por condescenderem com huma proposta contra a qual nada se offerecia, do que por se convencerem do effeito que eu della esperava. Elles não viam neste expediente mais de que huma scena theatral. Eu pretendia ligar por este modo as mãos aos Agentes de differentes ordens para que nenhum pudesse depois desculpar-se com o ordinario = Não cuidei =

O certo he que se passaram os dias criticos: e cessaram (por ora) os assustadores boatos de perturbação da publica tranquillidade: E ninguém duvida ter sido para isso grande parte o Protesto de fidelidade que remetto incluso, o qual os officiaes convo-

cados por S. A. R. poseram nas suas mãos para subir á Presença de S. M. pedindo-lhe licença para o fazerem publico por meio da Imprensa.

Mas qual era o intuito dos maquinadores desta nova desordem? me perguntará V. S.^a. Accelerar a sahida de S. M.: alvo principal dos desejos de hum punhado de ambiciosos e não menos cegos Europeos, excitados por astutos, mas enfim não menos cegos Brasileiros, que deslumbrados com a lisongeira vista da sua futura independencia, consideram a sahida do Governo de S. M. como primeiro e indispensavel passo p.^a chegarem a aquelle seo desejado fim; bem certos (e nisso certamente menos errados que os nossos malfadados compatriotas) de que o dominio Europeo pouco tempo ha de sobreviver no Brazil á sahida do Fundador da sua elevação á Categoria de Reyno: passo este que o vulgo considerou como hum insignificante formalidade; mas que os Politicos encararam desde logo como hum Auto de emancipação tanto mais formal q.^{to} era certo que por esta declaração se fazia constar officialmente hum facto alias incontestavel, a saber que o Brazil se achava governado havia sete annos pelas suas proprias leys, e por hum Throno nelle residente e que nada carecia para continuar a ser respeitado pelas Potencias do mundo, da sua união com Portugal. Tal era o discurso dos Brasileiros em 1816: E o Decreto da elevação do Brazil á Categoria de Reyno não sendo mais nada do que huma solemne proclamação daquellas verdades, de tal modo confirmou os animos na crença dellas que lhes tornou impossivel o reflectirem que o que era verdade em 1816 continuaria a sel-o se o Gov.^o que naquella epoca existia em todo o seo vigor, tivesse aproveitado ao menós esses preciosos momentos que desde então decorreram, para pôr este Paiz ao abrigo da influencia que era de esperar exercesse nelle a catastrophe que todos os homens de razão e de experiencia estavam predizendo que se achava imminente em Portugal.

D.^a G.^{de} &.

CARTA XXIII

Meo A.^o e S.^r— Estam chegando a todos os momentos e a todas as pessoas do Governo denuncias vagas quanto ao tempo e modo, porem muito positivas quanto ao facto, de que se prepara a arrebentar dentro em poucos dias hum novo tumulto com o motivo ou pretexto de que achando-se concluidos os preparos p.^a a partida da Corte nada consta das providencias que S. M. deixa, que assegurem a tranquillidade deste continente e nem mesmo a desta cidade, que visivelm.^{te} se conhece estar como aterrada e receiosa das maiores calamidades, vendo-se a ponto de ficar entregue ao governo de hum joven Principe revestido sim de grandes e mesmo extraordinarias qualidades mas destituido daquella experiencia que unicamente o pode preservar da surpresa dos malvocos. Esta falta so pode ser supprida pela escolha dos bons Ministros, e pelo acerto das Instrucções a que todos até agora se tem lisongendo que ElRey antes da sua sahida, e mesmo com muito antecipada publicação houvesse de proceder. Constando porem que as Instrucções já consignadas no Diploma que confere ao Principe Real a Regencia deste Reyno lhe conferom huma quasi illimitada autoridade, ao mesmo tempo que se sabe não se ter ainda cogitado da nomeação de Ministros: e pelo teor mesmo das Instrucções se deprehende que do arbitrio de S. A. R. fica dependente despedir esses que lhe forem dados por seo Pae, nomeando em vez delles, talvez alguns dos muitos depravados que o rodeiam, e que mais de huma vez tem surpreendido a sua inexperta boa fé; não pôde o governo deixar de acreditar como provavel o boato que as denuncias mesmo assim de um modo vago fazem chegar ao seo conhecimento.

A Policia em vez de dar ao Ministerio noções mais positivas que confirmem ou desmintam estes boatos, e que descobrindo o fio da conspiração indiquem o modo de a atalhar, não so se limita a dar parte de como recebe diariamente milhares de avisos tam vagos como os que chegam directamente ao Governo, mas interrogada sobre as pessoas porque elles lhe tem vindo, refere-se a

Pasquins e cartas anonymas, não mostrando destas senão pouquissimas em numero, e alem de extremam.^{te} vagas. singularm.^{te} conformes em estilo e construcção.

Esta última observação junta ao conloio nimiam.^{te} conhecido entre a alta Policia e o poderoso Partido que anhela pela sahida da Corte, não me deixa a menor duvida, de que se quer e se ha de producir nova assuada para obrigar El Rey a accelerar a sua partida, de que até se chega a desconfiar; porque não só os preparativos se tem feito com extrema morosidade e visivel intimo dezejo de que possam servir tanto para El Rey e a sua Corte como para S. A. R. e as pessoas de quem o Governo se quizer desfazer: segundo ao Ministerio parecer mais conveniente seguir hum ou outro destes dous partidos.

Nestes termos julguei ser de minha obrigação o exigir que S. M. convocando os seus Ministros fizesse deliberar na sua presença e na do Principe Real sobre assumpto que a meo ver he hoje o da mais alta importancia. El Rey depois de ouvir as minhas reflexões deu-me ordem para que amanha no Despacho em que todos temos de concorrer, eu expouha a crise em que se acha esta Corte, e aponte o expediente que me parecer o mais proprio para se atalharem as consequencias de hum tumulto que pode ser tanto mais funesto quanto sam detestados os ambiciosos fautores da Revolução que desde 26 de Fevereiro tem desorganizado todo o systema de subordinação militar, e absolutamente aniquillado o respeito das classes inferiores da sociedade, sem exceptuar os mesmos escravos, para com os seus superiores, até e mui particularmente para com a Magestade do Throno.

Darei parte do que se passar porque ainda preciso de fazer hoje certas averiguações para poder fixar as minhas ideas sobre o expediente que convem tomar em tam emmaranhada confusão de opiniões e de interesses.

CARTA XXIV

Meo Am.^o e S.^r — Todas as minhas diligencias para o fim de penetrar até á origem do assustador boato do novo tumulto que se diz ameaçar-nos, me conduziram á plena convicção de que elle deriva de pessoas sem cujo concurso tal tumulto se não poderá verificar. Era portanto necessario manietá-las para que não levem á vanto o seu damnado projecto: e como este tem por alvo o constrianger El Rey a effectuar a sua partida, que elles até começam a recear se não realise; era preciso paralisar o jogo da intriga até que S. M. ponha em execução a sua partida, ou algum outro expediente que lhe permita o continuar aquí a sua residencia sem estar diariamente exposto a semelhantes sobressaltos.

Para conseguir este fim propuz em Conselho que S. M. mandasse convocar os Eleitores de Commarca que já se acham nesta corte esperando pelos que faltam para procederem a eleição dos Deputados para as Cortes Geraes do Reyno Unido: e juntos elles, debaixo da Presidencia do Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reyno fazer-lhes este a exposição textual o do espirito das Instrucções e Poderes com que a S. M. ha sido proposto pelo seu Ministerio deixar munido ao Principe Real, como Regente deste Reyno do Brazil: indicando ao mesmo tempo as pessoas que tem de ficar a seu lado como Secretarios do Governo: accrescentando por fim que S. M. desejoso de em tudo proceder na maneira a mais conveniente a geral utilidade dos seus Povos, Ha por bem ouvir o parecer dos mesmos Eleitores antes de sancionnar aquellas Instrucções.

Este passo alem de satisfazer a impaciencia do Publico dando por meio dos Eleitores ao facto das Instrucções e da effectiva nomeação de Ministerio da Regencia, aquella notoriedade que he compativel com a Dignidade Real, corta aos malevolos o pretexto de que já começam a servir-se, dizendo que em materia de interesse de todos, e longe da fonte das providencias soberanas, as Instrucções devem ser feitas com conhecimento dos Povos, huma vez que, pelo simples facto da convocação das Cortes do Reyno, e

por todas as Proclamações dos Regeneradores se acha proclamada a soberania do Povo. ElRey sem autorisar nem conceder este principio faz de proprio moto o que sempre se fez, e que sem se poder allegar como assenso a aquella maxima, satisfaz a quanto no presente caso os malintencionados podem pretender; pois q' eis-ahi ouvidos os Povos pelo unico modo porque o podem ser, que he pela voz de homens que os mesmos Povos ja indicaram como os mais dignos da sua confiança. Acresce que acontecendo serem os Eleitores que aqui se acham das pessoas mais capazes que se poderiam desejar.

Esta minha proposta não encontrou plena approvação do Ministro dos Negocios do Reyno que desde logo se recusou a comparecer em pessoa na Junta dos Eleitores, mas a final conveio em expedir as ordens para elles se ajuntarem debaixo da presidencia do Ouvidor da Commarca, a quem elle transmittiria copia das Instrucções destinadas a S. A. R. para as fazer presentes em Junta. Eu protestei immediatamente contra esta alteração do meo plano em ponto que no meo entender era dos mais essenciaes, pois que a presença d'elle Ministro era absolutamente indispensavel, tanto para aclarar as duvidas que na discussão era natural que occorressem, como para dirigir a mesma discussão a hum fim conveniente e proprio a compadeecer a tranquillisação dos animos com a dignidade da Coroa.

Não posso escurer que estou com grande receio de que no resto da execução se venha a mallograr o que bem executado nos poderia conduzir a resultados ainda mais vantajosos do que os que ficam apontados. Entretanto já será grande vantagem o fixar a opinião publica sobre as verdadeiras intenções de S. Mag.^{dd}, e o fechar-se a porta á intervenção do povo em tumulto, admittindo-se a Conselho estas pessoas de sua confiança, e que por felicidade se fazem credoras da do Governo.

CARTA XXV

Meo Am.^o e S.^r - Se hontem lhe escrevi que receava ver mallogrado o meo plano pelo modo da sua execução, hoje sou obrigado a augurar o seo inteiro transtorno pelos preparativos que a perversidade de hums e a inepecia dos outros estam fazendo para a sua execução. Fui esta manhã informado de como debaixo da direcção do Ouvidor da Commarca se faziam subscrições para se construir na Praça do Commercio hum tablado e bancadas, a fim de se celebrar a Junta dos Eleitores em publico: bem que com humma sufficiente separação do Povo que a esta sessão quizer assistir.

Confesso a V. S.^a que estremei quando ouvi esta noticia: e até duvidei de acredita-la em quanto me não constasse de hum modo muito authentico. Mandei portanto pedir ao Ouvidor da Commarca que me viesse fallar: e vindo (bastantemente tarde) soube d'elle ser verdadeira aquella ominosa noticia.

Observei-lhe que semelhante plano era diametralmente opposto ás intenções de S. M. cuja mente era de ouvir o parecer dos Eleitores, não como Eleitores, mas como pessoas que tinham a presumpção de gosarem da publica confiança: E que bem longe d'ElRey querer provocar hum ajuntamento popular: era precisamente para tirar todo o pretexto de o haver que S. M. adoptára aquelle expediente: Que para desempenho destas vistas não era em publico, não era em hum local tam exposto como a Praça do Commercio, que a Junta se devia convocar; mas humma sala decente e retirada, como por exemplo a do Consistorio de S. Francisco de Paula, onde era facil mandar pôr como se pratica em muitos outros casos, humma guarda ou de honra ou de Policia, que sem estrepito estorvasse não somente a entrada (que em tal caso até a ninguém lembraria tentar) mas até os ajuntamentos de povo nas circumvisinhanças.

O Ouvidor affectando dar pouco valor aos meos receios protestou-me que estavam dadas todas as providencias para que tudo se haja de passar na melhor ordem: Mas que de resto tudo o que se tinha feito era de accordo e por ordem da Secretaria d'Estado dos Negocios do Reyno.

Nestes termos nada mais me restava do que passar a Palacio e informar a ElRey de todo o succedido. S. M. a quem não tinham escapado os perigos de huma semelhante convocação e deliberação em publico, concluiu comtudo que era de sua ordem que assim se executára por lhe terem certificado que não resultaria dahi o menor inconveniente. Eu protestei na Real Presença que não responderia pelas consequencias: tendo sido o meo projecto do convocar e ouvir os Eleitores, como hum meio de impedir tumultos populares: entretanto que por este modo o que se faz he provoca-los. — Mas quem não vê neste passo a mesma mão que fez rebentar a mina em 26 de Fevereiro: e que receiosa de perder o fructo daquella explosão se dispunha a emprender agora huma nova tentativa?

CARTA XXVI

Meo Am.^o e S.^r — Os lamentaveis acontecimentos que a noite passada tiveram lugar nesta Corte vam demonstrar a V. S.^a quanto eram bem fundados os receios que na minha precedente carta referi a V. S.^a ter patenteado a ElRey em consequencia da absurda execução que en sonhéra do Ouvidor da Commarca que se hia dar ao plano da consulta dos Eleitores sobre as Instrucções que S. M. se propunha de deixar a seo Filho para lhe servirem de governo na Regencia deste Reyno.

Com effeito não se tendo dado nenhum peso ás minhas observações; não somente se proseguio todo o dia de hontem em fazer na Praça do Commercio arranjos para o Povo poder assistir à Conferencia dos Eleitores, mas até se assegurou aos Chefes de partido o direito d'alli irem dictar a ley, annuindo o dito Ouvidor (não sei se de moto proprio, ou com superior consentimento) a que se abrisse huma Subscrição para as despesas daquellas accomodações.

Achando-se estas promptas pelo fim da tarde de hontem, fui avisado como no meio de hum immenso concurso de todas as classes inferiores da sociedade, se haviam reunido os Eleitores: e

que se estava começando a leitura das Regias Instrucções depois de se ter lido hum Aviso do Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reyno, concebido pouco mais ou menos nos termos que no Conselho de Ministros, presidido por S. M. se havia decidido.

Não era passada meia hora quando outra pessoa, das varias que eu para estar ao facto do que fosse succedendo, para alli tinha destacado, me trouxe a fatal noticia de que sem consentirem que se proseguisse na leitura das Reaes Instrucções, huma meia duzia de homens, quasi todos da ultima rale, e todos elles conhecidos pela dissolução de costumes, a que deviam o serem tidos entre os seus iguaes como corypheos dos differentes partidos a que cada hum delles pertencia, interromperam em altas vozerias o Secretario que fazia a leitura das ditas Instrucções: de modo que já a aquelle tempo não havia quem se entendesse na sala: chegando a ousadia e descompostura a ponto de saltarem por cima das barreiras que separavam o Povo dos Eleitores; procurando cada qual a hum lugar o mais elevado possível, para fazer sobresahir as suas desatinadas vozerias sobre as de todos os demais.

Bem que eu tivesse dado as ordens necessarias ao Governador das Armas para se multiplicarem as patrulhas, conservando-se a tropa nos seus quartéis prompta a acudir aonde conviesse, a fim de se assegurar a tranquillidade publica, conluido, como era já noite, e eu receava que aquelles demagogos tinham disposto os animos, não só dos seus adherentes do Povo, mas até mesmo da Tropa e sobretudo d'entre a officialidade, dos quaes alguns me eram mui bem conhecidos, mandei chamar o Governador das Armas da Corte e depois de saber d'elle como estavam dadas todas as providencias de maneira que nada havia a recear de ajuntamentos de povo fora da Praça do Commercio, quer nas suas immedições quer em distancia: e que quanto aos officiaes suspeitos elle os tinha paralyzado, chamando ao seu quartel, onde se achavam, de baixo de varios pretextos de serviço os que se podiam considerar como molas reaes e indispensaveis de qualquer empresa; mandei propor aos meus collegas o reunirmo-nos no Paço para deliberar-

mos segundo o que fosse occorrendo, e esperarmos alli a volta de S. M., que na fórma do seu costume tinha ido pela tarde á Real Quinta da Bella Vista em S. Christovam.

Ao mesmo tempo que os soldados de ordens voltavam com a resposta de que o Ministro dos Negocios do Reyno ja tinha pãrtido para S. Christovam e que o da Marinha se dispunha ao mesmo por lhe haver chegado aviso de S. M. de como alli nos esperava, recebi ou igual aviso, e juntamente a noticia de como da Praça do Commercio se dirigia ao Paço humã Deputação mandada pelos Eleitores para supplicarem a S. M. se dignasse do fazer varias alterações nas Instrucções destinadas para S. A. R.; mas nenhuma das pessoas que me trouxeram esta noticia tinha podido colligir quaes fossem as alterações pedidas. Tal era a desordem e confusão em que ellas haviam sido propostas, discutidas, e humãs regeitadas, outras adoptadas pelos Eleitores.

Entretanto era evidente que o Secretario no meio desta tumultuosa discussão tinha redigido, ou pelo menos copiado a Proposta que a Deputação hia propor a S. M., e portanto encarreguei de ir saber della com exactidão pessoa que para isso se me offereceu. E com effeito em breve tempo voltou trazendo-me em resposta que dois eram os objectos que a Deputação hia encarregada de pedir a S. M. Primeiro,—que enquanto as Cortes de Portugal não concluíssem o trabalho da Constituição da Monarquia, o Brazil se governasse pela Constituição actual da Hespanha.—Segundo,—que alem do Ministerio que S. M. houvesse por bem nomear, S. A. R. fosse assistido de hum Conselho nomeado pelos Eleitos que reunidos estavam, e que ficariam a esse fim em sessão permanente, esperando a Confirmação de S. M.

Com esta informação parti immediatamente para S. Christovam para onde outrossim se me deu entretanto aviso que a Deputação se poria a caminhar; pois que tendo-se dirigido aos Paços da Cidade, houvera alli noticia de que S. M. resolvera ficar essa noite na sua Real Quinta da Bella-Vista.

Aprestei-me portanto em prevenir a sua chegada: tanto para evitar a ElRey a surpresa que naturalmente lhe havia de causar

humas semelhante proposta; mas para se poder deliberar sobre a resposta que S. M. deveria dar á Deputação.

Quando cheguei a S. Christovam, já lá encontrei os dois Ministros do Reyno e da Marinha, e já aquelle tinha informado a ElRey tañto do que se havia passado na Praça da Commercio, como da proposta que em conclusão os Eleitores mandavam pela sua Deputação submeter a alta consideração de S. M. ElRey ouvindo isto mandou chamar a S. A. R. para assistir na forma do costume á deliberação que queria se procedesse na sua Real Presença afim de se assentar na resposta que decisivamente se deveria dar á Deputação para de hum golpe cortar o fio da desordem, que já se conhecia, posto que tarde. achar-se organizada pelo facto da inconsiderada sessão publica dos Eleitores, que em vez de humas simples reunião de homens bons, que S. M. houvera por bem ouvir, se achava convertida em humas Assembléa de Representantes não já do Povo desta Corte e Commarca, mas de todo o Brazil.

Concordou-se em que era precisa tanta maior consideração no partido que S. M. tinha de tomar quanto eram concordes as pessoas que eu, o Ministro dos Negocios do Reyno e mesmo ElRey tinhamos mandado assistir á sessão para nos virem successivamente informar do que alli se passasse, eram todas conformes em que tres distinctos Partidos se tinham feito ver pelo orgão dos seus furiundos oradores, durante a sessão: e tanto pelo conhecimento que o Governo tinha das relações daquelles individuos, como do que os Emissarios referiam dos seus discursos, era manifesto que todos tres tinham grandes ramificações no Povo e na Tropa.

A' vista de todas estas considerações e depois de cada hum dos presentes dizer a sua opinião, conclui eu, recopilando o que por humas e outra parte se havia dito, que se bem eu concordava com o parecer em que todos estavam conformes de S. M. annuir á Proposta dos Eleitores, era o meo voto que se acrescentasse as clausulas de que S. A. R. ficaria governando este Reino na qualidade de Regente e na conformidade da actual Constituição Politica da Hespanha, naquella parte em que ella pode ter aqui appli-

ção, durante o intervallo que as Cortes de Lisboa precisarem até a promulgação da Constituição da Monarquia Portuguesa: e que em quanto ao Conselho que deveria ficar assistindo a S. A. R., S. M. se reservava manifestar a sua Real Decisão quando lhe fosse presente a escolha que os Eleitores fizesse das pessoas que o deviam compor.

Destas duas clausulas so foi approvada a segunda. Quanto á primeira, sim concordaram todos que era fundada em razão; mas lembrados da opposição que hum semelhante clausula experimentára no dia 26 de Fevereiro, e já referi a V. S. quando lhe escrevi sobre os acontecimentos daquelle dia, assentou-se em que a accessão do S. M. a esta parte da Proposta da Deputação fosse pura e simples.

Eu disse acima que durante a tumultuaria vozaria dos Demagogos que na Praça do Commercio se haviam convertido de Expectadores em Oradores, se tinham manifestado tres bem distinctos Partidos; convem que eu aqui os signale para intelligencia não somente do presente e do passado; mas porque estou certo que da lucta entre ellos se devem ainda seguir temerosas concussões para o futuro.

A generalidade tanto de Europeos como de Brasileiros costumados ao governo patriarchal de S. M. encaram com o maior susto o que se vae a seguir de hum Principe, revestido sim de grandes qualidades, mas sem experiencia, e que todos receiam ver cercado de homens violentos: e. o que sobretudo horrorisa aos Brasileiros, de Europeos conhecidos pela depravação de seos costumes, e pela sua aversão á causa do Brazil.

Estes sam os que na impossibilidade de excogitarem outro freio ao despotismo Europeo que receiam, se lembraram da adopção da actual Constituição politica da Hespanha: e da nomeação immediata do Conselho que deve ficar junto ao Principe Real.

Em opposição a estes hum certo numero de pessoas que tem tratado de perto o Conde dos Arcos e na massa do Povo hum não pequeno numero que se não pode deshabituvar de o chamar pelo seu nome de Dom Marcos, por hum saudosa reminiscencia do seu Governo, fazem causa commum com os que conhecendo no

Príncipe Real as grandes qualidades de parcimonia sem avareza, severidade sem feresu, e firmesa de caracter fundada em docilidade sem subjeição, esperam que bons Ministros, bons Conselheiros, e a pratica dos negocios, farão renascer no Brazil, debaixo do seo governo a idade de oiro, como se explica o Conde, que todos sabem ser a pessoa com cuja conversação, depois de seo Mestre Fr. Antonio de Arrabida, S. A. tem adquirido mais conhecimentos

Este partido cifra as suas pretensões em que S. M. retirando-se para Portugal deixe a S. A. R. e ao seo Ministro plena autoridade para fazerem segundo as circumstancias, tudo o que entenderem ser a bem dos interesses deste Reyno com respeito aos interesses geraes da Monarquia.

O terceiro partido tam inimigo do Conde dos Arcos como de todo o nome Brasileiro, foi, ao que referiam os Emissarios, o que causou maior confusão na Assembléa dos Eleitores. Não se tendo ajustado em proposta alguma para evitarem a influencia que receiam tanto do Conde, como dos Naturaes do Paiz, logo que daqui saiam com S. M. os esteios do Partido Europeo, cada hum dos fogosos Oradores da que elles denominam Causa publica, começou a desvairar em descompostas diatribes, e em projectos huns mais absurdos do que os outros.

A final a expressão emblematica de *Constituição Politica da Hespanha* e a nomeação dos Membros do futuro Conselho, em que cada hum dos tres Partidos se lisongeava de conseguir a superioridade, reuniram todos os votos: e todos por aclamação concordaram no que propriamente (se me não engano) já vinha ajustado entre os Oradores do primeiro Partido e huma boa parte dos mesmos Eleitores.

Em quanto a Deputação não chegava, S. A. R. justamente receioso de que apóz ella se não abalançasse a vir como em cortejo, mas que seria na realidade huma assuada, aquella parte do Povo, que em semelhantes casos se costuma pôr em movimento e que as mais das vezes passa a excessos, que a não terem sido prevenidos, he depois impossivel atalhar, tinha mandado ordem ao Batalhão de Caçadores n. 3 e a hum dos Parques d'Artilharia para se virem postar em torno do Palacio da Boa-Vista destacando outro

corpo avançado para a entrada da cidade junto ao Campo de Santa Anna.

Felizmente esta prudente cautella não foi precisa porque a Deputação se apresentou pela volta das dez horas nos Paços da Real Quinta, com toda a decencia, e sem apparencia alguma de que isso tivesse excitado o menor alvoroço na cidade; para o que certamente não podem deixar de ter contribuido as acertadas medidas que tomou o Governador das Armas, cujo incomparavel zelo durante toda aquella noite o fez quasi simultaneamente presente já n'hum já n'outro ponto da cidade; mas sobretudo nas visinhanças da Praça do Commercio, nos Quartéis dos Batalhões de primeira e segunda linha (que tambem esta para maior segurança se mandou estar reunida á primeira voz) e emfim no seu proprio Quartel onde com mui prevista cautella rotinha como em refens ora hums ora outros dos principaes motores da Força armada.

ElRey, com aquelle tacto de dignidade que V. S. lhe conhece, sem dar á Audiencia que pela Deputação lhe era pedida, maior consideração que a competente a simples particulares, sahio a huma das salas da sua habitação, que como V. S. sabe sam distantes da do Throno, acompanhado do Principe Real, e dos Camaristas que alli se achavam na antecamara. Nós os tres Secretarios de Estado ficamos no Gabinete esperando que S. M. regressando nos ordenasse o que á vista da effectiva proposta entendesse ser mais do serviço do Estado.

Com effeito a Proposta era concebida pouco mais ou menos no estilo que se nos tinha informado: e a substancia das fellas dos Deputados que tomaram a palavra exprimia o que ha pouco expuz a V. S. dos receios do primeiro dos tres Partidos que dividem este Povo.

Mandando S. M. que novamente dicesse cada hum de nós o que a final entendia sobre a materia, eu que no intervallo tinha mandado buscar hum exemplar da actual Constituição politica da Hespanha, ponderei que constando ella de hum grande numero de titulos que não podiam ter applicação nenhuma á Regencia que S. A. R. ficava exercendo no Brazil, seria até mesmo irrisorio que no Decreto pelo qual S. M. havia por bem annuir ao pedido da

Assembléa dos Eleitores se mencionasse em toda a sua generalidade a Constituição Hespanhola: entretanto que pelo contrario nada havia de mais decente e nem de mais conforme á pratica de todas as Nações do que mandar o Governo pôr em pratica como Legislação subsidiaria algumas leys de outros Paizes, quando motivos justificados, como seria no presente caso a urgencia do tempo, não permittem proceder-se a huma legislação expressa. Foi novamente repellida esta minha instancia: e dizendo eu que ao menos conviã que immediatamente depois deste Decreto geral sahisse outro em que se especificassem os titulos ou artigos da Constituição Hespanhola que era da Real Intenção de S. M. ficassem servindo como parte integrante das Instrucções porque S. A. R. se devia governar no exercicio da Regencia que lhe era commettida; resolveu ElRey que isso fosse assumpto de ulterior deliberação, devendo-nos por ora limitar a adopção pura e simples da Constituição Hespanhola.

Nesta conformidade pois de pleno assenso de S. A. R. se lavrou o Decreto de que remetto hum exemplar impresso; pois que para se satisfazer á impaciencia dos Chefes do Partido entenderam as Autoridades a quem isso competia que deviam fazel-o imprimir hontem á noite mesmo posto que poucas horas faltassem para nascer o sol.

Entretanto como a deliberação no Gabinete de S. M. e o tempo preciso para a Deputação chegar da volta á Praga do Commercio, fizesse nascer nos animos inquietos dos Demagogos receios de que o Governo em vez de annuir a aquellas Propostas procedesse a medidas de facto para castigar a ousadia dos seus procedimentos, commetteram o excesso de exigirem dos Eleitores que deputassem, e estes cahiram na fraqueza de deputarem com effeito dois officiaes Generaes que fossem intimar aos Governadores das Fortalezas da Barra ordem para não deixarem sahir embarcação alguma em quanto pelo novo Governo que se hia a installar lhes não fosse mandado o contrario.

A noticia deste desaccordado acto da mais formal rebelião, foi acompanhada de outras menos individuaes de semelhantes actos governativos propostos pelos furiosos Demagogos, que se bem não

tivessem até a aquelle momento recebido a sanção dos Eleitores, era de recear a obtivessem.

Era por conseguinte forçoso que o Governo tomasse algum expediente para pôr hum termo a aquella desordem cujos progressos se podiam tanto menos calcular, quanto com a manha do seguinte dia, toda a população desta cidade necessariamente passava a tomar nos acontecimentos que em razão das trevas da noite se achavam limitados a hum moderado numero de Agentes.

O primeiro voto foi de fazer marchar sobre a Praça do Commercio todas as Forças disponiveis salvo as que cumpria collocar em certos pontos da cidade e fazer circular em patrulhas pelas ruas della, afim de se acautelar qualquer disturbio enquanto se faziam sahir da Praça do Commercio e recolherem-se as suas casas tanto os Eleitores como o numerozo concurso que nella se achava.

Bem que este plano parecesse o unico conforme á dignidade do Governo, demonstrei no desenvolvimento da opposição que me arrojei a fazer (não sem grande risco pessoal) a aquella opinião unanime do Conselho, que nem este era o unico expediente nem a experiencia das commoções populares consentia que se fizesse marchar Tropa contra homens congregados, ao entender da massa geral do Povo, em favor de seus direitos; porque nem he possível em taes casos conter o furor da Tropa, sempre indisposta contra Povo em massa: e todos os desastres que em taes casos acontecem, são considerados como outros tantos actos de barbaro despotismo do Governo contra a Nação. A's quaes razões geracs accrescia neste caso terem sido os Eleitores congregados por ordem do Governo, para dizerem franca e livremente sobre o assumpto que lhes era proposto. Que se cedeu no facto de expedir ordens ás Fortalezas da Barra aos furores dos Demagogos, devia-se attribuir ao terror que estes lhes inspiravam: terror que sendo ma desculpa para hum individuo, deve merecer toda a contemplação quando se trata de huma Assembléa, onde ninguem pode responder da debilidade dos outros, e logo que hum grande numero se acha possuido de terror, he da natureza humana o communicar-se ainda a aquelles mesmos que abandonados a si sós ostentariam hum coragem superior a qualquer perigo. Conclui pois,

que eu me obrigava a fazer sahir da Praça os Eleitores sem resistencia da sua parte, nem disturbio da multidão: fazendo unicamente cercar, mas em consideravel distancia as avenidas da Praça do Commercio para inspirar terror aos perturbadores, assegurar aos Eleitores a sua retirada, e apprehender aquelles dos Demagogos que por mais conhecidos era quasi impossivel que escapassem.

Tive o grande desgosto de ver regeitado este meo plano: e então beijando a mão a ElRey lhe declarei mui positivamente, que nesta occasião mais ainda do que em todas as precedentes em que sollicitei da sua Real Benevolencia a minha demissão, a haveria por huma especial Mercê; pois que eu jamais daria ordem á Tropa para marchar sobre a Praça do Commercio. S. M. ja com a serie de extraordinarios acontecimentos que sem interrupção se tinham succedido no decurso daquella longa e desastrosa noite, extremamente commovido respondeu-me que fizesse eu o que entendesse, mas que elle não me dava a demissão.

Com esta resposta parti a toda a brida para a cidade, e fazendo chamar o Governador das Armas lhe ordenei que da parte de S. M. passasse á Praça do Commercio e intimasse aos Eleitores que dessem immediatamente por finda a sessão, sob pena de se exporem a si e ao Povo, que enquanto elles se achassem congregados naturalmente alli se havia de conservar, aos effeitos das medidas rigorosas que o Governo ja não podia por mais tempo deixar de empregar contra hum ajuntamento que havia degenerado em assuada.—Ao mesmo tempo lhe communiquei o plano que acima deixo exposto para facilitar aos Eleitores a sua retirada: impedir que se augmentasse o concurso de gente na Praça do Commercio e suas immedições: e apprehender os Demagogos que successivamente se fossem apresentando á bocca de qualquer das tres ruas que dão sahida á dita Praça: fazendo remover da banda do mar todos os barcos que lhes poderiam offerrecer os meios de escapulirem, e pondo em alguma distancia dois ou tres escaleres de vigia.

Aquelle General depois de dar aquellas de entre estas disposições que exigiam maior promptidão, passou com effeito á Assembléa dos Eleitores e tendo exposto o que lhe fora ordenado

obteve em resposta do Ouvidor Presidente que a Assembleia tendo procedido logo que recebera o Real consentimento ás propostas que elle levára á sua Real Presença, á nomeação dos Membros do Conselho que devia ficar assistindo ao Principe Regente, logo que terminasse este trabalho, o que seria obra de meia hora dirigiria huma nova Deputação á S. M. para submeter á sua approvação a lista dos Conselheiros nomeados: o que concluido se dissolveria sem ulterior demora.

Quando o Governador das Armas se encominhava para minha casa a dar-me parte deste resultado, já encontrou varios corpos que marchavam de seus Quartéis a reunirem-se na Praça do Rocio.

Não podendo eu á vista disto duvidar que depois da minha sahida de S. Christovam se tinham expedido ordens para que reunidas as Tropas no Rocio marchassem, como no Conselho se havia vencido, sobre a Praça do Commercio; ordenei ao Governador das Armas que passando primeiro que tudo ao Rocio examinasse com que ordem e debaixo de cujo commando se achavam as Tropas da Guarnição em movimento: que qualquer que fosse a autoridade donde aquellas ordens emanassem, ou a Patente que as commandasse, lhes desse a voz d'ElRey para que daquelle ponto se não movessem enquanto elle Governador não voltasse de S. Christovam para onde immediatamente partiria a participar a S. M. o que observára na Praça do Commercio: afim de S. M. me determinar o que com pleno conhecimento de causa entendesse ser mais do seu Real serviço.

Dada esta providencia e achando-se aquelle General em caminho para S. Christovam, constou-me pelos emissarios que eu tinha na Praça do Commercio que as eleições dos poucos membros do Conselho d'Estado que faltavam se estavam fazendo com bastante socco, e maior celeridade em consequencia da mensagem de S. M. Mas os que eu mandára observar os movimentos da Tropa vieram-me avisar que ellas pareciam dispostas a porem se em marcha para a Praça do Commercio, sem esperarem pela volta do Governador das Armas. Assustado com esta noticia fui-me immediatamente postar na bocca de huma das ruas do Rocio por onde natural-

mente deveriam desfilar alguns dos corpos, para o fim de me oppor por todos os modos que estivessem ao meo alcance, a que elles se posessem em marcha, antes de me chegarem as ultimas ordens do S. M. Não tardou muito tempo que não chegasse de volta o Governador das Armas dando-me a triste notícia que não só trazia ordem para a Tropa avançar, mas que hum dos corpos que independentemente delle devia seguir a direcção da rua da Alfandega ou da do Alecrim ja hia marchando sobre a Praça do Commercio: e acrescentou que elle em cumprimento das ordens que recebera, marchava igualmente com a columna do seu commando na intenção de prevenir quanto estivesse em seu poder, os desastres que eram de recear, combinando quanto lhe fosse possivel as ordens que trazia de S. Christovam com o plano que eu precedentemente lho tinha communicado.

A' vista de huma tal desorganisação em que officiaes Generaes tomavam sobre si a responsabilidade de um semelhante passo sem para isso terem recebido ordens pelo competente canal da Secretaria d'Estado, dei-me eu por demittido: e nessa mente me retirei sem fazer ulterior reflexão ao Governador das Armás, para minha casa: na verdade bem precisado de descanso, mas na impossibilidade de o conseguir em quanto me não constasse do resultado d'aquelle tam fatal procedimento. Chegando a casa soube pelos meos emissarios que a maior parte dos Eleitores terminadas as eleições do Conselho d'Estado se tinham ja retirado, quando na Praça souvi a voz de que as Tropas marchavam para aquelle ponto: e que os poucos que ainda alli tinham ficado, procuravam retirar-se; mas que encontraram ja grande difficuldade por se acharem obstruidas pela multidão as poucas saídas que ha da Praça para a rua Direita.

Quando se me davam estas noticias em parte tristes, mas em parte consoladoras, sobressaltou-me nma forte descarga que immediatamente foi seguida de outra e outra, vindo o som de todas ellas do mesmo ponto que pela distancia julguei ser da Praça do Commercio.

Com effeito poucos momentos depois chegou hum dos meos soldados de ordens que encerrado na Praça pela multidão que a

ella se refugiára, conseguiu abrir-se caminho ao momento da primeira descarga que segundo os indícios que elle me pôde dar reconheci ser da vanguarda da columna commandada pelo Governador das Armas que marchára pela direita, e que para allear de aquella descarga para o ar, e por ventura com polvora secca, pois que apesar de se achar naquella ponto apinhada grande multidão e ser dada a descarga á queima roupa, não houve ninguém ferido.

Não aconteceu assim com a Columna do centro que achando fechada a porta da praça e recusando-se a abri-la as pessoas que dentro della se tinham refugiado, a arrombaram, e immediatamente fizeram duas descargas com que varreram quanto dentro se achava: ficando morto hum dos Eleitores, que pela sua muita idade não tinha podido romper pela multidão para se retirar ao mesmo tempo que os outros seus collegas. Tanto estes que em muito pequeno numero ainda alli se achavam ou a conversar espalhados pela sala, ou concluindo alguns misteres dos empregos que durante a sessão haviam exercido, como foi o que servira de secretario, e estava junto da mesa ajuntando os papeis que eram a seu cargo: estas e outras pessoas, felizmente pouco numerosas, humas tinham-se lançado pelas janellas que deitam para o mar; outras pelas lateraes esperando escaparem a irrupção da columna que procurava forçar a porta; mas os que arrombada esta, ainda se achavam na sala, foram quasi todos mal-feridos.

Com esta fatal noticia, parti para S. Christovam na firme intenção de dar a minha demissão apenas se lavrasse o Decreto explicativo do que na noite precedente havia estabelecido com minha generalidade toda a Constituição Hespanhola como regra do Governo de S. A. R. no Brazil. Inclusa remetto a V. S. humma copia daquelle Decreto explicativo que eu levava prompto para submeter á approvação de S. M.

Quando cheguei a S. Christovam, seriam oito horas, ainda ElRey se achava recolhido; mas pelo que ouvi no numerooso concurso de pessoas que ja alli se achava, conclui que estava decidida a victoria do segundo dos tres partidos de que acima fiz menção: e que ElRey não só não receberia a Deputação que os Eleitores, concluida a eleição dos Conselheiros d'Estado, haviam expedido com

a lista delles a S. M., mas até ja circulava pelas salas do Paço hum rascunho de Decreto revogando o da vespera.

Com effeito logo que S. M. sahio do seo quarto, conheci estar resolvido a adoptar esta linha de conducta: e tam decididamente, que nem os Ministros fomos admittidos a conselha, nem S. M. pedindo-lhe eu a Mercê de me ouvir por alguns momentos, julgou conveniente o annuir respondendo-me que á noite, á hora do costume, me esperava antes do Despacho.

A minha tenção não era, como V. S. pode bem suppor, o appoiar a escolha dos Conselheiros feita pelos Eleitores, e que V. S. conhecerá da copia que tambem remetto inclusa da lista, que me mostrou o Orador da deputação, quando esta manhan cheguei a S. Christovam, e alli os encontrei. Mas nunca eu poderia convir em que S. M. retractasse como extorquido por força hum Acto, que lhe fora requerido mui respeitosa e por uma Assembléa convocada de sua ordem, para que ouvidas as Instrucções destiladas para S. A. R., representasse o que sobre ellas julgasse que convinha ao bem commum deste Reyno e de accordo com os interesses geraes da Monarquia: hum Acto tanto mais livremente concedido, quanto era certo que toda a Força armada se achava á disposição do Governo de S. M.: e que nenhuma commoção se podia recear do Povo no caso d'ElRey se recusar a adoptar aquella proposta; pois que todo o Povo da cidade se achava em socego: e apenas havia hum punhado de individuos tam covardes quanto desatinados que em vozerias evaporavam o louco enthusiasmo que á força de bebidas espirituozas procuravam alimentar. Com o emprego de menos força e com menos apparatus do que aquelle com que se carregou sobre a Praça ás cinco horas da manhan, teria o Governo dispersado ás onze da noite quanto na Praça se achava, se consultando outras razões de prudencia, o mesmo Governo não tivesse entendido que convinha annuir a aquella Proposta. Mas nem a decencia nem a verdade consentem que se casse pela manhan, como extorquido por força ou por engano, o que em contemplação a razões de Estado, o Governo Senhor da Força armada e sabendo então o que agora sabe, julgou na vespera conveniente conceder, e concedeu com effeito, a quem nenhuma força tinha disponivel para o extorquir

quando se lhe recusasse: nem allegando razões que entam parecessem verdadeiras e hoje somente se reconhecesse serem falsas.

A minha opinião pois seria manter o Governo a sua dignidade, explicando, como ficara ajustado, o verdadeiro sentido do Decreto de hontem: nomeando S. M. hum Conselho d'Estado composto de pessoas dignas da sua Real confiança e apoiadas pela abonação da opinião publica: e mandar proceder a huma Devassa regular sobre os excessos commettidos hontem dentro e fóra da Praça do Commercio relativamente ao objecto sobre que a Assembléa se achava praticando.

Como porém se quiz de proposito estorvar todo o accesso do Ministerio a S. M. para que ficasse ao Partido vencedor o campo livre, reserve para esta noite o desonrar-me de hum Emprego onde vejo que nenhuma proporção existe entre o pouco bem que posso fazer e os infinitos males que não estão ao meu alcance impedir.

Deus Guarde a V. S. etc.

CARTA XXVII

Mco Am.^o e S.^r Hé esta a segunda vez depois do malfadado dia 26 de Fevereiro que demittindo-me do Emprego a que ElRey me elevou naquella occasião, me vejo obrigado por considerações de publico interesse a ceder á repugnancia que (*sic*) S. M. em convir naquella minha muí séria e positiva resolução.

Na forma do que hontem participei a V. S.^a foi a S. Christovam pelas oito horas da noite, assim de ter com ElRey huma entrevista que não fosse interrompida, e na qual me propuz patentear-lhe primeiro que tudo as ideas que tambem na minha carta de hontem expendi a V. S.^a sobre o partido que se tomou de se annullar o Decreto de antehontem: sobre a responsabilidade que em mim reahia aos olhos do Publico, pela morte e ferimentos que resultaram das descargas da Tropa na Praça do Commercio; pois que se deve suppor que a Tropa não obrara senão em vir-

tude de ordens regularmente emanadas de S. M. e transmittidas aos Commandantes da Força armada pelo Ministerio dos Negocios da Guerra. Donde eu conclua que não me sendo possível desforçar-me nem de huma nem de outra imputação, me não restava nenhum outro expediente senão o de me demittir desde logo daquelle Ministerio.

El Rey depois de me ouvir com a mais benigna attenção, dignou-se de entrar em huma Exposição admiravelmente bem deduzida das causas que lhe tornavam impossível no meio do desenfreamento dos Partidos e da insubordinação da Tropa o exercício livre das suas soberanas attribuições, que rematou com as seguintes palavras: «Portanto he necessario que chegando nós á Europa
« constem á Nação os meos constantes dezejos de contribuir
« quanto em mim cabe para a prosperidade dos meos vassallos: e
« os extraordinarios esforços que tenho feito, sobretudo nestes ultimos
« tempos, para manter unidos debaixo de huma so ley todos os
« Dominios da minha Real Coroa, que não sem grande magoa vejo
« caminharem precipitadamente a huma total dissolução. He preciso
« só acautelar esta desgraça e he preciso que se faça saber á Nação
« Portuguesa e ao Mundo inteiro que se tal acontecer, foi pelo inevitavel
« encheamento dos successos, e não por falta de eu dar
« aquellas providencias que estavam ao meo alcance. Ora para isto
« preciso do vosso serviço: e por conseguinte de nenhum modo
« venho na vossa demissão.»

Bem longe de combater os principios que S. M. acabava de expor da maneira a mais luminosa, procurei deduzir delles a necessidade de não acompanhar a S. M. na qualidade de seo Ministro d'Estado: bem que ja dalli lhe pedia a mercê de me permitir que eu regressasse na Esquadra para Portugal.

Eu não posso conceber, respondi eu, como o Governo de V. M. chegando a Lisboa ha de satisfazer á natural impaciencia do Congresso e da Nação quando perguntem pelo estado em que fica o Brazil: quaes sejam as providencias que V. M. deixou apoz de si para manter este tam importante quam vasto Paiz na União com a séde da Monarquia que V. M. sahindo delle torna a assentar na sua antiga séde. Pela minha parte protesto que me cubro

de pejo quando considero que serei obrigado a responder que o Governo de V. M. abandonou este Paiz sem saber coisa alguma do estado em que elle fica relativamente á crise em que se acha toda a Monarquia: e que devendo inferir pelo que consta da Bahia e Pernambuco, que o resto das Provincias ou se acham ja em anarchia, ou saendirão debaixo de varios pretextos a obediencia assim ao Governo de V. M. em Lisboa como ao do seu Filho no Rio de Janeiro, V. M. e os seus Ministros, abandonando-as á sua sorte, só curaram dos meios de fazerem hum tranquillo e feliz regresso para Portugal.

A esta minha vehemente observação acudio S. M. = E por ventura demittindo-vos do Ministerio, evitaes essa responsabilidade? Não recae ella sobre o tempo passado, pois que em tres ou quatro dias está decidido que nos faremos á vela? =

Sem duvida, repliquei eu; mas V. M. sabe e com V. M. posso attestar ao Mundo inteiro que nem eu fui de voto que V. M. regressasse para a Europa: nem depois que fui vencido pela unanimidade de todos os mais Ministros, se cuidou em outra coisa senão em realisar quanto antes a partida: e que tendo eu mais do uma vez começado a atacar as ideas que neste momento acabasse de expender, fui sempre atalhado com a reflexão, de que era assumpto sobre que V. M. ja tinha decidido, e que portanto se se devia cuidar em se apromptar a Esquadra dentro do mais curto praso. Por onde se jamais se me tinha consentido dizer a minha opinião, ficava resalvada pela minha parte toda a responsabilidade. =

=Mas não sendo possível depois de decidido o meo regresso para Portugal, dissê ElRey, deixar elle de se verificar, que expediente podieis vós propor para evitar que o Governo incorresse na censura que ha pouco apontaveis de haver abandonado o Brazil? =

=Eu teria proposto que a Esquadra em vez de seguir para Lisboa arribasse á Bahia: que V. M. dalli não somente procurasse as informações que só daquelle ponto pode conseguir do estado das Provincias do Norte mas dêsse tanto para aquellas como para as do Sul e para as centraes as providencias que V. M.

mesmo reconhece ser-lhe impossível o dar no meio da desordem a que todos os ramos da Administração Publica se acham reduzidos nesta Córte.

«Pois bem, tornou S. M., nada obsta a que depois de feitos á vela eu dê ordem ao Commandante em Chefe da Esquadra para que arribemos á Bahia. Desde já approvo a vossa idea: e vos ordeno que guardando sobre esta minha resolução o mais completo segredo, até ao momento da sua execução, cogiteis sobre o desenvolvimento das providencias que julgardes dever-me propor chegando á Bahia.==»

Assim eis-me aqui maniatado pelo meo proprio facto; porque se bem duvido muito que tal arribada se verifique: e mais ainda que verificada ella, não encontre eu na divergencia das opiniões que tam conhecidas me sam de ha tanto tempo, huma opposição que torne absolutamente inutil este expediente, como posso eu insistir na minha demissão quando ElRey concorda em hum projecto que suppõe a minha continuação no Ministerio?

Alem disso quando mesmo a arribada se não verifique: ou que verificando-se se não siga o meo voto quanto ás providencias que dalli entendo S. M. deve dar; tanto maior força terão as instancias com que decididamente me desonerarei de hum Emprego onde nenhum serviço posso fazer ao Estado: e terei ao menos preenchido completamente os deveres que me impõe a responsabilidade do meo cargo.

D.^a G.^{da} a V. S.^a etc.

CARTA XXVIII

Meo Am.^o e S.^r—Como o motivo de eu dirigir a V. S.^a esta e precedentes cartas he de confiar como deposito no seio da amizade a narração pura e singela dos factos que unicamente podem justificar aos olhos do Publico o bom nome que eu sobretudo ambiciono me haja de sobreviver; não espero para o calamitoso desfecho desta nossa fatal viagem para referir a V. S.^a o resultado

(que eu bem receava) do Projecto de arribada á Bahia, que na minha ultima carta escrita do Rio de Janeiro participei a V. S.^a ter merecido a Real Approvação.

Na manhã do terceiro dia de viagem, mandou-me ElRey chamar á sua Camara: e perguntou-me se me não parecia ser já tempo de elle ordenar ao Commandante da Esquadra que a ribassemos á Bahia. Respondi que não só era já tempo; mas que até eu entendia que nos tínhamos amarrado de mais tendo de se verificar aquella arribada; e que assim não havia hum momento a perder.

S. M. reflectindo que a regularidade pedia que antes de dar aquella ordem ao Conde de Vianna, tratasse com o Ministro da Marinha, que como V. S.^a sabe tambem vae nesta Náo, mandou-me que o chamasse, para communicar o em que se tinha assentado.

Chegundo aquelle Ministro ordenou-me ElRey que fizesse eu a exposição de quanto no Rio de Janeiro tinha tido a honra de ponderar a S. M., o que fiz com toda aquella claresa e individuação de que sou capaz. Depois do que, lhe perguntou S. M. o que pensava a aquelle respeito. Elle com a inteireza propria do seo character, não hesitou em declarar que elle era de differente parecer: porque S. M. corria perigo de não ser recebido ou de ser mal recebido pelos Bahianos.

Respondi não ser isso provavel attentas as pessoas de que o Governo se compunha: a conhecida doçura de character daquelle povo: os muitos Europeos que alli se achavam: e em fim que não indo S. M. senão a despedir-se dos seus vassallos Brasileiros que primeiro o haviam hospedado nesta parte dos seus Estados, isto não podia deixar de os encher de summa satisfação.

A isto replicou aquelle Ministro que a ser assim, recrescia o perigo de que não deixassem sahir S. M. ou que (*sic*) pelo menos obriga-lo a consideravel demora, com o que se consumiriam os viveres a bordo da Esquadra: e se tornaria impossivel seguir derrota por falta de meios para comprar outros.

Ao perigo de opposição respondi: que já se tinha visto no Rio quanto era infundado tal receio e que na Bahia militavam as

mesmas e ainda mais fortes razões para o desvaneecerem: Que em quanto aos viveres nem elles faltavam na Bahia, nem quem os fiasse ainda a comprador menos seguro do que o brío da Nação Portugueza.

Não se convencendo destas razões, cifrou-se o dito Ministro em dizer que não era da minha opinião. Nestes termos S. M. não querendo por si resolver a questão ordenou-me que fizesse exposição das razões por huma e outra parte aos Marquezos de Palmella e de Penalva que vinham juntos em huma das Fragatas da Esquadra e ao Ministro Ignacio da Costa Quintella bem como ao Ex-Ministro Thomas Antonio do Villa Nova Portugal que vinham em outra, a fim de que ellos dessem o seu parecer.

Assim o cumpri e juntas achará V. S.^a as respostas que elles deram, conformando-se comigo unicamente o Marquez de Palmella quanto aos fundamentos do meo parecer; mas differindo quanto ao lugar da arribada.

FIM DAS CARTAS.



NOTAS BIBLIOGRAPHICAS.

(ADDIÇÕES A BARROSA E INNOCENCIO DA SILVA.)

[*Continuação* (*)]

VI.

O illustre Innocencio da Silva á pg. 249 do tomo VI de seu *Diccionario b.bl. port.* (art. *Miguel Soares*) propoz a investigadores mais felizes um enigma bibliographico, que podemos resolver cabalmente e sem difficuldade graças á consulta do proprio livro citado.

Eis o caso :

O chanceller-mor João Teixeira proferiu em Março de 1489 uma oração panegyrica na cerimonia em que se-elevou á dignidade de marquez de Villa-Real o conde dom Pedro de Menezes.

Esta oração só 73 annos mais tarde viu a luz da publicidade, sendo estampada em Coimbra em 1562 por diligencia do mestre Miguel Soares, sob o titulo, que se-segue :

OBRA

(*Escudo das armas dos Menezes*)

Que contê hũa Oração do Doutor Luys Teixeira, feyta quando fizeram o côdo dô Pedro de menezes, Marques de vila Real. E o treslado della em Portugues, por o mestre Miguel Soares: dirigida ao illustrissimo Principe, & excellentissimo senhor dô Miguel de menezes. III. Marqs de vila Real.

(*) Cont. da pag. 372 do vol. I.

Este titulo está dentro de uma tarja aberta em madeira, que mede: 0^m,155 de alt. \times 0^m,097 de larg.

— No verso d'esta folha o titulo subordinado:

ORATIO HABITA AB IN-

SIGNI VIRO IOANNE TEYXEIRA SLENIS

simi Ioannis Secundi Lusitaniæ Regis, & Algarbiorum
cismarinorū, pariter & quæ sunt in Africa transmarinorū
Æthiopiarq; Domini, Cancellario maximo, Consiliarioq;
cum Marchionatus dignitas à sua celsitudine collata at-
tributaq; fuit: Illustri & magnifico domno Petro Mene-
sio, villæ Regaliæ Marchioni, Comitiq; Vranisæ
& cætera. Mense Martio, anno à
salute Christiana.

1489.

BEGIAE.

— Segue-se a oração latina até o verso da fl. 20.^a, onde se lê:

Explicit elegantissima Ioannis Teyxeira oratio etc.

Per Ioannem Aluaram Typographum Regi-
um Conimbriæ impressa idib. Decembr.

M. D. LXII.

— O recto da fl. 21.^a é occupado por est'outro titulo, incluído, em uma tarja gravada em madeira, semelhante á da folha do rosto já descripta:

Oraçam que

TEVE IOAM TEYXEIRA

*Chancarel mór destes Reynos em
tempo del Rey dom Ioam o segun-
do de Portugal & do Algarue, &
senhor de Guiné, quando deu a di-
nidade de Marques d' villa Real
ao illustre & muyto manifico dom
Pedro de meneses Cõde da mesma
villa, & de Ourem. No mes de
Março, anno do nascimento
de nosso Senhor IESV
Christo 1489.*

Agora nouamête treladada em Por-
tugues da atras posta. Por o Mestre
Miguel Soares.

EM COIMBRA.

Per Ioam Alvarez impressor
da Vniuersidade.

Vista pellos senhores Inquisidores.
M. D. LXII.

— No verso :

= CARTA DO MESTRE / Miguel Soares, dirigida ao illus-
trissimo prin-/cipe & excelente senhor dom Miguel / de
Meneses, quarto Marques de / vila Real, & seu senhor. / =
a qual acaba no r. da fol. 22.

— No verso da fol. 22 começa a oração em portuguez, que
vai até o v. da fol. 42.

— No r. da fol. 43 :

= NA DITA TORRE EM OUTRO / liuro dos registos do dito
Rey dom Ioam se-/gundo, da era de mil, quatroçêtos &
oy-/tenta & noue está hũa doaçam, / que diz o seguinte. / =

Esta doação occupa a referida pagina, e acaba em pouco
mais de meio da pag. seguinte por éstas palavras — Laus Deo. —

E' um vol. in-4.º, de 43 fls. inn., com assign. de 8.º A - Ciiij
e A - Cvij.

Tal é o opusculo citado por Innocencio, que o-descreveu de
modo menos completo por se-haver servido para isso de uma
comunicação do sñr. Figanière, que havia tido oportunidade de
examinar o exemplar possuido pelo sñr. conselheiro Macedo.

Agora a dúvida do illustre auctor do *Dicc.* :

« Porem é notavel que a nenhum d'estes nossos biblio-
graphos merecesse attenção a discrepancia que se observa
mui digna de reparo, nos dous titulos ou rostos supra-indi-
ca los, isto é, dar-se a *Oração* original no primeiro d'elles
como obra do doutor *Luys Teixeira*, e attribui-la no segundo
ao chancarel mor *João Teixeira* ! Barbosa, a quem de mais

perto incumbia a obrigação de desfazer este nó gordio, contentou-se de duplicar a *Oração*, collocando-a successivamente no seu tomo III (*aliás II*) sob os dous nomes referidos; e eu, na impossibilidade de al fazer, tive de praticar outro tanto, como se vê no *Diccionario*, tomo III (*aliás tomo IV*), pag. 45, artigo *João Teixeira*, e tomo V, pag. 331, artigo *Luiz Teixeira Lobo*. *Talvez que a investigadores mais felizes se deparem no futuro os meios de dar a este enigma alguma solução accetavel.* »

De facto os dous titulos referidos induziriam á duvida si Barbosa, a quem o docto bibliographo sem grande razão accusa de omisso nesta parte, nos não houvesse dado implicitamente a chave do enigma quando diz (*Bibl. Lus.*, tomo II., pag. 773, art. *João Teixeira*): « Esta Oração sabio traduzida na lingua Latina por seu filho o Doutor Luiz Teixeira com este titulo — *Oratio habita &c.* » D'estas simples palavras se-conclue que a *Oração* é do chanceller, e só a traducção latina de seu filho o doutor Luiz Teixeira, — circumstancia que vejo agora plenamente confirmada na *carta* de Miguel Soares, á fol. 21 v., onde se-lê o seguinte:

« Andando illustrissimo Principe, os dias passados na liuraria de. V. illustrissima, S. apartando hã liuros de Theologia, de que me fizera merce: topey com hum liurinho enquadernado ao modo antigo, de poucas folhas, mas muy largo nas estremadas cousas que em si continha. Intitulauase oração, que Luys Teixeyra tresladou de Portugues em Latim: a qual seu pay Ioam Teixeyra, chançarel mór destes Reynos tene em aquelle glorioso dia em que o muyto catholico, & inuenciuel, & dino de eterna memoria Rey dom Ioam o segundo, fez Marques aquelle muyto illustre Conde de vila Real dom Pedro de meneses vosso visauo. E como nelle visse &c. »

Aquí está pois a cabal resposta á duvida de Innocencio, desde que lhe não bastou a asserção do abbade de Sever: João Teixeira foi de facto o auctor da *Oração*; seu filho Luiz trasladou-a para o

latim, e é a *Oratio habita* da primeira parte do opusculo; Miguel Soares enfim, que 73 annos mais tarde só achou a versão latina, julgando-a digna de memoria, tornou a passa-la para portuguez, e é a *Oração* que constitue a segunda parte do folheto.

Acclarado o ponto, não resta dizer aos amadores e interessados sinão que o nosso exemplar, mui bem conservado, figura na collecção historica do proprio B. Machado, tomo I. dos *Elogios dos duques, marquezes, e condes de Portugal &c.* E' mais uma preciosidade bibliographica, que nos legou aquelle incomparavel amador de livros.

VII.

O padre Antonio Soares de Albergaria escreveu uma obra, hoje bastante rara, que se-estampou em Lisboa no anno de 1632 sob o titulo de: *Tropheos Lusitanos*.

Os dous curiosos artigos de Innocencio relativos a este livro, um no corpo do *Diccionario* e outro no *Supplemento*, dão d'elle uma noticia minuciosa, clara e approximadamente exacta; entretanto alguns pontos são ainda dignos de reparo, e é sôbre elles que nos-cabe fazer as seguintes observações:

Não parece exacto que houvesse escapado este livro ao exame de Barbosa, pois que o exemplar que aqui temos á vista traz o *ex-libris* do illustre abbade de Sever; ora é bem sabido que naquella bibliotheca os livros não eram as onze mil virgões. Si pois escaparam ao auctor da *Bibliotheca Lusitana* algumas incorrecções na descripção da obra, outra foi a causa; elle a-viu, e podemos até assegurar que a-leu, pois de outra sorte se-não explicaria o dur-nos na mesma *Bibl.* informações, que só poderia beber na dedicatória que occorre á frente dos *Tropheos*.

Mas passemos a materia mais importante.

São muito differentes entre si os exemplares que apparecem d'esta obra; o proprio Innocencio dando o devido valor a semelhante circumstancia julgou-se obrigado a enumerar as estampas do seu exemplar, e voltando ainda a este ponto no *Supplemento* descreveu com minuciosidade o da Bibliotheca Nacional de Lisboa, que até 1867 era o mais completo de quantos havia examinado.

Como, todavia, em face d'esta descripção não nos-parecem desfeitas todas as dúvidas, e como sobretudo a respeito da numeração, do titulo e do objecto das estampas ainda ha particularidades que não foram mencionadas, acreditamos que não será ocioso sob o ponto de vista bibliographico descrever por menor o nosso exemplar, que á vista das asserções de Innocencio pode passar por completissimo.

Depois do frontispicio gravado, da fol. de rosto impressa, e da fl. de licenças, occorrem 5 fls. innumeradas, sendo 4 com as duas dedicatorias (portugueza e latina), e uma com os sonettos de Manoel Peixoto da Rocha e Pedro de Noronha de Andrade.

Comçam então as estampas em numero de 78, das quaes a maior parte está numerada com algarismos impressos, pela forma e com os titulos seguintes:

Num. ordem	TITULOS (IMPRESSOS NO ALTO)	OBSERVAÇÕES
1.	Nossa Senhora da Assump / ção, protectora do rey / no de Por- tugal.	Sem numeração, e sem o nome do gravador.
2.	Anno Custodio do reyno / de Por- tugal.	Com o algarismo 2. Em baxo á di- reta — <i>Agustin Soares fecit.</i> —
3.	Armas antigvas de / Portugal.	Com o alg. 3. Em baxo á direita = <i>Agustin Soares.</i> —
4.	San Pedro de Rates primeiro / arcebispo de Braga / primaz de Espanha.	Sem num. Em baxo e no meio = <i>Au. Soares</i> =
5.	Sam Damaso papa portvgves / da villa de Gimmaracs.	5. No meio e em baxo = <i>Agustin soares fecit.</i> = Com legenda lat. nu.
6.	Sam Mancio bispo, e padro / eiro de Evora.	Sem num. — <i>Au. Soares</i> — E', como já observou Inn., a mesma est. de São Pedro de Rates; notamos-lhe só a differença de que o escudo colocado em baxo e á direita está sem armas, e de ca. apo. vazio.
7.	Sancto Antonio natvral / da ci- dade de Lisboa.	Sem num. — <i>Agustina Soares fecit.</i> —
8.	Armas / do conde dom Henriche.	Sem num. — <i>Agustin Soares.</i> —

Num. nossa	TÍTULOS.	Observações.
9.	Apparecimento de Christo a El-Rey Dom Affonso Enriques. (Tit. que vem no <i>Indice</i> , porque a estampa o não tem).	Est. de 0 ^m ,191 de alt. X 0 ^m ,138 de larg., sem as margens; na inferior há a legenda latina: <i>Accipe, quâ victoris, Rex Alfonse, coronam: Accipe de plagis nobile stemma meis</i> . Não traz nome de gravador, mas é certamente do mesmo Soares.
10.	Armas. / Del Rey Dom Affonso Hen- / riques, o do reyno de / Portvgal.	Com a num. de 8. = <i>Augusta Soares fecit.</i>
11.	Armas Del Rey D. Manoel, / e seys successores, por / emperadores do Orien- / te, reys desto reyno, / o reys tributarios / de Africa.	Com a num. de 9. Sem nome de gravador.
12.	Armas / das Rainhas de / Portvgal.	Num. 10. Em baixo, e tambem em caracteres typographicos: — <i>No meio escudo, que está em branco</i> §.
13.	Armas. / Dos Princepes de / Portvgal.	Num. 11
14.	Armas dos Infantes Filhos / segundos dos reys de / Portvgal.	Num. 12. Em baixo = <i>No pé do banco de pinchar, que aqui está</i> §.
15.	Armas / das Infantas de Portvgal / antes de casar.	Num. 13. Com esta explicação: <i>A parte branca da legonja (sic) demonstra</i> §.
16.	Insígnias da Primacia de / Braga, e Senhorio da / mesma cidade.	Num. 14. O campo do escudo está vazio. = <i>Augustinus Suarez florinus fecit</i> = Com esta explicação: <i>A figura ouca</i> §.
17.	Armas / antigas da casa de Bra- / gança desde o primeiro / dvque D. Afonso filho / del rey Dom João o I / de Portvgal.	Num. 15.
18.	Armas / dos dvques de Bragança / desde o dvque D. Jaime / sobrinho del rey / Dom Manoel.	Num. 16. Com esta explicação: <i>Este branco de pinchar</i> §. Pela descripção de Innoc. parece que no seu exemplar é. a estampa tem título identico á precedente, o que no nosso de certo se não verifica.
19.	Armas / dos dvques de Barcellos / primogenitos dos / dvques de / Bragança.	Num. 17.

Num. nossa	TÍTULOS.	OBSERVAÇÕES.
20.	Armas / da casa de Aveiro desde o / senhor D. Iorge dvqve de / Coimbra, mestre de Sano- / Tia- go, e de Avis, filho / delrey D. Ioão o II. / Sev appellido Alen- castre. —	Num. 18.
21.	Armas / do dvqve de Torres No- vas / primogenito do dvqve / de Aveiro. / Sev appellido Alon- castre, / ov Lancastre.	Num. 19. No exemplar do Inn. pa- receo que uma só estampa tinha por titulo — <i>Armas dos duques de Aveiro e Torres Novas</i> —, o que até certo ponto seria mais razoavel, porque ésta n.º 19 é absolutamente egual á precedente.
22.	Armas / do dvqve de Caminha e mar / qves de Villa Real, Capi- tão, e Senhor da ci- / dade de Covta / em Africa. / Ev (sic, por Sev) appellido Meneses, / e No- ronha.	Num. 20.
23.	Armas / do conde do Alcovtim pri- / mogenito do marquez / de Villa Real. / Sev appellido Me- neses, / e Noronha.	Num. 21. É' perfeitamente igual á precedente.
24.	Armas / do marquez de Ferrei- ra- / Sev appellido, Mello / e Bragança.	Num. 22.
25.	Armas / do conde de Tentvgal / primogenito do mar- / qvez de Ferreira, / sev appellido, Mello / e Bragança.	Num. 23. É' a mesma chapa da pre- cedente.
26.	Armas / do marqves de Castel Ro- / drigo capitão, e governa / dor das Ilhas Terceiras, / grande de Espanha- / sev appellido Mov- ra, / Corte Real.	Num. 24.

Num. NOS 32	TÍTULOS.	OBSERVAÇÕES.
27.	Armas / do conde de Lymiares pri- / mo genito do marqves / de Castel Rodrigo. / Sev appellido, Meyra, / e Corte Real.	Num. 25. — <i>Aug.^o Sua.^a Floriano Fe- cit</i> — No exemplar de Inn. não só estava. ia por elle lido a lo sob n. ^o 14) tinha por titulo — <i>Ar- mas do marquez de Castello Rodrigo, conde de Lymiares etc</i> , no que parece havia inexactão, visto di- vergiem no timbre as armas de um e d'outro.
28.	Armas / dos marqveses de / Alem- quer. / Sev appellido Silva. /	Num. 26.
29.	Armas / do marqves de Govvea con / de de Portalegre. / Mordo- mo mor da casa / Real de Por- tugal. / Sev appellido Silva.	Num. 27. É a mesma chapa da pre- cedente
30.	Armas / do conde de Portalegre, / primogenito / do marqves de Govvea.	Innumerada. Traz a explieação: <i>Al- guns Ramos desta familia & ; mas a chapa é absolutamente igual ás duas precedentes.</i>
31.	Armas / do marqves de Porlo / Segvro. / Sev appellido ALEN- castre.	Num. 28. Não differo em coisa algu- ma das duas chapas, que no exem- plar occorrem com a numeração 18 e 19.
32.	Insignias do bispado de / Coim- bra, e condado / de Arganil.	Num. 29. Está em branco o campo do escudo.
33.	Armas / do conde do Monsanto / alcaide mor de Lisboa, / fron- teiro mor, e covteiro / mor. / Capitão, & Gouvernador das Ilhas de Tamaracá, / S. Vicente, & Sancta Anna, nos Estados do / Brazil. Sev Appellido Castro, & Sousa.	Num. 30.
34.	Armas / do conde da Atougvia. / Sev appellido Ataide.	Num. 31.
35.	Armas / do conde de Cantanhe- de. / Sev appellido, / Meneses.	Num. 32.

Num. nossa	TÍTULOS	RESERVAÇÕES
36.	Armas / do conde de Odemira ca. / pitão, e alcaide mor de / Alvor, e alcaide mor / de Es- tremoz. / Sev appellido, / No- ronha.	Num. 33.
37.	Armas / dos condes da Feira / Sev appellido / Pereira, Froinz.	Num. 31.
38.	Armas / do conde de Tarouca. / Sev appellido / Meneses.	Num. 35.
39.	Armas / do conde de Villa Nova. / Sev appellido / Castel branco, e Valente.	Num. 36. Com a expl.: = O <i>leão do</i> <i>primeiro quartel</i> & = (que occupa a lutas).
40.	Armas / do conde da Vidigeira (sic), / almirante do mar / da India. / Sev appellido / Gam- ma.	Num. 37.
41.	Armas / do conde do Redondo. / Caçador mor, / Sev appellido Covtinho.	Num. 38.
42.	Armas / do conde do Vimioso. / Sev appellido, / Portugal.	Num. 39.
43.	Armas / do conde de Linhares, / Sev appellido / Noronha, e Me- neses.	Num. 40.
44.	Armas / do conde da Castanhei- ra. / Sev appellido / Ataide.	Num. 41. É a mesma chapa das ar- mas do conde de Atougala.
45.	Armas / do conde da Sortelha, / gyrda (sic) mor da pessoa / real. / Sev appellido. / Silva, e Goes.	Num. 42. É de notar-se que o appella- do dos Sortelhas é <i>Salveira</i> , e não <i>Silva</i> ; isto mesmo se acha indicado é tincta no nosso exemplar, e de- mais o proprio Indice da obra no- lo-dá a saber.
46.	Armas / do conde do Basto. / Sev appellido / Castro.	Num. 43.

Num. nossa	TÍTULOS.	OBSERVAÇÕES.
47.	Armas / do conde de Penagvião, / camareiro mor del rey, / alcaide mor, e veador / da Fazenda do / Porto. / Sev appellido / Saa, e Meneses.	Num. 44.
48.	Armas / do conde da Atalaia. / Sev appellido / Mauvel.	Num. 45.
49.	Armas / do conde do Sabugal, / meirinho mor do reyno. / Sev appellido. / Castelbranco.	Num. 46.
50.	Armas / do conde de Sancta Cruz. / Capitão dos ginetes, / sev appellido / Mascarenhas.	Num. 47.
51.	Armas / do conde de Villa Franca. / capitão, e governador / da Ilha de S. Miguel. / Sev appellido / Camara.	Num. 48.
52.	Armas / do conde de FIALHO (sic) duque / de Villa Ermosa grande / de Espanha. / Sev appellido / Boria, e Aragão, e Barreto.	Num. 49.
53.	Armas / do conde de Villa Flor. / Sev appellido / Henriquez.	Num. 50.
54.	Armas / do conde de Miranda / governador da casa / do Silve (sic) do Porto. / Sev appellido. / Sousa.	Num. 51.
55.	Armas / do conde de S. Ioaõ / da Pesqueira. / Sev appellido Tavora.	Num. 52. Com a expl.: = Adversitas que o Delphm & (que occupa 6 linhas).
56.	Armas / do conde de Faro. / Sev appellido / Faro.	Num. 53.

Num. nossa	TÍTULOS.	OBSERVAÇÕES.
57.	Armas / do conde de Villa Nova / da Galleta (<i>sic</i>), capitão, e / governador da ci- / dade do Fyn- chal. / Sev appellido / Camara.	Num. 54. E' a mesma chapa das armas do conde de Villa Franca
58.	Armas / do conde de Castelmi- thor / alcaide mor do Pombal, / e Penamacor. / Sev appellido / Vasconcellos, e Sousa.	Num. 55.
59.	Armas / do conde do Prado al- caide / mor da cidade do Beia. / Sev appellido / Sousa.	Num. 56.
60.	Armas / do conde da Fricceira. / Sev appellido / Meneses.	Num. 57. Não differo das armas do conde de Cantanhedo.
61.	Armas / do conde de Castro / de Ayro. / Sev appellido / Aláido.	Num. 58. E' a mesma chapa dos n. ^{os} 31 e 41 do exemplar.
62.	Armas / do conde de Palma. / Sev appellido / Masqvarenhas.	Num. 59
63.	Armas / do conde de Val de rey. / Sev appellido / Fvrtado, e Mendoça.	Num. 60
64.	Armas / do conde de Arcos, / Sev appellido / Iama, e Brito.	Num. 61.
65.	Armas / do conde de Castel. Novo / veador da casa del rey / nosso Senhor. / Sev appellido. / Mascarenhas.	Num. 62. E' a mesma chapa da es- tampa n. ^o 47 do exemplar
66.	Armas / do conde de Vnham. / Sev appellido. / Telles, e Men- ses (<i>sic</i>).	Num. 63.
67.	Armas / do conde das Sarzedas. / Sev appellido / Silveira, e Lobo.	Num. 64.

Num. nosso	TÍTULOS.	OBSERVAÇÕES.
68.	Armas / do conde de Sam Miguel / Sev appellido / Botelho.	Num. 65.
69.	Armas / do conde de Figveiro. / Sev appellido / Vasconcellos.	Num. 66. Perfeitamente egual á estampa n.º 65 do exemplar.
70.	Armas / do visconde de Villa Nova / da Cerveira. / Sev appellido / Lima, e Nogueira (sic), e Brito.	Num. 67. Egual á est. n.º 62, (do conde de Arcos).
71.	Armas / do conde de Obidos. / Sev appellido Mascarenhas / e Alencastre.	Num. 67, o que nos-dá duas folhas com a mesma numeração. São as mesmas armas, que já vioram a fls. 18, 19 e 28; faltam no exemplar da Bibliotheca Nacional de Lisboa.
72.	Armas / do barão de Alvito. / Sev appellido / Lobo.	Num. 68. É a mesma chapa do n.º 64.
73.	Armas / do maricheal de Portugal / sev appellido / Covtinho.	Num. 69. É a mesma chapa de n.º 88.
74.	Armas / do almirante de Portugal. / Sev appellido / Azevedo.	Num. 70. Segundo se-deprehende do artigo de Innocencio no <i>Suppl. do Diccionario bibliographico</i> , parece que em seu exemplar e no da Bibl. Nacional de Lisboa esta estampa tem o titulo: <i>Armas do Almirante de Portugal</i> .
75.	Barretos.	Num. 70. — o que nos-dá mais duas folhas com a mesma numeração. Em baxo e á direita: = <i>Agustin Soares</i> .
76.	Armas / dos Almcidas.	Num. 71. — <i>Agustin Soares</i> fe. — O exemplar da Bibl. Nac. de Lisboa parece que traz — <i>Almadaz</i> —, o que ainda é uma variante.
77.	Armas / dos Mellos.	Num. 72. Chapa absolutamente egual á precedente.
<p>Seguem-se, em folha á parte, o <i>Epigramma</i> latino e o <i>Soneto</i> portuguez; e logo depois,</p>		
78.	Arma redemptoris, et insignia Christi Ies.	Estampa gravada por buril menos adextrado do que o de Soares, que deixou tão bellas provas de seu talento artistico em todo este livro.

Occorrem no fim 4 fls. innumeradas, sendo: 3 para o *Indice dos escudos &*, e uma com a explicação das letras que mostram os metaes e côres.

Sommadas éstas 78 estampas á portada de gravura e ao retrato de Albergaria, que possuímos na collecção de retratos organizada pelo mesmo abbade de Sever, e que certamente foi d'aqui tirado, temos que se-compõe o exemplar do Rio de Janeiro de 80 estampas, além de todo o texto, que para ellas se-imprimiu. E' por consequencia o mais completo de quantos se-conhecem, e seria a todos os respeito superior ao de Lisboa, si não houvessem ficado em branco as armas do primaz de Braga e do bispo de Coimbra, — circumstancia que parece se-não verifica naquelle exemplar, a julgar-se pelo silencio do auctor do *Dictionario bibliographico portuguez*.

Fôrça é notemos que segundo toda a probabilidade não fazia teção o auctor dos *Trophées* de ir além das armas do *Almirante*, pois que em seu *Indice* se-não faz memoria das quatro estampas, que seguem: Barrelos, Almeidas &. Tambem do mesmo *Indice* se-deduz que só mais tarde foi acrescentada á obra a estampa do *San Mancio*, que não só carece na relação, como nem tem numeracão sua.

Ora, si admitirmos que em sua primitiva éstas estampas saíram a lume sem numeracão, e que só depois de reconhecido este inconveniente se-procedeu a ella e á composicão do *Indice*, teremos explicado o porque apparecem hoje tão differentes uns do outros os exemplares da obra de Albergaria.

(Continúa.)

Franciz Galvão.

REZULTADO DOS TRABALHOS

DE

INDAGAÇÕES STATISTICAS

DA

PROVINCIA DE MATTO-GROSSO

FOR

LUIZ D'ALINCOURT

Sargento-Mór Engenheiro

ENCARREGADO

DA COMMISSÃO STATISTICA TOPOGRAFICA ACERCA DA MESMA PROVINCIA

(CUIYABÁ 1828).

Cód. $\frac{CDXLIX}{10-190}$

[Continuação (*)]

CAPITULO VII.

Portos e Enseadas.

A central posição da provincia de Matto-Grosso não lhe permite ter portos e enseadas maritimas. Nesta provincia chamão-se portos a certos lugares convenientemente escolhidos nas margens dos rios, onde abicão as canoas para serem descarregadas, ou carregadas, e estes portos varião segundo comvem aos proprietarios das terras contiguas.

Todavia marcarei tres, a que chamão Geracs.

(*) Cont da pag. 161 d'este volume III.

1.º Porto Geral.

Ao S. S. O., e huma milha distante da cidade do Cuyabá, na margem esquerda do rio deste nome, está o Porto geral desta cidade, estabelecido ha 80 annos; hé a elle que os povoadores d'além rio e os das margens levão os effeitos das suas plantações, e pesca, para depois bastecerem a cidade. Finda neste porto hum largo rectangular, ornado de casas, e da parte direita, olhando para o rio contiguo ao barranco, está hum armazem pertencente á Fazenda Publica, e por detraz do qual, fazendo frente ao rio, existe hum pequeno Arsenal.

Hé neste porto que se conservão as canoas e batelões da Fazenda Nacional, e delle partem as Conductas para a Fronteira do Paraguay, e as Monsões que se dirigem á villa de Porto-Feliz, sita na margem esquerda do Tieté, provincia de S. Paulo. Além do porto, na margem direita, notão-se igualmente algumas casas e seguem d'alli as estradas para S. Pedro d'El-Rei, Villa Maria e cidade de Matto-Grosso.

2.º Porto Geral.

Na margem direita do Guaporé, a poucos passos da cidade de Matto-Grosso, fica este Porto, em outro tempo florcente, quando se frequentava a navegação para o Pará, pelo Madeira; hé delle que partem as Conductas para o Forte do Príncipe Imperial. Junto á Cidade, do lado do mesmo porto, está hum grande telheiro, bem edificado, pertencente á Fazenda Publica, onde se construião e depositavão as embarcações d'aquella carreira; tem alli armazens e huma Olaria da mesma Fazenda Nacional.

3.º Porto Geral.

Cinco legoas distante da villa do Diamantino, na margem direita do rio Negro, está o Porto da Boa-Esperança, donde

largão, e onde aportão as Monsões dos Negociantes Cuyabanos, que frequentão a carreira de Santarem, e do Pará, pelo Tapajoz.

CAPITULO VIII.

ILHAS.

Todos os rios da provincia contém innumeraveis ilhas, que geralmente são aptas para a cultura, mas até aqui desprezadas. Os rios da 1.^a e 2.^a ordem as apresentam de 1, 3 e mais legoas de comprimento, e de largura proporcionada.

O Paraguay encerra uma prodigiosa quantidade de ilhas de differentes grandezas, quasi todas inundadas no tempo da grande enchente deste rio; a ilha chamada do Paraguay-Mirim hé notavel por sua extensão de 15 legoas, dividindo o rio em dous longos braços, hum de 31, e outro de 19. Tem esta ilha hums pequenos morros, e hé quasi toda coberta d'agua na maxima cheia.

Entre as muitas ilhas do Taquari nota-se a dos Passaros, por nella se juntarem e crearem em tanta quantidade, que o arvoredo está sempre coberto delles e cheio de seus ninhos, apresentando uma perspectiva engraçada.

No Araguaya estende-se a famosa ilha de Santa Anna, ou do Bananal, de 60 legoas de comprimento de Norte a Sul, começando em 12°, 30' de latitude, e findando em 9°, 30'.

O rio Cuyabá hé dividido em dous extensos braços por huma ilha de grandeza notavel, e baixa, que principia acima do atterro do Bananal.

CAPITULO IX.

Lagôas.

O grande mar periodico que, sem fallencia, apresenta o Paraguay annualmente, contendo 100 legoas de longo e 40 de largo, no seu desapparecimento deixa, nas vastas campanhas

que cobre, hum labyrintho de lagôas, grandes e pequenas, todas piscosas e abundantes de caça.

A chamada Bahia Negra, fica 11 legoas a O. S. O. do Forte de Coimbra; hé muito funda e larga, tendo 5 legoas de comprido; recolhe os escoantes dos alagados e amplos campos, que demorão ao Occidente e Meio-dia das serras d'Albuquerque. Desagua no Paraguay por hum canal de 6 legoas, chamado Rio Negro; abunda em pescado da mesma qualidade que aquelle rio, e crião-se nella infinitos jacarés.

A Lagôa de Cacércs, ao N. da povoação de Albuquerque, tem 4 legoas de comprido, e huma de largo; recolhe varios esgotadouros, e descarrega as suas agoas no Paraguay por hum canal, cuja bocca fica logo acima daquella povoação, e na margem direita do rio; esta lagôa hé bastantemente piscosa.

O lago Mandioré, de quasi 6 legoas de comprido, recolhe tambem varios esgotadouros, alguns ribeirões que vêm das serras, e por hum longo canal leva as suas torrentes ao Paraguay, ficando a bocca delle junto á ponta mais Austral da serra dos Dourados; o seu abundante pescado hé da mesma qualidade que o do rio com que péga.

Na latitude de 17°. 43' está a bocca, na margem direita do Paraguay, do canal de legoa de extensão que, com este rio, communica a lagôa Gaíba, dividindo a serra da Insua da dos Dourados; tem quasi 3 legoas de comprido este lago; para elle esgota a lagôa Gaíba-mirim por hum canal de legoa, a qual fica bem a O. da primeira.

A grande lagôa Uberáva, está a O. da Serra de Insua, 4 legoas ao N. da Gaíba, e por hum canal de igual comprimento desagua para esta. Estes tres lagos abundão em pescado da mesma especie e qualidades do que tem o Paraguay; hé a Uberáva de fórma circular, cuja circumferencia tem mais de 9 legoas.

A notavel Bahia do Rio de Janeiro, larga e espaçosa, de mais de 7 legoas de comprido, mostra-se nas campanhas do Arraial de S. Pedro d'El-Rei para o Occidente; multiplicados

ribeirões e ribeiros lhe são tributarios, recebendo igualmente os desagoadouros d'outras diversas lagôas de menor grandeza, e communica-se com o Paraguay pelo Rio Novo, que hé o seu canal natural.

Na chapada que, no seu cume, apresenta a serra do Morro Grande, tres legoas distante da Villa do Diamantino, mostram-se 7 pequenas e mui fundas lagôas, dispostas quasi em linha recta do Sul para o Norte, communicando-se humas com as outras, e que se-fazem notaveis por formarem a verdadeira origem do famoso Paraguay.

Proximo ao rio Xucuruina ha hum lago abundante de succo salino, pelo que se occasionão guerras entre as Tribus Indigenas que, todos os annos, o vão extrahir; esgota-se para o dito rio.

Nas campanhas, que se estendem para o S. do Jaurú, mostram-se muitas lagôas, igualmente abundantes de succo salino.

Junto á estrada geral, que segue para Goyaz, á direita, estende-se a comprida lagôa Feia; e a curta distancia da mesma estrada, entre os pequenos rios Sangrador grande, e pequeno, fica a lagôa Grande, que hé piscosa e d'agoas peçadas; escoa para hum dos braços do Sangrador Grande, que lhe entra pela esquerda.

Na famosa ilha do Bananal encontra-se hum grande lago, que se communica com o braço occidental do Araguaya; hé piscoso.

Se fosse a fazer menção particular da multiplicidade de lagôas comprehendidas na dilatada provincia de Matto-Grosso, só este capitulo formaria hum grosso volume; portanto direi em summa, que nos terrenos contiguos ao Madeira ha grandes lagos, todos abundantes de pescado, e que para este rio esgotão.

As vastas Campanhas regadas pelo Guaporé, Alegre, Jaurú, Paraguay, Cuyabá, S. Lourenço, Taquari e Mondego, apresentam igualmente hum infinidade de lagôas grandes e pequenas, todas ricas de peixe e caça; mas em geral d'agoas carregadas,

e que não saciã a sede, por aquecêl-as demasiadamente o ardor do sol

CAPITULO X.

Pantanos.

Quando desaparece o notavel Caspio-periodico do Paraguay, sempre d'agoas correntes e refrescadas por brandas vi-
rações, e por ventos fortes, apresentão se pantanos em varias
paragens, e de differentes grandezas, muitos dos quaes vão sempre
escoando para os rios por esgotadouros naturaes, e outros sec-
cão pela continua evaporação; apresentão alguns delles crostas
de sal, principalmente para o lado de Miranda. Não se tem,
até aqui, empregado meio algum para os esgotar, e porque são
ocasionados pela maxima cheia do Paraguay, não sendo pos-
sivel evitar-se esta, pela posição geographica do mesmo rio, e
circumstancias dos terrenos que corta, julgo tambem impossivel
achar-se modo de fazer permanentes esgotadouros aos ditos
pantanos.

Nos terrenos baixos, ou campanhas do Departamento de
Matto-Grosso, ha grandes pantanos, geralmente nocivos, que se
poderião diminuir por meio de grandes esgotadouros, artificiaes
e outras dispendiosas obras de hydraulica, filhas de exactas
observações sobre as circumstancias do local.

Sendo huma grande parte da provincia de Matto-Grosso
composta de terrenos baixos, como mostrei no Capitulo 3.º,
deve dizer-se, que nestes apresentão-se diversidade de pan-
tanos, principalmente junto ás margens dos rios, quasi todos
nocivos.

Nenhum dos pantanos da provincia offerce productos di-
gnos de nota, á excepção de alguns que abundão em succo
salino e capa-roza.

CAPITULO XI.

Planicies.

Nos terrenos baixos, ou grandes campanhas da provincia, mostram-se lindas planicies; nas visinhanças de Miranda e de Casal-Vasco as vi bem espaçosas, e igualmente nos terrenos de S. Pedro d'El Rei, e nos que se estendem do Paraguay para o sitio do Caeté, seguindo-se para Matto-Grosso, e tambem as ha nos regados pelo Guaporé, na sua parte inferior; porém achão-se todas incultas, podendo grande numero dellas tornar-se uteis ás plantações, usando-se do arado para lhes revolver as terras; mas este proveitoso instrumento não está em uzo.

CAPITULO XII.

Charnecas e Baldios.

São innumerables as charnecas e baldios da provincia, e geralmente fallando, quasi toda ella compõe-se destes dous artigos, na maior parte habitados pelos Genticos; muitas das charnecas conhecidas são proveitosas á creação do gado; costuma lançar-se-lhes fogo todos os annos, na secco, para brotarem de novo, e os mesmos Indios o praticão para mais commodamente haverem a caça, que concorre ás novas pastagens: as mattas dos baldios são proprias para as plantações

CAPITULO XIII.

Prados.

Todos os da provincia são naturaes, sendo desconhecido ainda o modo de cultivar se qualquer genero de herva; principiando apenas, e escassamente, a plantarem alguns particulares o capim d'Angola. Na cidade de Cuyabá e na de Matto-Grosso, custa hum feixe d'herva, de 8 a 10 libras de pezo, 60 e 80 réis, preço da conducção, pois a vão cortar ás margens

dos rios Cuyabá e Guaporé, e quando estão cheios, ás capoeiras e tapéras; lugares que naturalmente offercem varias qualidades de capim para sustentação dos animaes cavallares de estribaria.

CAPITULO XIV.

Mattas e Bosques.

No Capitulo 4.º = Serras e montes =, tratei sufficientemente das mattas e bosques; pois que, em verdade, as serras são geralmente cobertas de fechadas, continuas e virgens mat-tarias: nos outros terrenos apresentão-se grandes linguas de matto, e ilhas de grandezas diversas, a que chamão capões ás grandes, e capoeiras ás pequenas. A grande matta que cobre as serras do Departamento de Matto-Grosso, com 16 e mais legoas de largo e muitas de comprido, faz-se notavel por ser derivado d'ella o nome da provincia: hé cultivada em algumas paragens.

No Capitulo 6.º = Rios = fallei igualmente das grandes mattas das suas margens.

Dilatados espaços de terreno, que apparecem, mais ou menos distantes huns dos outros, por toda a provincia de Matto-Grosso, são cobertos de huma matta pouco espessa, a que chamão — Serradões; e outros de raro arvoredor, á que denominão — Serrados; o que succede nas terras arenosas, mais ou menos áridas, nas saxosas e lapidosas.

Em todas as mattas se-pode fazer carvão, do qual se-usa unicamente nas forjas, queimando-se lenha em todas as co-sinhas: ha estrumes nas máttas, de que se não faz uso, forma-dos pela putrefacção das folhas caídas, e por diversos arbustos e immundicies. Estas mattas excedem muito ás que bastarião para as necessidades da provincia: oxalá que a população fosse tal, que as pudesse ir desbastando em proveito da agricultura, e da purificação atmosphérica; acontecendo acharem se mui pouco cultivadas.

Arvores de construcção.

NOMES	FAMILIAS	GENEROS	UZOS E CÔRES
Angico.	—	—	Mui dura.
Araputanga.	Myrtaceas.	Eugenia.	Hé vermelha e serve para portas e canoas.
Aroeira.	Terebinthaceas.	Novo.	Arvore dioica, madeira vermelha; serve para esteios, cumieiras, frechaes, &.
Almécega.	Idem.	Amyris.	Serve para mobílias.
Ângelim.	Leguminosas.	Geoffroya.	Serve para taboado e portas.
Balsamo.	Idem.	Myroxylon	Vermelha; serve para todas as obras de Engenhos, pipas, barris, &; hé muito resinosa.
Cambará.	Compositas.	Novo.	Vermelha; serve para canôas.
Cangerana.	"	"	Vermelha; serve para canôas.
Carvão branco.	"	"	Serve para canoas e para carvão.
Carvão vermelho.	"	"	Para esteios e portaes.
Caróba.	Bignoneas.	Bignonea.	Para coronhas.
Canella.	Laurineas.	Louro	Hé parda; para coronhas, &.
Cabriuva.	Leguminosas.	Myroxylon.	Parda; para mobílias; hé muito resinosa.
Caxiguá.	Meliaceas.	Guarea.	Côr de rosa; para embutidos.
Cambarú.	Leguminosas.	Dipterix.	Branca muito fixa; para dentadura de moendas, e pipas de caxaça: não larga tinta.
Coração de Negro.	Terebinthaceas.	Schinus.	Côr de rosa; para mobílias.
Fava de S. Ignacio.	Leguminosas.	Pterocarpus.	Para carros.
Guatambú.	Asclepiadeas.	Plumeria.	Branca; para embutidos.
Gonçalo Alves.	"	"	Vermelha; para mobílias.
Guanandí.	Vochisias.	Qualea.	Para canoas, e ripas.
Grapiapunha.	"	"	Amarella; para pipas, e tinta amarella.
Gameleira.	Urticeas.	Ficus.	Branca; para coixos de engenhos.

NOMES	FAMILIAS	GENEROS	UZOS E CÔRES
Jacarandá.	Leguminosas.	Jacaranda Brazili- liana.	Preta; para mobílias.
Jenipapo.	Rubiaceas.	Jenipá americana.	Branca; para mobílias; também ha esta madeira avermelhada.
Jatubá.	Leguminosas.	Hymenaea Cour- baril.	Vermelha; para coíxos de fer- mentar garapa para aguar- dente; e hé de muita dura tanto enterrada como n'agua.
Louro.	Laureas.	Laurus.	Para raios de roda, &.
Moroira Tajubá.	Urticeas.	Morus tinctoria.	Amarella; para taboado e car- ros.
Oleo Cupauva.	Leguminosas.	Copaifera offici- nalis.	Para coronhas, &.
Pinva. Páo d'arco.	Bignoneas.	Bignonea.	Para portaes, frexacs, linhas, carros, &, e para tinta preta.
Páo d'Oleo — Páo d'alho.	"	Cerdana alliodora.	Para dentadura de moendas; hé muito oleosa.
Peróba.	Contoxteas (?)	Cameraria.	Para soalhos; hé a melhor ma- deira para canôas.
Pintinga, Taípoca.	Arcepiadeas.	Plumeria.	Alva; para barris, coronhas e moveis.
Pequitú.	Sapindaceas.	Cariocar.	Para carros e moendas.
Pequiá.	Rosaceas.	Ferolia.	Madeira durissima.
Cedro.	Meliaceas.	Cedrela odorata.	Propria para todas as obras.
Sucupira.	Leguminosas.	Acavia.	Côr escura; para batentes e li- nhas.
Vinhatico.	Idem.	Mimosa.	Amarella; para mobílias; hé muito rija.
Ximbouva.	Idem.	Idem.	Parda; para canôas, e soalhos; ha também amarella e ver- melha.
Jequitibá.	Myrtaceas.	Lecythis.	"
Tayuva.	"	"	Para tinta amarella.

Na familia das palmeiras, os Carandás, Buritís, Buritizinho, Guaguassú, Guarirobas, Guaribinhas, Mucunes, Pindovas, Tucuns, Tucum-guassú, Bacahyugas, &, são abundantes na provincia, e de seus fructos se aproveitam os Indios.

Nomes das arvores, arbustos e plantas mais communs,
que se encontram nos serradões e serrados.

Lixa	(Curatella americana).
Gardenia.	
Gradiana, Marmela e outras.	
Cassia.	
Unha de boi.....	(Báuhinia).
Angico, Barbatimão.....	(Mimosa).
Acacia.	
Jatobás	(Hymenea).
Angelim	(Geoffroya).
Gomphia.	
Calunga.....	(Simaruba).
Quina do campo.....	(Strichnos pseudo china).
Corôa de Frade.....	(Petaloma).
Plumeria.	
Camcraria.	
Echites.	
Asclepiades.	
Cordia.	
Cerdanea.	
Lantana	
Cinco-folhas.....	(Bignonea).
Raiz de Lagarto.....	(Jatropha).
Velame.....	(Crotones).
Sapuem.	
Dalechampia.	
Aca-araticum.....	(Annona).
Pão-Terra.....	(Qualea).
Pão-doce.....	(Cucullaria).
Grão de porco.....	(Lythrum).
Piuricú	(Xylopia).
Jaborandi.....	(Fagara).
Cotó cotó, herva mular.....	(Psychotris).
Douradinha	(Palicourea).
Combrétum.	

Cahinca cipó cruz.....	(Chiococca).
Malpighia.	
Banisteria.	
Triopterideo.	
Paulinia.	
Seriana.	
Ephielis.	
Gimbernatia.	
Ropala.	
Stirax.	
Brosimum.	
Calypsectus.	
Corumbá	(Dipterix).
Imbiraucú	(Bombax).
Helicteres.	
Sida.	
Eugenia.	
Mirto.	
Araçá	(Psidia).
Piquiri	(Caryocar).
Erythroxyla.	
Copaifera.	
Panax.	
Lauras.	
Timbó	(Pertence á familia das Sapindaceas,
Samyda.	genero novo).
Comes-perma.	
Passiflora.	
Aristolochia.	
Japacanga	(Smilaces).
Coccoloba.	
Mangába	(Tagraça).
Pisonia (*).	

(*) Esta classificação está conforme á que fez Mr. Riedel, Naturalista da Comissão Cientifica Russiana.

Nas mattas das serras, e margens dos rios, encontram-se ahí arvores chamadas Páo Novato; são direitas, e de folhas largas, e notaveis porque crião e conservão no seu amago, desde que nascem, huma qualidade de formigas avermelhadas, cuja ferroadá venenosa, arde e dóe por algum tempo: estas formigas existem só nas ditas arvores.

Em algumas paragens das margens do Taquarí, apresenta-se huma casta de palmeira bastantemente grossa, e o cacho de seus côcos, que são do tamanho de óvos de ema, carregão hum homem robusto. Nas visinhanças dos rios, que vão para o Amazonas, topão-se em quantidade as arvores Tucarís, que dão as castanhas a que chamão do Maranhão, cujo ouriço tem o tamanho de hum côco da Bahia, e contem 20 a 30 castanhas, das quaes se extrahe excellente óleo para luzes, e tempêro de varias iguarias; o côco hé durissimo, e ao torno, fazem delle os Paranistas differentes vasos para agoa. Da casca desta arvore tira-se estopa para calafeto de embarcações.

Arvore da casca = Assim chamada pelos habitantes; hé notavel a propriedade da sua casca: queimada calcina como os ossos, fica com a côr parda, as louceiras reduzem-na a pó, e misturão duas partes de barro com huma deste pó, para fazerem louça, que hé muito boa, leve, tine como vidro, e de grande duração; os cadinhos feitos com o mesmo pó, são excellentes, e luzem muito. Apparecem estas arvores nas mattas, e em certas paragens.

CAPITULO XV.

Sesmarías.

Nas Capitánias-Móres do Cuyabá e Diamantino existem 363 Sesmarías, pertencentes a proprietarios brazileiros, das quaes 92 são unicamente destinadas á creação de gado vacum e cavallar. Das 363 competem só á Capitania Mór do Diamantino 46, as mais á do Cuyabá, achando-se duas abandonadas no districto da Serra da Chapada, huma pelo fallecimento do seu dono;

houve nella hum engenho, cuja fabrica está em ruina, assim como a da outra, pela ausencia do proprietario.

Na Capitania-Mór de Matto-Grosso hé tal a confusão a respeito das sesmarias, que não me-foi possível obter esclarecimento algum sobre este objecto. Desde o Decreto de 10 de Dezembro de 1796, que as suspendeu tudo ficou escuro; os proprietarios dos Estabelecimentos desta capitania-mór, huns os tem por compra, outros por herança.

As Sesmarias são mais ou menos cultivadas segundo a força da escravatura de seus possuidores, e segundo o consumo que os productos da cultura tem no paiz, pois como não há exportação, por falta de communicações faceis, planta-se unicamente o necessario ao proprio consumo, e de modo que quazi nunca há sobras de huns para os outros annos, o que occasiona sentirem-se faltas antes das novas colheitas, e subirem os preços dos generos.

As maiores sesmarias tem 3 legoas de fundo e 1 de testada, e as menores meia em quatro. Alguns proprietarios possuem muitas sesmarias; á casa da Jacobina, por exemplo, pertencem 16.

Há extensissimos e bons terrenos para se concederem por sesmarias, principalmente ao septentrião das povoações das tres capitancias-móres, campanhas da fronteira do Paraguay e Sertão de Caprapuã, excellentes para cultura e outros para creações avultadissimas de gado; porem a falta de população da provincia dá cauza a existirem tacs quaes os apresentou a Natureza; formando amplos desertos, alguns ainda não trilhados, e que, a meu ver, assim serão conservados por largos annos, para desventura da Provincia, e da Nação.

CAPITULO XVI

Agricultura.

Em toda a provincia de Matto-Grosso, o genero de cultura adoptado consiste na plantação de milho, feijão, arroz, mandioca,

aipim, cará, batatas doces, café, algodão, mamono, canna d'asucar e aboboras.

Em Junho e Julho são cortadas as mattas dos lugares onde se quer plantar, o que se faz á foice e a machado, a que chamão derrubadas; ás quacs se lança fogo em Agosto e Setembro, e hé mister que fiquem bem queimadas, para vir bôa a plantação: hé este o unico methodo que está em pratica para beneficiar as terras, servindo de estrume as cinzas, uzando-se unicamente destes e das regas nas poucas e pequenas hortas, de modo que, sendo o anno escasso de chuvas, tornão-se fracas as producções.

As terras empregadas nas plantações são as que existem cobertas de mattarias, ou nas serras ou nas margens dos rios, nos capões e nas capoeiras; as más são desprezadas para este effeito. Quando as roças entrão a produzir a planta denominada sapé, ou quando se tornão incapazes de bôas queimas, são abandonadas; razão porque são mui variaveis os lugares das plantações.

O valor das terras varia na razão das distancias a que ficão das povoações principaes, na da facil communicação pelos rios, e na da sua qualidade para a cultura, sendo o maior preço a que tem chegado huma legoa quadrada de 600 a 800 mil reis.

Plantas medicinaes, e de uzo economico, classificadas pelo mesmo Naturalista.

Anil..... (Indigofera) Bem conhecido.

Acayá..... (Spondias lutea) O cozimento dos caroços contusos na dose de huma oitava para cada libra d'agoa, cura a diarrhea antiga.

Açapeixe..... (Eupatorium altissimum) A raiz hé diuretica, anti febril: dá-se em cosimento na dose de meia oitava até huma.

Alfavaca..... (Balota suaveolens) Chamada tambem herva canudo. A sua infusão hé antispasmodica cephalica e resolutive; externamente applicada em fomento ou banho, abranda e dissipa as dores rheumaticas.

- Almécega.....
- Ambatúba..... (Cecropia peltata) Produz no cimo hum grelo avermelhado, cujo sumo, na dóse de huma colher, dado em leite, ou cosimento de cevada com assucar, cura a diabetes, diarrhéa antiga e fluores brancas.
- Andorinha..... Em cosimento, bebido ou applicado em clisteres, hé util nas diarrhéas e dysenterias, e ainda nas affecções pleuríticas.
- Angelim..... (Geoffroya inermis) Produz huma drupa, cuja amendoa mata os vermes intestinaes.
- Angico..... (Mimosa gummifera) Distilla huma gomma semelhante á arabica, e com as mesmas propriedades.
- Agoa-pé..... (Pontederia Alga) São uzadas as suas folhas para feridas nas pernas, em inflammções erysipelattosas; e em banhos nas affecções hemorrhoidaes.
- Araçá, ou Guyába (Psidium) Os fructos servem para doce, e a folha hé considerada como adstringente.
- Avenca..... Bem conhecida.
- Barbatimão..... (Mimosa cochlocarpus) Excellente adstringente; supre a casca de carvalho, e sumagrc.
- Bassourinha..... (Scoparia dulcis) Emolliente e temperante no tenesmo.
- Baunilha..... (Epidendrom vanilla)
- Buxa, ou Purga de Gentio..... (Momordica) A semente hé purgativa.
- Butua..... (Cissampelos) A raiz contuza com as folhas, infundida em vinho, e tomada interiormente, hé efficaz antidoto para mordedura de cobra, e applica-se ás obstrucções dos rins, e molestias na bexiga.
- Batatinha ou Rhuibarbo do Campo. (Iridea) Vomitorio.
- Calumba..... Bem conhecida.

- Caninana..... Raiz de sabor amargo, acre, inherente e cheiro nauseoso; hé estimulante, e hum poderoso urinario, e purgante drastico; tem curado algumas hydropesias em principio, tanto ascites como anasarcas; dá-se em cosimento, de meia onça até 6 oitavas em 6 onças d'agoa, e em pó até hum oitava diluida em vehiculo conveniente: seu extracto aquoso obra com mais efficacia na dóse de hum escropulo até dous, porem irrita mais.
- Carqueja..... (Calathea amarga) O cosimento reduzido á consistencia de extracto, se tem uzado na dóse de meia oitava nas obstrucções do figado e baço, e na hydropisia anasarca, e ascites, quasi sempre com bom effeito; em pequena dóse usa-se como tonico e antácido.
- Cahinca Em cosimento usa-se para curar hydropisias e para restabelecer a menstruação quando falta.
- Caroba..... (Bignonea Chelonoides) As folhas são o remedio geral de todo o sertão, para curar o virus venereo boubatico; usa-se em cosimento, que hé amargo, por bebida ordinaria, e do pó das mesmas folhas, para curar as chagas. O extracto hé antivenereo.
- Cipó de chumbo.. Vulnerario resolutivo; usa-se em cosimento nas quedas, pancadas e contusões, e ainda nos casos de abcessos internos, e nas vomicas do bofe.
- Cabaço amargoso. Os Indios usão de suas folhas, applicadas exteriormente sobre o ventre e cadeiras das mulheres, para provocar o parto e expulsar as secundinas. O fructo hé muito acre, e irritante corrosivo, e o applicão em cosimento, de que fazem clysteres, como purgante nas obstrucções e côres pallidas.

Cataia ou Herva

de bixo..... Hé a persicaria. A sua qualidade hé ser acre, estimulante e aperiente: usão della em cosimento os Indios, como diuretica, nas supressões de urinas; hé contra as podridões gangrenosas, e tem outras virtudes.

Centaurea menor. Conhecida.

Crista de gallo.... Emprega-se na cura das chagas.

Carapiá..... (Anacardium occidentale) Abunda em gomma, que tem o uso da gomma arabica. O fructo tem huma castanha oleosa, mordaz e caustica. Hé diuretica; a polpa do fructo exprimida hé cordial, e inteiro serve par doce.

Carurú..... (Amaranthus) Usa-se como hortaliça.

Carrapixo..... (Triumfetta) Applicavel á gonorrhea.

Calunga..... (Simaruba versicolor) Amargo forte: para febres intermitentes.

Cotó-Cotó..... (Psychotria) He diuretica.

Douradinha..... (Palicourea) Anti-syphilitica.

Fava de Santo

Ignacio..... (Sterculia Balanhes) Arvores, cujos fructos produzem huma amendoa, que desfeita em agua, na dóse de 1 oitava, cura a colica flatuosa, e faz purgar.

Fedegoso bravo.. (Cassia planisilique) A casca da raiz hé hum bom antifebril alexipharmaco, e tambem hé remedio polychresto.

Fedegoso manso.. (Cassia foetida) Abstergente e modificante contra as ulceras.

Fumo..... (Nicotiana tabaco) Bem conhecido.

Fumo bravo..... (Frigeron) As raizes e toda a planta são sudorificas, expectorantes e febrifugas: usão-se no pleuriz espurio, febres podres e bexigas confluentes. Os sertancjos usão do sumo desta herba, em cosimento de raiz de contraherva e fedegoso, para curarem as febres podres e malignas.

- Guayabeira..... Vide — Araçá.
- Gomma elastica... (Simphonia-elastica) A gomma coagular serve para borrachas e para apagar os traços de lapis.
- Herva de S. Luzia Hé muito rasteira; dos seus galhosinhos quebrados sae hum leite, excellente remedio para curar doença de olhos, e desvanecer as belidas; tem esta herba outras virtudes.
- Herva-Moura..... (Solanum nigrum) As folhas são applicaveis ás feridas das pernas, das quaes extinguem os ardôres.
- Herva de S. Maria (Chenopodium ambrosioides) Usa-se contra os vermes intestinaes.
- Japecanga..... (Smilax pseudochina) Herva rasteira que tem huma raiz grossa; com as folhas curão-se as chagas sórdidas e indigestas.
- Jarabandi) ou jaborandi?)..... (Piper reticulatum) Herva vivaz, cuja raiz hé de sabor acre inherente, e cheiro aromático: usa-se como diuretica, sudorífica, e alexipharmaca, nas febres adeno-meningeas remittentes; dá-se em infusão, de duas oitavas até quatro em seis d'agoa: em pó, de dez grãos até meia oitava.
- Jatubá..... O amago do páo hé semelhante ao linho Guaia-co, e tem as mesmas virtudes sudoríficas, e antivenereas. A resina dá hum excellente verniz para madeira, e para pinturas á oleo.
- Ipecacuanha, ou Poaia..... Bem conhecida.
- Jurupeba ou Jeroveja..... (Solanum paniculatum) As virtudes da raiz deste arbusto são conhecidas por huma grande parte dos habitantes das Minas. Hé desobstruente; dissolve os grumos de sangue que occasionão as inflammações; expelle

- as impuridades pelas urinas; resolve as concreções causadas pelo virus escorbutico; está acreditada por hum dos melhores diureticos. Dá-se de infusão ou cosimento, de meia até hum onça por cada libra d'agua.
- Jervão..... (Stachytrophenta, ou Verbena jamaicensis)
Toma-se de infusão como sudorifero.
- Malvas, e Malvais-
co..... Serve para banhos frescos afim de modificar as inflamações.
- Maravilha..... (Mirabilis Jalapa) Herva vivaz, cuja raiz hé tuberosa, que sêcca e dada em pó na dóse de hum oitava, purga, e cura a leucorrhéa ou flores brancas.
- Mata-pasto..... Bem conhecida. Usa-se nas erysipelas, sarnas, e em toda a affecção scabiosa.
- Mentrasto..... Muito conhecida. Emprega-se em banhos para dôres, e no frio das accessões.
- Mate..... (Illex Paraguaicensis ou Cassine Congena)
Bem conhecido. Toma-se de infusão com assucar, e sem elle por appetite, e passa por diuretico e anti-scorbutico.
- Paratudo ou cravo
das minas..... A raiz desta planta está acreditada em todo o sertão por hum grande especifico para curar as febres podres e malignas: usa-se não só como anti-febril, mas tambem para dissipar as cólicas flatuosas: dá-se em pó na dóse de hum escropulo até hum oitava, diluido em qualquer infusão cordial.
- Pariparóba..... (Piper decumanum). Seus usos são bem conhecidos.
- Picão..... (Bidens bullata). A raiz hé desobstruente atenuante, e resolutiva; o sumo da folha, na dóse de hum colher, cura a ictericia, não havendo febre, ou inflammation no figado,

do mesmo sumo misturado com agoardente, folhas de Tricouana e gemma d'ovo, fazem os sertanejos hum digestivo, com que curão todas as chagas.

Pé de gallinha.... Especie de relva, ou capimzinho. O cosimento hé muito resolutivo nas intumescencias inflammatorias.

Pindaúbe..... (Xilopia). Dizem que a semente mastigada destroe os flatos e affecções do estomago.

Peruviana..... (Leguminosa).

Quina do Brazil... (Cinchona lutescens). Bem conhecida.

Dita do Sertão.... Arvore que só differe da quina do Perú em produzir huma baga secca em lugar de capsula.

Raiz Calamo..... (Sileria).

Sipó cruz, ou Cahinca (Vide esta). (Chiococca anguifuga).

Sumbaré..... (Epidendrum). Hé refrigerante nas feridas das pernas.

Tanchage..... Dá-se nas hortas e lugares frescos. Hé tambem refrigerante nas feridas das pernas.

Tustão..... Bebida em cosimento, ou em banho cura as gonorrhœas.

Trapocerava..... (Tradescantia). Diuretica.

Tayuyá ou Abobora d'Anta, por ter similhaça com a planta abobreira, e co-

mo ella trepa... Excellente purgante; e as folhas em cosimento desvanccem as dôres rheumaticas: dá-se na dóse de duas a tres oitavas a raiz.

Velame..... (Croton lactiferum). Esta planta, tão recommendada pelos curiosos para as doenças venereas, tem sabor amargo acido, sem cheiro

sensível. Usa-se como diuretica e depurante em infusão ou cosimento.

Urucú..... Bem conhecido.

Hortalica.

Agrião = Alfacc = Azedas = Azedinhas = Beldrucgas = Bertalha = Carurú = Produzem sem precisar de trato. = Chicoria = Couve repolhuda = Couve branca = Couve roxa = Mostarda crespa = Mostarda lisa = Pepinos = Repolho.

As couves e repolhos não dão semente; cortada esta hortalica, brotão do pé muitos filhos, que arrancados á mão, plantão-se assim mesmo, a que chamão mudas.

Adubos.

INDIGENAS.

Alfavaca; excellente para temperar linguicas. = Gilós = Grelos = Cambuquiras = Maxixes = Quiabos.

NÃO INDIGENAS.

Alhos = Coentros = Hortalã = Salsa = Cebolas = Tomates.

A planta do algodão hé a unica de fição. As mamonciras e amendoins são plantas de fructo oleoso, do qual se fabrica azeite, do desta ultima planta em pequena quantidade, usando-se geralmente delle para comer-se e para doces seccos.

Além do feijão ordinario, que se planta em maior quantidade, e hé deste que trata o mappa adiante inscripto, planta-se tambem feijão = fava = fradinho = andú e preto, porém em diminuta porção.

Epoca de cada huma das differentes plantações.

O milho planta se em Setembro, nos terrenos baixos das margens dos rios, e em Outubro nos altos. O feijão em Janeiro e Fevereiro e ainda em Março. O arroz em Novembro; o café em Janeiro; o algodão em Outubro; a mamona em Dezembro; a canna de assucar em Janeiro e Fevereiro; o fumo em Março e ainda em Abril, nas margens do Cuyabá, Rio abaixo, onde hé

a maior força desta plantação: nos terrenos altos planta-se em Janeiro.

O melhor tempo de plantar-se a mandioca hé em Setembro, antes das primeiras chuvas; a terra acha-se então queimada e secca, e por isso gruda-se ao leite, nos dous extremos do tolete que se planta, privando que o mesmo leite saia; assim conservado, faz que brote com muito maior força logo que vem as agoas, mas plantando-se estando já a terra molhada, deixa sahir huma grande porção do leite, enfraquecendo-se deste modo a planta, razão porque não produz tão bem.

Preparadas as terras para a cultura, usa-se do methodo seguinte na plantação: Para o milho abrem-se cóvas á enxada, distantes humas das outras 6 palmos, nas terras de capoeiras, e 5, ou pouco menos, nas das mattas virgens; lança-se a semente nas covas, na quantidade de 5 ate 6 grãos, cobrindo-se logo, o que se pratica igualmente com toda a semente.

Para o feijão abrem-se cóvas da mesma fórma, distantes humas das outras 4 palmos, sendo plantado em Janeiro, porque vem com mais viço; e ficando as cóvas a menos desta distancia, acontece quasi sempre enlaçarem-se os ramos de huns pés com os de outros, formando cópa, vindo assim a arder e a perder-se a planta: mas plantando-se em Fevereiro, basta que entre as cóvas haja a distancia de 3 palmos; lançando-se 3 grãos sómente em cada huma.

O arroz planta-se tambem em cóvas, abertas á enxada, distantes 3 palmos, e em cada cóva deita-se uma pitada de sementes, sendo este o methodo que está em uso, apezar de ter mostrado a experiencia que nas terras mais apropriadas a esta planta basta lançar em cada cóva 4 e 5 grãos, aproximando-se ellas hum pouco mais, produzindo quasi sempre por este modo abundantemente.

Para a canna de assucar abrem-se regos á enxada, distantes 6 palmos huns dos outros, e por elles vão-se estendendo as cannas ao comprido huma a huma.

O algodão planta-se por entre o milho, deitando-se em cada cova hum caroço, e depois de brotar, tendo dous palmos de

alto, pouco mais ou menos, arrancão-se os brotos que prejudicão, deixando se só 2 ou 3 pés.

A mamona planta-se também entre o milho e em torno das roças, lançando-se nas cóvas 3 caroços ou lavas.

Emquanto à mandioca, corta-se o tronco da ramagem, limpo desta, em toletes de palmo, e em cada cóva, aberta 3 a 4 palmos distante de outra, deita-se hum destes toletes. Com o aipim pratica-se o mesmo.

A plantação do fumo consiste, primeiro na preparação de canteiros, com a semente, e depois que a planta tem meio palmo, muda-se para o terreno escolhido, abrindo-se pequenos buracos com hum páo agudo, o que hé melhor do que fazerem-se á enxada, distantes 3 a 4 palmos huns dos outros; em cada hum mette-se hum pé da planta, para o qual carrega-se a terra com o mesmo páo aguçado.

O terreno onde está plantado o milho carpe-se duas vezes, e o mesmo se pratica no do feijão, e arroz. O terreno da plantação da canna precisa algumas vezes tres carpas, assim como o da mandioca e aipim.

Epoca da colheita

O milho colhe-se em Maio e Junho = o feijão, em Abril e Maio, segundo o tempo em que foi plantado = o Arroz, em Março = o Café em Janeiro = o Algodão em Julho = a Mamona em Maio e Junho. A canna d'assucar principia a cortar-se em Maio, e dura este corte até Outubro. O fumo colhe-se em Maio e Junho. A mandioca em qualquer tempo, logo que a sua raiz tem tomado a necessaria consistencia.

O methodo empregado em cada huma das colheitas consiste: em quebrarem-se as espigas do milho, vão-se amontoando nas roças, para d'alí serem depositadas em paioes, toscamente edificados nas mesmas, e a elles são conduzidas as espigas em jacazes, e destes paioes são levadas aos paioes junto á morada do proprietario, ou em carros ou em animaes.

O feijão arranca-se, amontoa se, para ser conduzido em carros ou em animaes, ou ás costas, em feixes, ao lugar das

eiras, ou terreno limpo e duro, onde se bate, e depois de bem secco hé que mette se no paiol. O mesmo se pratica com o arroz; a canna hé conduzida em carros directamente aos engenhos. As outras plantações não tem methodo regular de colheita.

Animaes nocivos á agricultura.

Da classe dos quadrupedes são as Antas, Porcos do Matto, Capivaras, Veados, Cervos; devendo contar-se igualmente os Coelhos, a que chamão Orelhudos, as Candimbas ou pequenos Coelhos; Macacos, Pacas, Quatis, Ratos do matto, Tatú.

Das aves, os Papagaios, Maitacás, Periquitos, Gralhas, Baitacas, João-Congo, Pomba Jurity, Pomba trocáz e sobre tudo hum pequeno passaro a que vulgarmente chamão Vira-bosta (Oriolus); hé este mui prejudicial, porque cata a semente na terra, ainda estando profunda, para comê-la.

Na classe dos insectos, ha annos em que apparecem nuvens de gafanhotos, que levão de carreira grandes plantações; as formigas carregadeiras, e outras, são igualmente nocivas nos lugares seccos; e esta peste propaga tanto, que desacoroçoados os proprietarios de alguns sitios de conseguirem extinguil-as, chegão a mudar de habitação; as carregadeiras até são damnosas a algumas arvores de fructo, principalmente ás laranjeiras; muitas vezes em huma só noite desfolhão huma destas arvores, e trabalham por detalhe: humas formigas sobem e cortão a folha, outras em baixo picão-na, e outras accarretão os pequenos pedaços para os seus subterraneos celheiros. Diferentes bizoniros e lagartas ha; estas damnificão muito a hortaliça, e tambem hum pequeno verme, que rói as raizes de algumas plantas da horta, e vive na terra; hé uma especie de pequena minhoca. Em alguns annos, com maior força aperta o gorgulho, roendo o grão das colheitas, depositado já nos paioes ou celheiros, que o torna inservivel.

Em 1825, pela primeira vez, segundo consta dos mais velhos agricultores, appareceu hum mui pequeno insecto, semelhante ao gorgulho, de côr preta, particular ~~perseguidor~~ do feijão nos paioes; desde aquella epoca renova-se todos os

annos, destruindo inteiramente o grão; e o maior espaço de tempo que o deixa em descanso, depois de secco e recolhido, hé de tres a quatro mezes; findos estes principia o flagello de similhante praga; não sê-tendo podido conhêcer até aqui os motivos desta nova perseguição, apesar das diligencias dos curiosos plantadores.

Nos primeiros mezes do anno corrente (1828), sentio-se de tal modo o estrago, que este insecto fez no feijão, que o bom subio a 4800, e a 65000 o alqueire, e assim mesmo custava a apparecer.

Mappa

Da plantação e colheita respectiva nos annos nelle mencionados.

CAPITANIAS MORGES.	ANNOS.	Plantação em alqueires			Colheitas				
		Milho.	Feijão.	Arroz.	Em alqueires.			Em arrobas.	
					Milho.	Feijão.	Arroz.	Café.	Algodão.
Cuyabá.	1825	876 $\frac{1}{2}$	439 $\frac{1}{2}$	80	17\$350	17\$510	16\$000	137	744\$480
	1826	809 $\frac{1}{2}$	484	81	173\$900	16\$192	16\$500	103	750\$895
	1827	806	447	77 $\frac{1}{2}$	143\$200	11\$622	19\$008	149	700\$910
	Somma.	28641	13820 $\frac{1}{2}$	238 $\frac{1}{2}$	492\$450	45\$694	48\$602	469	2,213\$785
Mamantinó.	1825	174 $\frac{1}{2}$	83	19 $\frac{3}{4}$	39\$920	2\$360	1\$809	29	8\$200
	1826	150	89	18	43\$750	2\$907	2\$016	81	8\$612
	1827	133 $\frac{1}{2}$	85 $\frac{1}{2}$	19	30\$000	1\$795 $\frac{1}{2}$	1\$009	26	6\$000
	Somma.	458	260 $\frac{1}{2}$	56 $\frac{3}{4}$	113\$730	7\$752 $\frac{1}{2}$	4\$954	86	24\$912
Matto-Grosso.	1825	167	98	21 $\frac{1}{2}$	33\$869	8\$724	4\$075	98	28\$200
	1826	170	96	20 $\frac{1}{2}$	84\$850	3\$098	4\$938	112	26\$400
	1827	169 $\frac{1}{2}$	98	22	26\$425	2\$021	4\$000	108	20\$100
	Somma.	606 $\frac{1}{2}$	292	64	93\$544	8\$845	18\$068	318	73\$700
Som. geral.		8606 $\frac{1}{2}$	1873	359 $\frac{1}{4}$	699\$824	62\$291 $\frac{1}{2}$	66\$624	873	2,812\$897

Os alqueires produzidos no Paiz chegam para o consumo dos seus habitantes com abundância, correndo os annos favoravelmente para as plantações; mas sendo o anno mesquinho, faltando as chuvas a tempo opportuno, e carregando quando prejudicão; vindo a ser escassa a colheita, sente-se a falta do necessario ao sustento da vida, principalmente nos ultimos mezes do anno, subindo então os effeitos, que apparecem, a grande preço, e o baixo povo geme curvado ao pezo da indigencia, o que está acontecendo no presente anno (1828).

Os proprietarios têm calculado de tal modo quanto devem plantar, que quasi nada excedem de huns para outros annos; dizem elles: Se plantamos 100, por exemplo, rende-nos 12.000, plantando 200, temos dobrado trabalho, e o lucro vem a ser, com bem pouca differença, o mesmo, porque a concorrência dos effeitos, para serem vendidos, diminue o preço dos mesmos, ficando pela metade; e assim se conservão firmes, por não serem animados pelo commercio de exportação, que não existe. Desta fórma quasi nunca ha sobras de huns para outros annos, soffrendo o povo augmentos em preços nos derradeiros mezes antes das novas colheitas.

A' Capitania-mór do Diamantino não chegam para seu consumo os generos nella produzidos, exportando-se da do Cuyabá os que lhe faltão; por isso são ali mais caros, como adiante se verá.

O Café colhido na Capitania-mor do Cuyabá não basta ao consumo dos seus habitantes; vai-lhe algum de Matto-Grosso, e o mais de Goyaz.

Tabella

Dos generos do Paiz e preços respectivos.

Qualidades dos generos, seus preços por canadas, arrobas, alqueires, libras e varas.	CAPITANIAS MORES.		
	Cuyabá.	Matto-Grosso	Diamantino
Hum alqueire de milho.....	600 rs.	600 rs.	750 rs.
1 dito de feijão.....	1\$500	1\$500	1\$300
1 dito de arroz com casca.....	500	500	750
1 dito de farinha de milho.....	1\$200	1\$200	1\$500
1 dito de farinha de mandioca.....	1\$200	1\$200	1\$600
1 arroba de café.....	9\$600	6\$100	12\$160
1 dita de assucar.....	2\$400	1\$800	2\$400
1 dita de algodão em rama.....	600	480	600
1 dita de sabão.....	2\$100	2\$000	3\$300
1 canada de agoardente, ou 40 garrafas.....	2\$400	2\$400	3\$000
1 dita de açote de mamona.....	6\$000	4\$800	4\$000
1 dita de azeite de peixe.....	3\$000	3	3
1 vara de panno de algodão commum.....	150	240	200
1 vara de fumo.....	80	80	120
1 Rapadura.....	60	60	80

Todos estes effeitos subirão muito em preço no corrente anno. O alqueire de milho chegou a 2\$400, o de feijão a 4\$800 e a 6\$000, o de farinha de milho a 3\$000, o de arroz com casca a 1\$800, o assucar a 4\$800 a arroba, a canada de agoardente a 3\$600, &c.

Arvores fructiferas.

ARVORES QUE SE CULTIVÃO.

Arvore de fructa de conde	
Bananeira de S. Thomé.	
Bananeira da terra, indigena.	
Bacate (em Matto Grosso), indi-	
gena.	
Biribá (idem) idem.	
Caneleira (idem) idem.	
Cacãoeiro (idem e na Jacobina.)	
	idem,
Cajúeiro	idem,
Cafezeiro.	
Goyabeira	idem.
Jaboticaba	idem.
Jambeiro	idem.
Larangeira doce.	
Dita azeda.	
Limeira ordinaria.	
Dita da Persia,	
Limociro doce.	
Dito azedo.	
Mamoeiro.	
Cidreira.	
Tamarindeiro.	
Mamoneira.	
Algodoeiro.	

Todas estas arvores são de fructo, á excepção do algodoeiro, caneleira, cacoeiro, cafezeiro, mameira e tamarindeiro, e destas a produção e seus usos são bem conhecidos.

ARVORES QUE DÃO FRUTOS E NÃO
SE CULTIVÃO. — INDIGENAS

Arvore de araticum.
Dita de araná.
Dita de bacopary.
Dita de cacáo do matto.
Dita de cagaiteira.
Dita corôa de Frade.
Dita de fructa de lobo.
Dita de fructa de veado.
Dita de fructa de cabrito.
Dita de fructa de algodão.
Dita de fructa banana.
Dita de Golhão de gallo.
Dita de jaracatihá.
Dita de jenipápo.
Dita de jatubá.
Mangabeira.
Marmelada grande.
Arvore dita de espinho.
Dita preta.
Pitomba.
Seputá.
Tarumã.
Vanidóva.
Vavirova.

Arvore d'Acayá = vinagre, e saborosas limonadas. A família das Palmeiras dá os palmitos doces e amargos: a estes chamão guariróbas, excellentes em salada.

Todas estas arvores em geral florescem em Agosto e Setembro, e algumas em Outubro.

As bananciras dão fructo todo o anno, bem como as limeiras, cidreiras, limoeiro, mamoeiro, em mais ou menos abundancia; a laranja dá fructo sazonado em Maio; a goyabeira em Fevereiro e Março, o cajueiro, jaboticabeira, jambeiro, fructa de onde dão em Novembro e Dezembro; o tamarineiro em Agosto, &c.

Em toda a provincia de Matto-Grosso não se fazem viveiros de plantas; nem são empregados animacs na lavoura, por ser desconhecido o uzo do arado e charrua, e de qualquer machina agraria, em que hé mister empregar a força do boi.

Os instrumentos de que se faz uso na agricultura são o machado, a fouce e a enxada.

Pelo que respeita a estabelecimentos d'agricultura —Caude-larias — Colmêas, &, — nada ha que dizer: todo mel hé extraído de buracos que tem algumas arvores, aonde as abelhas o vão fabricar.

CAPITULO XVII.

Animacs.

Artigo I.º

ANIMAES DOMESTICOS.

§ 1.º

Mapppa

Dos animacs vaccuns, cavallares e muars das tres Capitánias Mores da Provincia de Matto-Grosso.

CAPITANIAS MORES	Fazendas de gado, grandes e pequenas.										
	Seu numero.	Gado vaccun.		Cavallar.		N.º das pessoas empregadas neste serviço.	N.º das bestas empregadas annualmente no trafico de commercio externo.	N.º de bois empregados no serviço dentro do territorio.	Dito dos cavallos.	Dito das bestas.	N.º das cabeças de gado que annualmente vão aos côrtes publicos.
		Total das cabeças.	Produção annual.	Total das cabeças.	Produção annual.						
Cuyabá	51	161\$416	40\$300	9\$256	1\$382	1\$000	1\$090	8\$180	1\$644	896	295
Diamantino	6	1\$317	354	350	79	16	\$	614	280	70	370
Matto Grosso.	7	9\$123	1\$900	2\$200	322	60	\$	960	1 623	97	375
SOMMA GERAL.	64	172\$353	42\$854	11\$506	1\$783	1\$076	1\$090	4\$754	2\$547	563	1\$740

O numero de bestas empregadas no commercio externo varia segundo o numero e forças dos negociantes, que todos os annos descem do Cuyabá, e recolhem: o apresentado hé o termo medio dos annos de 1825 para 1826, deste para 1827, e deste para 1828. Os negociantes nunca descem com hum numero de animaes igual ao com que entrão na Provincia, por não haver exportação; vendem grande porção de bestas, ou a outros negociantes, ou a proprietarios do Paiz, e comprão em S. Paulo ou no Rio de Janeiro as que lhes são necessarias para conducção do seu negocio. Nesta provincia usa-se muito de bois de carga para o serviço interno, arreiados, como as bestas, com cangalhas, mas o cabresto passa em hum furo que de proposito fazem no nariz do animal, para ficar bem sujeito.

Pelo que respcita a Matto-Grosso e Diamantino, nada pude colher sobre este objecto, por ser mui limitado o numero de negociantes destas Capitancias-Móres, e estes frequentão pouco a carreira do Rio de Janeiro; de modo que os Cuyabanos envião tambem generos de negocio para as mesmas Capitancias.

Além das cabeças de gado, que vão ao córte, muito mais se matão para fazer-se carne secca, e até alguns particulares a vendem verde picada, principalmente em Cuyabá.

No numero total das cabeças de gado vaccum e cavallar estão incluidas as que ha no Districto de Villa Maria, e as das fazendas de Miranda e Caiçara, pertencentes á Fazenda publica; assim como todas as mais que existem na Fronteira do Paraguay, fazendas de S. Lourenço e Baixo-Cuyabá.

Até á presente época não se tem dado os habitantes á creação do gado muar, apparecendo apenas em poucas fazendas hum limitadissimo numero de cabeças crioulas; todavia a qualidade de pastos e o clima de varias paragens, apropriados a esta creação, dá esperanças que propagará bem: faltão porém entendedores desta interessante creação, e bons jumentos para pães; e o abandono della tem feito sair da Provincia avultadas sommas, para ir-se comprar a outras as bestas necessarias.

O gado vaccum sustenta se dos pastos, que se beneficião, queimando se o capim ou hervas todos os annos em Julho e

Agosto, para brotar fresco, com as agoas; e ao gado cavallar e muar, além deste mesmo sustento, dá se milho, que o nutre muito, e lhe augmenta as forças.

Com intervallo de annos apparece nos animaes huma molestia gutural, semelhante ao garrotilho, que ataca a toda a qualidade de quadrupedes, e della morrem muitos; o gado vaccam tambem lhe está sujeito, e fóra disto hé geralmente sadio: aos bezerros novos acontece algumas vezes criarem huns pequenos tumores nas juntas das mãos, e pernas, a que chamão caroára; curão-se esfregando-se primeiro a parte com toucinho cosido, e gradeando-se depois com hum ferro quente, horizontal e verticalmente, e feita esta opcrção esfrega-se novamente com toucinho ou azeite de mamona, e largão-se no campo. Para as vaccas serem boas leiteiras esfrega-se-lhes bem os ubres e ancas com o leite novo da primeira barriga.

O gado cavallar e muar hé sujito a hum mal a que vulgarmente chamão peste: o animal entra a lançar hum mormo grosso pelo nariz, e incha-lhe o queixo de modo que até o priva de beber agoa. Este mesmo gado hé tambem atacado de fortes dôres de barriga e de hum mal a que chamão travage; consiste em crescer a gengiva por cima da dentadura, e chegando a cobri-la, priva o animal de comer. As chamadas feridas da moda dão nas mãos e pés, logo acima do casco. Tambem ás vezes apparecem humores em qualquer parte do corpo, que são mui perigosos, não se acudindo logo. Nas juntas chamadas machinhos das mãos, pela parte dianteira, apparecem huns caroços, que denominão óvas, e nos pés tambem nas juntas machinhos pelo lado trazeiro, mostram-se pequenos inchaços a que dão o nome de espravão. Os cavallos de estribaria são sujeitos a hum mal, a que chamão mesmo mal de estribaria; não tem cura; raros escapão, sendo largados no campo.

Quando a peste hé forte, cura-se com o sumo de 9 limões azedos em hum quartilho de agoardente, misturando-se a quarta parte de hum quartilho de sal e outro tanto de cinza, obrigando-se o animal a beber este remedio. Quando a peste hé mais branda, purgão-se com meia pataca de tartaro dissolvido

em agoardente, e tambem se applicão sangrias. Para as dôres de barriga dá se a beber hum chicara de azeite doce misturado em meia garrafa de agoardente, e a quinta parte de hum quartilho de sal. A travage corta-se com um ferro quente proprio para esta operação, cauterisando-se a parte com limão, pimenta e sal. As feridas da moda queimão-se com hum ferro quente, e deita-se lhes pedra lipes. Os tumores são rasgados, e deita-se azeite bem quente no lugar. As óvas untão-se com azeite, e passa-se brandamente com hum ferro quente na parte. Os ispravões são queimados com ferro quente e depois cobertos com hum pelle de toucinho de hum dedo de gordura, mal cosinhado, amarrando-se na parte.

A carne verde custa a 750 cada arroba; a secca 1\$920 e 2\$560 por arroba. — Hum boi gordo custa 4\$800 e 6\$000, mas indo comprar-se ás fazendas, tira-se por 2\$400 e 3\$000. Huma vacca custa 2\$400 e 3\$000, nas fazendas 1\$800. Hum boi manso de carro 7\$200. = Os de carga regulão a pouco menos. As novilhas que passam de anno custão geralmente 1\$200 cada hum. — Huma arroba de sebo custa 1\$200.

Os cavallos de estimação, que são poucos, vendem-se a 50\$000 e a 60\$000 réis, e raros têm subido a 80\$000; regularmente custa um cavallo marchador 19\$200 e 24\$000, variando este preço segundo a bondade do animal até 30\$000. Quando chegão cavalladas da fronteira do Paraguay, tem-se vendido cavallos a 7\$200 e a 10\$000. As egoas regulão ordinariamente a 4\$800 e a 7\$200 por cabeça; algumas, vendidas por junto, tem-se tirado a 2\$400 e a 3\$000. Para Goyaz já se têm exportado egoas, mas este commercio apenas está em principio.

As bestas muarcs tem subido grandemente em preço, e não ha esperanças de voltarem tão cedo ao antigo. Nos annos atrasados regulavão a 30\$000 e a 35\$000 réis; mas de 1825 para cá tem subido de maneira que não se tira hoje hum besta de carga por menos de 60\$000, e de montaria por menos de 80\$000 réis.

O gado vaccum, cavallar e muar, que existe na provincia de Matto-Grosso, hé de raça ordinária; a qual não tem havido

cuidado em melhorar-se, buscando longe bons pastores para o cavallar, comtudo alguns, vindos de Minas Geraes e de S. Paulo, propagarão, e a raça destes hé a melhor.

§ 2.º

GADO OVELHUM.

A criação deste gado hé pouco usada na provincia, vendo-se comtudo propagar exhuberantemente nas fazendas dos poucos proprietarios que o crião. Na Jacobina vê-se este gado em abundancia, e assim tambem nas fazendas proximas ao Arraial de S. Pedro d'El Rei, e em outras partes. A boa carne deste animal não hé estimada pelos habitantes; comtudo quem gosta della custa-lhe hum carneiro 800 reis. O methodo de beneficiar a lã hé inteiramente desconhecido.

§ 3.º

GADO CAPRINO.

A'cerca deste gado nada há que se accrescente além do, que fica dito do ovelhum; algumas pessoas das povoações crião cabras e fazem uso do seu leite; mas nem a carne dos cabritos nem a dos capados, comem os habitantes.

§ 4.º

PORCOS.

Os porcos fazem hum artigo da primeira necessidade na provincia de Matto-Grosso, por isso mesmo que toda a qualidade de comida hé temperada com a gordura que elles fornecem; formão hum grande ramo do commercio interno. São de grandeza ordinaria e não se exportão.

He impossivel calcular-se ainda aproximadamente o seu

numero, todos os proprietarios crião pórcoes em maior ou menor quantidade; assim como os donos de fazendas, sitios e até a gente pobre: matão-se em todos os mezes do anno; e o módo de cria-los consiste, primeiro em deixa-los andar soltos até a idade de hum anno, e sustentão-se com o que podem apanhar por si mesmos, com huma pequena ração de milho de manhã e outra ao sol posto, que se espalha no chão para tambem fiquem acostumados ao terreiro; nas povoações dá-se-lhe as agoas engorduradas das lavagens das louças, restos de comida, cascas e algum milho. Quando passão de anno são recolhidos aos chiqueiros e sustentados a milho, lançado em agoa, e aboboras, e assim se deixão engordar até estarem no ponto de se-matarem.

O preço medio do toucinho hé a 3\$840 reis por arroba; poreñ no corrente anno (1828) tem chegado a 14\$400, e até a 19\$200 a arroba; basta dizer, hum porco de quasi 4 arrobas de toucinho, comprado para desmanchar, e entrar na venda, custou 54\$000 reis, hé hum facto que presenciei: eis aqui o que se deve a correr mal o anno de 1827, o subir o sal a 1200 reis por medida, e aos damnosos atravessadores (*). Os lombos de porco tem o preço subido de 80 reis por cada libra; cada pernil custa 300 reis e 380; um entrecosto custa o mesmo com pouca differença, sendo fresco, e salgado custa 450. A libra de carne de porco salgada custa 90 reis, e as linguças de palmo 40.

(*) Estes individuos com poucos mil réis arma cada hum a sua venda, e desde logo ficão habilitados para privarem o povo de poder comprar aos roceiros, que dão os generos mais baratos: espalhão-se os atravessadores para fora da cidade, huma hoje, outros amanhã, e ainda que tenham ao principio poucos fundos, comprão pouco, hé verdade, mas como são muitos, hé raro escapar um roceiro sem que entre na cidade com o mantimento já vendido ao taberneiro, e este recolhendo-o á taberna, com mui pouco trabalho vende ao povo pelo maior preço a que póde chegar, ganhando pelo menos em alqueire de farinha, de feijão e de milho 300 réis, muito bem descansado no seu balcão; não deve portanto admirar ser tão grande o numero de tabernas. Não sei porque motivo deixão de pagar as vendas, nesta provincia, o imposto que está marcado por lei, talvez não houvesse então tanto vadio, armador de tabernas, porque não lhe furia conta este modo de vida, pagando o imposto; ou pelo menos aproveitava a pobre Fazenda Publica. Hé bem prejudicial ao Publico não se havrem estabelecido lugares proprios para o mercado, marcando-se tempo aos roceiros para venderem primeiro ao povo, e só passando o tempo venderão aos taberneiros; finalmente sobre este ponto importante nenhuma policia ha.

§ 5.º

AVES DOMESTICAS.

As unicas que ha na provincia são gallinhas, perus e patos; sustentão-se a milho.

Nas povoações varia o preço, segundo a maior ou menor abundancia destas aves: ordinariamente vende-se huma gallinha por 200 reis e 240. Os frangos regulão a 80 reis. Os ovos de gallinha vendem-se por 40 reis.

Os perus, que são pouco abundantes, pelos habitantes não se-darem muito a esta criação, custão 1\$200 e 1\$800 por cabeça.

Os patos são mais baratos que as gallinhas; regulão 150 reis cada hum.

Nos sitios tirão-se estas aves por preços muito mais commodos, e mesmo trocáo-se por fazendas.

Os Indios da fronteira do Paraguay vendem huma duzia de gallinhas e frangos por huma garrafa de agoardente, que na cidade custa 80 reis; mas na fronteira, quando está barato, custa 300.

Artigo 2.º

C A Ç A.

§ 1.º

QUADRUPEDES.

NOMES.	Qualidade da carne.	Uso da pele.
Anta (Tapir americanus).....	Mediocre	Não se faz uso.
Ariranha (Lutra).....	Não se come	Muito estimada.
Bugio, Guariba (Simia Belzebub).....	Bôa	Estimada.
Capivara (Cavia capybara).....	Mediocre	Sem valor.
Cervo (Cervus dichotomus)....	Bôa	Não estimada.
Coatá, mono preto (Simia paniscus).		

NOMES.	Qualidade da carne.	Dita da pele.
Cochlo a que chamão orelhudo	Bôa	Desprezada.
Candimba, qualidade de pequeno cochlo.....	Idem	Idem.
Cutia (Cavia aguti).....	Idem	Pouco vale.
Pacca (Cavia pacca).....	Idem	Sem valor.
Jaguatirica (Felis pardalis).....	Não se come	Estimada.
Lobo (Canis jubatus).....	Idem	Pouco estimada.
Lontra (Lutra brasiliensis).....	Idem	Estimada.
Macaco barriga (Simia).....	Bôa	Idem.
Macaco prego (Simia).....	Idem	Pouco vale.
(*) Onça pintada (Felis onça)..	Não se come	Estimada.
Onça parda (Felis concolor)....	Idem	Menos estimada.
Ouriço (Hystrix prehensilis)....	Bôa	Desprezada.
Porco do matto, queixo branco (Sus labiatus).....	Soffrivel	Pouco valor.
Taitetú (Sus tayassú).....	Bôa	Idem.
Tapti, Candinga (Lepus brasiliensis).....	Idem	Sem valor.
Tamanduá bandeira (Myrmecophaga jubata).....	Mediocre	Idem.
Tatú-guassú (Dasypus unicinctus).....	Idem	Idem.
Tatú-cabelludo (Dasypus gilvipes).....	Idem	Idem.

(*) Os Brazileiros matão as onças á bala, e a perdigotos, isto hó carregando a espingarda com quartos de bala, e usando dos cachorros para descobrirem e acasarem a fera. Os Indios Guatós, nação valerosa, e nossa amiga, matão-nas por um modo bem diverso. Estes Indios urrão como a onça, assim a chamão, e depois de assaíha-la com os cachorros, e alguns tiros de flechas, ella vem sobre o caçador, arma o pulo e este a espera na ponta de huma forte e comprida lança, apoiada no terreno, e o bicho senre-se atravessado sem remedio.

A caçada dos porcos do matto hé perigosa, principalmente não sendo bem pratico o caçador; e fazendo-se a caçada aos porcos chamados Queixadas, que são muito mais ferozes que a outra especie, a que dão o nome de Cietitú, precisa-se muito cuidado; morto hum queixada, acodem os outros e despedação não só o morto mas tudo quanto encontrão; he pois necessario que o caçador esteja em lugar alto e a coberto, ou trepado em alguma arvore grossa, e municiado de modo que vá matando nelles, porque não se retirarão facilmente, e até cheguem a metter as formidaveis navalhas das suas presas na arvore aonde esta o caçador, que corre o risco de ser victima, se a arvore chega a derrubar-se.

NOMES.	Qualidade da carne.	Dita da pelle.
Tatú-eté (<i>Dasypus novemcinctus</i>).....	Bôa	Idem.
Tatú bola (<i>Dasypus tricinctus</i>)	Idem	Idem.
Tatuíra (<i>Dasypus biscinctus</i>)...	Idem	Idem.
Veado branco, campeiro (<i>Cervus campestris</i>).....	Menos má	Estimada.
Veado pardo (<i>Cervus rufus</i>)...	Bôa	Idem.
Veado-birá (<i>Cervus simplicicornis</i>).....	Idem	Idem.

§ 2.º

AVES.

NOMES.	Qualidade da carne.
Arára Canindé (<i>Psittacus ararauna</i>).....	Mediocre.
Arára vermelha (<i>Psittacus mucao</i>).....	Idem.
Araruna (<i>Psittacus hyocinthinus</i>).....	Idem.
Araracuan (<i>Penelope Paragua</i>).....	Bôa.
Baturí (<i>Anas autumnalis</i>).....	Idem.
Ema (<i>Rhea americana</i>).....	{ Mediocre; aproveitam-se as penas das azas para penachos.
Eréré (<i>Anas viduata</i>).....	
Jacú-guassú (<i>Penelope cristata</i>)	Bôa.
Jacupema (<i>Penelope pipile</i>).....	Idem.
Jacutinga (<i>Penelope superciliaris</i>).....	Idem.
Jaó (<i>Sinamus noctivagus</i>).....	Bôa.
Marreca-zambariri (<i>Anas Ypecutiry</i>).....	Excellente.
Macuco (<i>Tinamus Táo</i>).....	Bôa.
Mutum-cavallo (<i>Crax</i>).....	Excellente.
Mutum-pintado (<i>Crax alector</i>).....	Bôa.
Pomba-trocaz (<i>Columba rufina</i>).....	Idem.
Perdiz (<i>Tinamus rufescens</i>).....	Idem.
Pato bravo (<i>Anas moschata</i>).....	Idem.
Papagaio (<i>Psittacus aestivus</i>).....	Idem.
Tucano (<i>Rhamphastos toco</i>).....	Mediocre
	Idem.

Artigo 3.º

PESCA.

NOMES.

QUALIDADES.

Acará (Cichla de Blochio).....	Mediocre.
Arraia (Torpedo aculeata).....	Não se come.
Abutuado (Silurus de Blochio).....	Não se come.
Agulha (Loricaria Acus).....	Não hé bom.
Batuqueiro (Serra-salmes de Lacepede).....	Idem.
Bágre (Silurus de Blochio).....	Bôa.
Bargado (Silurus).....	Mediocre.
Barbado (Silurus).....	Bôa.
Barbado sorobim (Silurus).....	Idem.
Botoado de focinho (Cataphractus).....	Não se come.
Corimbata (Salmo de Linneo).....	Mediocre.
Corvina (Johnius).....	Excellent.
Dourado (Salmo de Linneo, hydrocyon de Cuvier).....	Bôa.
Fidalgo (Silurus).....	Excellent.
Guarúguarú (Paecilia de Blochio).....	Mediocre.
Guacari (Loricaria).....	Idem.
Gerupensen (Silurus).....	Bôa.
Gerupoca (Silurus).....	Idem.
Jaú (Silurus de Blochio).....	{ Mediocre: muito carregada.
Jacundá (Cicleba) Tacunaré.....	Excellent.
Joanna Ghenza (Amia).....	Bôa.
Lambari (Salmo de Linneo).....	Soffrivel.
Loricaria.....	Idem.
Linguado (Pleuronectes).....	Idem.
Mandi (Silurus de Linneo).....	Mediocre.
Muking (Pseudo-serrasalmes de Cuvier).....	Não se come.
Matrinchan (Salmo).....	Excellent.
Pacú (Salmo de Linneo).....	Bôa.
Pacú assú (Serra salmes de Lacepede).....	Idem.

NOMES.	QUALIDADES.
Pacupeba (Serra-salmes de Lacepede).....	Idem.
Palmito (Silurus militaris de Blochio).....	Excelente.
Piava (Salmo bimaculatus de Blochio).....	Bôa.
Pintado (Silurus de Blochio).....	Idem.
Piranha (Serra-salmes de Lacepede).....	Idem.
Piquira (Salmo de Linneo).....	Bôa para azeite.
Peixe-novo (Clupea).....	Bôa.
Piraquê (Gimnotus electricus).....	Mediocre.
Piratinga, Piraiba (Silurus).....	Idem.
Pirarára (Silurus).....	Idem.
Piabuçu (Salmo).....	Bôa.
Peixe-cachorro (Salmo).....	Mediocre.
Piraputanga (Salmo).....	Excelente.
Sardinha (Salmo).....	Bôa.
Sauá (Salmo de Linneo).....	Não presta.
Suairú (Salmo de Linneo).....	Idem.
Surubim pintado (Silurus).....	Idem.
Tabarana (Salmo de Linneo).....	Soffrivel.
Tambicú (Salmo de Linneo).....	Idem.
Tambuata (Cichla de Blochio).....	Má.
Tauxina (Salmo de Linneo).....	Idem.
Tezoura (Salmo de Linneo).....	Mediocre.
Tambaqui (Salmo de Linneo).....	Bôa.
Traira (Synodus trairas).....	Mediocre.
Ximburé (Salmo de Linneo, Piabucus de Cuvier).....	Idem.

Artigo 4.º

Insectos, vermes e reptis.

§ 1.º

INSECTOS.

Hé mui extensa, na provincia de Matto-Grosso, esta classe de animaes. faltando as necessarias observações para a enumeração das suas especies.

São uteis huma grande quantidade de differentes abelhas, pelo mël e cera que fazem; sendo aquelle muito substancioso e até medicinal, e esta mui conveniente aos habitantes, que della, misturando-lhe huma parte de breu, fazem toscamente rollos para se alumiaem. Hé desconhecido o methodo das colmêas, ou o modo de crear se este utilissimo insecto domesticamente (*), bem como o de beneficiar-se a cêra para vëllas; todavia ha hum curioso em Cuyabá que a tem alvejado, de maneira que faz vëllas, e as tem vendido a 1\$200 réis á libra (Por este preço lhas comprei). Portanto, as abelhas fabricão os seus favos no matto, dentro dos oucos das arvores; o mël hé barato e a cêra da terra custa ordinariamente 150 réis a libra.

Ha huma casta de formiga grande chamada sahuva, tendo as femeas o nome particular de Issá; os habitantes dos campos comem estas torradas. Outras muitas especies de formigas tem a provincia, todas nocivas, tanto dentro das casas, como ás plantações, principalmente as chamadas carregadeiras, que são innumeraveis; a tukanguira hé huma formiga preta, grande, que terá 8 linhas de comprido, anda isolada; a sua ferroada hé mui venenosa, fazendo soffrer fortes dôres por muitas horas. As formigas chamadas correição, que apparecem de repente, e com a mesma promptidão se ausentão, são uteis, porque perseguem e fazem descobrir nas casas toda a qualidade de bichos, que nelhas estiverem escondidos, correndo todos os cantos e escaninhos das mesmas.

(*) Na classe das abelhas ha humas chamadas Jatchys, que se fazem notaveis; o seu mel hé muito medicinal, e a resina que se cria em roda do buraco, que serve de porta, reduzida a pó, dissolvido em agua, hé excellento remedio para os que lanção sangue pe a bocca. São mui pequenas estas abelhas, e tem por inimigas outras de differente especie, que buscão entrar-lhes em casa para se aproveitarem do seu saboroso mel; as Jatchys pelecão enquanto podem, para defenderem a entrada da sua morada, pondo todo o seu cuidado em cortar as azas ás suas inimigas, deparando-lhes a natureza huma grossa abelha com hum ferrão, a qual nunca sahe de casa, até mesmo porque as azas são tão pequenas que lhe não podem sustentar o corpo; esta logo que presente a briga, vem com o seu corpo tapar a entrada, que é feita proporcionalmente á grossura do mesmo corpo, e ali, usando do ferrão, véda que as suas contrarias penetrem dentro. Estas abelhas facilmente se domesticão. Eu vi em Camapuã, na casa do administrador, huma porção dellas produzirem dentro de huma cabaça; alguns curiosos têm feito o mesmo em outras partes. A' primeira vista parecerá esta narração huma historietta; mas hé com effeito huma verdade por mim averiguada.

O Cupim hé tamhem prejudicial tanto ás plantas como á roupa.

Ha huma infinidade de differentes especies de mosquitos, principalmente nas margens dos rios, que incommodão muito aos navegantes, que para se livrarem delles precisão encerrar-se nos mosquiteiros; taes são os pernileiros, mosquitos brancos, e outros. Nos terrenos altos mostrão-se os borrachudos, mosquito polvora, cujas ferroadas são mui dolorosas.

As moscas são igualmente de muitas e diversas especies. As varejeiras são fataes aos animaes: em qualquer pequena ferida, onde pouzem, depositão o que chamão varreja, que logo se torna em pequenos vermes que vão comendo a carne e apodrecendo a parte, vindo infalivelmente a ser victima o animal, se não o curão: os bezerros recém-nascidos são muito perseguidos desta peste, no umbigo. A cura deste mal hé facilissima: consiste em lançar-se mercurio ou pó de joanes na ferida, o que mata sem demora os bichos: depois lava-se bem a ferida e unta-se com azeite de mamona. A mosca de berne, hé grande, felpuda e com a barriga rajada: quando dá a ferroadada deposita dentro da carne, tanto dos animaes como das creaturas, huma venenosa semente que se torna em hum bicho felpudo, chamado berne, e por baixo da pelle vai crescendo, cauzando agudas picadas e dores, mostra hum mui pequeno orificio por onde lança agoadilha muito branca. Logo que se presente nos animaes, espreme-se de modo que saia inteiro, do contrario ficando esborrachado, gera-se a aposthema no lugar. Na gente mata-se primeiro o berne, introduzindo sarro de pito pelo orificio, depois espreme-se com cuidado. As mutucas (mosca grande), e as biruanhas fazem desesperar os animaes com as suas ferroadas; e igualmente muitas especies de vespas, como marimbondos grandes e pequenos, &c.

Ha tambem muitas especies de carrapatos; as mordeduras dos redolciros têm sido muitas vezes funestas á humana creatura: os sertões, principalmente, são tão cheios de flageladores insectos, que parecem pertinazes em se conspirarem para conduzir os viajantes á desesperação; fallo por experiencia propria, pois largos tempos soffri tão grave incommodo.

§ 2.º

VERMES.

Os vermes intestinaes perseguem muito as crianças; seus antidotos são pouco conhecidos, acreditando muito a gentalha em benzeduras de hichas. Nunca ouvi fallar na solitaria; ella hé desconhecida, bem como o seu efficaz remedio; se alguma pessoa foi della atacada, pereceu victima de se-ignorarem os symptomas e a cura deste mal.

Pequenos vermes perseguem as plantas das hortas, roendo-lhes as raizes. Nos lugares humidos e junto a lagoas, crião-se as chamadas minhocas, de que os pescadores usão tambem, quando pescão com anzol.

Em algumas paragens, como na lagôa d'onde nasce o pequeno rio Sanguesuga (carreira para Porto-Feliz) mostram-se vermes deste nome.

§ 3.º

REPTIS.

NOMES.

Qualidades.

Tartaruga (Testudo).....	{ Carne saborosa e dos ovos faz-se manteiga.
Tracajá (Testudo).....	Bôa.
Matamatá (Testudo).....	Idem.
Jabuti (Testudo).....	Idem.
Senembú (Lacerta Yguana).....	Idem.
Lagarto (Lacerta Teguixim).....	Idem.
Jacaré, e Urura (Crocodilus sclerops, & Crocodilus palpebrosus).....	{ Só os Indios comem a carne, que tem o cheiro de almiscar.
Sucuri. — Carne bôa.....	{ Estas duas especies de grandes cobras não tem veneno, mas são nocivas por comerem os ani- maes domesticos.
Giboia. — Carne bôa.....	

NOMES.	Qualidades.
Cobra cascavel (<i>Crotalus horridus</i>)..	Muito venenosa.
Boy-coral (<i>Coluber</i>).....	Idem.
Boy-peva (<i>Coluber</i>).....	Idem.
Surucucú (<i>Vipera</i>).....	Venenosa.
Jararaca (<i>Vipera</i>) (*).....	Idem.

Hum grande numero de outras cobras não são nocivas por deixarem de ter veneno: taes como a caninana, eririô, cobra sipó, cobra verde, cobra faia, cobra de duas cabeças,* &c.

CAPITULO XVIII.

MINAS.

Artigo 1.º

Descobertas ou Lavradas.

Póde dizer-se, em geral, que o terreno da dilatada provincia de Matto-Grosso hé aurifero; escavando-se a terra em qualquer lugar, descobrem-se mais ou menos granitos de ouro; mas não hé em todas as paragens que a colheita deste metal paga o trabalho de apural-o.

Na capitania-mór do Cuyabá ha poucas minas trabalhadas com methodo regular; a maior parte dos individuos empregados na mineração são negros, a que chamão faisqueiros, que págão o jornal de 4 vs. de ouro, ou 150 réis, a seus senhores; e o vão procurar onde melhor lhes convém.

(*) Conhecem-se varios remedios para desvanecer o veneno, que a mordedura da cobra entraha no sangue, que produz a morte do mordido, se não se-lhe socorre a tempo; o veneno sahe por hum pequeno orificio que as cobras têm nas prezas dos dentes, e por isso entra veloz na ferida, e existe depositado em hum bolanho que fica por baixo das prezas, que sendo comprimido, ao apertar a cobra os queixos quando morde, faz sahir o veneno. O azeite doce, bebido logo que a pessoa se sente picada, hé hum bom remedio. A raiz de uruba socada, bebida com agoardente, e posto o bagço em cima da ferida, hé muito bom remedio. A casca de pão novo, tambem socada e applicada do mesmo modo que a antecedente. Mas sobresudo a cabeça de macuco há excellente, raspa-se humna pequena porção della, e dá-se a beber em agoardente, e a cabeça se pendura ao pescoço do enfermo até sarar de tudo, &c.

Ha grandes sucuris, e com tanta força, que lação hum touro, esperão-no quando vá beber agua, e de repente lhe dão o bote, prendem o animal, que estando ainda com as suas forças inteiras, forceja por escapar-se, parte, e a cobra estende-se, usando do seu natural elastério, tendo a cauda firmada dentro d'agua, volta depoma encolher-se, e nesta lucta está até cauzar o animal, para o ir machucando e engollindo.

Huma legoa distante da cidade do Cuyabá, com pouca differença, existem as Minas chamadas da Conceição, ainda ricas, o ouro está introduzido em huma especie de pedra arenosa, e vai buscar-se a grande profundidade, abrindo-se poços de pequena circumferencia e galerias para os lados; dá muito trabalho, por ser feito sem adjutorio de machinas; estas minas já são antigas, o ouro de 23 quilates.

Seis legoas distante da cidade, no lugar de S. José de Cocaes, ha minas de ouro, e onde alguns mineiros empregão os seus escravos; dão ainda bom jornal, e forão descobertas em 1738.

As primeiras minas descobertas na provincia forão as do Cuxipó-mirim, nas margens do rio deste nome, huma legoa distante da cidade; hé ali que em 1719 Pascoal Moreira Cabral estabeleceu o Arraial da Forquilha, o primeiro que teve Matto-Grosso.

Em 1721 forão descobertas por Miguel Subtil, sorocabano, as minas do Cuyabá, no lugar em que está hoje a Cidade, e só do morro do Rozario, que tem curta extensão, se extrahirão em hum mez 400 arrobas, sem muito trabalho, por serem os socavões pouco fundos.

Ha varios lugares desta Capitania-mór que darião bom jornal, se fossem socavados; mas a falta d'agoas para as apurações, os tem feito abandonar.

Todo o terreno em roda da cidade está revolvido, e ainda hoje, no lugar da Matriz, quando chove, colhem os moleques granetes de ouro; no ribeirão da Prainha trabalhão e trabalharão os faisqueiros com proveito.

No rio Quilombo, da Serra da Chapada, aproveitão alguns mineiros bons jornaes.

Em 1826 entrarão para a Casa da Fundição 39,286 oitavas de ouro; nos annos seguintes foi a menos esta entrada.

Pelo que tenho exposto, relativamente ao modo de se minerar na Capitania-Mór do Cuyabá, vê-se quanto hé difficiloso alcançar-se o numero, ainda que approximado, das pessoas empregadas no trabalho da mineração.

Na Capitania Mór do Diamantino quasi todos os proprietarios são mineiros, e a maior força da escravatura hé empregada na mineração; o ouro não hé o alvo principal dos mineiros, mas sim a colheita dos diamantes, havendo-se extrahido das minas centenares de oitavas, e este objecto tem feito a principal riqueza dos habitantes desta Capitania-Mor, ou para dizer melhor, dos Negociantes, que lhes fornecem os indispensaveis generos, para manutenção das mesmas minas.

Fallarei, portanto, das de ouro, declarando que destas mesmas são tirados os diamantes.

MINAS DE ARINOS.

Distão da villa do Diamantino 10 legoas para o Norte, descobertas em 1739. Pascoal d'Arruda, subindo pelo rio Arinos, achou no ôco de hum varejão de taquaruçú huma folheta de 80 oitavas; que levou á cidade de Matto-Grosso, dando-a ao manifesto; procedendo-se á parúllhas, e lavradas as datas, recolherão-se os donos. Alguns soldados destacados no Registro do Arinos, tirão ouro neste rio, mas por não usarem instrumentos proprios, não se podem regular os jornaes.

MINAS DO ARRAIAL VELHO.

Distão legoa e meia ao Norte da Villa, descobertas em 1741; forão ricas, hoje dão de jornaes por semana 1\$200 réis.

MINAS DO BRUMADO.

Seis legoas ao S. O. da Villa, abandonadas por falta de artificio que levante as agoas do ribeirão do mesmo nome. Os antigos lavrarão as gropiarias até onde chegava a agoa de hum rego, que construirão para isso, e tiravão de jornaes por semana 2\$400 réis.

MINAS DO PARÍ.

Existem tres legoas e meia ao S. da Villa. Sobem a 1\$200 os jornaes por semana.

MINAS DO DIAMANTINO, E DO RIBEIRÃO DO OURO.

Junto á Villa, repartidas pela segunda vez em 1805, prosperavão então, mas forão abandonadas, porque os mineiros, lavrando aó mesmo tempo suas ricas gropiaras, fazião os canaes de entulho, para o alvco do ribcirão, que lavravão sem ordem, até que os mesmos entulhos os impedirão totalmente; occasionando-se filtrações d'agoa insuperaveis ás suas forças. Os que tem trabalhado em restingas de cascalho picando-se as picarras 2 e 3 palmos, assim como as junturas das pedras, de que se formão os travessões, têm tirado, por semana, os jornaes de 2\$800.

MINAS DE S. FRANCISCO.

Repartidas em 1808, 9 legoas ao N. O. da Villa; abandonadas depois do grande descoberto das Arêas, não por falta de riqueza, mas porque neste avultão mais os jornaes.

MINAS DAS ARÊAS.

Descobertas e repartidas em 1812; ficão ao N. O. da Villa, e 8 legoas distantes da mesma: a ellas concorrem quasi todos os mineiros no tempo da secco; hé quando o lugar, coberto de espessas mattas, se acha menos pestifero: ordinariamente trabalhão nestas minas 500 pessoas; sobem os jornaes por semana a 3\$000 réis. Na Estação chuvosa são totalmente abandonadas, não só por ser então mui pestilento o lugar, como por se occuparem nas gropiaras do Paraguay, onde o ar hé mais são.

MINAS DE S. JOÃO DA BOCAINA.

Descobertas e repartidas em 1814, treze legoas ao N. O. da Villa: sobem os jornaes, por semana, a 1\$800 reis.

MINAS DE SANTA ANNA.

Estão no rio deste nome, que terá 18 legoas de comprimento; hé o mais rico de ouro e diamantes em fogões, caixões de cascalho e canaes, entre os grandes travessões de grossas pedras que atravessão o rio. Os lugares onde tem prosperado mais a mineração vem a ser:

1.º = S. Rafael, 9 legoas ao N. da Villa: descoberto e repartido em 1815.

2.º = S. Joaquim, na mesma distancia, descoberto no mesmo anno.

3.º = Abaixo da barra do ribeirão das Arêas, 8 legoas ao N. O. da Villa: descobertas e repartidas em 1817.

4.º = Na ilha de nome Santa Anna; descobertas e repartidas a palmos em 1821.

Os jornaes por semana tem subido a mais de 3\$000 réis.

GROPIARAS DO PARAGUAY.

1.º = S. João do Rodeio, 2 legoas e 3 quartos da villa; descoberta em 1819, repartida em 1820. Os jornaes por semana sobem a 1\$800 réis.

2.º = S. Francisco de Paula; descobertas e repartidas em 1820. Chegão os jornaes a 1\$800 réis por semana.

3.º = Santa Rita, defronte do Rodeio, correndo o Paraguay entre meio. Descoberta e repartida em 1820. Sobem os jornaes a 2\$800 réis por semana.

4.º = S. Pedro. Abaixo, e do mesmo lado de Santa Rita, descobertas e repartidas em 1820. Sobem os jornaes, por semana, a 2\$400 réis.

5.ª = Santo Antonio, abaixo de S. Pedro, descoberta e repartida em 1821; dá o jornal, por semana, de 1\$800 réis.

6.ª = S. Vicente, entre S. Pedro e Santo Antonio: descoberta e repartida em 1821 e 1822; a ella concorrem muitos mineiros. Sobem os jornaes a 2\$800.

Calcula-se em 3,000 os escravos empregados no trabalho de todas as Minas da Capitania Mór do Diamantino.

As minas da Capitania-Mór de Matto-Grosso forão descobertas em 1734 pelos dous irmãos sorocabanos Fernando Paes de Barros e Arthur Paes, na serra propriamente chamada de Matto-Grosso, de que fallei no capítulo = Serras e Montes.

No districto do Arraial das Lavrinhas ha tres lavras lucrativas; não se póde regular o jornal, porque os mineiros fazem as escavações e preparão a terra na secca, para nas agoas recolherem todo o ouro das apurações, que varia todos os annos para mais e para menos; deste mesmo modo se trabalha nas lavras seguintes:

Nas visinhanças do Arraial de S. Vicente, existem seis differentes lavras.

No da Chapada e Ouro-Fino, huma.

Nos Arraiaes de Santa Anna, Pilar e Chiqueiro existem quatro.

Os escravos empregados nestas lavras calculão-se de 400 a 500.

Além das minas de ouro e diamantes, descobrio-se em 1827, perto da margem direita do Jaurú, acima do Registo, huma mina de cobre, chegando-se a fundir huma barrinha, e cunhou-se huma moeda de 40 réis; todavia precisa ser bem examinado este lugar para conhecer-se se a mina hé ou não rica.

Em mais de huma paragem da provincia há ferro; junto da Jacobina, na serra que vem do Morro Escalvado, 5 legoas distante da Villa Maria, existe abundantemente este mineral em longos veieiros, que em partes sobresaem á superficie da terra. O exm.º marquez de Aracaty mandou fazer algumas experiencias na fabrica de Sorocaba; fundirão-se barras, e veio a conhecer-se que esta mina hé rica. Mas até aqui não se tem trabalhado.

Deve notar-se que o ouro, que tem apparecido nesta provincia, hé sempre em manchas ou pequenos reducos, e nunca em vieiros seguidos; razão porque muitas minas deixão de ser trabalhadas, por falta d'agoa proxima, havendo receio de que a despeza com encanamentos da mesma não seja paga com o ouro que vier a extrahir-se.

CAPITULO XIX.

Pedreiras e Terras.

Na familia das Gunis encontra-se em quantidade o diamante; dizem igualmente terem apparecido algumas esmeraldas e topazios; mas estas minas não estão ainda exploradas.

Grande parte do terreno desta provincia encerra huma grossa camada de argila, cortada por vieiros de cristal de rocha, com particulas auríferas, em mais ou menos quantidade; em muitas paragens he o terreno cortado por longos e largos bancos de cristal de rocha e de pedra arenosa. Nestes mesmos bancos de cristal descobre-se outro, em porções mais ou menos volumosas, em fôrma de prismas, de grande lustro, alvura e transparencia; as faces são tão polidas que parece obra da arte. Ha tambem cristaes côr de canna e côr de roxo lyrio.

A serra que vem de Albuquerque e passa á vista da Villa Maria, de que já fallei no capitulo = Serras e Montes = abunda em pedra calcarea nas visinhanças da povoação d'aquelle nome, nas da Jacobina, &c.

A pedra chamada Tapanhuacanga, ou simplesmente canga, apparece em quantidade, tanto nos terrenos baixos como nas serras: hé mui aspera, incapaz de polimento, mas supre a cantaria; usa-se della nos baldrames para edificios, e hé sobre a mesma que assentão as paredes de taipa e as de adobes; os alicerces abertos na piçarra são cheios de cristal de rocha, o qual não liga nem com a cal nem com o barro, como acontece á canga que hé de côr roxa-escura. Tem-se descoberto tambem marmore, de que já fiz menção.

Achão-se em abundancia argilas brancas, pretas, amarellas, azues e encarnadas, com que os habitantes pintão as casas; a branca ou tabatinga supre o alvaiade e o gesso; com ella cáião-se as casas por dentro; por fóra cahe toda com a chuva.

Ha tambem boas pedras de amolar e de pedernçiras, e seixos maiores ou menores de differentes côres e lindos veios.

CAPITULO XX.

Curiosidades naturaes.

Nesta classe merece ter particular entrada a Gruta do Inferno, que existe no morro do forte de Coimbra, perto deste: eu a visitei em 1822, e não sendo possível á minha grossa penna descreve-la nem melhor, nem com mais exactidão e acerto do que o fez o sabio naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, na carta dirigida ao general da provincia João d'Albuquerque em 5 de Maio de 1791, vou transcrever fielmente a sua exposição, fallando da Gruta.

« Eis aqui onde a Natureza me tinha preparado o mara-
 « vilhoso espectaculo que recompensa dignamente, tanto o meu
 « perigo como o meu trabalho. Porque olhando á primeira
 « vista o todo, depois de distribuidas as luzes em proporção
 « nadas distancias, representou-se-me hum Mesquita subterranea,
 « e observadas as suas partes, cada hum das della fazia saltar
 « aos olhos hum differente perspectiva. A que, do fundo d'a-
 « quelle grande salão, se offerece á vista do espectador, collo-
 « cado á entrada della, lê a de hum magnifico e sumptuoso
 « theatro, todo decorado de curiosissimas stalactites, humas de-
 « penduradas da abobada, que constitue o tecto, á maneira de
 « outras tantas goteiras fusiformes, curtas ou compridas, grossas
 « ou delgadas, redondas ou compressas, simplics, bifurcadas,
 « ramosas, tuberosas, verrucosas, &; outras sahindo do pavi-
 « mento, á maneira de pilares, columnas, columnellos lisos ou
 « canellados, pavilhões de campo, e hum tão grosso, que dous
 « homens o não abarcão. Ao lado esquerdo da mesma sala

« se deixa ver, como debruçada sobre ella, huma soberbissima
 « cascata natural, com todas as suas pedras cobertas de en-
 « crustações espathosas e calcareas, que vivamente representavão
 « alvos borbotões de espuma das agoas precipitadas d'aquella
 « altura. Em outra parte, porém do mesmo lado, parece que
 « a Natureza se moldou ao gosto da Architectura gothica. Por
 « todo esse lado estão espalhados diversos labyrinthos, cada
 « hum dos quaes de per si constitue huma curiosissima gruta.
 « Tem aquella sala a sua linha de direcção lançada a rumo de
 « Leste, que he o mesmo que segue o interior de toda a
 « gruta, com differença de ser cruzada. Pelo que segue a bocca
 « inferior, vio-se que tão somente o salão, incluída huma reca-
 « mara sua, tinha de comprimento total 51 braças. Todo o seu
 « plano, que aliás era irregular, se havia então convertido em
 « hum lago d'agoa salobra, porem clara, fria e cristalina, e re-
 « conheceu-se que pouco ou nenhum curso tinha, por estar
 « represada pela enchente do rio.

Diz mais adiante na mesma carta = « Pode n'aquella gruta
 « aquartelar-se á vontade hum corpo de até mil homens. Nenhum
 « vestigio achamos de ter ali entrado outra qualidade de gente
 « junta, senão a da expedição passada. O que vimos ali de
 « alguma sorte alterado, mostrava que o havia sido por mão
 « curiosa: porém dos conhecidos signaes, que costuma deixar
 « gentio, nenhum achamos. »

Está a bocca da gruta situada na contraponta do morro
 que olha para o N., e para chegar-se a ella andão-se quatro
 braças e meia por caminho plano, e quinze pela escarpa do
 morro, desde o lugar onde se desembarca. O primeiro que se
 saiba penetrou nesta gruta foi o Coronel Ricardo Franco de
 Almeida Serra. Para chegar-se ao primeiro salão hé mister
 ir-se descendo por hum plano bastantemente inclinado, coberto
 de entulho de pedras abatidas da abobada, que fórma o leito
 da gruta.

Pouco tempo depois que o mencionado Naturalista exa-
 minou a gruta, entrou nella o Tenente-Coronel Joaquim José
 Ferreira, e descobrio outro salão, communicando-se com o pri-

meiro por huma das suas camaras: o qual em tamanho e em curiosidade não hê inferior ao primeiro. O ajudante Francisco Rodrigues do Prado descobrio hum terceiro salão, contiguo, e communicado do mesmo modo que o antecedente. O mesmo Prado dá as dimensões á gruta, exprimindo-se do modo seguinte:

« Antes de me apartar deste lugar contarei que no monte,
 « cujas fraldas occupa o Presidio, esta huma gruta, na qual,
 « depois de descer se 38 varas, por huma descida trabalhosa,
 « chega-se a hum salão de 59 varas de comprido e 35 de
 « largo, sendo destas 11 occupadas d'agoas as mais frescas, e
 « cristalinas, porém no sabor desagradaveis. Este lago termina
 « a gruta pelo lado direito, e por toda a extensão; e na parte
 « mais funda tem 24 palmos de alto. Neste presente anno de
 « 1795, indo-se á gruta no mez de Fevereiro, topou-se no lago
 « um jacaré que tinha huma mão cortada: cousa que me fez
 « persuadir que o dito lago se communica com o rio, distante
 « mil passos. Nesta sala estão 7 columnas, 3 em frente e 4
 « ao fundo, todas de pedras congeladas das agoas, que de con-
 « tinuo estão pingando da abobada; a mais grossa tem 30
 « palmos de circumferencia e 26 de alto, e a menor 12 de
 « grossura. Hê o lugar mais maravilhoso de todo este subter-
 « raneo edificio. Em parte se divisa (a beneficio de luzes) o
 « seu pavimento de huma arêa lozente, em outra cristalina a
 « agoa, na qual vai fenecer a abobada, onde estão crescendo
 « mil figuras bellas e innúmeraveis pedras, que a Natureza com
 « habil mão vai formando. As columnas parecem feitas com
 « arte: humas são de meias cannas, outras abertas em tarjas;
 « estas se prendem no tecto, sobre aquellas estão pendentes
 « differentes folhagens. A altura da abobada, no mais alto, tem
 « 60 palmos. »

Só tenho a acrescentar a estas descripções, que tocando-se nas columnas, ouve se hum som bem semelhante ao dos sinos, que resôa por toda a abobada. No tempo em que estive no Presidio de Coimbra, pela primeira vez (1822), hião os

soldados moços muitas vezes lavar-se no lago da gruta, por divertimento, recreando-se com a fresquidão da agoa.

Em outro morro, algumas legoas distante de Coimbra, achão-se sei. grutas, cada huma das quaes hé menor que a descripta

No sertão de Camapuã para Miranda, viajando-se ainda nos terrenos altos, e nas morrarias, adiante logo do dilatado campo chamado Grande, está huma caverna em hum morro cortado verticalmente para o Poente, e junto á sua raiz existe a bocca, que hé espaçosa, deixando entrar bastante luz na furna, não obstante o que, não me foi possível ver-lhe o fundo.

Geralmente fallando, todos os rios apresentam saltos, e cachoeiras mais ou menos curiosas.

Na fralda da Serra do Sangrador, que faz parte do ramo oriental, que vem d'Albuquerque, de que já fallei, ha hum lugar lageado e que por isso deixa de ser coberto de matto, e quasi a meio delle sahe de huma fenda das lages hum tronco d'arvore, secco, com 12 palmos de alto, e pelo centro do mesmo encana agoa mui fresca e cristalina, apresentando hum engraçado repucho, dividido em dous ramos, o que acontece ainda no rigor da secco.

FIM DA 1.ª SECÇÃO.

*Continúa a pag. 39 do VIII vol.
1880-1881.*

DIOGO BARBOSA MACHADO.

III.

Catalogo de suas collecções.

[*Continuação* (*)]

Applausos oratorios, e poeticos, pela restituição da Saude dos Serenissimos Reys de Portugal, collegidos por Diogo Barbosa Machado, Abbaule da Igreja de Santo Adrião de Sever, e Academico da Academia Real. Comprehende do anno de 1742, até 1758. (*Arm. do bibliophilo*). Um vol. in-fol.

410) Canção / que na ... melhora da Augusta Magestade de El Rey / d. João V. / / offerece / / o bacharel / Manoel dos Reys / Pereyra / (Vinh). / Lisboa. / Na Offheina de Antonio Isidoro da Fons. / Anno M.DCC.XLII. / //

In-4.º, de 21 pp.

Consta de uma dedicatória ao cardeal da Mota, e da *Canção*. Auctor omittido no *Dicc. bibl.* de Innocencio

411) Sentimento inconsolavel, saudade penosa, / e contentamento plausivel, / que experimentou o povo Portuguez na molestia, na ausencia, e na melhora / da augusta magestade delrey / d. João V. / / Por Lourenço de Anveres / Pacheco, / Dado á luz pelo Beneficiado / Jozé Carlos de Betoneurt Berenguer. / Lisboa: na officina de Luiz Jozé Correa Lemos. / Anno M.DCC.XLIII. / //

In-4.º, de 4 fis. — 63 pp.

Consta de uma dedicatória ao infante d. Pedro, um soneto do p. fr. Antonio de S. Caetano ao auctor da obra, licenças, e do poemeto em trez cantos. Auctor omittido por Innocencio.

(*) Cont. da pag 181 d'este vol.

- 412) Reprehensão à Parca, e parabens de a vencer ao / Invictissimo,
..... Monarca / / d. João V. / logrando repetidas melho-
rias. / Soneto. /

S. l. e s. d. (*Lisboa* 1742), in fol., de 1 fl.

Assign.: *M. B. L.*

- 413) Joannes quintus / gravi torpore oppressus, / Stupente natura, /
Sanitati restituitur. / Epigramma. //

S. l. e s. d., (*Lisboa*, 1742), in-fol., de 1 fl.

Assign.: *Doctor Nicolaus Franciscus Xaverius Sylmus.*

- 414) A Maria Vergine / / preci / di un divoto per ottenero
la salute / di don Giovanni V. / ré di Portogallo. / Odo. /

S. l. e s. d., (*Lisbon*, 1742), in-fol. gr., de 1 fl.

- 415) Suspiros na molestia, / e parabens na melhora, / da Augusta
Magestade / d'elrei / d. Joam V. / Escritos por / Antonio
da Silva / de Figueiredo, / Academico da Academia / dos Es-
colhidos. / (*Arm. port.*) / *Lisboa*: / na Off. de José da Silva da
Natividade. / Anno ... *M.DCC.XLII.* / //

In-4.º, de 21 pp.

Contém: uma dedicatória ao infante d. Antonio, as *Licenças*, e uma
longa *Silva*.

Auctor não contemplado no *Dec. bibl.*

- 416) Sentimentos / de / Europa / mudados em alegres / Jubilos nas
.... melhorias da Augusta / Magestade Del-Rey / d. João V. /
..... / e escritos por / André da Luz, / e Sylva, / Academico da
Academia dos escolhidos da / Corte. / *Lisboa*: / na Off. de An-
tonio Isidoro da Fonseca. / *M.DCC.XLII.* / //

In-4.º, de 4 fls. — 15 pp.

Contém: dedicatória ao principe d. José; licenças, e a composição
poetica em 40 oitavas.

Auctor não contemplado por Innocencio.

- 417) Alegrias / de / Portugal / com a felice melhora / do seu au-
gusto rey / d. João V. / ... / Expendidas em hum / romance /
octo-syllabo, / narrativo, e affectuoso, / que offerece, e con-
sagra / / Antonio de S. Jeronymo / Justiniano, / Capellão
do Coro de N. Senhora do Loreto da Nação Italiana. / *Lis-
boa*: / na officina dos Herdeiros de Antonio Manoel de Almeida /
M.DCC.XLII. / //

In-4.º, de 4 fls. — 23 pp.

Consta de uma dedicatória, um *Prologo*, e do *Romance*.

- 418) Proposiçam, / que / a todas as Academias, / e engenhos desta Corte, e de todo o Reino / faz / a / Academia / dos Escolhidos / para hum Certame em / que se aplauda com varios Métras / a melhora da augusta magestade / d'elrey / d. Joam V. / / Lisboa: / na Officina de Pedro Ferreira, / / Anno ... M.DCC.XLII. / //

In-4.º, de 4 fl. inn.

E' curiosa de lêr-se.

- 419) Relaçam verdadeira / do / certame, / que no Real Collegio das Artes de S. Antam, / celebrou / a Academia / dos Escolhidos desta Corte / à melhora / do nosso ... monarca / d. Joam V. / Com a noticia dos Engenhos, que nelle forão premiados. / Por / Roberto Alves da Silva. / (Arm. port.) / Lisboa: / na Officina de Pedro Ferreira, / Anno M.DCC.XLIII. / //

In-4.º de 14 pp.

- 420) Oração / academica, / com que se deu fim em dezanovo de Outubro / de 1742 ao segundo dia do Certame, que a Academia dos Esco- / lhidos celebrou / pela melhora do ... roy / d. João V. / / Por seu author / Philippe Joseph da Gama. / / Segunda impressam / / agora novamente illustrada com a Introdneção Poetica, / e Panegyrica, que recitou / o conde da Ericeira / d. Francisco / Xavier de Menezes, / no primeiro dia do mesmo Certame. / Lisboa: / na Officina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galram / Anno M.DCC.XLV. / //

In-4.º, de 8 fls. — 64 pp.

Contem: dedicatória a d. Henrique de Menezes de Toledo; a *Introdução* do conde da Ericeira; um epigramma latino do p. Antonio da Fonseca; um soneto hispanhol de L. Justiniano Pacheco; e a *Oração* do auctor.

Citada por Innocencio, que aliaz parece não ter visto ésta segunda impressão.

- 421) Ramos / superfluos, / que da arvore da sciencia cahiram junto / do Throno do Augustissimo Rey / dom Joam V. / ... / no Certame, que à sua Melhoria / dedicou / / a Academia dos Escolhidos, / ou / Discurso academico, / com quo em Sabbado vinte de Outubro de 1742. concluhia o terceiro / dos referidos actos, para os quais também, compôz as Obras / metricas inclusas, que nelleas se recitaram. / / Brás José Rebelo Leite, / Presbytero Seculár / (Vinh.) / Lisboa: / na Officina de Pedro Ferreira. / Anno M.DCC.XLIV. //

In-4.º, de 12 fls. — 48 pp.

Contém dedicatória ao principal Almeida; licenças; um prologo *Ao leitor*; o *Discurso*, e as poesias do auctor.

Nome omittido por Innocencio em seu *Dicc.*

422) Resolvesse hym problema / que se discutio no certame da
Academia dos Esco- / lhidos, defendendo, que foi mayor, que /
a molestia de sua Magestade, a piedade / de seus Vassallos /
Soneto. /

S. l. e s. d. (Lisboa, 1742), in-fol., de 1 fl.

Assign.: *Lourenço Justiniano Pacheco.*

423) Joanni quinto / regi / / qui / gravi stupore oppressus, /
stupente natura / sanitati restituitur, / certamen / //

S. l. e s. d. (Lisboa 1742), in-fol. gr., de 1 fl.

E' de fr. João de Nossa Senhora, que assigna, e consta de 8 epigrammas latinos.

424) Relaçam / das prociassoens / de preces / publicas, / que as Ir-
mandades, Religioens, e mais Clero / / fizeram, pela
saude / / del rey / d. Joam V. / / Por Joaquim José
da Silva Brandam. / Lisboa: / na Officina Joaquiniana da Mu-
sica de d. Ber- / nardo Fernandez Gueyo / /

S. d. (1742). In-4.º de 8 fls. inn.

425) Adunanza / tenuta / dagli Arcadi / per la ricuperata salute /
della sacra real maestà / di / d. Giovanni V. / re di Porto-
gallo. / (Vinh) / In Roma, 1744. Nella Stamperia di Antonio
de' Rossi. / //

In-4.º, de 4 fls. — 159 pp.

Consta de: uma dedicatória ao rei por Michel Giuseppe Morei, que ali se diz *Custode generale d'Arcadia*; uma advertencia; licenças; e as composições em prosa e verso, que compõem o volume.

Abre a obra pelo — *Ragionamento di monsignor F. Silvestro Merani, vescovo di Porfirio*, chamado na *Arcadia Ipponio Basilidio*.

Seguem-se as composições poeticas dos Arcades seguintes, cujos nomes me parece conveniente não omittir por serem sempre uteis taes indicações á bibliographia em geral.

Ei los:

Acamante Pallanzio.	— Abbate Giuseppe Brogi.
Acanto Corciriaco.	— Abb. Mattia Verazii.
Aeromelo Innatidéo.	— Abb. Agostino Cermisoni.
Afredisio	— Conte Pietro Berardi.
Agesilo Brentico.	— Abb. Francesco Domenico Clementi.

Albulo Elicomano.	— Abb. Giacomo Approsi.
Alcioneo Salinnzio.	— Abb. Onofrio Alfani.
Algido Bufagiano.	— Abb. Giacomo Filippo Battaglia.
Aliauro Pentalide.	— Giampietro Tagliazucchi.
Amestri Alittoriano.	— Abb. don Matteo Nabruzzi.
Amildo Cillenéo.	— Abb. Jacopo Cemmi.
Androcle Ippocrenio.	— Avvocato Leopoldo Metastasio.
Apollonio Orciano.	— Abb. Giovanni Ginobili.
Aracinta Parteniate.	— Caterina Crachas.
Arbace Tesmiano.	— Abb. Pietro Antonio Petrini.
Archeo Alfejano.	— Mons. Sebastiano Maria Correa.
Archimede Diofanio.	— Padre Domenico Santo Santini.
Arminda Efesiaca.	— Teresa Ginobili Fiore.
Bianore Cranéo.	— Padre Giuseppe Rocco Volpi.
Carbaso Orisornio.	— Conte Pietro Asdente.
Caricléo Chermario.	— Abb. Lucio Ceccaroli.
Chelemo Egisio.	— Abb. Girolamo Coccoli.
Clario Pedotrofoniano.	— Padre Giovanni Leva.
Cleante Corintiense.	— Jacopo Diol.
Cloriso Scotané.	— Abb. Ignazio de Bonis.
Demaro Larissiano.	— Abb. Pietro Casari.
Dioesio	— Abb. Cesidio Lusi.
Edria Corileo.	— Anna Maria Parisotti.
Egino	— Marchese Gio. Francesco de' conti Guidi di Bagno.
Empedocle Transtio.	— Dottore Antonio Inigi Salina.
Ermezio Caristio.	— Conte Giuseppe Menatti.
Esmino Citerio.	— Mons. Ottavio Antonio Bayardi.
Fromede Sumiziano.	— Abb. Giuseppe Lavini.
Ersilia Gortinia.	— Pellegrina Bongiovanni Rossetti.
Evagora Acrocerannio.	— Abb. Giuseppe Casale.
Eulisto Macariano.	— Saverio Maria Barlettani.
Eurante Ippocrenio.	— P. don Filippo Maria Sacchi.
Euridaleo Corinteo.	— Abb. Gaetano Golt.
Feralco Trofeo.	— Abb. Giuseppe Petracchi.
Ferecide Leonideio.	— Abb. Tomaso Palleschi.
Fibreno Melissiano.	— Dottor Pasquale Fantauzzi.
Fiorilla Limeria.	— Caterina Mancini.
Ilaco Festiano.	— P. Giovanni de Luca.
Irtaco Ettidio.	— D. Cesare Francesco Tintori.
Licurgo Alissemio.	— Avvocato Vincenzo Morotti.
Lisalbo Pelopio.	— Dottor Gio. Battista Catena.
Lisio	— Marchese Teofilo Calcagnini.

Loeresio Tegeo.	— Dottor Flaminio Scarselli.
Oniantreo Tripolita.	— Canonico Antonio Ré.
Logisto Neméo.	— Avvocato Francesco Maria de' conti di Campello.
Lorio Eurimedonziano.	— Abb. Giuseppe Gactano Capelli.
Lusisto	— P. don Antonio de Belacourt (<i>sv</i>) monaco geronimiano.
Manto Acaocsia.	— Isabella Murena.
Melesigene Penelopéo.	— Abb. Carlo Marcús.
Moropo Larissense.	— Lucrezia Lanto.
Motidéo	— Abb. Paolo Sappa.
Miréo Rofentico.	— Abb. Michel Giuseppe Morei.
Narindo Tritonido.	— Gio. Batista Rizzardi.
Neraleo Castrimenesiano.	— Mons. Giuseppe Mercolani.
Nicasio Porriniano.	— P. Alessandro Pompeo Berti.
Nidastio Pegente.	— Abb. Bartolomeo de Rossi.
Niseno	— Abb. don Carlo Giuseppe Bettanzi.
Nistigela Annonidiano.	— Abb. Niccoló Angelisti.
Nivildo Amarinzio.	— Abb. Gioacchino Pizzi.
Numenio Anigréo.	— P. Ruggiero Giuseppe Boschovich.
Argino Calepodonteo.	— P. Curzio Reginaldo Boni.
Oriana Ecalidéa.	— Veronica Cantelli Tagliazucchi.
Ormido Leuttronio.	— Abb. Niccoló Coluzzi.
Penteo	— Dottor Alberto Baccanti.
Promaco	— Abb. Gio. Batista Monaldini.
Ramlaco Mirraechio	— Mons. Gio. Carlo Antonelli.
Silandro Nuntiniano.	— Abb. Ferdinando Nuzzi.
Sillano	— Abb. Giambattista Carro.
Sildauro Misiato.	— Abb. Giuseppe Chiesa.
Sindasio Catarsio.	— P. don Guglielmo Tosco, Abate Cisterciense.
Tiaso Nemesisco.	— P. don Antonio Maria Asti Chier. Regolare Teatino.
Tibrio	— Abb. Filippo Vanatryp.
Tinbréo Tinariano.	— Francesco Benaglio.
Tiresia Timosteniano.	— Domenico Rolli.
Tirsido Antinoido.	— Ab. don Bernardino Pera.
Tirsillo Erinnidio.	— Cavalier Imigi Zappi.
Vareno Acheruntino.	— Ortensio Girolodi de Jugo.
Verenio Origiano.	— Ab. Luigi Antonio Verney.
Vesevio Lusinde.	— Ab. don Giuseppe Nicoló Carbone Canonico della Metropolitana d'Evora.
Volendo Sideate.	

- 426)** De / recuperanda sanitate / Joannis V. / / Oratio / habitata Romae / anno CI^oIOCCXLIV. / Ab Aloysio Antonio Vernejo / / (Vinh.) / Romae MDCCXLV. / Ex Typographia Generosi Salomonii. / //

In fol., de XXVII pp.

Cit. por Innocencio.

- 427)** Elogio / á constancia, / que elrey / d. João V. / nosso senhor, / tem tido na sua dilatada / enfermidade, / feito pelo / marquez de Valença / d. Francisco / de Portugal e Castro. / Lisboa. / Na Officina de Miguel Rodrigues, / / M.DCC.XLVIII. / //

In-4.º, de 17 pp.

Cit. por Innocencio com leve alteração no titulo.

- 428)** Honorífico applauso, / e devido obsequio / ao elegantissimo discurso, / que fez á invicta constancia / do nosso sempre / monarca / augusto, / tida na sua dilatada queixa, / o marquez de Valença / / Autor / Antonio de S. Jeronymo / Justiniano, / / Lisboa. / Na Officina de Miguel Rodrigues, / / M.DCC.XLIX. / //

In-4.º, de 3 fls.—15 pp.

Consta da dedicatória, e de uma Sylva.

- 429)** Ao nosso fidelissimo, / e / benficientissimo monarca / o senhor, / d. Joseph I. / Panegyrico, e memorial / ás suas melhoras, depois dos sensiveis estragos, que a sua / Real Pessoa recebeu na infausta noite do dia tres de Setembro de 1758, / horrendo, e nunca antes cometido insulto, pela mais / infame conjuração, e que já mais no mundo houve! / / Por / A. J. C. B. / Lisboa, / na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno. / M.DCC.LIX. / //

In-fol., de 4 fls. inn.

Consta de: uma dedicatória ao marquez de Pombal, o Memorial ao rei, e um soneto ao duque de Aveiro.

O auctor assigna-se na dedicatória e no memorial = Antonio Joseph da Costa, e no soneto reproduz as iniciais da folha de rosto A. J. C. B. = Será o mesmo Antonio José da Costa Araujo, citado por Innocencio no *Supp. do Dicc. bibl.* (Tom. VIII pg. 197), de cujas circumstancias pessoas nada se sabe sinão que viveu pelos meados do seculo passado, e que assignou a *Nova Relação* descripta pelo mesmo Innocencio sob n.º 2691 com as iniciais A. J. C. A. B.? Cremo-lo provavel. Costa diz-se no Memorial sobrinho do p. Manoel de Araujo Mendes, e de suas palayras se-collige que militava em 1759 nas fileiras do exercito portuguez.

- 430)** Oração / panegyrica, / que no festivo dia / de 26 de Dezembro do anno de 1758. / offereceo / á augustissima / magestade do Rey nosso senhor / d. Joseph I / em applauso da sua appetecida, e suspirada melhora / seu author / Lourenço Anastacio Mexia / Galvam, / //

S. l. e s. d., in-fol., de 2 fls. inn.

Não cit. por Innocencio entre as obras do auctor. A ser exacta a data de 1739, em que se diz nascido Mexia Galvão, conclue-se que compoz esta Oração tendo 19 annos de idade.

- 431)** Discurso / congratulatorio / pela felicissima convalescencia, / e Real vida de ElRey / d. Jozé I. /; / consagrado com hum dia / festivo de Acção de Graças a Deos no / Mosteiro de São Bento da Saude dos-/ta Cidade aos 19 de Janeiro / de 1759. / Lisboa, / na Officina de Miguel Rodrigues, / / Anno M.D.CC.LIX. / //

In-4.º, de 6 fls. inn.

- 432)** Panegyrico / ao rey fidelissimo / d. Joseph I, / / Escrevia-o / Lourenço / Justiniano Pacheco. / (Arm. port.) / Lisboa: / na Officina de Joseph Filippe. / Anno M.DCC.LIX. / //

In-4.º, de 32 pp.

Contem: uma *Protestação* (em soneto), a *Advertencia*, e o *Panegyrico* (em 100 oitavas).

Cit. por Innocencio.

- 433)** Por delreminar (*sic*) a Junta do / serenissimo Estado, e Caza de / Bragança, / em acção de graças pela restabelecida (*sic*) saude do / senhor / dom Jozé I. / se cantasse / Te Deum laudamus / na igreja de / Nossa Senhora das / Necessidades. / Soneto / - - Em obzequio da mesma / serenissima, / real, / e felicissima / caza de / Bragança. / Soneto. //

S. l. (*Lisbon*) e s. d. (1759), in-fol., de 2 fls. inn.

- 434)** A clrey / nosso senhor / no seu felicissimo triumpho, / Romance hendecasyllabo. //

(In fine:) Lisboa, / na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno. / M.DCC.LIX. / //

In-fol., de 2 fls. inn.

Assignado: = *De Fr. Ignacio Xavier do Couto* —, auctor omitido por Innocencio.

- 435)** Sentidas / expressões / de hum coração magoado; / articuladas na occasião do atrocissimo, sacrilego / insulto com-

mettido contra a / vida, e sagrada real pessoa / d'elrey ;
Dedicadas / por / dona Maria / da Graça Fortunata C... ;
e comprehendidas nos seguintes Sonetos, / que faz imprimir /
dona Iniza Aurelia de Thoar, / amiga da Authora. / Lisboa: /
na Offic. de Manoel Antonio Monteiro. / M.DCC.LIX. / //

In 4.º, de 18—10 pp.

São 31 sonetos.

436) Vozes do gosto, / e / expressões do affecto / na conseguida
melhoria, da Vida, do nosso amabilissi- / mo, Mo-
narcha / de Portugal / d. Jozé I. / / Por / Antonio Correa
Vianna. / Lisboa. / Anno M.D.CCLIX. / Na Offic. de Jozê da
Silva Natividade, / //

In-4.º, de 14 pp.

Consta de: um *Romance heroico*, e trez sonetos.

437) Alla sacra maestá fedelissima / di / Giuseppe I. / / in
occasione della Messa solenne, e Te Deum laudamus, che si
canta in / Lisbona, / / in rendimento di
grazie all' Altissimo per la di lui felice ricu- / perata salute. /
Sonetto. //

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

Assign.: Mariano Bergonzoni Martelli.

438) Sonetto [ao mesmo assumpto].

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

Assign.: Del dottor Carlo Merosi &.

439) Festejando / o regimento / da cavallaria do Caes / com hum
Te Deum em Acção de graças o beneficio, com que mi- / la-
grossamente livrou Deos a vida do nosso Soberano, /
Soneto. /

(Infra:) De M. J. M. de C. e V. C. soldado do mesmo Regimento. // =
Illuminado-se toda a praça / na noite antecedente á festa. /
Soneto. /

(Infra:) Do mesmo Author. //

S. l. e s. d., in-fol., de 2 fls. inn.

440) Obsequio / em / acçam de graças / com que o ... / Senado
da Camera de Coimbra / solemnizou a conservação da /
vida de / sua magestade fidelissima / (In-fine:) Lisboa: na
Officina de Pedro Ferreira, / Anno 1759. //

In 4.º, de 4 fls. inn.

Traz a assign. do auctor: Fr. Jozé de Santa Margarida de Cortona &.

Consta de 15 sonetos.

- 441)** Relação / veridica / das festas, / com que a Nobreza, e Clero da / Cidade da Guarda applaudio / as melhoras / de sua magestade fidelissima / d. José I. /, que expõe ao público o mais amante, / o fiel vassallo / Manoel Teixeira / de Carvalho, / Familiar do Santo Officio, / Lisboa, / na Officina de Miguel Manescal da Costa, / / Anno de M.DCC.LX. / //

In-4.º, de 7 pp.

Auctor omitido no *Dicc. bibl.*, mas cit. por Figanière.

- 442)** Narração / poetica / do jubilo, com que a ... / Villa / de / Santarem / desempenhou este titulo na melhoria de seu ... / ...rey o senhor / d. Joseph / o primeiro d'este nome; repartido pelos dias, e noites de vinte e seis, / vinte e sete, e vinte e oito do mez de Janeiro / de 1759. /

(In-fine:) Lisboa: / na Offic. de Ignacio Nogueira Xisto. / / Anno M.DCC.LIX. //

In-4.º, de 8 pp.

Com a assign. do auctor: *Felix da Silva Freire*.

- 443)** Dos sollemnes gratulatorios / votos, que o Magistrado da / ... Villa de Setubal offeroceo em / ... culto à Divina Misericórdia no feliz / restabelecimento da / saude do nosso Rey o Senhor / d. Joseph I. / Diegesis. /

(In fine:) Lisboa, / na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno. / MDCCCLIX. / //

In-4.º, de 3 fs. inn.

Assign.: Por Francisco Manoel de Brito Mascarenhas. Este opusculo passou despercebido a Innocencio, que aliás cita outras produções do auctor. Consta de 15 oitavas.

- 444)** Ilha Terceira / plansivel, / ou / relação / do applauso com que foy / ouvida, e festejada na Ilha Terceira a noti- / cia da restauração da saude / do n. augusto monarca / d. José o I. / / escrita por hum / academico honorario / da Academia Real das Bellas letras da / Cidade de Sevilha. / Lisboa: / na Officina de Antonio Vicente da Silva- / Anno de 1759. / //

In 4.º, de 7 pp.

- 445)** Egloga / de Marino / pescador, / Pelagio / lavrador, (Sylvano pastor, / dedicada / ao ... senhor / Fr. Jozé de Quadros / / por / Caetano de Araujo Lasso. / Lisboa: / na Offic. de Manoel Antonio Monteiro. / M.DCC.LLX. / //

In-4.º, de 1 fl. — 20 pp.

Citado por Innocencio.

446) Discurso / gratulatorio, / que / em 8. de Março de 1759. / offereceram / nas reaes mãos / de / s. magestade / em nome da Camera / da Villa de Setubal / Joseph de Paiva e Souza, / e / João Nicoláo Vieira / da Silva, / actuaes Vereadores /

S. l. e s. d., in-fol., de 2 fls. inn.

447) Dezafoço / da / pena / mais sentida. / Composto pela M. Sora / Thomazia Caetana de S.^{ra} Naria (sic) / / Dado à luz por seu Pay / Manoel de Mira Valadim / / Lisboa. / na Officina de Pedro Ferreira, / / Anno 1759. /

In-4.^o de 3 fls. inn.

Consta de um Soneto e da respectiva Glosa em oitavas.

448, Ao rey fidelissimo / / triumphando do malevolo intento, com que se pre-/tendeo destruir a sua Real vida. / /

(In-fine:) Lisboa, / na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno. / M. DCC. LIX. / //

In-fol. de 2 fls. inn.

Assign.: De Fr. Joaquim de S. Pedro de Alcantara. Consta de 4 sonetos, e 2 decimas.

449) A's felices, / e suspiradas melhoras / de / sua magestade / fidelissima / Canção. /

S. l. e s. d., in-fol., de 2 fls. inn.

Assign.: D. Catharina Damasia Borges Teixeira.

450) Ao justissimo castigo / do sacrilego attentado contra a Pessoa / de Sua Magestade Fidelissima. / Soneto. //

S. l. e s. d., in-fol., de 2 fls. inn.

Assign.: Do Doutor Ignacio Carvalho Arcipreste de Guimarães.

Do mesmo auctor occorremahi outros dous sonetos.

451) Soneto. [ao mesmo assumpto].

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

Assign.: Fr. João da Annunciação Pomba &.

452) A ElRey N. Senhor, desembrindose / a Conjuração contra a sua Realvida. / Soneto. /

Mss., de 1 fl.

453) A' traiçam, e morte / do Duque que foi de Aveiro / da Joseph Mascarenhas, / Soneto. //

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

Assign.: D. Maria Theodora Antonia.

454) A elrey n. s. / Soneto. //

Ms. de 1 fl. Traz por assign. as iniciais *F. P. M.*, que são talvez de Francisco de Pina e de Mello.

455) No execrando insulto, commettido / a 3. de Setembro contra
a vida do Sua / Magestade Fidelis-sima. / Soneto. //

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

Assign.: *F. P. M.* (Francisco de Pina e de Mello?).

456) Jubilos / festivos, / epanaphora / augrarcense. / na qual se re-
latam as reaes / festas, que / ... fizeram os Cavalheiros
da / Cidade / de Angra, / da Ilha Terceira de Jers
(sic) Christo. / pela restaurada saude da / ... vida da Fidelis-
sima Magestade do / ... senhor d. Joze I / / Por
hum socio dos mesmos reaes / obsequios, / e natural da mesma
Cidade. / *Lieba:* / na *Offiona de Joseph Filippe.* / Anno
de 1760. //

In-4.º, de 20 pp.

Cit. por Fignanière.

457) Intimatio / facienda per cursores, / etiam domi dimissa
copia. //

S. l. e s. d., in-fol., de 2 fls. inn.

Traz a assign. de *Antonius de Sylva e Faria*. É o programma official da cerimonia, em que se-depoz a primeira pedra da egreja de N. S. do Livramento.

458) Per la regia funzione / della prima pietra fondamentale che
solennemente viene posta / da sua maestà fedelissima / nel
nuovo Tempio dedicato all' Altissimo, sotto la invocazione / di
Nostra Signora del / Liberamento, e S. Giuseppe, / / So-
netto / //

S. l. e s. d., in-fol. gr., de 1 fl.

Assign.: *Mariano Borgonzoni Martelli*.

459) A el-rey / nosso senhor, / lançando a primeira pédra / na
igreja / que edifica á Divindade, / no mesmo lugar onde o
quizerão assassinar. / Soneto. //

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

Assign.: *João Perez de Macedo de Souza Tavares*.

Noticia das ultimas Acções, e exequias dos serenissimos reys, rainhas e infantes de Portugal. Collegida por Diogo Barbosa Machado, Abbade da Parochial Igreja de Santo Adrião de Sever, e

Academico da Academia Real. Tomos I—III. Comprehem do anno de 1545. até 1754. (*Arm. do bibliophilo*).

TOMO I.

Comprehende do anno de 1545. até 1742.

- 460)** (*Arm.*) Apologia o defensa cõtra los q̃ quisierõ d'zir / q̃ no fue bien gastado lo q̃ se gasto en las reales exequias / que se celebraron en la muy insigne ciudad de Seuilla ala / muerte dela muy esclarecida seõora la princesa doña Ma / ria muger del muy esclarecido seõor el principe dõ Phi / lippe seõor nuestro. Cõ vna particular relacion delo q̃ ene / llas se hizo. Dirigida por el lieõciado Marcos Philippe / al muy illustre seõor don Pedro de Nauarra Marques de Cortes Marichal de nauarra. re. Asistente y Justicia / mayor de Seuilla r toda su tierra: con cuyo parescer y a / cuerdo se celebrou toda la solemnidad. //

S. l. e s. d. (*Sevilla*, 1545?), in-4.^o, de 24 fls. inn., char. goth.

A fl. 17 v. começa a oração proferida nas exequias por fr. Vicente Calvo, da ordem dos Dominicanos.

Precede o opusculo uma folha de rosto, de impressão moderna, e ao que parece mandada fazer pelo proprio Barbosa, com o seguinte titulo:

Relacion / de las / exequias / de la serenissima princeza / d. Maria / hija de d. Juan III. rey de Portugal, / e esposa del principe / de Castilla / d. Filipe / fallecida a 12 de Julio de 1545. / Fueron celebradas en la Cathedral de la / Ciudad de Sevilla / en 10, e 11 de Agosto del dicho año. //

- 461)** Trasladaçam dos ossos / dos muyto altos & muyto poderosos el Rey / dom Manuel & a Rainha dona Maria / de louuada memoria: feita por o muito / alto & muyto poderoso Rey dom / Joam o. III. deste nome seu fi. / lho (sic) nosso se-
nhor. //

S. l. e s. d., in-4.^o, de 10 fls. num. pelo rosto.

Este opusculo cit. por Higanière sob n.^o 152, foi publicado com o = *Summary da Pregaçam Funebra* do bispo Antonio Pinheiro, que adeante descreveremos, é pois de Lisboa, por Germão Galhardo, 1551.

- 462)** Relação / das exeqvias d'el Rey dom Philippe / nosso seuhor, primeiro deste / nome dos Roys de / Portugal. / Com algũs sermões que neste Reyno / se fizerão. / Com licença da S. In-
quisição. / Em Lisboa. Impresso por Pedro / Craesbeeck. M.DC. //

In-4.º, de 9 fls. num. pelo rosto.

Cit. por Figanière sob n.º 190; é porém de notar-se que aqui não figura toda o opusculo, por haver Barbosa destacando d'elle os sermões, que poz em outra collecção.

463. Dve relationi / vna dell' infermità / et morte / della non mai a bastanza lodata / Cattolica Reina di Spagna, / Ia Serenissima Donna / Margarita d'Avstria n. s. / Inuiata dal P. Simone Roxas, / / Et l'altra del Funerale, Pompo, Ornamenti, Vestiti, / & Apparati, tolte dalla / Lingua Spagnuola. / (Vinh.) / In Milano, / Et in Bologna, per Bartolomeo Cochì, 1611. / //

In-4.º, de 4 fls. inn.

464) Las hon / ras que ce / lebro la famosa, y / gran ciudad de Grana / da, en la merte de la / ... Reyna de España doña Margarita de Aus / tria, / ..., en 18. de Octubre, de 1611. con la descrip / cion de los Reales tumulos, y los demas / trabajos de ingenio. Recogido todo / por Pedro Rodriguez de Ardi / la, / Impresso en Granada, por Bartolome de Loren / çana. Año de. 1612. //

In 4.º, de 1 fl. inn.—30 fls. num. pelo rosto.

465) Relacion de la merte dela Sere / nissima Reyna de España Doña / Margarita de Austria, / Succdida / a los quatro de Octubre deste / presente año de 1611. / Compuesto por el Licenciado Iuan Feu. /

(In-fino:) En Barcelona, en casa Sebastian / de Cormellas, / al Call, / Año 1611. //

In-4.º, de 2 fls. inn.

Em verso octosyllabo.

466) Relaçam / da enfermidade, e morte del / Rey Dom Phelippe III. & o testamento que fez, com / outros graues documentos, & conselhos que deu ao / Principe, & Infantes, & o aleanta-mento do / nosso Rey Dom Phelippe IIII com todas / as no-vedades que succederão na / Corte atêgora. //

(In-fino:) Em Lisboa por Pedro Crasbeeck Anno 1621. //

In-4.º, de 4 fls. inn.

Cit. por Figanière sob n.º 191.

467) Relacion / de / la merte / de nvestro catolicis / simo y bien-aventurado / Rey y Señor Don Felipe Tercero de gloriosa / memoria, / / (Arm.) 1621 / Con Licencia del Señor

Conde Assistête de Sevilla, lo imprimiò en ella Juan / Serrano de Vargas y Vreña, //

In fol., de 2 fls. inn.

468) Relacion / de vna carta / que vn señor / de la Corte embio / a vn amigo / syyo. / En que trata de lo / que sucedio en la muerte del Rey Don / Felipe Tercero / / Y ansi mesmo le da cuenta de lo que el / nuevo Rey su hijo a comenzado a / hazer, y ha hecho hasta la / fecha desta. / / *Impressa em Lisboa por João Rodriguez. / Anno de 1621. //*

In-4.º, de 8 fls. inn.

469) Epitafios / o elogios / fvnerales / al rey / don Felipe III. / el piadoso. / El maestro Fr. Hortensio / Felix Paravicino / / de orden de su Magestad los escriuia. / (Arm.) / En Madrid, Por D. Teresa Iuntí, Impressora del / Rey Año M.DC.XXV. //

In-4.º, de 4 fls. — 20 pp.

470) Veríssima relacion / de las symptonissimas obsequias / que la Ciudad de Barcelona ha / hecho a la muerte del Catolico Rey / Philippo Tercero. / Compuestas por Miguel Porpinya hidalgo Sayagues. /

(In-finc:) *En Barcelona, Por Sebastian Matevad. / //*

In-4.º, de 2 fls. inn.

Não traz data, mas é provavelmente de 1621. Em verso octosyllabo.

471) Breve / relação / do symptonico / enterro que se fez / em 17. de Mayo de 1653. ao Serenissi- / mo Principe o S. D. Theodosio, desde / os Paços de Alcantara, do Real / Conuento de Belem, / onde foy depo- / sitado. / Por Lucas de Andrade / / Em Lisboa, por Antonio Alvarez / 1653. //

In-4.º, de 14 fls. inn.

Cit. por Innocencio e Figanière.

472) Elogio / fvnral do principe / d. Theodosio, / n. senhor. / Relação das exequias e lutos cõ que sentio / sua morte o Ex^{ma} Senhor. / João Roiz de Sá / Conde de Penaguião / / Embaixador Extraordinario em / Inglaterra. / Escrita por hum criado que assiste a / S. Excellencia. / Londres 25. Agosto 1653. //

In-4.º, de 1 fl. — 37 pp., com 1 est.

Innocencio e Figanière attribuem este *Elogio* ao proprio d. João Rodrigues de Sá e Menezes. Elle constitue uma especie bibliographica da

mais insigne raridade, pois que não ha noticia em Portugal de outro ex. emplar além do que figura em uma collecção de papeis varios do Archivo Nacional.

A estampa, que occorre á pag. 26 do *Elogio*, representa o catafalco erigido na capella do conde de Penaguião em Londres para o officio funebre, queahi se celebrou. Sobre um plintho de 5 degraus o tumulo coberto de panno preto franjado de ouro; sobre o tumulo duas almofadas com a mesma guarnição, e encima a coroa; do lado direito das almofadas uma imagem do Crucificado sobre uma peanha. O catafalco termina na parte superior por uma cupola, sustentada por 4 columnas de ordem composita: em cada um dos dous angulos anteriores, uma bandeira quadrada com as armas de Portugal; no meio, e rematando a cupola, dous unjos sustentando com ãa mão o escudo d'armas do principe, e com a outra ashas funeraes.

Na architrave esta inscripção: (*Mors ULTRA NON ERIT.*); em baixo e juncto á margem da estampa: *Wenclaus Hollar fecit. 1653.*

0,=156 de alt. X 0,=120 de larg.

A consulta da obra de Le Blanc, onde se acham aponctadas 541 obras d'este célebre gravador, deixa suppôr que a estampa referida não chegou até agora ao conhecimento dos iconographos; é pois talvez uma especie nova a acrescentar-se na obra de W. Hollar.

473) (Epitaphio latino posto no catafalco de d. Theodosio).
(*Londres, 1653*), in-fol. gr.

Vide o n.º precedente.

474) Breve / relação / do que succedeo / depois da morte / da
Serenissima Senhora / Dona Ioana Infante / de Portugal. / Por
Lucas de Andrade / / Em Lisboa. Por Antonio Alua-
rez / 1654. //

In-4.º, de 9 fls. inn.

Cit. por Innocencio e Figanière.

475) Ultimas / acções / delrey / d. João IV. / nosso senhor. / Es-
critas, & oferecidas / a rainha / Por Vicente de Guzman
Soarez / Por relação de quem assistio presente / a todas
ellas. / / Em Lisboa. / / Na Officina Orasberckiana.
Anno M.DC.LVII. //

In-4.º, de 3 fls.—56 pp.

Cit. por Innocencio e Figanière; ambos são de parecer que a obra é de d. João Rodrigues de Sá e Menezes, e não de seu amigo Soares sob cujo nome apparecem. Muito rara.

476) Relação / da morte, e / enterro da / magestado serenissima /
delrey d. Ioam o IV. de / glorioza memoria. / Por Francisco

Leytan da Silva / Caualleiro Professo da Ordem de Christo /
(Vinh.) / Em Lisboa. Na Officina de Domingos / Lopes Rosa.
Anno M. CD. LVI. (sic) //

In 4.º, de 8 fls. inn.

Opusculo rarissimo. Segundo se-infero de Innocencio e Figanière não havia em Portugal mais que um exemplar (na Livraria de Jesus, Pap. Varios⁴⁰⁹₂₈); mas esse mesmo parece que já alli não existe.

477) Ultimas / acçoens / da / serenissima rainha / d. Lviza / Fran-
cisca de Guzman / / Lisboa. / / Na Officina de Diogo
Snares de / Bulhoens. Anno 1666. //

In 4.º, de 13 fls. inn.

Não traz nome de auctor, mas é de fr. Manuel da Conceição.

478) Merevrio / portvguez, / com as novas do mez / de / Feve-
reiro / do Anno de 1666. / E se refere o fvnoral da rainha /
..... //

In-4.º, de 12 fls. inn.

479) Relação / summaria / do / funeral, / que se fez no Real Pa-
lacio / de Cintra ao ... Rey de / Portugal / d. Affonso VI. /
e de como foy conduzido o seu / cadaver em 20 de Setembro
de 1683 ao Real / Convento de Belém, onde jaz sepultado. /

S. l. e s. d., in-fol., de 2 fls. inn.

480) Noticias / da doença, morte, & funeral / do principe / d.
Pedro II. / de boa memoria, Rey de Portugal, / / que
offerecem, e dedicam / á Serenissima Senhora / d. Francisca
Josepha / infante de Portugal, / os Officiaes da Secretaria de
Estado. / (Arm.) / Lisboa, / na Officina de Antonio Pedrozo
Galvão. / / Anno de 1707. //

In 4.º, de 44 pp.

Cit. por Figanière.

481) Breve / compendio, / e / narraçam / do funebre espectáculo, /
que na insigne Cidade da Bahia, cabeça da Ame- / rica Por-
tugueza, se vio na morte de ElRey d. / Pedro II. de gloriosa
memoria, & n. / offerecido / á Magestade do Serenissimo Se-
nhor / dom Joam V. / rey de Portugal. / Composto / por So-
bastião da Rocha Pitta, / Fidalgo da Casa de Sua Magestade,
Cavalleiro professo da Ordem / de Christo, & Coronel do Re-
gimento da Ordenança (sic) da / Cidade da Bahia. / Lisboa, /
na Officina de Valentin da Costa Deslandes, / Impressor de Sua
Magestade. / Com todas as licenças necessarias. Anno 1709. //

In 4.º, de 14 fls.—92 pp.

A Bibliotheca Nacional possui um exemplar completo d'este raro opusculo; mas Barbosa não inseriu d'elle aqui sinão a primeira parte, que termina à pg. 52; o resto do volume é occupado pela Oração funebre do p. Domingos Ramos.

Contém: a dedicatória, poesias em applauso do auctor (de Francisco de Sousa de Almada, Luiz Botelho Froes de Figueredo, Felix Machado, Luiz do Couto Felix, visconde da Asseca, José Soares da Silva, p. João de Almeida e Julio de Mello e Castro); Licenças; o Compendio ou descripção das exequias, e composições poeticas, allusivas ao assumpto, dos seguintes auctores:

Sebastião da Rocha Pitta;
Licenciado Gonçalo Soares da Franca;
Capitão João Alvares Soares;
e capitão Thomé de Faria Monteiro.

482) Funerale / celebrato nella chiesa / di Santo Antonio / della
Nazione Portoghese in Roma per la morte / del Rô di Porto-
gallo. / don Pietro II. / l'anno MDCCVII /

(In-fino:) *In Roma, MDCCVII. / Nella Stamperia di Giorgio Placho*
..... / //

In-4.º gr., de 8 pp.

483) Funcral, / que se celebrou / na Real Igreja / de / Santo An-
tonio / da Nação Portugueza em Roma, / pela morte do so-
renissimo / rey de Portugal / dom Pedro II. / Aos 13. de
Septembro de 1707. / (Arm. port.) / Roma, / na Officina de
Antonio de Rossi na Praça de Ceri. / / M. DCCVII. //

In-4.º, de 31 pp.

E' traducção fiel do opusculo precedente. Citado por Figanière, que allude á existencia de outra edição in-12.º

484) (Collecção de 12 estampas a buril representando as exequias de d. Pedro II. celebradas na igreja de Sancto Antonio da Nação Portugueza em Roma, no anno de 1707).

1. — *Facies externa templi S. Antonij Nationis Lusitanice / in quo Funus Petri II. Portugallie Regis / lugubri humore celebratum est / Anno 1707. //* Em baxo: *Eques Carolus Fontana Inuen. et Delincauit. — Hieronymus Frezza et Dominicus Franceschini (sic) incidit.*

0" 535 de alt. × 0" 418 de larg.

Traz no alto a numeração de 1.

2. — *Ichnographia templi S. Antonij Nationis Lusitanicæ / in quo anno*

*1707 celebrata est Funeris Pompa ob mortem / Petri II regis
Portugalliae. /*

Em baxo: *Eques Carolus Fontana Inuen. et Del. = Domin. Francis-
chinus Incit.*

0^m,440 de alt. X 0^m,331 de larg.

Traz a num. II.

3. — *Facies interior Templi Arc maiori opposita Picturis exornata.*

Em baxo: *Eques Carolus Fontana Inuen. et Delineavit. = Nicolaus
(sic) Oddus incidit.*

0^m,444 de alt. X 0^m,334 de larg.

Com a numer. III.

4. — *Hiusdem faciei interioris Pars Superior.*

Em baxo: [*Eques Carolus*] * *Fontana Inuen. et Delineavit. = Hiero-
nymus [Frezza incidit.]* *

0^m,370 de larg. X 0^m,300 de alt. **

Sem num.

5. — *Ornatus maioris arcus in parte Sinistra Templi.*

Sem nome de gravador. Sem num.

0^m,378 de larg. X 0^m,300 de alt.

6. — *Ornatus maioris arcus in parte Templi dextera.*

Tambem sem nome do gravador. Sem num.

0^m,367 de larg. X 0^m,300 de alt.

7. — *Ornatus arcus Arc maiori impositi.*

Em baxo: [*Carolu*]s * *Fontana Inuen. et Delineavit. = Io: Hiero-
nymus Fr[ezza incidit.]* *

0^m,370 de larg. X 0^m,300 de alt. **

Sem num.

8. — *Latus Templi lugubri apparatu exornatum.*

Em baxo: *Eques Carolus Fontana Inu. et delineavit. = Nicolaus
Oddi et Dominicus Fräceschinus inciderunt.*

0^m,429 de larg. X 0^m,352 de alt.

Sem num.

9. — (Decoração e inscripções das faces anterior e posterior da
urna do catafáleo). A primeira, que representa o rei com
uma tocha acesa acompanhando o Sagrado Viatico, tem a

* As palavras postas entre paronthese e indicadas por este signal não existem no exemplar, por haverem sido aparadas nas margens da estampa.

** Pelo menos na largura a estampa devere ter maiores dimensões si não n'a
novessem matilado.

seguinte inscripção: *Sanctissimo ad Algrum Viatico cum Turbo
per deducto / eximium regiae conditioni honorem addit / Regem
Aulicum Dei. /* Sob a segunda, onde se vê o rei de joelhos
deante do altar da Virgem, lê-se: *Singulis anni sabbathis templo
Dei matris inuisendo addictis / Fortunatissimum Regno patroci-
nium spondet / Regem Virginis Clientem /.*

Em baxo, á direita: *Hieronymus Frezza [incidit]*.*

Com a num. de IX no alto.

0^m,445 de alt. × 0^m,280 de larg.

10. — (Decoração e inscripções das faces lateraes da mesma urna
funeraria). A primeira representa o rei sentado a distribuir
rosarios a pobres escravos, e tem por inscripção: *Vilissimis
mancipijs Fidei doctrina imbutis / pulcherrimum Coelo spectaculum
præbet / Regem Catechesis Magistrum /.* A segunda representa
olroi penitente sôbre um leito de taboas, e traz a inscripção
seguinte: *Voluntarie susceptis corporis afflictationibus / Dignis-
simum Deo trophæum sistit / Regem sui victorem /.*

Em baxo, á direita: *Hieronymus Frezza in[cidit].*

Sem num.

0^m,433 de alt. × 0^m,278 de larg. **

11. — *Castrum Doloris erectum Romæ in Templo / S. Antonij Nationis
Iusitance in Funere Petri II. / Portugallie Regis an. 1707. //*

Em baxo: *Carolus Fontana Inuen. et delin. = Nicolaus (sic) Odili
et Dominicus Francischinus Incid.*

Traz no alto a num. de XII, d'onde parece deprehender-se que aqui
falta uma estampa á collecção.

0^m,566 de alt. × 0^m,314 de larg.

Não sabemos que d'estas estampas se-haja feito menção até agora em
algum livro de iconographia; Le Blanc que d'entre elles é talvez o mais
extenso em relação a J. Jeronymo Frezza não lhe-attribue mais de 63 es-
tampas, e omittiu as que aqui vão descriptas.

- 485) *All' augusta memoria / di / d. Pietro II. / re di Portogallo /
in occasione delle pompe funebri fattegli nella chiesa / di S.
Antonio della Nazione Portoghese / di Roma. / Sonetto. /*

(Infra:) *Di Gio. Carlo Bruni. / In Roma, Per Antonio de Rossi
1707. //*

In fol. gr., de 1 fl.

- 486) *Cópia de huma carta / que escreveo / Joseph Pinto Pereyra /
ao Excellentiss. Scñ. / d. Anibal Albani / sobrinho de Sua
Sanctidade.. //*

S. l. e s. d., in-fol., de 2 fls. inn.

- 487) Pompa / funebre, / com que / o reverendo Cabido / da Sé Primacial de Braga, Sedo / vacante, / celebrou as Exequias / do senhor infante / d. Carlos, / filho segundo dos / reys nossos senhores. / (Vinh.) / *Lisboa Occidental.* / Na Officina de Antonio Correa Lemos. / Anno M.DCCXXXVI. / //

In-4.º, de 7 pp.

Cit. por Figanière.

- 488) Relação / do magnifico, e celebre mado- / lco, que erigio / a Santa Igreja Cathedral / do Porto / nas funeraes exequias / da ... senhora / d. Francisca, / de saudosa memoria. / Com a noticia dos emblemas, epitafios, / / Por Bernardo Fernandes Gayo. / *Lisboa Occidental,* / na Officina Joaquiniana da Musica, / M.DCCXXXVI. / //

In-4.º, de 2 fls.—10 pp.

Cit. por Figanière.

- 489) Culto / funebre / enterrecida parentaçam, (sic) / ou breve noticia / do demonstrado sentimento, com que a Santa Sé Primacial / de Braga / em Funesta, e ardente Pira Testemnhou a / sua magnificencia, e zelo, na occasião / da nunca bem sentida morte / da senhora infanta / d. Francisca / / Por Bernardo Fernandes Gayo. / *Lisboa Occidental,* / na Officina Joaquiniana da Musica. / Anno M.DCCXXXVII. / //

In-4.º, de 2 fls.—17 pp., com 1 estampa.

Cit. por Figanière, mas com sensivola lacunas. A estampa, cuja extenção elle não accusa, representa o cenotaphio erguido na Sé de Braga; e gravada em madeira por mão inhabil, e mede 0^m.164 do alt. X 0^m.120 de largura.

- 490) Relação / das / solemnissimas honras, / que na morte / do serenissimo senhor infante / d. Francisco / mandou celebrar / seu irmão / o serenissimo senhor / d. Joseph, / arcebispo, e senhor de Braga, / Primaz das Hespanhas. / Escrita / por / Rodrigo Joseph de Faria, / Beneficiado em S. Thome da Correlhão (sic), e Bacharel formado / na faculdade dos Sagrados Canones. / *Coimbra:* / no Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, Anno de 1742. / //

In 4.º, de 14 pp.

Esta especie bibliographica passou ignorada de Figanière, Innocencio e, o que mais é, do proprio Barbosa que a omitta na sua *Bibl. Lusit.*

Termina por um soneto do auctor.

TOMO II.

Comprehende o anno de 1750.

- 491) Relação / da / enfermidade, ultimas acções, / morte, e Sepultura do / ... senhor / d. João V. / Pela doutor Ignacio Barbosa Machado / / (Vinh.) / Lisboa: / na Officina de Ignacio Rodrigues. / Anno de MDCCL. /

In-4.º, de 55 pp.

A' vista do que nos assegura Innocencio, houve d'esta *Relação* outra edição da mesma officina e do mesmo anno, em que não apparecia por extenso o nome do auctor.

- 492) Desafogo / saudoso, / que / na preciosa morte, e sentidissimo transito do sem- / pre Augusto / rey de Portugal / d. João V. / / Offerece, e dedica à sua memoria / o padre / Dorotheo Quaresma / Penichense (pseud. do p. Theodoro Franco), / / Lisboa, / na Officina de Miguel-Manescal da Costa, / Anno 1750. / //

In-4.º, de 14 pp.

O exemplar está truncado; completo teria 20 pp.

Vide: *Elogios funebres oratorios e porticos*, tom. III, onde se acha o resto.

Cit. por Innocencio.

- 493) Descrição / funebre, / das exequias, que 'a Basilica / Patriarchal do S. Maria dedicou à memoria / do fidelissimo senhor rey / dom João V. / Escrita, e delineada / por Bento Morganti, / // Lisboa: / na Officina de Francisco da Silva. / Anno de MDCCL. / //

In-4.º, de 7 fls. — 54 pp., e 9 est.

O exemplar completo devesa ter 99 pp., mas Barbosa fez aqui o que em outros logares temos achado e se achará reproduzido: dividiu o opusculo, pondo aqui a primeira parte, e reunindo a outra aos *Sermões de exequias*, que a seu tempo descreveremos.

Houve d'esta obra de Morganti duas edições do mesmo anno e ambas da Off. de Francisco da Silva: a que ora se-descreve, edição do luxo e ornada de vinhetas abortas em aço, com 7 fls. inn. — 99 pp. (e não XVI — 99 pag. como diz Innocencio), e outra que este bibliographo parece não ter podido examinar, com 4 fls. inn. — 52 pp. Ambas as edições existem nesta Bibliotheca Nacional, e ambas trazem as 9 estampas, que são uma, de maior formato, representando o cenotaphio, e oito menores com as tarjas e emblemas: todas gravadas por Miguel Le Bouteux.

494, (Gazeta de Lisboa. N.º 32. Terça feira 11 de Agosto de 1750
Pgs. 629-632.

In-4.º, de 4 pp.

Este fragmento do n.º 32 da *Gazeta* traz a noticia dos ultimos momentos de d. João V, e narra as ceremonias de seu enterramento.

495, Relação / das reaes, e sumptuosas / exequias, / que a Veneravel / Ordem Terceira / da Penitencia / celebrou no
Templo do Real Convento do S. Francisco da Cidade de
Lisboa pela Alma do Muito Alto, / Rey / d. João V. /
..... //

S. l. e s. d., in-4.º, de 11 pp.

Citado por Figanière sob n.º 420.

496) Relação / das / solemnissimas exequias, e funeraes honras /
do / rey fidelissimo / d. João V. / o / magnanimo, / que se
fizerão na Cidade do Porto, / e que na Igreja Cathedral da
mesma / Cidade celebrou / o senhor / d. fr. Joseph
Maria / da / Fonseca e Evora, / / Composta, e orde-
nada / por / Rafael de Sá Bayeaca, e Montarroyo (pseud. de
Manuel Ferreira da Costa e Saboya). / (Vinh.) / Porto : / na
Officina Episcopal do Capitan Manoel Pedroso Coimbra, / Anno
de 1751. / //

In-fol., de 4 fls. — 18 pp., com 1 est.

Precede á *Relação* uma *Noticia preliminar*.

A estampa representa o escudo das armas portuguezas sustentado pela Fama á esquerda, e por um anjinho á direita.

Em baixo, á esquerda: *Glama Stroberlle. fecit. 1751.*

Dimensões da chapa: 0",217 de alt. X 0",116 de larg.

Do um trecho da *Relação* se-collige que foi de João Glama Stróberlle, o gravador aqui mencionado, todo o desenho do mausoleo. Era elle, como ali se-diz, habouense, e academico dos Arcades de Roma com o nome de *Telearco Alessiano*, estudou na Academia de S. Lucas, onde alcançou premio de primeira classe no anno de 1739.

Raczynski, que o-cita como pinctor de alguma nota, attribue a Cyrillo uma asserção de todo o poncto inexacta, qual a de dizer que Glama Stroberlle era allemão e viera ter a Portugal no sequito da rainha d. Marianna d'Austria. Não é isso o que se-lê nas *Memorias* de Cyrillo, o qual diz com muita clareza que João Clama Strebel ou Strabile (como elle erradamente o-chama) nascêra em Portugal, e fôra estudar em Roma peusionado por seu pae João Armando Clama. Raczynski caiu pois em mais um dos seus muitos equívocos, tomando como relativo ao filho o que Cyrillo só dissera alludindo ao pae do pinctor.

Nenhum dos auctores citados faz menção de Glama como gravador, e póde bem ser que isso provenha da pouca ou nenhuma pericia que o artista revelára nesta especialidade.

497) Relação / das exequias, / que se fizerão pelo falecimento / do
muito alto, poderoso, e fidelissimo / rey de Portugal / d. João
V. / / que na Cathedral do Porto / mandou fazer o
Prelado / da dita Diocese. /

(In-fine:) *Na Officina dos Herdeiros de Antonio Pedroso Galvão, /
..... Anno 1750. //*

In-4.º, de 4 fls. inn.

Cit. por Figanière sob n.º 422.

498) Acçoens / funebres, / e luctuozas demonstraçoens / do Senado,
Nobreza, e Povo da notavel Villa de / Trancoso da Comarcha
de Pinhel, / na falta do augusto, e inclito / senhor / d. João
V. / rey deste reyno, / no fim com luma Oração, que se re-
citou em o / Senado: Fama, e Gloriosas expressoens, na /
Aclamação e Exaltação / do senhor / d. José I. / /
(Vinh.) / Coimbra: / no Real Collegio das Artes da Compa-/nhia
de Jesu, anno de 1751. / //

In-4.º, de 15 pp.

A oração é do bacharel Caetano José de Ferreira e Sousa, e o mais
tambem parece pertencer-lhe.

Não cit. por Innocencio, nem por Figanière.

499) Relação / das exequias, / que se fizerão na Sé Metropolitana
de Evora, pela al-/ma do Muito Alto, Poderoso, e Fidelissimo
Rey / de Portugal / d. João V. / / as quaes mandou
fazer / / d. fr. Miguel de Tavora / Prelado da mesma
Metropoli. //

S. l. e s. d., in-4.º, de 4 fls. inn.

Cit. por Figanière sob n.º 423.

500) Relação / das solemnnes / exequias, / dedicadas / em 25., e 26.
de Settembro do anno de 1750. / pelos padres da / Congre-
gaçam do Oratorio / de / S. Philippe Neri / de Lisboa / á de-
funta magestade do / fidelissimo / rey de Portugal / d. João
V. / (Vinh.) / Lisboa: / na Officina de Ignacio Rodrigues. /
Anno de MDCCLI. / //

In-4.º, de 28 pp.

E' do p. João Chevalier. Cit. por Innocencio e Figanière.

501) Relação / das solemnnes / exequias / dedicadas / pelos / padres /

da Congregação / da Missão / em 25. e 26. de Outubro de 1750. / A' saudosa memoria / do fidelissimo rey de Portugal / d. João V. / seu augusto fundador. / (Vinh.) / Lisboa: / na Officina de Ignacio Rodrigues. / Anno de MDCCL. / //

In 4.º, de 11 pp.

É obra do proprio Diogo Barbosa Machado.

502) Relação / das / exequias, / que na morte delrey fidelissimo, / o senhor / d. João V. / mandou fazer na Cathedral de Braga / o serenissimo senhor, / dom Joseph, / arcebispo / / Escrita / por Rodrigo Joseph de Faria, / / (Vinh.) / Lisboa, / na Regia Officina Sylviana, Anno 1751. //

In-4.º, de 4 fls. imb. — 48 pp.

Faltam neste exemplar as 3 folhas preliminares com as licenças, e as pag. de 27 a 48, nas quaes se acha a oração fúnebre, que Barbosa destacou para a sua collecção de *Sermoens de exequias*.

Cit. por Innocencio e Fignière.

A Bibliotheca Nacional possui outro exemplar com as folhas preliminares.

503) Relação / das / exequias, / que pela Alma / do fidelissimo senhor rey / d. João V. / celebrou na Santa Igreja Cathedral de Viseu / o senhor / d. Julio Francisco / de Oliveira, / / Composta pelo padre / Manoel da Cunha, / / Lisboa, / na Regia Officina Sylviana, / M.DCC.LI. / //

In-fol., de 1 fl. — 23 pp., com 1 est.

Cit. por Fignière sob n.º 396.

A *Bibliographia historica*, fazendo memoria d'este opusculo, não allude á estampa que aqui o-acompanha. Ella representa o mausoléo descripto na *Relação* do p. Manoel da Cunha, e tem a seguinte subscripção:

G. F. L. Debrie sculp.º Regis del. et f. 1751.

E pois mais uma producção do buril d'este notavel Debrie, que tanto trabalhou em Portugal na primeira metade do seculo XVIII.

A chapa mede: 6^m,415 de alt. × 0^m,208 de larg.

504) Notícia / do apparato, e magnificas disposicoens, / com que forão celebradas / as solemnes exequias / de Sua Magestade Fidelissima / / d. João V. / na Igreja de Nossa Senhora / do Loreto em 14 de Janeiro de 1751. / pela naçam italiana / residente em Lisboa. //

S. l. e s. d. (1751), in-4.º, de 8 pp.

Cit. por Fignière, que faz menção de outra edição in-fol.

- 505) *Relaçam / das solennes / exequias / dedicadas / pelo
Reverendissimo / d. Joam da Sylva Ferreira / Bispo de Tan-
gere, Deão, e Prelado da Real Capella de / Villa Viçosa em
15. e 16. de Fevereiro de 1751. / A' saudosa memoria do Fi-
delissimo Rey / d. João V. //*

S. l. e s. d., in-4.º, de 8 pp.

E' o n.º 424 de Figanière.

- 506) *Relação / das / solennes exequias, / quo se celebrarão no Real
Convento / de Nossa Senhora, / o Santo Antonio, / junto a
Villa de Mafra, pela alma do / Senhor / d. João
V. / //*

*(In-fine:) Lisboa: / na Officina dos Herdeiros de Antonio Pedroza
Galvão. / Anno de M.DCC. L. / //*

In-4.º, de 4 fls. inn.

Cit. por Figanière sob n.º 421.

- 507) *Noticia / chronologica / dos / funeraes / que as Cidades, e
Villas do Reino do / Portugal dedicarão / á saudosa memoria /
do / seu fidelissimo monarcha / d. João V. / Madrid, / en la
Imprenta de Antonio Perez de Soto / M.DCULII. //*

1a-4.º, de 74 pp.

Não se-acha mencionado na Bibliog. hist.

TOMO III.

Comprehende do anno de 1750. até 1754.

- 508) *Relação / panegyrica / das honras funeraes, / que ás memo-
rias / do ... senhor / ... / d. João V. / consagrou a cidade da
Bahia / Corte da America Portugueza: / escrita, e dedicada /
ao senhor / d. Joseph Botelho / de Mattos, / arcebispo
da Bahia, / / pelo doutor / João Borges de Barros, /
. / com huma collecção de cinco orações funebres, / e
varias Poesias, Latinas, e Vulgares. / (Vinh.) / Lisboa, / na
Regia Officina Sylviana / M.DCC. LIII. / //*

In-fol., de 16 fls. — 326 pp.

A Bibliotheca Nacional possue um exemplar completo d'esta obra, mas aqui não figuram sinão 4 fls. preliminares, e a *Relação* propriamente dicta com 34 pag. de impressão. Segundo seu costume, Barbosa destacou para outras collecções os *Elogios* e as *Orações*.

Cit. por Innocencio e Figanière.

509) Monumento / do / agradecimento, / tributo da veneração, / obelisco funeral do obsequio, / relação fiel / das reaes exequias, / que á defunta Magestade / do ... senhor / d. João V. / dedicou / o doutor Mathias / Antonio Salgado / Vigario collado da Matriz de N. Senhora do Pil- / lar da Villa de S. João del Rey / / Lisboa: / na Officina de Francisco da Silva, / Anno de MDCCLII. / //

In-4.º, de 4 fls.—30 pp., com 1 est.

Assignada por Manoel Joseph Correa e Alvarenga.

A estampa intitula-se:

Representa o Monumento que mandou erigir o D.º Mathias Ant.º (sic) Salgado, Vig.º de S. João del Rey, nas crequas do FEDELÍSSIMO REY D. JOÃO O V. que em Gloria descança. /

Em baixo:

Stephanus de Andrade. Luct. del. = G. F. I. Debie Delineator et Sculptor Regis Portug. sculp. 1751.

É gravada a buril, não figura entre as obras conhecidas do famoso Debie, e mede: 0^m, 525 de alt. × 0^m,333 de larg.

510) Relação / das solemníssimas / exequias, / que a Cathedral do Santa Maria de Bellem / do Gram Pará / fez / á saudosa memoria do seu Augusto Fundador / / d. João V. / por ordem / do prelado / da mesma Diocese / D. Fr. Miguel de Bulhoens, / em que se dá também noticia da solemne Acção de / Graças, que a mesma Cathedral consagrou a / Deos, pela felice Exaltação / do / fidelíssimo rey / d. João I. / Escrita, / por hum anonymo. / Lisboa: / na Officina de Ignacio Rodrigues. / 1752. //

In-4.º, de 23 pp.

Cit. por Fignière.

511) Gemidos / seraficos, / demonstraçoens / sentidas, e obsequios do orcos nas Exe- / quias funeraes, que pela morte / do fide- líssimo, e angustíssimo rey o senhor / d. João V.º / fez celebrar nos Conventos / da Provincia de Santo Antonio do Brasil, entre / Bahia, e Pernambuco, o consagra / á sempre grande, excelsa, e soberana senhora / d. Maria Anna de Austria, / Rainha Mãe, / o reverendíssimo padre Fr. Gervazio do Ro- sario. / Pregador, Ex-Diffinidor, e Ministro Provincial da mes- / ma Provincia. / Lisboa: / na Officina de Francisco da Silva. / Anno de MDCCLV. / //

In 4.º, de 26 fls.—277 pp.

Aqui não se acham sinão as 12 primeiras folhas inn., que contêm a dedicatória e a relação das exequias.

As outras 14 contêm as Licenças e poesias várias em louvor do mesmo d. João V ; e nas 277 pags. numeradas se acham as Orações. Segundo seu costume Barbosa destacou tanto éstas, como aquellas para outras collecções (Vide adiante: Tomo III dos *Elogios funebres dos reis de*, e tomo VI dos *Sermoes de exequias*).

A Bibliotheca Nacional possui outro exemplar completo d'esta obra, que não é commum.

Quem fosse o auctor da relação não conseguimos averiguar, e posto que Innocencio aponete o livro sob o nome de fr. Antonio de Sancta Maria Jaboatão, é certissimo que a este preclaro franciscano não pertence sinão uma das orações.

512) Excos / funebres / das vozes saudosas, / que chegarã de Portugal á India / pela morte / do senhor / d. João V. / communicados / ao mesmo reyno de Portugal / pelos religiosos / da Companhia de Jesus, / da Provincia de Goa. / Lisboa / na Officina de Francisco da Silva. / Anno de MDCCXIII. / //

In-4.º, de 5 fls. — 65 pp.

Cit. por Figanière.

O final d'este opusculo, em que se acha a Oração funebre do p. Figueiredo, figura no Tomo VII dos *Sermoes de exequias*.

513) Exequias / a / magestade fidelissima / do senhor rey / d. João V. / por ordem / do fidelissimo senhor rey / d. Joseph I. / seu filho, o successor, / celebradas em Roma na Igreja do Santo Antonio da / Nação Portugueza aos 24 de Mayo de 1751 / (Vinb. com as arm. de Port.) / Em Lisboa, na Officina de Joam Maria Salzoni, Impressor / Pontificio da Vaticana. / M.DUCLI. //

In-fol., de 22 pp., com 20 est.

Cit. por Figanière, ainda que com alguma alteração do titulo.

Eis a descripção minuciosa das estampas:

1. — *Latus Templi lugubri apparatu exornatum.*

Em baxo: *Emmanuel Rodrigues de Sanctis Lusitanus Inven. et Delinavit* = *Joseph Vasi Corleonensis Sculpsit Romae Superiorum permissu Ann. 1751.* —

0^m,645 de larg. × 0^m,487 de alt.

2. — *Ichnographia Castri Doloris / Erecti in Templo S. Antonij Nationis Lusitanicæ ob mortem / IOANNIS REGIS FIDELISSIMI.*

Em baxo: *Emmanuel Rodrigues de Sanctis Lusitanus Inven. et delin.* — *Franzesco Mazzoni sculp.*

0^m 417 de alt. × 0^m,307 de larg. .

3. — *Facies externa Templi S. Antonij Nationis Lusitanicae / in funere Joannis (sic) V. Regij (sic) fidelissima lugubri honore celebratum est / Anno 1751. /*

Em baxo: *Emmanuel Rodrigues de Santis Lusitanus Inven. et Delincenti Joseph Vazi Corleonensis Sculpsit Romae Superior. perm. Ann. 1751.*

0^m,682 de alt. × 0^m,500 de larg.

4. — *Costa ou Doloris erectum in Templo S. Antonij Nationis Lusitanicae / in funere Joannis (sic) V. Regij (sic) fidelissimi Anno 1751*

Em baxo: *Emmanuel Rodrigues de Santis Lusitanus Inv. et Delin. — Joseph Vazi Corleonensis Sculp. Romae Sup. perm. A. 1751.*

0^m,608 de alt. × 0^m,424 de larg.

5. — (Medalhão do arco do zim'orio, correspondente á capella-mór, — representando o consorcio dos principes portuguezes com com os de Hispanha). Com a inscripção: *MVTVO. VTIIVSQUE. AVGVSTA. DOMVS. CONVIVIO / &.*

Em baxo: *Carlo Maigli del. = Francesco Mazzoni sculp.*

0^m,415 de larg. × 0^m,310 de alt. (?) (*)

6. — (Medalhão do arco do zimbório, correspondente ao corpo da egreja, — representando o convento de Mafra). Com a inscripção: *MAFRAE. TEMPLVM. ET. COENORIUM / &.*

Em baxo, á direita: *Francesco Mazzoni sculp.*

0^m,415 de larg. × 0^m,310 de alt. (?)

7. — (Medalhão do arco do zimbório correspondente á capella collateral da parte do Evangelho, — representando a assignatura da paz de Utrecht) Com a inscripção: *CONCORDIAE. RECVM / &.*

Em baxo foi provavelmente aparado o nome do gravador, mas tudo indica ser obra do mesmo *Francesco Mazzoni.*

0^m,415 de larg. × 0^m,310 de alt. (?).

8. — (Medalhão do arco do zimbório correspondente á capella collateral da parte da Epistola, representando a solemnidade com que o rei fazia convocar o povo para a procissão do Corpo do Deus). Com a inscripção: *CORPORI. CHRISTI. STATO. SOLEMNI. DIE / &.*

* Nestas e em outras estampas da serie o puncto de interrogação significa que não temos plena certeza das dimensões exactas da estampa, por estarem suas margens demarcadas a, aradas.

Em baxo: *Carlo Maiati del. — Francesco Mazzoni sculp.*

Dimensões: 0^m,410 de larg. × 0^m,310 de alt. (?).

9. — (Tarjão sobre o capitel da primeira pilastra do lado direito, — representando a victoria da armada portugueza que se mandou a soccorrer a republica de Veneza). Com a inscripção: *IN. AVXILIVM. REPUBLICAE. VENETAE.*

Em baxo: *Antonio Bicchierari del. e pinxit. — Gio. Batta Girardenghi sculp.*

0^m,369 de larg. × 0^m,310 de alt. (?)

10. — (Tarjão sobre o capitel da segunda pilastra, — representando a creação do novos bispados o a expedição de missionarios para paizes remotos). Com a inscripção: *FUNDATIS. EPISCOPATIBVS / &.*

Em baxo: *Antonio Bicchierari del. e pinxit. — Gio. Batta Girardenghi sculp.*

0^m,340 de larg. × 0^m,295 (?) de alt.

11. — (Tarjão sobre o capitel da terceira pilastra, — representando a creação de Academias e Collegios). Com a inscripção: *LITTERARVM. BRVDIS / &.*

Em baxo: *Antonio Bicchierari del. e pinxit. — Gio. Batta Girardenghi sculp.*

0^m,368 de larg. × 0^m,305 de alt. (?)

12. — (Tarjão sobre o capitel da quarta pilastra, — representando a creação da Igreja Patriarchal de Lisboa). Com a inscripção: *VLYSSIPONENSEM. ECCLESIAM / &.*

Em baxo: *Ant: Bicchierari del. et pinxit. — Io: de Franceschi sculp.*

0^m,369 de larg. × 0^m,305 (?) de alt.

13. — (Tarjão sobre o capitel da quinta pilastra, — representando os soccorros dados pelo rei ao povo por occasião da epidemia). Com a inscripção: *LYSTANORVM. METROPOLIM / &.*

Em baxo: *Antonio Bicchierari del. e pinxit. — Gio. Batta Girardenghi sculp.*

0^m,367 de larg. × 0^m,305 de alt. (?)

14. — (Tarjão sobre o capitel da sexta pilastra, a do arco da capella mór, representando a restauração dos templos e da disciplina ecclesiastica). Com a inscripção: *SACRIS AEDIBVS AVT. EXSTRUCTIS / &.*

Em baxo: *Antonio Bicchierari del. e pinxit. — Gio. Batta Girardenghi sculp.*

0^m,367 de larg. × 0^m,310 de alt. (?)

- 15 — (Tarjão sobre o capitel da primeira pilastra do lado esquerdo, —representando a esquadra portugueza juncto de Corfú.) Com a inscripção: CORCYRA / &.

Em baxo. *Ant: Biechierari del: et pinxit. — Io: de Franceschi sculp.*

0^m,369 de larg. X 0^m,305 (?) de alt.

- 16 — (Tarjão sobre o capitel da segunda pilastra, — representando a victoria contra os corsarios). Com a inscripção: FVVIS PI-RATIS / &.

Em baxo: *Ant: Biechierari del: et pinxit = Io: de Franceschi sculp.*

0^m,340 de larg. X 0^m,295 (?) de alt.

17. — (Tarjão sobre o capitel da terceira pilastra,—representando o rei no Parnaso rodeado de litteratos e artistas). Com a inscripção: KXTEROS. HOMINVS / &.

Em baxo, á direita: *Carlo Maiglì sculp.* A' esquerda percebem-se vestigios de um nome que foi aparado com as margens.

0^m,369 de larg. X 0^m,310 (?) de alt.

18. - - (Tarjão sobre o capitel da quarta pilastra, —representando a oração das trez cathedraes ultramarinas: do Pará, de Marianna e de S. Paulo). Com a inscripção: PARAENSI. MA-RIANNENSI. ET. S. PAVLI / &.

Em baxo: *Ant: Biechierari del. et pinxit. = Io: de Franceschi sculp.*

0^m,367 de larg. X 0^m,310 de alt. (?)

19. — (Tarjão sobre o capitel da quinta pilastra, —representando a victoria de Bonnavolô na India). Com a inscripção: PROFLI-GATO. TERRA. NAUQ. BONNAVOLONIO / &.

Em baxo: *Antonio Biechierari del: e pinxit. = Gio: Battista Girardenghi sculp.*

0^m,368 de larg. X 0^m,305 (?) de alt.

20. — (Tarjão sobre o capitel da sexta pilastra, a do arco da capella mór, —representando a grande fonte alimentada pelo encanamento das Aguas Livres). Com a inscripção: TAGO. HV MILIORI. ALVEO. RECEPITO / &.

Em baxo, á direita *Carlo Maiglì sculp.* A' esquerda (?)

0^m,367 de larg. X 0^m,310 (?) de alt.

Os auctores são geralmente omissoes sobre gravadores de segunda ordem, e talvez por isso que as estampas aqui descriptas não se acham mencionadas nos livros de iconographia. Vasi e Mazzoni são citados, é verdade, mas de suas obras mal se apponctam algumas especies. O que é

facto porém é que estes dous nomes não merecem ser esquecidos na turba-multa de artistas italianos menos que mediocres do seculo passado.

Ocorre tambem observar que d'estas estampas se infere ser exacto o que diz Andresen acerca de Giuseppe Vasi; era natural de Colonne na Sicilia, e não de Veneza como erradamente assegurou Basan

- 514) Relazione / del / funebre apparato / e magnifico mausoleo / oretto nella Regia Chiesa di Sant'Antonio dell'Inchta / Na-zione Portugheza in Roma. / per la morte di Giovanni V, / / In Roma MDCCLL / per Angelo Rutilj, e Filippo Bac-chelli / //

In-4.º, de 2 fls. inn.

- 515) Breve relação / do apparato funebre, / com que a Congrega-ção Real de Santo Antonio da Nação Portugueza / residente na Curia de Roma / celebrou as exequias / do / senhor d. João o V. / / no dia 29. de Mayo de 1751. //

In-4.º, de XII pp.

Saiu com o Sermão do p. Pedro da Serra (*Roma, Typ. Salomoniana, 1752, in 4.º*), que descreveremos adiante.

Cit. por Figanière.

- 516) Relação / das solemnissimas / exequias, / que o Real Con-vento de nossa Senhora, e Santo Antonio junto á Villa / de Mafra celebrou pela alma de sua Con-Fundadora / a ... rainha / d. Maria Anna / de Austria / a 2. de Setembro de 1754. / / Esenta por / Jacintho da Mota Fragoso / /

(In-flue:) Lisboa / Na Officina de Manoel Coelho Amado, / / Anno de M.DCC.LIV. / //

In-4.º, de 7 pp.

Cit. por Figanière.

- 517) Descripção / das / exequias, / que á / fidelissima rainha / de Portugal / a senhora / d. Maria Anna / de Austria, / / celebrarão / os / pp. procuradores / das Missões do Oriente da Companhia de Jesus / no Real Collegio dos Estallos Geraes desta Corte, nos / dias 24, e 25 de Setembro de 1754; / / Lisboa: / na Officina de Joaquim Tavares de Almeida, / M.DCC.LV. / //

In-4.º

So se-acha aqui a *Descripção* propriamente dicta, de pag. 19 a 16

- 518) Relação / das / exequias, / que na morte da senhora / d. Maria Anna / de Austria / mandou fazer / o senhor / dom Jo-seph, / arcebispo de Braga. / Escripta / por Rodrigo

Joseph de Faria, / / (Vinh.) / Lisboa, / na Regia Offi-
cina Sylviana, e da Academia Real. Anno 1755. "

In 4º, de 40 pp.

Aqui não se acham sinão as pags. de 5 a 12, com a *Relação* propriamente dicta, a Bibliotheca Nacional possui porém outro exemplar completo.

Cit. por Innocencio e Figanière.

519, (Noticias das exequias celebradas, em memoria da rainha d.
Maria Anna d'Austria, em Portugal e fóra do reino).

São 7 folhas, a que se acham collados varios fragmentos da *Gazeta de Lisboa*, dando noticia de exequias em: Caminha, Leiria, Faro, Santarem, Thomar, Porto, Alcobaça, Estremoz, Sevilha, Mafra, Lisboa, Castromarim, Coimbra, Evora, Villa Viçosa e Braga.

(*Continúa.*)

Francis Calvão.

CHARTAS DE ANCHIETA.

(CONCLUSÃO).

Publicam-se no presente fasciculo dos *Annuaire da Bibliotheca Nacional* as chartas de Anchieta a que nos-referimos nas pgs. 58 a 59 do volume I, na brevo noticia que demos acêrea d'este infatigavel varão apostolico. O leitor poderá assim comparar a epistola que designámos pelo n.º 10, traduzida litteralmente do latim, com a que foi conservada pelo abbade Barbosa Machado. Damos com isto por terminado o que tinhamos que dizer dos escriptos ineditos ou pouco vulgarizados do famoso missionario.

Não nos-despediremos contudo do assumpto sem corrigir ainda algumas inadvertencias de cópia e de impressão que escaparam neste trabalho, apesar do cuidado com que se-reviram os traslados e as *provas typographicas* de todo elle. O leitor versado nestas cousas emendará o que ainda deixarmos passar sem correção e nos-relevará decerto os erros commettidos.

Assim,

No vol. I, pag. 68. l. 23, faltam depois da nota (20) as aspas, que devem encerrar o periodo a que essa nota se-refero. Cumpro acrescentar que esse trecho foi tambem citado pelo sr. conselheiro Pereira da Silva como tendo sido publicado em uma das *Revistas do Instituto historico*; mas não a achámos em nenhuma d'ellas, a não ser na biographia de Anchieta, que citamos, escripta por Accioli.

Na nota (32), pag. 271, sahio errado o adverbio latino *scilicet*, e na (34) veio impresso *damnos* por — damos.

Na pag. 272 l. 6, ainda do 1.º vol., onde se lê *conrios*, deve ler-se — contrarios —.

Na mesma pag., l. 16, lê-se *ninhão*, quando deve ser — *unhão* — isto é, *vinhão*.

Na mesma pag., l. 21, onde está *força*, deve ler-se — *forra* —.

Na pag. 273, l. 4, onde vem *hũa*, lea-se — *sua*. Na l. 7 vem *a elle*, quando deve ser — *co elle*. Na l. 17 está — *a os parêtes*, devendo ser — *os parêtes*. Na penultima l. lê-se — *Não ã dias*, quando deve ser — *Não ã muitos dias* —.

Na pag. 274, l. 6, ainda do I volume, onde se lê *ameacado E determinado*, deve ler-se — *ameaçado E determinãdo*. Na l. 17 está *guardou*, em vez de — *guardoua*. Logo depois, na l. 20 vem *seja*, por — *sera* (*será*). Na l. 26 vem *destes* por — *destes* —. Na antepenultima l. vem — *destruição*, quando deve ler-se — *continuação*.

Na pag. 304 lê-se em mais de um logar — *Curupira*, em vez de — *Corupira*, e na l. 24 saiu, *o exercer* por — *o oxocer*.

Na pag. 305, entre as linhas 23 e 24 escapou o titulo da charta que ahí começa e é o seguinte:

« COPIA DE MUA DO IRMÃO JOSEPH para o P.^o geral, de s. vicente de março de 1562. R.^o a 20 de setembro do dito anno. »

A palavra em abreviatura — *aia* —, que vem na pag. 308, l. 21, que interpretámos por — *mia* — (abreviatura de misericórdia), não será antes — *ayuda* —?

No vol. II, pag. 79, l. 17, onde se lê — *tierra*. *E nos ñros*, deve ler-se — *tierra unos ñros*.

Na pag. 83, l. 4, saiu impresso, por má interpretação nossa, a palavra castelhana — *hato* (*fato*, em portuguez) alli substituida por — *sato* (*sancto*). A mesma palavra vem ainda alterada pelo mesmo motivo na pag. 87, l. 10. Corrija-se *lato* em um como em outro poncto por — *hato* —, e a contida no parenthesis, pag. 87, pelo termo portuguez *fato*. D'aqui agradecemos ao proveito homem de lettras, uma das mais legítimas, posto que modestas, glórias litterarias da França, o têr-nos proporcionado o meio de corrigirmos neste poncto essa nossa inadvertencia.

No mesmo volume, pag. 95, l. 13, falta o seguinte periodo — *mas p.^o q̃ nos mostrasse N. S.* —

Na mesma pag. e l. imprimiu-se — *vua* — por *vana* —.

Na pag. 99, l. 10, escapou na impressão o seguinte periodo depois da palavra — *veníera*: — *en Rehenes y era uno delos principales autores da quella fiesta, mostrandome* —.

Nesta mesma pag. 99, l. 21, faltam no principio as seguintes palavras — *los Indios* —.

Na pag. 109, l. 26, omittia-se depois da palavra —congoxoso—o seguinte período—a dizer (andando yo rezando cõ el breuiario en la mano, en el qual ellos pensauã q̃ dios me hablana) —.

Nas pagas 127 e 311 deixou-se de declarar que o escripto tinha continuação.

Occorrem ainda as seguintes *corrigendas*:

VOL.	PAG.	LINH.	ERROS	EMENDAS
I	267	3	<i>apartandose</i>	apartandose daqui.
»	268	25	<i>tambẽ sua</i>	tambẽ ensinou sua.
»	307	30	<i>leuã</i>	senan (se van).
»	308	22	<i>salas</i>	salud
II	79	10	<i>abũlan</i>	abũdar
»	»	21	<i>tormentos</i>	lormentas
»	»	25	<i>tengan</i>	vengan
»	80	7	<i>da parte</i>	dolante
»	»	22	<i>1564</i>	1568
»	»	27	<i>u yõ</i>	uino
»	»	»	<i>23</i>	25
»	»	28	<i>costa</i>	traste
»	81	18	<i>es</i>	p. ^r
»	»	19	<i>hasta</i>	hasta quedar
»	82	3	<i>Entrellas</i>	Entrellos
»	»	19	Falta uma palavra antes de <i>vencidos</i>	
»	83	18	<i>ẽtento</i>	trato
»	84	16	<i>prometiã</i>	nos prometiã
»	»	27	<i>usen</i>	usen dellos
»	»	28	<i>otros—buenos</i>	otras—buenas
»	85	4	<i>expediente</i>	expediente escrivir-se
»	»	9	<i>son mēbroas</i>	son verdaderos mēbros
»	»	24	<i>la matã</i>	las matã
»	86	18	<i>y bordos</i>	p. ^r bordos
»	»	22-23	<i>(ha) passad</i>	passa
»	»	23	<i>y seles</i>	y si seles
»	»	27	<i>ellos</i>	estos
»	»	35	<i>interujuierõ</i>	interuiniẽrõ
»	87	19	<i>mal</i>	mas
»	»	29	<i>todo</i>	todo esto
»	»	30	<i>nos</i>	dios
»	88	1	<i>Sato</i>	hato
»	»	29	<i>moradares</i>	moradores
»	»	35	<i>dichas</i>	diez

VOL.	PAG.	LNHL.	ERROS	ENENDAS
»	89	13	<i>ne</i>	en
»	»	33	<i>ajaa</i>	ajna (<i>aina</i>)
»	91	25	<i>con tolo</i>	con todo esso
»	92	24	<i>se passau</i>	passaua
»	93	8	<i>la q</i>	con la q. ^a
»	»	9	<i>todo</i>	todos
»	»	13	<i>islamos</i>	cōtamos
»	»	24	<i>Irato</i>	Tunto
»	95	18	<i>los</i>	las
»	»	29	<i>nos</i>	nos otros
»	96	11	<i>de creuir</i>	escriuir
»	»	11 12	<i>se passaron</i>	paesaron
»	97	1	<i>se</i>	ni
»	98	3	<i>presa</i>	presa
»	»	16	<i>de</i>	lo
»	»	24	<i>Jhús</i>	Jhú x. ^o
»	»	29	<i>sepudiesse</i>	a nado sepudiesse
»	101	11	<i>vjenen</i>	vjuen
»	»	28	<i>jua lo a</i>	jua lo a
»	102	10-11	<i>quedana</i>	quedana
»	»	14	<i>a pzar</i>	agorar do
»	»	19	<i>trlo</i>	to los
»	104	5	<i>noslo</i>	noslo
»	»	21	<i>pensar</i>	parece
»	»	26	<i>la</i>	pa (<i>para</i>)
»	»	31	<i>a nuestras ordenes</i>	en nuestras manos
»	»	32	<i>no he</i>	no he de
»	106	25	<i>ua muchos</i>	ua mucho
»	»	30	<i>traja</i>	tres o
»	107	14	<i>Jutis</i>	Tupis
»	»	24	<i>no fuero</i>	no le fuero
»	108	31	<i>é la</i>	Cuja es
»	»	31	<i>passado</i>	possamos
»	109	26	<i>sospeche</i>	sospecho
»	110	6	<i>visitando</i>	visitando yo
»	111	4	<i>alodo me</i>	atodo loqual me
»	»	36	<i>nos</i>	uos
»	112	29	<i>p.^a una</i>	p. ^a que vna
»	113	14	<i>mantenimiento</i>	mantenimiento
»	»	25	<i>Leuatar</i>	Leuatar bien lavela,
»	115	22	<i>(ira)</i>	(ira)

VOL.	PAG.	LINH.	ERROS	EMENDAS
»	116	1	<i>sumo</i>	humo
»	»	25	<i>algunos delos</i>	algunos
»	117	15	<i>y atientos</i>	y mas atientos
»	120	16	<i>ya passado</i>	ya era passado
»	»	29	<i>hiziessen</i>	hiziessen algunas
»	121	34	<i>Curajyano</i>	(cirujiano)
»	123	6	<i>dexamos tan</i>	dexamos

Seguem-se as chartas.

T. DE MELLO.

Carta del Hermano Ioseph que scriuio del Brasil alos padres y hermanos dela compañia de Iesvs en Portugal.

Estamos padres y hermanos charissimos en esta India del Brasil debaxo dela obediencia de nuestro reuerendo en Christo padre Nobrega repartidos en quatro partes, en la ciudad del Saluador dõdo reside el gouernador y el Señor Obispo, y aqui se tiene cuydado de enseñar los niños. En la capitania de puerto Seguro donde vn padre nuestro visita quatro poblaciones con mucho trabajo, y algunas vezes va a vna q̃ esta day seys leguas, dello que se espera mucho fructo, tambiẽ aqui ay vn hermano q̃ enseña la doctrina y a leer y scriuir a los niños, esta capitania de Puerto Seguro esta dela ciudad del Saluador sesenta leguas, en la capitania del Spiritu Sancto ay tambien vna casa dela Compañia donde por gracia del Señor se haze fructo en el predicar, aqui ay muchos esclauos, y enseña les la doctrina Christiana, esta capitania esta ciento y veynte leguas dela ciudad del Saluador, en la capitania de Sant Vicente que esta dela ciudad del Saluador dozientas e veynte leguas ay mas gente dela Cõpañia que en ninguna otra parte donde hizo juntar el padre Nobrega muchos niños hijos de Indios, enseñaronles la doctrina y a leer y scriuir. Agora nos hemos passado a esta poblacion de Indios que se llama Piratininga donde estamos entre los Indios, dia dela conuersion de S. Pablo diximos la primera missa en este lugar, agora con el ayuda de nuestro Señor nos ocupamos en la doctrina destes Indios, y en

rogar al Señor que abra la puerta para la conuersiõ de mucha naciones de que tenemos nuevas y en q̃ parece se hara mucho fructo por no auer entre ellas costũbre de comer carne humana, estos Indios entre quien estamos agora nos dan sus hijos para q̃ los doctrinemos y por la mañana despues de la lecciõ dizen las letanias en la yglesia y ala tarde la salue, aprenden las oraciones en portugues y en su propria lengua, y por gracia del Señor vienen muchos, assí hombres como mugeres los domingos a missa, y los que s̃o cathecuminos se salen despues del offertorio importunã mucho por el Setõ baptismo, mas tienese mucho auiso de no baptizarlos hasta auer dellos mucha experieñcia, por la q̃ setiene desta terra, algunos innocẽtes hã passado aqui esta vida baptizados, los quales esperamos rueguẽ por nos y por sus padres anro Señor, vn Indio principal q̃ vino aqui de mas de oien leguas a conuertirse a nra Sãta fee murio con señales de buen xpauo, recibida el agua del baptismo: este nos decia muchas vezes q̃ vn hijo suyo inocẽte el qual auia fallecido baptizado, le auia muchas vezes d'l cielo dicho q̃ d'xasse los horrores d'la gẽtilidad, y por sin dubda tenia q̃ le auia traído aqui.

Estos Indios tienẽ grãdissimas guerras entre si vnas naciones cõ otras lo q̃ es comũ en toda la India del Brasil y d'spues q̃ aqui estamos fuerõ ala guerra, y vn dia antes dela batalla hizieron vna cabaña segũ su costũbre donde pusierõ vna calabaga hecha almodo de rostro humano ataniada con plumas, los hechizeros q̃ hazẽ esto llamã Pages para sacrificarle y preguntarle del successo dela guerra, y como llamassen a nõs Cathecuminos, ellos respõdieron q̃ todo aq̃llo era grande falsedad, y q̃ ellos esperauã la vitoria de su dios, y el dia siguiẽte pareciendo grande muchedũbre d'emmiços comẽçaron a desmayar, y vna muger ya baptizada del capitan desta poblacion q̃ auia ydo consu marido, los comẽço animar amonestandoles q̃ hiziessen la seña del cruz en la fuente, los enemigos fueron vencidos, los Cathecuminos dierõ muy grãde seña de ser entera su intencion, porq̃ alos enemigos q̃ matarõ q̃ antes solian comer con grandissimas fiestas, dexaron enterrados, los quales desenterrarõ y comieron los mismos desu parte, porq̃ tornarõ al lugar de la batalla como ellos acostũbran y

pensauan q̃ estas eran delos cōtrarios los q̃ hazē estas hechizerias q̃ dixe son muy preciados d'los Indios y persuadenles q̃ en su poder esta la vida o la muerte no osan con todo esto parecer delante de nos otros, porq̃ descubrimos sus mentiras y maldades, esperamos en la infinita misericordia de xpo nro Señor q̃ assi por los q̃ aca estan como por los q̃ la sancta obediencia enbiara se pondra remedio ala ceguedad en q̃ estā tantas naciones de Indios, y crean charissimos hermanos que aun que en estas partes ay falta delas cosas exteriores que nuestro Señor quien las quiere assi por su amor da mucha alegria ynterior, lo que se vee bien aqui que desde Eaero hasta agora estamos siēdo algunas vezes vñte personas en vna casa hecha de madera y paja, la qual tendra de largo catorze passos y diez en ancho que nos sirue de escuela dormitorio y rectorio, enfermeria, y coquina y dispensa y con acordarnos que nuestro Señor Iesu Christo nacio ē vn pobre pesebre entre dos animales y morio en otro lugar muy mas estrecho estamos muy contentos enella y muchas vezes leemos la lection de gramatica en el campo.

El principal mantinimento desta tierra es vna harina de palo que se haze de ciertas rayzes que llaman Mandioca, las quales son plantadas y labradas a este fin y sisecomen crudas o assadas o cozidas, matan porque es necessario echarles en agua hasta que se pudran y despues de podridas se deshacen en harina, este es el principal mantinimento con algunas legumbres y hojas de mostaza tambien los Indios nos dan algunas vezes alguna carno de caça y algunos peces, y muchas vezes ñro Señor donde menos esperauamos: nos socorre y somos muy obligados a su bondade que en tanta falta de las cosas corporales nos da sanidad y fuerças.

Estos son los lugares en que estan personas de la cōpañia, y en otro lugar de los Indios estan dos padres nuestros con otros hermanos sembrando la palabra de Dios, esta Piratininga en que agora estamos esta veynte i quatro grados hazia el medio dia y toda esta desde la primera habitaciō de los portugueses que es en Pernābuco hasta aqui y aun mas adelante es de trezientas leguas poblada de Indios que tienen por sumo deleyte comerse vnos a otros e muchas vezes van a la guerra y auiendo andado

mas de cien leguas si captiuan tres o quatro se tornan con ellos y con grandes fiestas y cátares los matan vsando de muchas ceremonias gentlicas y assi los comen beniendo mucho vino que hazen de raizes, y los miserables de los captiuos se tienen por muy hòrrados por morir muerte que a su parecer es muy gloriosa, esta naciõ de Indios de aqui creemos que se estiende mucho por la tierra adentro, fuera destas naciones que he dicho ay otra naciõ enel Brasil muy estendida que se llama Carixos, muy mas manssa y capaz delas cosas de Dios, estos estan ya de baxo del poder d'l Emperador tenemos experiencia dellos por algunos que tuuimos aqui ynstruyendolos è la fec. Siguen se depues destas otras naciones ynnumerables por la tierra a dentro hasia el, occidente hasta el Peru, y la mayor parte dellas ha corrido agora el padre Aspilcueta como sabreys por su carta òtre estos por no se comer carne humana y por ser mas llegados a razõ esperamos en el Señor q̃ quando, fuerẽ visitados se hara mayor prouecho y mas firme a estas naciones està juntas otras muy muchas de Indios q̃ por nõbre proprio se llamã esclauos y se estiondẽ hasta el rio de las amazonas.

El hermano Pero Correa q̃ sabe muy bien la lõgua d'l Brasil y tiene mucha autoridad entre los yndios por el mucho tiempo que gasto enesta tierra antes de ser dela compaña, fue con dos hermanos a veer si podria abrir camino a vn genero de yndios que llaman Ibirajaras de los quales tenemos noticia son muy llegados a razon porque obedecen a vn señor y no tienen mas de vna muger ni comen carne humana ni tienẽ ydolatria ni hechizeria alguna, y segun oymos assi enesto, como en otras muchas cosas se differencian mucho delos otros yndios y para descubrir este camino fue a vnas poblaciones de Indios donde nos escriuio que auia sido recebido muy bien, y que determinauan aquellos yndios de hazer vna grande poblacion para que nros hermanos que alla fuessen ensenarlos lo hiziesen con mas facilidad, y para prueua deste su deseo ser verdadero le entregarõ vn yndio Xpiano aquiẽ ya aparejauan sus miserables solenidades para de ay a poco tiempo comerlo. Tambien soltaron vn castellano que tenian captiuo, dexando pues el padre aqui vn hermano que los ensenasse se partio

a seys de Octubre para effectuar loque dixe. Agora hemos sabido unas nuevas las quales deuē ser de grandissima consolaciō para todos, y si queremos ser agradecidos deuemos de dar ala summa bondad muchas gracias por ellas y poresso les scriuire largo

El padre Manuel de nobrega cōbio al hermano Pero Correa a descubrir los Iuirazaras: y tãbien auia otra cosa de mucha importancia que auian de hazer que era procurar passada a unos castellanos de calidad que con sus mugeres nobles y delicadas aportaron aqui yendo ala ciudad del Pargay que es subiecta al Emperador, y como no pudiesen yr por tierra despues de algunos años costreñidos de la pobreza determinaron yrse por mar hasta vnas aldeas de yndios, el hermano Pero correa les auia de esperar para hazer q̃ los yndios no les hiziesen mal, partio pues cō otros dos hermanos dia de S. Bartolome despues de recebido el Sanctissimo Sacramento y con muchos trabajos y hãbres llegarō a vn río q̃ se llama Cuparagay donde se presumia q̃ auian de yr a salir los castellanos, y enel camino le sucedió lo q̃ dixe atras, ynohallando los aqui despues de auer predicado la palabra de dios como auia hecho por las aldeas atras por el camino dexo los indios muy pacificos, no solamente determinados de no hazer mal alos Castellanos quando viniessen, mas ocupados en hazerles mantenimientos, y assi se partio adelante dexando vn hermano para curar el castellano captiuo q̃ dixe atras que estava maltratado y despues de el sanar ēfermo el hermano, los indios al principio le fauorecian, mas acontecio que mataron vn contrario con sus fiestas acostumbradas y el hermano ansi enfermo como estava trabaja con muchas razones apartarlos desto, diziendoles quantas cosas Dios nro señor auia criado enel mar y en la tierra para su mantenimiento, y despues se fue a sus casas y les tomo vn pedaço de carne que hallo puesta al humo, ellos le tomaron por esto grande odio, y ēfermo como estava se vino, loores al señor q̃ nos lo restituyo.

El hermano Pero correa passo adelãte cō el hermano Iuan de Sosa, el demonio persuadio aquellos yndios auiedo mostrado al principio mucha beneuolencia y amor a los hermanos y queriendosse ellos ya boluer que creyessen que yuã por espías de otros yndios

sus enemigos y assy d'spediendosse salieron con ellos diez o doze yndios principales y estando apartados ya delas poblaciones començarõ a flechar el hermano Sosa (que segun dizen) se puso de rodillas loando al Señor, y assi le mataron. El hermano Pero correa que viendo esto les començo a hablar, y la respuesta dellos era flechadas, el todavia estamo hablando con ellos vn rato recibendolas hasta que no pudiendo mas sufrirlas dexo el bordon que traya y se puso de rodillas encomendando su alma al Señor y assi murieron nuestros dos hermanos, bendito sea el Señor, a nos otros mucha consolacion nos cause su muerte y pedimos otra semejante al Señor, y agora creemos que quiere fudar aqui su yglesia pues labra piedras desta manera para el fundamento, con esta consolacion tenemos mezclado assaz de dolor y soledad que nos queda de su suauisima conuersacion, el hermano Pero Correa era vn hombre de los principales portugueses q̃ auia en el Brasil y andaua en vn nauio salteando estos yndios p̃sando que en esto hazia gran seruicio a Dios porque los sacaua de sus tierras y los traya aley de los Christianos, y por ser noble y muy prudente era muy temeroso de Dios y assi fue el primero que en esta tierra entro en la compaña y en cinco años que estubo enella aprouecho mucho con la lengua que el sabia muy bien y con el buen talento que Dios nro Señor le auia dado y mucho credito q̃ enesta tierra tenia con los Indios hasta que murio en seruicio de sus animas, y bien lo mostrarõ aqui los Indios en lastimas que dixeron, ontre otros plantos, fue notable el que hizo, este principal de Piratininga que se llama Martin Alonso, q̃ des dela media noche hasta la mañana andauo al derredor de sus casas segun ellos acustobran (*sic*) diziendo lastimas que nos otros oyamos. s. (*scilicet*) ya murio el señor del hablar aquel que siempre nos hablava la verdad aquel que conel coracon nos auaua, ya murio nro padre, nro hermano, nro amigo, y otras cosas semejantes, el hermano Iuan de sosa tambien fue de los primeros que aqui entraron en la Compaña (*sic*), donde nos dio a todos muy buen exemplo, y assi del officio de cozinero le llamo el señor a tã gloriosa muerte, no podemos dexar de nos auergonçar viendo q̃ dos hermanos recebidos en el Brasil corrierõ mas que nosotros que venimos de Portugal, plega a nuestro benignis-

simo Iesu darnos a todos su gratia para que en la vida y en la muerte nos conformemos con su sanctissima voluntad.

Una cosa deseamos aca todos y pedimos mucho a nro señor sin la qual no se podrá hazer el fructo en el Brasil que deseamos, yes que esta tierra toda sea, muy poblada de Xipianos que la tengan subjecta, porque la gente es tan indomita y esta tan encarnicada en comer carne humana y exempta en no recognoscer superior, que sera muy difficultoso ser firme lo que sea pintare, gino ouiere este remedio, el qual continuamēte piden aca los padres y hermanos a nuestro señor y estan muy consolados por auer quasi certeza q̃ por la tierra a dētro se descubren muchos metales porque con esto se habitara mucho esta tierra, y estos pobres Indios que tan tiranizados estan del demonio, se conuertiran a su criador, el nos tenga siēpre a todos de su mano.

DESTA PIRATININGA.

Carta del Hermano Ioseph.

La gracia y amor de nuestro señor Iesu Christo sea siempre en nuestro continuo fauor y ayuda amen

Charissimos padres y hermanos, grande erco q̃ sera el deseo q̃ alla tendran de saber de nos otros, porq̃ si le medimos por el que nos otros aca tenemos de saber dellos no puede dexar de ser muy grãde. Mas es neçessario q̃ tengamos paciēcia pues de año en año apenas parte vn nauio, sera esto ocasion de mas yntinamente nos amar y vnir spiritualmente pues ni aun por cartas podemos corporalmente en lo qual no les damos ventaja porque no se puede apartar d'nros coraçones la continua memoria que dellos charissimos hermanos tenemos de su venida para coger algun fructo del mucho que por falta de obreros se pierde en estas grandissimas tierras de la gentilidad que estan muy secas por falta de la agua saludable de la palabra de Dios, estamos como les he scripto en esta aldea de Piratininga donde tenemos vna gran escuela de niños hijos de Indios ensenados ya a leer y escriuir, y aborrecen mucho las costumbres de sus padres, y algunos saben ayudar a cantar la missa, estos son nuestra alegria y consolaciō

porque sus padres no sō muy domables, puesto que sean muy diferentes delos delas otras aldeas, porque ya no matan ni comen contrarios ni beuen como de antes, dia de Sant lorente si dieron algunas ropas a algunos dellos del paño que el Rey nos da de limosna, cosa con que huelgan mucho, y assi las ropas delas pocas se juntan a catar cosas d'Dios en su lengua, algunos d'otras aldeas se vienē aqui a possar en esta cō sus casas.

De la manera de los Carijos d'que otras vezes sereui y de otras naciones para las quales ay por aqui abierta entrada tenemos muy buenas nueuas y mucha esperança que ha el señor de hazer enellas mucho fructo, y aun agora tenēmos mas que nueuas, por que ha venido aqui vn principal destos Indios que llaman Carijos que es Señor de aquella tierra cō muchos criados suyos yno vino a mas que a buscarnos para que vamos a sus tierras a éseñarles, dizenos siempre q̄ ellos estan allá como biestas syn saber las cosas de Dios, y afirmo los charissimos hermanos que es buen Xpiano y muy discreto que ninguna cosa tienē de Indio nro Señor por su ynfinita mysericordia plāte ē toda la tierra su sācta lo librūdola del grā captiuerio ē que esta del demonio, lo que todos charissimos hermanos deuē pedir cō mucha instācia a nro señor cada dia cō sus oraciones acordādosse en ellas de nos otros, a quaze de Março de 1555.

ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA.

NOTICIA DAS OBRAS MANUSCRIPTAS E INÉDITAS RELATIVAS Á VIAGEM PHILOSOPHICA DO DR. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, PELAS CAPITANIAS DO GRÃO-PARÁ, RIO-NEGRO, MATTO-GROSSO E CUYABÁ. (1783-92.)

POR ALFREDO DO VALLE CABRAL.

III.

Códices de collecções particulares.

A

Pertencentes ao sñr. d.^o João Antonio Alves de Carvalho.

(Continuado de pp. 67.)

- 20) Propriedade, / e / Posse / das Terras do Cabo do Norte / pela Corôa do Portugal. / Deduzida / dos Annaes Históricos do Estado / do Maranhão; e de algumas Mo / mórias, e Documentos, por onde / se achão dispersas as suas Provas. / Por / Alexandre Rodrigues Ferreira. / Pará / em 24 de Abril de 1792.

Original, com correções do proprio punho do auctor. O título é escripto por letra sua.

Consta de 30 ff., estando numeradas as 21 primeiras. Mede 27 centímetros de altura por 15 de largo.

Entre as folhas 20 e 21, acha-se uma pequena tira de papel onde vêm os §§ 46 no recto e o 49 no verso.

Veja-se a descripção do exemplar tambem original da Bibliotheca Nacional sob n.^o I, 35; e cumpre dizer que este ultimo é mais completo nas novas modificações (ainda que pequenas) que soffreu a memoria como fica

declarado em seu lugar Não traz o exemplar do sr. Carvalho a charta final que fizemos inserir no lugar já indicado.

D'esta memoria possui o Archivo militar nada menos de trez cópias, as quaes ficam descriptas sob n.º II, 3.

- 21) Observações / Philosophicas, e Politicas / sobre / as verdadeiras causas, que retardão os progressos do / Commercio, e da Navegação interior / entre as Capitánias do Pará, Rio Negro, Mato grosso, e Cuyabá. / Extrahidas / do Diario da Viagem Philosophica pe / las sobreditas Capitánias, desde o anno / de 1783 até ao de 1792. / Rio Negro. / Diario da V. Philos. Cap. 22. / Artigo Commercio. /

Apenas consta de uma folha que mede 19 centímetros de altura por 12 de largo, contendo o titulo acima e umas pequenas notas, tudo escripto da propria mão do naturalista.

Não traz o seu nome.

- 22) Propriedade / e / Posse Portuguêza / das Terras cedidas aos Franceses, / na margem Boreal do Rio / das Amasónas. /

Com. = O que se cedeo aos Francezes, não se usurpou aos / Espanhoes; nem pela Costa do mar, onde / desagua o Rio das Amasónas (Primeira Par / te), nem pelo Certão da sua margem boreal, / desde as Cabeceiras do Araguay, linha / recta até ao Rio Branco (Segunda Parte). / =

Ac. = Em nenhuma (sic) caso destes se comprehende, / nem o que cedemos á Leste do Rio Bran / co; nem o que ainda nos fica pertencen / do para Oeste delle. / — Para demonstrar isto, se ajunta a es / ta Memoria a Carta Topografica / da Capitania do Rio Negro. / — Em 13 de Setembro de 1802. / =

Autographo. Consta de 5 ff. não num., medindo 27 centim. de altura por 12 de largo.

Vejase sob n.º I, 50 a descripção da cópia authenticada pelo conselheiro Manoel Jose Maria da Costa e Sá, que possui a Bibliotheca Nacional.

Como na cópia da Bibliotheca, faltam as trez chartas geographicas.

A charta de d. João de Almeida de Mello e Castro de 13 de Setembro de 1802 acha-se não no final, como na cópia pertencente á Bibliotheca, mas á margem esquerda da primeira folha onde começa a memoria. No fim, porém, nas duas ultimas folhas, occorrem trez chartas do auctor por cópias do proprio R. Ferreira, as quaes passamos a reproduzir na integra, ainda que duas sejam de assumptos alheios á memoria.

El-as:

- 1.ª) • Snor D.ª Joseph Egydio Alvares de Almeyda —

Meu Amigo e Senhor, — A' inclusa he huã Copia da Memoria que escrevi, e remetti a S. Ex.^a o S.^a D. João de Almeyda, para servir de Demonstração do Direito, e Posse das Terras, que cedemos; as quaes fiz configurar em duas Cartas Topograficas do Alto, e Baixo Amasónas.

« A verdadeira Demonstração, não padece duvida, que erão 503 homens em campo; e que esses temos nos; porem creio que em Mappas, e sobre tudo nos Livros da Thesouraria das Tropas.

« Esperemos pois pela hora da Seção, que dizem, que todo o Leão a tem; e então veremos, se lhe despontamos as unhas, para nos não sarjar tão profundamente como faz, com ellas agudas.

« Tenho a honra de ser — Fiel captiveiro e cr.^a — *Alexandre Rodrigues Ferreira.* — Em 16 do Setembro de 1802. »

2.^a) « Ill.^{mas} e R.^{mas} Snor. — O Favor que peço a V. S.^a he de querer representar da minha parte ao S.^a Conselheiro Jacyntho Fernandes Bandeira, que por fallecimento de meu Sôgro o Capitão Luis Pereira da Cunha, contractador que foi dos Reaes Pesqueiros na Capitania do Pará; ficou a sua Casa alcançada com a Fazenda Real, em onze mil, e tantos cruzados; á respeito dos quaes pedi eu no anno de 1795, e impetrei de S. A. R. o Principe regente N. S.^a o Gracioso Aviso que Mandou passar para a Junta da Real Fazenda daquella Capital proceder na cobrança delles, sem oppressão, nem vexame da dita Casa; recebendo-lhe em pagamentos huã consignação annual, que se lhe arbitrasse com proporção á Receita e Despeza da mesma Casa; o' a referida Junta a arbitrou de 600\$ r.^a por anno, até se amortisar a dívida; que com effeito se achava quasi amortisada pela pontualidade dos pagamentos.

« E porque depois della, a segunda dívida de maior pezo ao Casal, he de 4.648\$000 r.^a que se ficarão devendo aos fundos da extincta Comp.^a Geral do Commercio daquello Estado; a quem, he inquestionavel, q' assim ella, como todas as outras Casas daquella Capitania devem os seus actuaes Estabelecimentos: Aos Ill.^{mas} Deputados da Junta da Administração dos ditos fundos, quizeram eu obsequiosamente, devor a Graça de ordenarem aos seus Administradores do Pará, que na cobrança daquella dívida, particular, procedão elles, com m.^a Sôgra D. Guiomar Joachina de Queiroz, e Oliveira, assim, e da mesma sorte, que Mandou o Principe Regente N. S.^a proceder com ella á respeito da Real Fazenda; recebendo-lhe elles annualm.^a

a mesma consignação arbitrada pela dita Junta; por ser este o unico, e mais seguro meio de conservar-se a Casa; augmentar-se, quando não seja no seu estabelecimento, ao menos no seu desempenho; e ultimam.^{te} subsistirem todos, os que dependem della.

« Assim o espero da medeação de V. S.^a para com o S.^o Conselheiro; pedindo-lhe a graça de intervir n'isso; pelo que protesto, e protestarei sempre de ser do V. S.^a — Ill.^{mo} e R.^{mo} Snõr. P.^o M.^o Fr. Antonio Baptista Abrantes — m.^o attento vn.^o, e reverentè cr.^o — *Alexandre Rodrigues Ferreira.* — Em 16 de Setembro de 1802. »

8.^o) « Señor D.^o Joseph Egydio Alvares do Almeyda. — As vantagens, que se propõem ao Principe Regente N. Senhor, de se mudar a Capital do Mato-grôso, para a Villa do Cuyabá; certamente que não escaparão, nem aos talentos politicos, e militares do defuncto Conde de Azambuja D. Antonio Rolim de Moura, primeiro Governador, que foi, e Capitão General daquella Capitania, quando no anno de 1752 fundou a Capital de Villa-Bella; nem ao porspiraz discernimento do S. Mag.^o o Snõr Rey D. Joseph o 1.^o quando a approvou.

« A riqueza porém da Serra do S. Vicente, que só entrou a cessar, depois que cessarão os meios de a extrahir: A contiguidade dos Vizinhos que temos, por esta parte da fronteira mais temivela, por mais populosos: A maior vizinhança possível da Capitania do Pará, para mutuamente se corresponderem ambas as Capítaes, auxiliando-se huã a outra com todo o genero de Soccorros mercantis, e militares: A demarcação de limites pendente ao tempo daquella fundação, assim como ainda agora o está: E ultimam.^{te} o Sacratissimo, o Secretissimo mysterio politico, de ajuntar-se ao Ouro de Mato-grosso, a Prata do Peru; recuperando nós por meio de Villa Bella, a que perdemos pela da Colonia do Sacramento: Tacs forão os motivos de se fundar a Capital, aonde está: Central da fronteira, e não do Cerlão, onde não ha tanto que recar: Central á respeito da posição, e força do inimigo, e não das dependencias domesticas da Capitania; E ultimamente Central á respeito dos inimigos de fóra, e não, dos de dentro.

« Eis aqui o que subitamente me occorre, para responder a V. M. Fico meditando a materia, como me recommenda; e para a conferirmos ambos com a Carta Topographica, que hoje se ha-de concluir, peço, que me assine dia e lugar. — Sou de

V. M. — fiel captivo e obrigado cr.* — *Alexandre Rodrigues Ferreira.* — Em 23 de Setembro de 1802. »

23, Memoria sôbre as variedades / de Tartarugas q ha no Estado do Grão Pará; e / do uso que lhus dão? /

Com — Há, a *Yurará assú*, q quer dizer *Tartaruga* / grande; aos machos destas tartarugas chãmo / Capitary, e são mais pequenos q as fêmeas; =

Ac. = O 3.º no / Rio branco, tambem lê antigo, e delle vem Pro- / vizão p.º a Demarcação, e Trôpa da Capitania / do Rio Nêgro. / —

Original.

Consta de 2 ff., medindo 28 centímetros de altura por 12 $\frac{1}{2}$ de largo.

Vêja-se as duas memorias sôbre o mesmo assumpto que guarda a Bibliotheca Nacional, e vão descriptas sob n.º I, 4 e 39.

24) Lotação das Congruas, Or / dinárias, Ordenados, e Sól / dos comprehendidos nas / Fôlhas Ecclesiastica, Civil, / Militar, o Literaria, das / Capitancias / do Pará e Rio Nêgro. /

Autographo.

Consta de 3 ff. não numeradas, que medem 23 centímetros de altura por 36 de largura.

Parece-nos que é um dos documentos (o XI?) destinados a acompanhar a memoria acima descripta sob n.º 6.

O título acha-se no verso da ultima folha, onde egualmente se-notam uns aponetamentos sob o título: *Memoria sobre as causas da deminuição dos Indios do Estado do Pará (Epidemias).* Ignoramos entretanto si o illustre naturalista chegou a ultimar esta memória, cujo interesse o seu proprio título está indicando.

25) Memorias p.º em seus lu / gares se inserirem, quando se / ordenar o Tit. das Antiqui / dades do Rio da Madeira. /

Andam junctamente:

a) Memorias do Rio / Guaporé. /

Com. — Vio-se, pelo que se escreveu no / Tit. 3 da Relação do Rio / da Madeira, quantas, e quacs / forão as viagens mais caracte / risadas =

Ac. = Vêção se os mais reconhecim.º / de alguns rios lateraes no sup / lem.º a Memoria dos Rios / Alegre, Vêrde, S. Simão, Ga / lera, Corumbiára, &º / —

b) Let. B. / — Supplemento ao Rio Guaporé, / nos annos do 1752 e 53. /

Com.—Dezendo S. Ex.^a ter huã exacta noticia da / disposição em
que se achavão alguns , restos de Nações Gentilicas, =

Ac.—a Povoação a q̃ dava prin / cipio. / —

c) Gentios que habitárão, e habitão / no Guaporé. /

Com.—Muitas Nações houverão em outro tem / po, das q̃ nenhu-
ma noticia ja hoje / se conserva, pelos motivos q̃ abaixo se /
d rão. =

Ac.—Vierão dahi para cima encontrando / varios lotes de *Caviris*,
gentio q̃ serve aos outros do escravo. / =

São aponetamentos autógraphos, sem o nome do naturalista. Constan
de 13 ff. sem numeração, que medem 29 centímetros de altura por 11 de
largo.

26) Relação dos Peixes dos Ser / toons do Pará. /

Traz tambem a dos *Peixes da Costa do Pará*.

E' uma simples relação toda escripta da mão do naturalista, e con-
tando ao todo 83 espécies de peixes.

Não traz o nome do auctor, nem data.

Consta de uma folha, que mede 20 centim. de altura por 8 de largo.

27) Observações / Philosophicas, e Políticas / sobre as Minas / de Mato-grôso, e Cuyaba. / Por / Alexandre Rodrigues Fer- reira. /

São varios aponetamentos autógraphos.

Constam de 16 ff. não num., medindo 20 centim. de altura por 10 de
largo.

Não trazem data.

28) Suplemento à Memoria dos Rios. /

Contém:

Letra A. — Rio Verde.

Com.—As suas mais entranbadas exploraçoens antes da Diligencia
da Demarcação, se não havia remontado alem do principio da
sua 1.^a Cachocira, q̃ ao depois se chamou de S. João, e nella
fazião alto os Pescadores, que o navegavão. =

B. — Rio de S. Simão.

C. — Rio Galéra.

D. — Rio Abuná.

E. — Rio Jassí Paraná.

F. — Rio Mutum Paraná.

G. — Dil'g.^a de estrada por terra, da Fortalêza para Villa Bella.

H. — Diligência por terra desde as cabeceiras dos Barbados, até ao Rio de S. Simão.

I. — (Rio dos Barbados.)

L. — Rio Guaporé acima.

Ac. -aonde tem seu nascimento, á pouca distancia do do Jaurú, &c. =

São apontamentos autógraphos sem o nome do auctor, nem data. Constan de 8 ff. não num., medindo 21 centímetros de altura por 11 de largo.

29) Grão-Pará. / — Confluentes do Amasónas, / pela sua margem Boreal, / contando da fóz do Ara- / guaray para cima. /

Andam junctamente:

- a) Confluentes do Amasónas, pela sua margem meridional, contando do Guamá, para cima, immediato á Cidade do Pará.
- b) Rios principaes da Ilha do Marajó.
- c) Confluentes do Rio Negro, pela sua margem Boreal, até a Fortaleza de S. Joseph de Marabitanas.
- d) Pela margem meridional.
- e) Rio da Madeira.
- f) Confluentes do Madeira pela sua margem oriental.
- g) Pela occidental.
- h) Rio Mamoré.
- i) Rio Guaporé.
- j) Rio Jaurú.
- k) Paraguay.
- l) Rio Ouyahá.

São varios apontamentos escriptos da propria mão de R. Ferreira. Não trazem o seu nome nem data, e constam de 8 ff. não num., as quaes medem 19 cent. de altura por 10 de largo.

30) Descripção de varios rios.

São apontamentos autógraphos que tractam dos:

R. Beny.

R. Mamoré.

R. Itunámas.

R. Baurés.

Não traz titulo, nem data, nem o nome do auctor. Contém 2 ff innumeradas, que medem 20 centim. de altura por 10 de larg.

31) Rio Guaporé. /

Contém apenas os titulos seguintes:

4.^a. — Largura.

Com. — Todo elle em si he muito mais estreito, / que os da Ma-
deira, e do Mamoré. / =

- 5.º — Profundidade.
- 6.º — Leito do Rio.
- 7.º — Suas Márgens.
- 8.º — Ilhas.
- 9.º — Rios, q̃ dezágão no do Guaporé.
- 10.º — Prayas.
- 11.º — Pedraria.

Antes do titulo — Rio GUAPORÉ — occorre o seguinte:

« N. B. Antes deste Tit. da Largura do R. precedem es
seguintes: 1.º Situação de sua foz. 2.º Extensão até as suas
cabeceiras: aonde se fará menção do tempo de viagem q̃ se
se gasta do Forte até a V.º 3.º Sua Direcção. »

São apontamentos escriptos do punho do naturalista. Não trazem o
seu nome, nem data, e contém 15 ff. não num., que medem 20 centim. de
altura por 13 de largo.

- 32) Varios apontamentos que tractam de *Povoações, Nações de
Gentios habitant s nelle (rio Madeira), e nos seus collateraes,*
cobras venenosas, peixes, insectos, *Mordeduras de cobras, &c.*

São autógraphos e comptam 9 ff. sem num., medindo 21 centim. de
altura por 13 de largo. *

- 33) Porção / do Rio Nê- / gro e Amazonas / entre as duas Vil- / las
de Barcellos e / Obidos, seg.º / a antiga Car- / ta: do Es- /
tado. /

E' uma pequena charta geographica, que mede 0^m,213 × 0^m,236. Sem
o nome do auctor, nem data.

Autógrapho.

- 34) Prospectos / de / Cidades, Villas, Povoações, / Fortalezas, e
Edificios, Rios, e / Cachoeiras / da Expedição Philosophica
do / Pará, Rio Negro, Mato Gros- / so, e Cuyabá. / Originaes. /
Volume 1.º /

Contém:

1. Prospecto da Cidade de S. Maria de Belom do Grão-Pará. De
20 de Maio de 1784. — Mede 21 centimetros' de altura por
92 de largo.

A aquarella.

Abaxo traz o seguinte:

« O fortunati, quorum jam mcenia surgunt! »

2. Planta da antiga Cidade do Pará. $36 \frac{1}{2} \times 48 \frac{1}{2}$

Escala de 130 braças. A aquarella.

3. Plano Geral da Cidade do Pará em 1791 tirado por ordem do 1.^o e Ex.^o S^{rs}. D. Francisco de Souza Coutinho Governador, e Capitão General do Estado do Grão-Pará, e Rio Negro: Levantado pelo Tenente Coronel de Artilharia com Exercício de Engenheiro Theodosio Constantino de Chermont. $65 \frac{1}{2} \times 77 \frac{1}{2}$

Escala de 150 braças. A aquarella.

Em seguida ao titulo traz um *N. B.* sobre o que representam as côres das tintas, e no angulo esquerdo do alto uma *Explicação do Plano*.

4. Prospecto da nova Praça do Pelourinho, mandado fazer pelo Gov.^o e Cap.^o General D. Francisco de Souza Coutinho. Representa a sabida do novo bergantim de guerra N.^o 1, que o mesmo fez construir. $24 \frac{1}{2} \times 46$.

A aquarella.

5. Prospecto da nova Praça das Mercês mandada fazer pelo Gov.^o e Cap.^o General D. Francisco de Souza Coutinho. (N.^o 1. Frontispicio da Igreja dos religiosos de Nossa Senhora das Mercês.) $29 \times 43 \frac{1}{2}$

A aquarella. Não está de todo concluido.

6. Prospecto da Frontaria da Igreja da Sé.—Mede $25 \frac{1}{2}$ centimetros de altura.

Esboço a lapis feito por Codina.

7. Retabulo da Capella mor da Igreja Cathedral da Cidade do Pará. Inventou o, gratis, o Capitão Antonio Joseph Landi, Architecto Regio, e deu-o p.^a o Real Gabinete de Historia Natural. 30×17 .

O titulo é escripto do punho do d.^o Alexandre Rodrigues Ferreira.

8. Frontaria da Igreja Matriz de S. Anna da Cidade do Pará. Inventou a (gratis) o Capitão Antonio Joseph Landi, Architecto Regio, e deu a para o Real Gabinete de Historia Natural. 21×17 .

O titulo é escripto pelo d.^o R. Ferreira.

9. Espacado do interior da Igreja Matriz de S. Anna. Inventou-o

(gratis) o Capitão Antonio Joseph Landi, Architecto Regio, e deu-o p.^a o Real Gabinete de Historia Natural. $17 \frac{1}{2} \times 29$.

Ainda o titulo é do punho de R. Ferreira.

10. Espacado. pelo qual se vê o retabulo da Capella-mor, da Igr.^a Matriz de S. Anna. Inventou-o (gratis) o Capitão Ant.^o Joseph Landi, Architecto Regio, e deu-o para o Real Gabinêto de Historia Natural. 21×17 .

Tambem o titulo é por lettra de R. Ferreira.

11. Sacrario da Capella mór da Igreja Matriz de S. Anna. Inventou o (gratis) o Capitão Antonio Joseph Landi, Architect. Reg. e deu-o para o Real Gabinêto de Historia Natural.—Medo $25 \frac{1}{2}$ centímetros de altura.

O titulo é ainda escripto por Ferreira.

12. Planta da Igreja Matriz de S. Anna. Inventou-a (gratis) o Capitão Antonio Joseph Landi, Architecto Regio, e deu-a p.^a o Real Gabinete de Historia Natural. 29×17 .

Tambem é o titulo da mão do naturalista.

13. 1. Prospecto da Frontaria da Igreja dos Carmelitas Calçados.
2. Ordem terceira. $21 \frac{1}{2} \times 45$.

Esboço a lapis devido a Codina.

14. Frontaria da Capella de S. João da Cidade do Pará. Inventou a, gratis, o Capitão Antonio Joseph Landi, Architecto Regio, e deu-a para o Real Gabinêto de Historia Natural. 19×15 .

O titulo é escripto por Ferreira.

15. Espacato do interior da Capella de S. João. Inventou-o, gratis, o Capitão Antonio Joseph Landi, Architecto Regio, e deu-o p.^a o Real Gabinêto de Historia Natural. 13×21 .

O titulo é tambem escripto pelo naturalista.

16. Retabulo de perspectiva da Capella mor, da Capella de S. João. Desenhou o, gratis, o Capitão Antonio Joseph Landi, Architect. Reg. e deu-o para o Real Gabinete de Historia Natural. — Medo 21×17 .

E' ainda o titulo escripto pela mão de R. Ferreira, assim como o da que se segue.

17. Planta da Capella de S. João. Inventou a, (gratis) o Capitão Antonio Joseph Landi, Architecto Regio, e deu-a para o Real Gabinêto de Historia Natural. $20 \times 16 \frac{1}{2}$.

18. Prospecto da Frontaria exterior do Palácio da residência dos Ex.^{mas} Generaes da Cid.^e e Capitania do Pará. — Medo 39 $\frac{1}{2}$ centim. de largura.

Escala de 120 palmos. Desenhado por J. J. Codina em 1784.

19. Frontaria posterior do mesmo Palácio para a parte do Jardim. — Medo 39 centim. de largura.

Escala de 120 palmos. Desenho de J. J. Codina feito em 1784.

20. Frontaria do Hospital Real Militar. — Medo 38 centim. de largura.

Esboço a lapis devido a Codina.

21. Frontaria dos Armazens, q̃ tinha ordenado q̃ se fizessem na Cidade do Pará a Companhia Geral do Commercio. Inventou a gratis, o Capitão Antonio Joseph Landi, Architecto Regio, e dou-a p.^a o Real Gabinete de Historia Natural. — Medo 32 $\frac{1}{2}$ centim. de largura.

O título é por letra de R. Ferreira.

22. Frontaria das Casas do Manoel Raimundo Alves da Cunha. — Medo 35 centim. de largura.

Esboço a lapis feito por Codina.

23. Frontaria das Casas do Alferes Antonio da Souza, e Azevedo. — Medo 27 centim. de largura.

Tambem esboço a lapis devido ao mesmo Codina.

24. Frontaria das Casas do Capitão João Manoel Rodrigues. — Medo 27 $\frac{1}{2}$ centim. de largura.

Esboço a lapis de Codina.

25. Prospecto da Casa da May d'agoa, feita pelo Senado da Camara da Cid.^e do Pará no anno de 1783. — Medo 31 centim. de largura.

A aquarella. Trabalho de J. J. Codina feito em 1784.

26. Planta do Tanque onde se deve ajuntar a agoa, quando descer para elle, e delle se distribuir para a Cid.^e 16 X 16.

Escala de 40 palmos.

27. Prospecto da Praça da Concordia, e Agulha, quo nella erigio para memoria o Gov.^o e Cap.^m General Jesé de Napoles Tello

de Menezes no anno de 1782. — Medo 30 $\frac{1}{2}$ centim. de largura.

É obra a aquarella de José Joaquim Freire, feita em 1784.

28. (1) Perfil das Casas do Engenho de descascar arroz do Sargento Mor Bernardo Toscano de Vastoneellos. (2) Planta total. (3) Perfil do Engenho, e a sua Atafona. (4) Abertura do Poço.

Toda a estampa mede 45 $\frac{1}{2}$ centim. de alt. por 64 de largo.

A aquarella.

29. Moagem de cannas em uma moenda de cylindros verticaes movida por uma roda hydraulica. — 32 centim. de largura.

Escala de 20 palmos. Desenho de José Joaquim Freire feito em 1784.

Não traz título. No alto lê-se: « Tab. 1.ª »

30. Engenho de pilões de socar. — 32 centim. de largura.

Desenho de J. J. Codina. Não traz título.

No alto lê-se: « Tab. 2.ª »

31. Um moinho e seus accessorios. — 32 cent. de largura.

Desenho do mesmo Codina executado em 1784.

Traz no alto: « Tab. 3.ª » Não traz título.

32. Dois ventiladores. — 19 centim. de largura.

Ainda desenho de Codina de 1784. Também não traz título. Vem no alto: « Tab. 4.ª »

33. Engenho de descaroçar o algodão — Medo 23 centim. de largura.

É obra de J. J. Codina feita em 1784. Traz no alto: « Tab. 5.ª »

34. Roda de fiar o algodão. 32 X 19.

Foi tambem desenhada por J. J. Codina no mesmo anno de 1784. Traz no alto: « Tab. 6.ª »

35. Um gnindastê e seus accessorios. 14 X 65 $\frac{1}{2}$.

Não traz título. Escala de 40 pés.

36. Uma ygarité, uma ubá e uma jangada, e seus accessorios. — Medo 20 X 19.

Desenho de Codina. Traz no alto: « Tab. 1.ª »
Não traz título.

37. Canôa N. Snr.ª do Pilar, construída na Ribeira da Cidade do Pará, em o anno de 1773, por Ordem do Ilm.ª e Exm.ª Sñr. João Pereira Caldas, sendo Governador, e Capitão General do Estado; o qual a-mandou fazer pelo Mestre Joaquim Vicente, para as suas Viagens em visita das Fortalezas, e Povoações do mesmo Estado. — Medo 29 centim. de largura.

Escala de 60 palmos. Desenhada por Codina.

Traz no alto: « Tab. 2.ª » A aquarella.

38. Espacato da Canôa Tab. 2.ª — Medo 21 ½ centim. de largura.

Desenho a aquarella de Codina.

Traz no alto: « Tab. 3.ª »

39. Planta do Barco de Guerra Tab. 5.ª — Medo 27 centim. de largura.

Escala de 54 pés. Desenho do mesmo Codina.

Traz no alto: « Tab. 4.ª »

40. Barco de Guerra N. Snr.ª do Bom-Sucesso, em tudo semelhante a outro da Invocação de N. Snr.ª da Boa-Viagem; ambos construídos na Ribeira da Cidade do Pará em o anno de 1775, por Ordem do Ilm.ª e Exm.ª Sñr. João Pereira Caldas; o qual os mandou construir pelo Modelo que debaixo da sua Direcção fez em Lisboa o Capitão Tenente Manoel Vicente, Mestre Constructor da Ribeira das Náus: O primeiro, p.ª Guarda-Costa do Canal do Norte, e o segundo p.ª o do Sul, da Fôz do Rio das Amazónas: Tendo S. Ex.ª dado a cada hum dos seus Commandantes o Regim.ª de Viagem em exploração de ambas aquellas Costas; a qual tinha sido ordenada por Aviso de 4 de Julho do 1763. — Medo 30 centim. de largura.

Desenho de Codina.

Traz no alto: « Tab. 5.ª »

41. Planta da Canôa Artilheira Tab. 7.ª — Medo 23 centim. de largura

Traz no alto: « Tab. 6.ª »

42. Canôa Artilheira N. Snr.ª do Pilar, S. João Baptista, em tudo semelhante á outra da Invocação de N. Snr.ª da Graça, S. Joseph; ambas feitas na Ribeira da Villa de Barcellos, em o anno de 1783, por ordem do Ilm.ª e Exm.ª Sñr. João Pereira Caldas; o qual as mandou construir pelo Mestre Romualdo

Joseph de Andrade, debaixo da Direcção do Tenente-Coronel João Baptista Martél. — Mede 24 centim. de largura

Traz no alto: « Tab. 7.ª »

43. Espacato da Dita. — Mede 23 centim. de largura.

Escala de 40 palmos.

Traz no alto: « Tab. 8.ª »

44. Prospecto da mesma em Pôpa, e pêla Prôa. — Mede 29 centim. de largura.

A aquarella.

Traz no alto: « Tab. 9.ª »

45. Canôa de meia coberta. — Mede 21 $\frac{1}{2}$ centim. de largura.

Traz no alto: « Tab. 10.ª »

Todas estas 10 estampas são desenhadas pelo referido Codina, e provavelmente destinadas a acompanhar a *Memo-
ria sobre a marinha interior do Estado do Grão-Pará*, por
Alexandro Rodrigues Ferreira.

46. Construcção das Canôas ao modo dos Indios. 19 X 32.

A aquarella.

Desenho de J. J. Codina feito em 1784.

47. N.º 1.º Uniforme do Terço Auxiliar da Cidade, do q̃ he Mestre de Campo Marcos José Monteiro de Carvalho o Veiga Coelho. N.º 2.º D.º do Bairro da Campina, do q̃ he Mestre de Campo Lourenço Furtado de Vasconcellos. — Mede 32 centim. de largura.

A aquarella.

Trabalho de José Joaquim Freire, feito em 1784.

48. Viola q̃ toção os Prétos.

49. Marimba, Instrumento q̃ uzão os Prétos.

50. Planta, e perfil do Armazem da Polvora da Cidade do Pará Edificado por Ordem do Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. D. Francisco de Souza Coutinho, do Conselho do S. Mag.^o Em.^o seu Governador e Capitão General das Capitanias do Pará, e Rio Negro, no sítio do Aurá: na distancia de quazi tres leguas, a Leste da Cidade. 31 X 46.

Escala de 7 braças.

51. Planta, e spacato do Quartel Militar, para a Guarnição da nova Casa da Polvora, edificada por Ordem do Ill.^{mo} e Ex.^{mo}

Sr. D. Francisco de Souza Continho do Conselho de S. Mag.^a Em.^a seu Governador, e Capitão General das Capitanias do Pará, e Rio Negro, no sítio do Aurá: na distancia de quaze tres legoas, a Leste da Cidade. Pelo Tenente Coronel de Artilharia com Exercício de Engenheiro Theodosio Constantino de Chaumont. Anno de 1792. — Mede 32 centim. de largura.

Escala de 100 palmos. A aquarella.

52. (1) Prospecto da Caza de residencia do Engenho do assucar do Cap.^m João Manoel Roiz, situada no rio Araguaya, perto da Cid.^e do Pará. (2) Caza do Engenho. (3) Caza dos Taxos. (4) Caza de purgar. (5) Caza das alambiques. (6) Ranchos dos Pretos. (7) Armazens. — Mede 90 centim. de largura.

A aquarella. Não está terminada.

53. Planta do Engenho d'agua do fazer assucar do Cap.^m João Manoel Roiz, situado no Rio Araguaya, perto da Cid.^e do Pará. 46 × 57.

Esboço a lapis.

- 54 e 55. Vigamento, e moendas do Engenho do Cap.^m João Manoel Roiz. 24 × 42.

Esboço a lapis. 2 ff.

56. (1) Prospecto da Caza de purgar do Engenho do assucar do Cap.^m Ambrozio Henriques, situado na foz do rio Mojú. (2) Caza dos alambiques. (3) D.^a dos Taxos. (4) Caza do Engenho. (5) Bocca da calha. — Mede 87 centim. de largura.

A aquarella. Não está concluida.

57. Perfil das Cazas do Engenho do assucar do Cap.^m Ambrozio Henriques. 63 × 91.

A aquarella.

- 58 e 59. Vigamento, e moendas do Cap.^m Ambrozio Henriques. — Mede 26 × 42.

Esboço a lapis. 2. ff.

60. Prospecto da Villa do Monforte na Ilha Grande de Joannes. — 33 centim. de largura.

A aquarella. Desenho de José Joaquim Freire.

61. Prospecto da Villa do Camotá, e da Entrada que fez o Ex.^{mo} S.^r Martinho de Souza e Albuquerque, Gov.^m e Cap.^m General do Estado, na tarde do dia 19 de Janeiro de 1781. — 33 centimetros de largura.

A aquarella. Trabalho de José Joaquim Freire, feito no mesmo anno de 1784.

62. Prospecto das Cazas da Villa do Oeiras, q se acha situada na margem septentrional do Rio Araticú, 2 legoas acima da sua foz. — 26 $\frac{1}{2}$ centim. de largura.

A aquarella. Trabalho de Codina.

63. Prospecto da frontaria da Igreja Matriz, e Casa da residencia da Villa de Monte-Alegre. Anno de 1785. — 28 $\frac{1}{2}$ centim. de largura.

A aquarella. E' trabalho de Freire.

O titulo é escripto pela mão de R. Ferreira.

64. Prospecto das Casas das Indias de Monte-Alegre, onde fazem as cunyas. Anno de 1785. — 17 centim. de largura.

A aquarella. Tambem trabalho de Freire.

O titulo é tambem escripto por R. Ferreira.

65. Prospecto do Tear, em q fazem as suas rédes mais delicadas as Indias da Villa de Monte-Alegre. Anno de 1785. — 26 $\frac{1}{2}$ centim. de largura.

A aquarella. Desenho de Codina.

O titulo é do punho de R. Ferreira.

66. Prospecto do Lugar do Cartoeiro, em outro tempo Aldêa do Aracary, situada na margem Meridional do Rio Negro. — 46 centim. de largura.

A aquarella. Desenho do referido Codina.

67. Prospecto da Villa de Barcellos, antigamente Aldeia de Mariuá, creada Capital da Capitania de S. Joseph do Rio Negro, pelo Illm.^o e Exm.^o Sñr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, por Provisão do 6 de Mayo de 1758. Está situada na margem austral do sobredito Rio Negro, na distancia de 70 legoas da sua foz; em 0°, 58' e 11" de Latitude austral, e em 314°, e 42' de Longitude oriental á Ilha do Ferro, segundo as ultimas observações. Representa-se a sahida do Illm.^o e Exm.^o Sñr. João Pereira Cálidas, Governadôr e Capitão General nomeado para as Capitánias do Mato-grôso, e Cuyabá, e nos Districtos dos Govêrnos dellas, e do Estado do Grão-Pará, Encarregado da Execução do Tratado Preliminar de Limites, e Demarcação dos Reaes Dominios, pela primeira vêz, que se dirigio ao Quartel da Villa de Ega, no Rio Solimoes, em 28 de Abril de 1784. — Mede 56 centim. de largura.

A aquarella. Desenho do Freira.

Traz no alto a seguinte epigrapho:

« *Moliri jam tecta vide, et jam fidere terrae.* »

Virg.

68. Prospecto da Pintura, q̃ fez o Capitão Antonio Joseph Landi na Capella mor da Igreja Matriz da Villa Capital do Barcellos, no anno de 1785, gratis. Deu-o para o Real Gabinêto de Historia Natural. $30 \times 35 \frac{1}{2}$.

O título é escripto por R. Ferreira.

69. Prospecto da Pintura, q̃ fez o Capitão Antonio Joseph Landi, Architecto Regio, a os lados da Capella mor da Igreja Matriz do Barcellos. Deu-o para o Real Gabinete de Historia Natural. 20×23 .

O título é tambem escripto por Ferreira.

70. Prospecto do Quartel da Tropa da Guarnição da Villa de Barcellos, mandado erigir pelo Illm.^o e Exm.^o Sñr. João Pereira Caldas, no tempo do seu Govêrno, e feito executar pelo Sñr. Joachim Tinôeo Valente, Governador que foi da Capitania de S. Joseph do Rio Negro. Principiou-se no anno de 1775, e ficou no Estado, em que se acha desde o de 1778. — 34 centímetros de largura.

Escala de 200 palmos. A aquarella.

71. Primeira Planta, que fez o Capitão Engenheiro Phelippo Sturm, de Ordem de S. Ex.^a o Sñr. Francisco Xavier, de Mendonça, Furtado, Plenipotenciario, e Principal Commissario das Demarcaçoens dos Reaes Dominios da Parte do Norte: O qual se mandou fazer, de Ordem de S. Mag.^a, para os dois Palacios, de residencia, em que nesta Aldca do Mariuá devião residir S. Ex.^a, e o Plenipotenciario Hespanhol seu conferente D. Joseph de Iturranga. Não agradou a S. Ex.^a, por isso não se executou. — $26 \frac{1}{4}$ centim. de largura.

Escala de 200 palmos. A aquarella.

Traz em um dos angulos: « N.^o I.^a »

72. Segunda Planta, que fez o mesmo Capitão Engenheiro, para os dous Palacios ordenados; segundo a qual, se irigio tão sómente hum dellea, que foi o da residencia do Plenipotenciario Hespanhol. — 26 centim. de largura.

Escala de 200 palmos. A aquarella.

Vem designada sob « N.^o II.^a »

73. Planta do Octogono erigido pelo mesmo Autor, para servir de Casa de Conferencia aos dous Plenipotenciarios. — 17 $\frac{1}{2}$ centimetros de largura.

A aquarella.

Traz no alto: « N.º III.º »

74. Alçado da Frente do referido Octogono. — 16 centim. de largura.

Traz a designação de « N.º IV.º »

Abaxo lê-se: « *J. J. Codina as Copiou como as achou,* o que mostra que foi Codina o copista d'estas quatro estampas numeradas.

75. Prospecto do Lugar do Morcira, chamado antes Caboquena. Em 23 de Agosto de 1785. — 32 centim. de largura.

A aquarella. Desenho de Freire.

76. Prospecto da Villa de Thomar, chamada antes Bararná. Em 29 de Agosto de 1785. — 48 centim. de largura.

A aquarella. Tambem desenho de Freire.

77. Prospecto do Lugar de Tamalunga; algum dia Dary. Em 2 de 7br.º de 1785. — 40 centim. de largura.

A aquarella. Ainda trabalho de Freire.

78. Vista do Rio Padarezi, o qual desagua no Rio Negro. — 39 centimetros de largura.

A aquarella. Desenho de Codina.

79. Prospecto do lugar de Santa Izabel. Em 10 de 7br.º de 1785. — 37 $\frac{1}{2}$ centim. de largura.

A aquarella. Desenho de Freire.

80. Prospecto do nôvo Lugar das Caldas (a), estabelecido na margem oriental, en (*sic*) o principio da primeira Cachoeira do Canabury, pelo Tenente Marcellino Joseph Cordeiro, Comandante da Fortalêza de S. Gabriel: Por Ordem immediata do Illm.º e Exm.º Sñr. João Pereira Caldas, em Carta de 27 de Julho de 1781, não tendo o Governador defuncto executado até então a primeira Ordem de 17 de Dezembro de 1773, ao mesmo respeito. — 38 centim. de largura.

A aquarella. Desenho do mesmo Codina.

« (a) Em Officio de 21 de Julho de 1781, ordenou ao Governo interino desta Capitania o Illm.º e Exm.º Sñr.

Joseph de Napoles Tollo de Menezes, Governador, o Capitão General do Estado, que em obsequio ao Illm.^e e Exm.^a Sñr. João Pereira Caldas, desse ao novo Lugar a denominação de ... Caldas. »

81. Prospecto da 1.^a Cachocira do Rio Cauaborys. — 40 centim. de largura.
A aquarella. Desenho do Freiro.
82. Prospecto da 2.^a Cachocira do Rio Cauaborys. — 43 centim. de largura.
A aquarella. Trabalho de Codina.
83. Prospecto da 3.^a Cachoeira do Rio Cauaborys. — 46 centim. de largura.
A aquarella. Desenho do referido Codina.
84. Prospecto do Lugar do N. S. do Loreto de Macaráby. — 48 centímetros de largura.
A aquarella. Desenho do Freiro.
85. Prospecto da Fortaleza, e Povoação de S. Gabriel da Cachoeira. Em o 1.^o de 8br.^o de 1785. — 46 centim. de largura.
A aquarella. Trabalho do referido Freire.
86. Vista do Rio Vaupés, o qual desagoa no Rio Negro. — 40 centímetros de largura.
A aquarella. Desenho de Codina.
87. Prospecto da Povoação de S. Joaquim do Cuané dentro da foz, e na margem austral do Rio Caupés. Em 27 de 8br.^o de 1785. — 32 centim. de largura.
A aquarella. Desenho de Freire.
88. Vista do Rio Issana, o qual desagoa no Rio Negro. — 48 centímetros de largura.
A aquarella. Trabalho de Codina.
89. Vista do Arrayal q se poz no Rio Ixié junto á Cachoeira do mesmo Ixié. — 48 centim. de largura.
A aquarella. E' obra do referido Codina.
90. Prospecto da Cachoeira do Rio Ixié, o qual desagoa no Rio Negro. — 47 centim. de largura.
A aquarella. Trabalho de Codina.

91. Prospecto da Fortaleza e Povoação de S. José de Marebitenas
Em 15 de 9br.^a de 1785. — 32 centim. de largura.

A aquarella. Desenho de Freire.

92. Prospecto de huã das vinte e duas Malocas, do que constava a
Aldea do Gentio Curutús, situados na margem oriental do Rio
Apapuris, acima da 4.^a Cachoeira do mesmo rio, e na distancia
de 6 dias de viagem acima da sua foz. — 17 centim. de lar-
gura.

A aquarella. E' tambem obra de Freire.

Traz no alto: « Tab. IV.^a »

93. — Planta da dita Malóca. $12 \frac{1}{2} \times 12 \frac{1}{2}$.

Escala do 85 palmos. Desenho de Freire.

No alto lê-se: « Tab. III.^a »

Abaxo do titulo accorre o seguinte:

« Cada Maloca de por si he huã pequena povoação.
A linha de circumferencia exterior (a) he a q̃ constitue
a parede mestra de cada huã, porq̃ he a unica q̃ he
entijucada p.^a a resguardar das injurias do tempo. A
segd.^a linha (b) determina em roda o espaço q̃ occupão
as repartições interiores, em que habita separadam.^{te} cada
cazal. Divido-se cada repartição pelas duas linhas (r) as
q.^{as} não são mais q̃. huns meros resguardos de esteira de
tabóca, aberta ao fogo e batida p.^a servir do repartim.^{to}
a cada hum dos camarotes deste amphitheatro, e nenhum
delles tem mais capacid.^{de} do q̃ a de 10 até 12 palmos, q̃.
he q.^a basta p.^a cada cazal, armar a sua rede, ficando-lhe
a porta para dentro. A praça do centro (c) he commua
a todos p.^a os diff.^{es} trabalhos de ralar a mandioca, amas-
sar e cozer os beijús, p.^a as suas danças, &^{as}: o q̃ tudo
fazem gozando da m.^{te} luz, q̃ entra pelas aberturas supe-
riores do outão (o) como se vê na Tab. anteced.^a Os que
parecem festões pendentes de cada huã das aberturas do
referido outão, marcados com a lettra f, são huns ziczaques
tecidos de folha de Pindoba, ou de palmeira Anajá, presos
á p.^a superior da abertura p.^a hum fio, e sustentados per-
pendicularm.^{te} pelo pezo q̃ lhe faz o caroço da palmeira
Tucumã. Com a impressão do vento trocando-se, e destro-
cando-se o fio q̃ prende o ziczaque, imita p.^a conseq.^{te} os
torcicollos das cobras qd.^a se movem, o q̃ observado pelos
moreegos, o p.^{to} aves q̃ temem as cobras, afugenta huns,
e outros, e os retira de entrarem pelas aberturas do
outão a inquietar os que estão dentro da Malóca. »

94. Exame que por ordem do Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. João Pereira Caldas, General Commissario da 4.^a Partida fez o 1.^o Commissario da mesma I. R. M. $28 \times 38 \frac{1}{2}$.

E' uma charta hydrographica a aquarella representando uma pequena parte do Rio Negro, onde se-vêem os seus affluentes Marañ e Auati-paraná.

95. Por Ordem do Illm.^o e Exm.^o Sñr. João Pereira Caldas, General Incarregado da Demarcação de Limites na Fronteira do Estado do Pará, e Cap.^{mo} do Rio Negro, se fez esta Planta, para mostrar a situação do novo Estabelecimento dos Muras, no Lago Mamiá; a qual e os Sítios mais remarcaveis, se mostram pelo Alfabeto seguinte, como milhor se soube I. R. M. explicar. — A. Mamiá. — B. Muras. — C. Coari. — D. Alvellos. — E. Cayambé. — F. Mutum coára. — G. Ponte aonde com suspeitosos pretextos foi encontrada hũa Canoa Hespanhola, que abusiva e confiadamt.^a tinha descido, e se havia athe alli avançado desde o seu respectivo Quartel, o permitido Limite da Commum Navegação. — H. Tassa. — I. Hespanhoes. — L. Ega. — M. Furo. — N. Furo para o Solimoeña. — O. Armazem. — P. Guarita. — 36 centim. de largura.

A aquarella.

96. Prospecto do Marco erigido no anno de 1781 no Rio Janarý na distancia de 1815 braças a Leste da sua foz. R. Para 17 de Abril de 1787. — Medo 25 centim. de altura.

No marco lê-se a seguinte inscripção:

Para Futura Memoria

Na fronteira do Estado do Grão Pará
e Maranhão, e da Real Audiencia
do Quito no Vice Reynado de
S. Pé

Nos Gloriosos Reynados
Da muito Alta Poderoza e
Augusta Raynha Fidelissima
de Portugal e dos Algarves
a Senhora D. Maria I
e do Senhor D. Pedro III
E do muito Alto Poderozo
e Augusto Rey Catholico
Das Hespanhas e das Indias
O Senhor D. Carlos III.

97. Prospecto da Povoação de N. Snr.^a do Monte do Carmo, situada na margem occidental do Rio Branco, na distancia de 38 leguas da sua fôz. — 23 $\frac{1}{2}$ centim. de largura.

A aquarella. Desenho de Freire.

98. Prospecto da nova Povoação de S.^a Maria, situada na marg. oriental do Rio Branco, na distancia de 75 leguas da sua fôz. — 23 $\frac{1}{2}$ centim. de largura.

A aquarella. Tambem trabalho de Freire.

99. Prospecto da nova Povoação de S. Phelippe, situada na margem Occidental, en o principio da Cachoeira grande do Rio Branco, na distancia de 78 leguas da sua foz. — 42 centim. de largura.

A aquarella. Desenho de Codina.

100. Prospecto da Cachoeira grande do Rio Branco na distancia de 78 leguas da sua foz. — 53 centim. de largura.

A aquarella. Desenho de Codina.

101. Prospecto da nova Povoação de N. Snr.^a da Conceição, situada na margem Oriental do Rio Branco, na distancia de 82 leguas da sua foz. — 31 centim. de largura.

A aquarella. Desenho de Freire.

102. Prospecto da grande Serra do Carahumã, sobre a margem Oriental do Rio Branco, na distancia de 91 leguas da sua foz. — 46 centim. de largura.

A aquarella. Trabalho de Codina.

103. Prospecto da Fortaleza de S. Joachim, situada na margem Oriental da foz do Rio Tacutú, o qual desagoa no Branco pela sua margem Oriental, na distancia de 102 leguas da sua foz. — 33 centim. de largura.

A aquarella. Desenho de Codina.

104. Planta da Fortificação de S. Joachim do Rio Branco. — Mede 17 \times 14 $\frac{1}{2}$.

Escala de 200 palmos.

Anda junctamente:

« Alçado da frente da Fortificação. »

105. Copia do risco q deu o Cap.^m Engenheiro Phelippe Esturme, Commandante que foi da Fortaleza de S. Joachim do Rio Branco, p.^a a Capela, e Rezidencia anexa do Capellão da

Tropa da Guarnição; cuja Capela ainda se não fez. — 25 centímetros de largura.

A aquarella. Desenho de Codina.

106. Prospecto da primr.^a Serra que existe na margem Oriental do Rio Mahú, na distancia de 8 legoas e 2 milhas da sua fóz, e na de 25 e 2 milhas da Fortaleza de S. Joachim. — 31 centímetros de largura.

A aquarella. Trabalho de Codina.

107. Prospecto da 4.^a Cachoeira grande do Rio Mahú na distancia de 17 legoas e meia da sua foz, e na distancia de 34 e meia da Fortaleza de S. Joachim. — 38 $\frac{1}{2}$ cent. de largura.

A aquarella. Tambem desenho de Codina.

108. Prospecto da continuação da Cachoeira do Uruburú, q^{ue} he a 4.^a do Rio Mahú. — 40 centim. de largura.

A aquarella. Desenho do mesmo Codina.

109. Prospecto da continuação da cachoeira do Uruburú, q^{ue} he a 4.^a do Rio Mahú. — 40 centim. de largura.

A aquarella. Ainda trabalho de Codina.

Todas éstas estampas achão-se enquadernadas em um volume de *folha* pequeno, contendo 109 ff. numeradas, afóra a de rosto.

Abaxo da folha do frontispicio, no angulo direito, occorre o carimbo do REAL MUSEU DA AJUDA do Lisboa.

Como se-vê pelo respectivo titulo d'esta importante collecção de desenhos pertencentes á viagem philosophica do Rodrigues Ferreira, é o 1.^o volume, o que mostra que houve outro ou outros volumes mais de egual genero de estampas, de que não temos noticia. As duas collecções que em seguida vão descriptas são de desenhos que representam outros e diversos objectos.

- 35) Desenhos / de / Gentios, Animacs Quadrupedes, / Aves, Amphibios, e Peixes: Armas, Instrumen-/tos Musicos, e Mechanicos, Vestidos, Ornatos, e Viueis / domesticos dos mesmos Gentios, / &^a / Da / Expedição Philosophica do Pará, / Rio Negro, Mato Grosso, / e Cuyabá. / Copiados / no Real Jardim Botânico. /

Esta collecção é precedida por um frontispicio allegorico representando: no primeiro plano: espalhados pelo chão, diversos objectos, como, chapcos de palha, flechas, fardos com (castanhas chamadas do Maranhão?) feitos de esteira de palha &c. em toda a largura da estampa; á direita um homem trajado á moda da época (Alexandre Rodrigues Ferreira?), de

perfil, voltado para a direita, de pé, mas um tanto inclinado para a frente, aponta com o indicador da mão direita o curso do rio Amazonas e seus afluentes, pintado em uma charta geographica longa, com o seguinte dizer:

Mappa do Rio das Amazonas (na margem superior), *Madeira, Branco, e Negro* (na inferior), a duas mulheres que sustentam o dito mappa desdobrado e em pé, enquanto que um indigena civilizado, de perfil, voltado para a direita, e ajoelhado no chão, examina attentamente o mappa em sua parte inferior; á esquerda, outro grupo, com um mascate ajoelhado no chão, tendo ao pé de si dois bahús abertos e mostrando as suas fazendas a duas mulheres sentadas sobre uns fardos enfileirados, e com um menino, entre as duas mulheres, em pé, tocando trombeta ao ouvido da mulher que lhe fica na frente, a qual como que para o fazer parar, o segura pelo pé direito com a mão direita.

No segundo plano, um *yyarapé*, onde estão ancoradas algumas embarcações pequenas, vendo-se na proa da que fica mais próxima ao expectador um grupo de 5 pessoas.

No terceiro plano, um grande rio, onde vai desaguar o *yyarapé*, com muitas embarcações de varios tamanhos e especies, e a cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará, no fundo.

No alto da estampa, entre nuvens, o retrato d'elrei d. João VI, em uma moldura oval, com uma corôa real em cima, tendo por baxo uma longa e larga faixa, sustida por dois anjinhos, da qual pendem trez escudos ovados, o do meio, com as cruces das ordens de Christo, de Aviz e de S. Tiago, o da esquerda com as armas de Portugal, e o da direita com as da cidade de Lisboa.

Esta estampa, que é admiravelmente desenhada a nankin, mede 19 $\frac{1}{2}$ centim. de altura por 15 de largo. Não traz subscrição de desenhista, nem data.

Contém:

A) GENTIOS.

1. *Gentio Yurupiruna*. — Meio corpo. Mede 15 centim. de altura. Traz a indicação á lapis.
2. Outro gentio. — 16 centim. de altura. — A baxo lê-se á lapis escripto da mão do conselheiro Drummond. *Gravada*.
3. Outro. — 16 centim. de altura.
4. Outro. — 17 centim. de altura.
5. Outro — 18 $\frac{1}{2}$ centim. de altura. — Traz á lapis pela mesma lettra do cons. Drummond: *Gravada*.
6. Outro. — 18 centim. de altura.

7. Outro. — 16 centim. de altura. Nesta escreveo á lapis o cons. Drummond: *Principiada a Gravar.*
8. Outro. — 16 $\frac{1}{2}$ centim. de altura. — Ainda escripto a lapis pelo referido cons. Drummond lê-se: *Gravada.*
9. Outro. — 18 $\frac{1}{2}$ centim. de altura.
10. *Gentio Mura.* — 19 centim. de altura. Traz o titulo a lapis.
11. *Cambeba.* — Meio corpo, como todos os antecedentes. — 18 centim. de altura.
12. Outro gentio (corpo inteiro). — 12 centim. de altura.
13. Outro (corpo inteiro). — 10 centim. de altura.
14. *As occupaões das indigenas.*

A estampa representa o interior de uma *maloca* feita de madeira, onjas paredes e telhado são forrados de folhas de palmeira.

No primeiro plano: á esquerda, perto de uma porta aberta, uma indigena núa, sentada em um cêpo de madeira no chão, raspa a face interna de uma cuia com um cutello apropriado, tendo em redor de si mais 4 cuias espalhadas pelo chão; á direita outra indigena, vestida de saia e camisa, tracta de arrumar em baixo de um fogareiro pequenas achas de lenha para fazer fogo: ao pé do fogareiro vêem-se tambem 6 cuias no chão.

No segundo plano: á esquerda, duas outras indigenas vestidas como a segunda, assentadas sobre uma grande esteira extendida no chão, occupão-se da pintura das cuias, tractando a da esquerda de preparar dentro de um vaso uma tinta branca, e a da direita applicando sobre uma cuia outra tinta tirada de outra vasilha: em redor da pintora vêem-se varias cuias já pintadas; perto d'esta esteira, um pouco para o meio da estampa, uma indigena, mocinha, vestida como as outras, sentada no chão, e encarregada tambem de raspar o interior de uma cuia, descança esta sobre um cêpo, em quanto tem na mão direita o raspador levantado; á direita, sentada em uma esteirinha no chão, outra indigena, vestida como as precedentes, faz renda em uma almofada cylindrica e ôca no meio.

Finalmente no terecero plano, no meio, um grupo de duas figuras: á direita uma indigena, trajada como as demais, em pé carregando ao collo, sobre uma facha, uma criancinha núa, e trazendo um grande cachimbo na bocca, paxa para si um tear, com uma tela meio tecida, e á esquerda um indigena vestido apenas com umas bragas curtas, trazendo na mão esquerda uma especie de cangirão e na direita uma tigella, se-dirige para a esquerda.

Mede 19 centímetros de altura por 27 de largo. Não traz titulo.

Na collecção acima descripta depara-se outra estampa similhante a esta sob. n.º 64, que deve ter sido original, d'onde foi tirada ésta copia, o qual deixamos de descrever pelo miudo, para não repetirmos as mesmas

coisas, limitando-nos a mencionar apenas as principaes differenças entre ellas, á saber:

O original é uma aquarella, em quanto que a cópia é um desenho á laikin, no primeiro, não se todas as figuras são menos vultuosas, mas também não ha perspectiva regular, o que faz que todas as figuras, menos as do terceiro plano da copia, estão representadas, no original, em um mesmo plano, &

No margin inferior do original, em toda a largura da estampa, lê se a seguinte inscripção por lettra de Alexandre Rodrigues Ferreira, como já ficou dito em seu lugar. *Prospecto das Casas das Indias de Monte-Alegre, onde fazem as l'ayas*, vindo mais abaxo: *Anno de 1785*, e um pouco para a direita da inscripção a assignatura — *Freire* — por lettra do desenhista José Joaquim Freire, que accompanhou Alexandre Rodrigues Ferreira na sua expedição philosophica.

Estas inscripções do original são bastante claras para que não reste duvida acerca da anetora do desenho, data e denominação da estampa:— entretanto não duvidamos conservar a denominação que lhe demos, porque em verdade a *mulher* indigena ha que se occupão em outros misteres, que não a industria das cuias.

15. *O fabrico da manteiga de ovos de tartaruga*

A estampa representa uma paysagem com uma ilha em um rio, onde se vêem em varias direcções algumas pequenas embarcações, tendo no fundo uma cordilheira de collinas.

Na ilha vê-se: no primeiro plano, á direita, uma palhoça com duas paredes lateraes e o telhado feito de palmas, dentro da qual estão sobre fogo dous caldeirões cheios de um liquido fumegante mechido com grandes paus por dous indigenas possantes trajando apenas umas bragas curtas, como a maior parte dos indigenas representados na estampa; á esquerda do caldeirão, que está mais perto do espectador, um indigena sentado no chão, occupa-se de assar tartarugas pequenas espetadas em um pau; á direita da cabana muitos potes de barro, uns de bocca tapada, já cheios de manteiga, outros destampados e vazios; á esquerda da mesma cabana uma canôa carregada de ovos, com 2 indigenas quasi nus, trazendo apenas uma tanga em pe dentro da canôa, e fora d'ella, outro, meio acocorado, carregando nos braços um cesto de ovos para depositarem uma grande tulha d'elles, que fica no chão perto da canôa.

No segundo plano da ilha vê-se, no meio, uma palhoça como a precedente, tendo á esquerda um curral de tartarugas e á direita uma moita de arvores.

Por todo o terreno da ilha tanto no primeiro, como no segundo plano vêem se, indigenas occupados nos differentes misteres da industria, estes explorando, ou antes sondando o terreno com um pau, á procura dos lu-

garos de terra frouxa, sob as quaes se achão os depósitos de ovos, aquelles deixados de braços no chão a tirarem de buracos, que nel o fazem, os ovos, que vão arrumando em tulhas ao pé de si, e outros a carregarem em cestos os ovos que devem servir ao fabrico da manteiga; e muitos buracos vazios, que já foram explorados. Mede esta estampa 19 centim. de altura por 27 de largo. Não traz titulo.

16. *A pesca das tartarugas.*

A estampa representa um paysagem á beira de um rio com muitas ilhas. Em uma ponta de terra, que occupa quasi toda a largura da estampa em sua parte anterior vê-se:

no primeiro plano, no meio, uma *ubá* á beira d'agua, com duas tartarugas dentro, e juncto da *ubá* um indigena nú, debruçado sobre uma das tartarugas, cujas patas elle tracta de prender; á direita, outro indigena, tambem nú, arrastando para a direita outra tartaruga, que está no chão;

no segundo plano, por detruz da *ubá* um indigena quasi nú, tendo apenas uma pequena tanga, visto a trez quartos, dirige-se para a esquerda com um arco na mão direita e 4 flechas na esquerda; para a direita d'esto indigena, um outro com uma tanga semelhante a d'elle, carregando ás costas uma tartaruga, dirige-se tambem para a esquerda; e ainda mais para a direita, perto da margem da estampa, um grupo de indigenas (mulher e menino) assam uma tartaruga em um fogo feito no chão;

no terceiro plano, um outro indigena de tanga á cintura carregá á cabeça uma tartaruga, e á direita d'elle, vêem-se trez rédes armadas sobre paus fincados no chão, com gente nua deitada nellas, sendo para notar que da réde que fica mais para a direita vê-se apenas parte.

No rio: no primeiro plano; um grande bote com tejadilho e um mastro, do qual pende uma flamula, armado em guerra (vê-se tambem uma peça de lado), e tripulado por 10 remadores e um patrão ao leme, a cujo bordo vem um cavalleiro sentado em uma cadeira adiante do camroto, com um grande bastão na mão esquerda, e um livro aberto na direita em attitude de quem lê, dirige-se para a direita á demanda da linguaeta de terra de que fallamos acima; no fundo; á direita, mais dous botes semelhantes ao precedente; á esquerda, duas *yjárás* com indigenas atirando flechas nas tartarugas dentro do rio. — Mede 19 $\frac{1}{2}$ centimetros de altura por 31 $\frac{1}{2}$ de largura.

Abaxo d'esta estampa lê-se á lapis: «Mura, rio Madr.»

17. *A passagem de um rio pelos indigenas Guaycurúas.*

A estampa representa uma paysagem com um rio, dentro do qual se vêem homens e cavallos nadando para a margem d'elle, que fica no primeiro plano.

Nesse plano nota-se, da esquerda para a direita: mui perto da margem

do rio um grupo de duas indigenas nuas, em pé com agua até pouco abaixo dos joelhos, uma das quaes segura em uma pequena *pelota*, onde foi conduzida uma criança, que está sendo tirada para fóra pela outra mulher; uma *pelota* com duas crianças dentro vai puxada mediante duas cordas amarradas na prôa por uma indigena, e segura na pópa por um indigena, á demandar a praia; um indigena, com uma tanga, em pé na margem do rio, segura com as duas mãos um barbicacho a quo está preso um cavallo para o andar a galgar a margem; e finalmente um grupo, em quo um indigena ajuda uma indigena a montar em um cavallo, preso por um cabresto seguro por um menino (todos nós), tomando-a pelas pernas.

Na outra margem (segundo plano) vêem-se: duas indigenas montadas a cavallo cada uma com uma criança ao cabeçalho da sella, e trazendo desenhados no Lombo ramos de arvore em forma de chapcos do sol; uma indigena, despindo-se; duas outras e uma criança em attitudo de quem vai entrar no rio; um indigena nú a tocar com um ramo de arvore um cavallo para entrar na agua; um grupo de duas indigenas e uma criança dentro de uma pequena *pelota* começando a atravessar o rio; e 4 cavallos amarrados 2 a 2 em duas arvores.

Mais ao longe: á esquerda, cavallos soltos e amarrados a estacas, e rêdes armadas em um *teypâr*; no meio, 2 cavalheiros armados de lanças perseguindo uma onça; e á direita, duas outras igualmente armados de lanças, um dos quaes perseguindo um veado. — Medo 19 $\frac{1}{4}$ centim. de alt. por 30 $\frac{1}{2}$ de largo.

Abaxo da estampa occorre o seguinte á lapis: « Passagem do Gentio Gaycurú. »

B) ANIMAES QUADRUPEDES.

São 37 estampas.

C) AVES.

12 estampas.

D) AMPHIBIOS.

6 estampas.

E) PEIXES.

7 estampas.

F) ARMAS, INSTRUMENTOS MUSICOS E MECHANICOS, VESTIDOS, ORNATOS E UTENSILS DOMESTICOS DOS GENTIOS, &c.

26 estampas.

Todas as estampas d'esta collecção são a nankin, e não trazem nome de desenhista. Achão-se enquadernadas em um volume de *folio* pequeno.

- 36) Collecção de 72 estampas a aquarella representando quadropes, amphibios, aves, peixes, insectos e reptis.

Não traz titulo, nem indicação alguma de pertencer á viagem scientifica de R. Ferreira. Ha entre ellas estampas bem acabadas.

Achão-se enquadernadas em um volume, cujas folhas medem 30 centímetros de altura por 19 de largo.

B

Pertencente á viúva do commendador Manoel Ferreira Lagos.

- 37) *Miscellanea Historica*, / para / servir de explienção / ao Pros-
pecto da Cidade / de Belem do Grão Para. / Pelo D.^o Ale-
xandre Rodrigues Ferreira. / Aos 8 de Setembro de 1784. /

Original, com correções e annotações marginaes escriptas do proprio punho do auctor.

Contém 38 ff., que medem 19 centímetros de altura por 10 $\frac{1}{2}$ de largo. Parece ser seguimento de alguma collecção de memorias do naturalistas pois as folhas trazem a numeração de paginas, de 54 a 130, faltando porém as pp. 123 e 124. Achão-se em branco as pp. 118 a 122 e 125 a 128; a pg. 129 traz no alto a nota (b) contendo 9 linhas escriptas da propria mão do auctor e correspondente a pg. 64 do manuscripto, e a pg. 130 vem em branco.

Traz no verso da folha do rosto esta epigrapha:

« Vé-o tambem no meio do Hemispherio. »

No alto do manuscripto. acima do titulo, lê-se: « N.^o 1. — *Drummond.* »

D'esta *Miscellanea historica* possui o sñr. d.^o Carvalho dous exemplares os quaes se achão descriptos na presente parte III, sob n.^o 3.

O « N.^o 13 » do exemplar que ora descrevemos, vem indicado apenas com o titulo — CAES, como no exemplar do referido sñr. Carvalho descripto acima em segundo lugar, e que falta o frontispicio.

Com. . N.^o 1. Prospecto da Cidade de S. Maria de Belem, do Grão-Pará. / - Na distancia de 20 legoas (a) da Ponta da Tijio- / ca (escreveo no seu Roteiro o Vigario Geral Joze Mon / teiro de Noronha) subindo a Costa occidental do / Continente, q medeya entre a Ilha do Maranhão a / Leste, e a Ilha grande de Joannes á Oest, está situada / a Cidade do Pará, em huma ponta de terra vizinha a bo- / cea do Rio, q os na-
turais chamão Gojará, —

Ac. o « N.^o 14. » = 5 Religiosos residentes.

Em seguida occorre uma pequena nota escripta do punho do auctor.

No *Extracto do Diario da Viagem Philosophica que fez o D.^o Naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira pelo Estado do Grão-Pará* &c. no qual se encontra uma relação das obras que escrevem o naturalista ate 1787, acha-se esta memoria como datada a 8 de setembro de 1784, data ésta que, como se-vê, é a mesma que vem no exemplar que foi do commedador Manuel Ferreira Lagos e hoje pertence a sua viuva; mas o exemplar do sñr. Carvalho, descripto em primeiro lugar, traz a data de 29 de setembro do referido anno.

C

Do sñr. d.^o Augusto F. Maria Glaziou.

38) Estampas representando plantas, flores e fructos do vallo do Amazonas.

São os proprios originaes a aquarella desenhados pelos dous desenhistas da expedição philosophica José Joaquim Freire e Joaquim José Codina.

A maior parte d'estas estampas são desenhadas com esmero, e as que representão *orchideas* ou parasitas são de uma execução admiravel. Muitas d'ellas trazem indicações escriptas do proprio punho de Rodrigues Ferreira.

Achão-se enquadernadas em 4 volumes, contendo ao todo 661 estampas, á saber:

O vol. I, 169 estampas num., o II. 169 tambem num., o III, 170 num., e finalmente o vol. IV, 153 tambem numeradas. --- Medem 265 millimetros de altura por 157 de largura.

D

De um amador.

39) Relação / dos animaes quadrupedes / silvestres que habitão nas / matas de todo o continente / do Estado do Grão Pará, di-/vididos em tres partes: / 1.^a dos que se apresentão nas mezas por melhores: 2.^a / dos que comem os Indios / em geral, e alguns Bran-/cos quando andão em di /ligencia pelo sertão - 3.^a dos / que se não comem. / Pelo D.^o Alexandre Rodrigues Ferreira. /

Além dos animaes descriptos conforme reza o titulo d'esta *Relação*, acresce mais em seguida a noticia e a descripção de *Aves*, *Amphibios*

(incluindo as cobras), *Peixes d'agua doce que habitão nos rios do Estado do Grão Pará*, *Peixes que se não comem*, *Peixes que habitão na Costa do Pará*, *Insectos e Vermes da região do Amazonas*.

Copia por letra do começo do XIX século. Consta de 79 ff., que medem 20 centímetros de altura por 11 de largo.

Dá em primeiro lugar os nomes dos animaes em lingua geral dos indigenas do Brazil, depois os nomes em portuguez, si os tem, os lugares onde habitam e a descripção de cada um d'elles.

Traz varias annotações marginaes á tinta preta e encarnada e á lapis, devidas ao possuidor d'esta copia, que foi Alexandre Antonio Vandelli.

A Bibliotheca Nacional possui um exemplar d'esta *Relação*, o qual se acha descripto sob n.º I, 37, porém trazendo apenas a descripção dos animaes que indica o seu titulo, e em verdade muito menos completo nas tres partes declaradas.

Manoel José Maria da Costa e Sá na *Noticia dos escriptos do doutor Alexandre Rodrigues Ferreira*, que acompanha o *Elogio historico do naturalista escripto pelo referido Costa e Sá*, descreve esta *Relação* &c. do modo seguinte:

« *Relação dos animaes silvestres que habitão nos matos de todo o Certão do Estado do Grã Pará.*

« N. B. D'esta Obra me deo noticia o Sñr. José Bonifacio de Andrada e Silva, o qual possui huma cópia incompleta em 4.º »

A cópia que aqui descrevemos não traz data, nem tambem o N. B. que se-nota no exemplar original da Bibliotheca Nacional.

(Continúa.)

LAURINDO J. DA S. REBELLO.

Duas palavras sobre LAURINDO REBELLO e a nova edição das suas poesias

DADA PELO SNR. DIAS DA SILVA JUNIOR.

Nasceu este grande talento na cidade do Rio de Janeiro a 8 de Julho de 1826, em uma modesta casa da rua do Espírito-Sancto.

Das suas composições metricas, pela maior parte satyricas e livres, dispersaram-se muitas, salvando-se comtudo d'entre ellas quanto basta para dar uma idéa approximada, sinão cabal, do seu prodigioso estro poetico, que mais pujante se-mostrava no improviso. Laurindo tem sido com razão denominado o *Bocage brasileiro*, considerado debaxo d'este poncto de vista e quanto á naturalidade das suas composições.

Argumentador subtil em assumptos philosophicos e theologicos, a sua palavra era tão facil e brilhante, a sua elocução tão pomposa e louçan, as suas razões tão logicas e bem deduzidas, que não havia modo de se-resistir a tão formidavel adversario: era uma catadupa de palavras preñhes de fundos pensamentos e de idéias luminosas, que o orador revolvía em todos os sentidos, como o gladiador agita a adaga reluzente a despedir lampejos, que deslumbram e enchem de assombro ao seu competidor ja meio vencido: era uma torrente caudal, a levar de rôjo todos os diques que tentavam embargar lhe a passagem! Quem traça estas linhas admirou mais de uma vez essa cascata de eloquencia, a despenhar se estrugidora, nos saguões da Faculdade de Medicina d'esta Côrte, cujas aulas Laurindo e nós cursavamos ao mesmo tempo, posto que em

annos diversos. Havia comtudo uma particularidade que poderia prejudicar o effeito da eloquencia magistral do poeta philosopho, si porventura a novidade e nobreza do pensamento e a espontancidade admiravel da expressão deixassem logar para outra cousa além do enthusiasmo e do embevecimento: eram a sua demasiada gesticulação, as contorsões nervosas e os trejeitos que Laurindo fazia com os musculos da face, com os olhos, e a retorcer de mil modos o seu longo bigode! Quem uma vez o viu nos seus portentosos rhasgos de eloquencia, a fulminar os vicios sociaes, a ridicularisar a prepotencia das mediocridades do tempo, não nos-desmentirá de certo, pois ha de ter guardado d'essa circumstancia indelevel lembrança.

Laurindo fizera com precoce desenvolvimento os estudos preliminares na sua cidade natal. Depois de diversas tentativas mallogradas, de que fallam todos os seus biographos, para seguir o estado ecclesiastico e a carreira militar, formou-se em medicina, recebendo o grau academico na Eschola do Rio de Janeiro a 9 de Dezembro de 1856, tendo frequentado dous dos annos do respectivo curso na da Bahia, onde o poeta, era festejado como o seu grande talento pedia e onde achou o mais cordial acolhimento essa aguia foragida; Laurindo conservou da sua estada na Athenas brasileira as mais saudosas recordações e o mais profundo sentimento de gratidão: a Bahia era para o poeta fluminense uma segunda terra do berço, como elle proprio no-lo diz:

« a divida immensa
D'este amor desvelado que me-dêste,
Sem temor do baixezia me-consente
Chamar-te — minha patria.

Lisonja, adulação alcunhe embora
O vulgo o puro amor que te-consagro,
O culto que te-rendo:
Recebeste o meu pranto no teu seio,
Da fortuna engeitado perfilhaste-me:
Patria, teu filho sou, e assim te-adoro. »

Medico militar por quasi oito annos, tendo ido duas vezes

servir como tal no Rio Grande do Sul, não poudé todavia o dr. Laurindo evitar o círculo de ferro das privações e da miséria. Nunca porém os mais duros rigores do fado adverso lhe-abatteram o indomável orgulho; nunca malbarateou a sua dignidade de homem, que elle poz sempre acima de todas as vantagens sociaes. Podia-se dizer de Laurindo, em bôa parte e sem offensa, o que se-dizia de Diogenes: *via-se-lhe o orgulho atravez dos buracos da sua capa.*

A 2 de Janeiro de 1860 (*) casou-se com a snr.^a d. Adelaide Luiza Cordeiro, que ainda vive, lutando com a má sorte, que parece ter-lhe ficado como a unica herança de seu desventurado esposo, de quem ainda hoje não falla sem lagrymas na voz e nos olhos.

Depois de uma existéncia toda consagrada á humanidade e á patria, quer como professor, quer como medico, e á louvável ambição de nunca ser pesado á sociedade, Laurindo Rebello falleceu no Rio de Janeiro a 28 de septembro de 1864 e foi no dia seguinte sepultado no cemiterio de S. João Baptista da Lagôa, onde jazeu 13 annos e onde tambem foram repousar da rude batalha da vida Alvares de Azevedo, Faustino Xavier de Novaes, Aureliano Candido Tavares Bastos, Francisco Pinheiro Guimarães (**).

A sua vida foi uma luta constante com a adversidade e os preconceitos sociaes: o primeiro d'esses seus dous encarniçados adversarios até com ferir despiadadamente a membros queridos de sua modesta e honrada familia perseguio o poeta: dos segundos vingava-se bem o philosopho em se-rir d'elles.

* * *

(*) A 2 de Dezembro de 1859 diz, não sabemos com que fundamento, o snr. Dias da Silva na edição que nos deu das Poesias de Laurindo.

(**) Cumpre consignar aqui que os ossos do dr. Laurindo foram removidos por sua viúva d'esse cemiterio para o de S. Francisco Xavier (Cajá) no dia 11 do corrente mez de Outubro, segundo nos refere o espirituoso auctor das *Cartas do Caipira* no *Jornal do Commercio* de 12 d'esse mez.

Com effeito, vimos naquelle cemiterio o seu modesto jazigo, que tem o n.º 749, e em cuja tampa de marmore branco, mão piedosa, mandou abrir em alto relêvo o seguinte deslho: AO D.^o LAURINDO J. S. REBELLO / TRIBUTO DE AMOR CONJUGAL /

Fallemos das edições que têm tido as suas obras. Podemos assignar cinco edições ás suas obras em verso.

Sabemos de fonte certa (*) que o poeta publicára pela primeira vez as suas poesias na cidade da Bahia, quando alli esteve proseguindo nos seus estudos de medicina, facto esse que, tambem se-deprehende de um luminoso artigo necrologico que viu a luz da publicidade em fins de 1864 na *Revista Academica* d'aquella cidade, devido á cultivada penna do dr. Antonio Alvares da Silva e reproduzido no *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro de 9 de Dezembro d'esse mesmo anno, que tivemos a fortuna de conservar. Esse bello talento, que por sua vez já descança no *Campo Sancto*, diz-nos egualmente no alludido escripto que Laurindo se-doutorára em 1857. Recorrendo porém nós ao livro das actas de doutoramento da Eschola de Medicina d'esta Côrte, verificámos que se-formára na data que acima demos, com Adolpho Bezerra de Menezes, talento brilhante e fecundo que a maldita politica abafou em suas garras traiçociras, com Henrique Cesar Muzzio, que foi de ha muito dormir o somno silencioso da morte em terra extranha, com Francisco Pinheiro Guimarães, o valente cruzado na renhida luta que a civilisação empenhou com a barbaria e que a Historia commemorará em lettras de bronze sob a denominação de *Campanha do Paraguay*.

Infelizmente, no numero das theses que a bibliotheca da Faculdade de Medicina possue, não se-encontra a de Laurindo. Pela extrema pobreza em que sempre viveu o poeta nunca, provavelmente, poude tirar a sua charta de medico; por isso nunca retirou da typographia em que se-imprimiu a sua these os exemplares que a Faculdade para esse fim reclama. No dizer do sñr. J. Norberto foi na officina typographica de F. de Paula Brito, amicissimo do auctor, que ella se deu á estampa. A propria viuva do poeta não a possue nem nunca a viu.

Temos pois cinco edições das poesias de Laurindo:

(*) Vide a *Marmota* de 27 de Junho de 1854, em que se-diz que as *Trovas* foram impressa na Bahia nesse anno.

I. A imprensa em 1854 na Bahia, de que não vimos nenhum exemplar.

II. A que, sob o titulo — *Trovas de Laurindo José da Silva Rabello, natural do Rio de Janeiro* —, publicou o poeta em 1855 na typographia de N. (*Nicolau*) Lobo Vianna e Filhos. Nas palavras que precedem o livro nesta edição pede elle « ao leitor illustrado que o leia com severa imparcialidade e, particularmente ou pela imprensa, não lhe faça obsequios em critica, pois preferimos (diz elle) *uma censura que nos illustre a elogios que nos doirem os erros.* » Palavras que revellam a sua independencia de character e a sua exempção de animo, de perfeito accôrdo ambas com todos os actos da sua vida.

Na *Revista bibliographica* que escreveu o sñr. Augusto Emilio Zaluar no *Diario do Rio de Janeiro* de 15 de Abril de 1856 acêrca do volume das *Trovas*, e a que se-refere Innocencio F. da Silva no que diz no seu valiosissimo *Diccionario Bibliographico* a respeito de Laurindo, respondeu o illustrado e provector folhetinista do seguinte modo ao franco appêllo que fizera o auctor á critica contemporanea:

« poeta que mercede realmente este nome. Genio creador, imaginação ardente, sentimento e verdade na paixão, enthusiasmo espontaneo pelo bello, elevação de idéas, colorido e propriedade nas imagens, fluidez e brilhantismo no estylo e uma inspiração potente e abundante, taes são os dotes que caracterisão o talento do sr. Laurindo. »

As *Trovas* constituem um volume em oitavo pequeno, de 102 páginas, fóra a de introduccão (*A quem ler*), a de dedicatória e uma, no fim, de indice. O livro, que é offerecido ao sñr. dr., hoje conselheiro, Salustiano Ferreira Souto, mestre, protector e verdadeiro amigo do poeta, contém as peças poeticas intituladas — O que são meus versos. — O meu segredo. — O genio e a morte. — No *album* d'uma senhora. — Estragos de amor. — A minha resolução. — A linguagem dos tristes. — Aos annos do meu presado amigo José Pedreira França. — Epicedio á morte do dr. José de Assis Alves Branco Muniz

Barreto. — Sobre o tumulo do Marechal Pedro Labatut. — Adeus ao mundo. — A minha vida. — (O que sou e o que serei. — do dr. A. J. Rodrigues da Costa). — Amor e lagrimas. — A saudade branca. — Ao meu amigo e mestre o senhor Francisco Muniz Barreto. — Os sonettos: Heide, martyr de amor, morrer te amando. — E' carpir, delirar, morrer por ella. — Geme, geme mortal infortunado (*sem titulo*). — A uma senhora por occasião de tocar umas variações sobre themas de Bellini. — A' Sra. Marieta Landa por occasião de cantar no theatro de S. João. — A' mesma Senhora (*mais dous sonettos: ao todo septe*). — A' Bahia (*ode*). — com que fecha o volume; convém a saber: — 23 peças lyricas, não d'esse lyrismo plangente e contemplativo, em que só o sentimento vibra o monocordio do poeta, mas um lyrismo mesclado de philosophia, e em que o melodioso do verso acompanha par a par o grandioso do pensamento, com uns laivos de *gongorismo*, que lhe-dão uma graça particular, e que não se-encontram em outros poetas da geração contemporanea. — O parentesco de inspiração do poeta fluminense com o vate portuguez, a quem tem sido comparado, é visivel, ainda nestas suas composições sérias. Das que deixamos enumeradas, as que têm por titulo — O genio e a morte, A minha resolução, Epicedio, Adeus ao mundo, A' Bahia — são de um elevado sentimento poetico e irreprehensíveis no pensamento e na fórma: bastavam ellas para o-laurear como poeta. Si um pintor da estatura de Pedro Americo, rico de inspiração e dotado d'essa valentia de traço e felicidade de colorido que denunciavam os grandes mestres, quizesse reproduzir na tela o seguinte pensamento do poeta, que magnifico primor **nos** não daria! Descrevendo a natureza, ao traçar no papel o poder que sôbre ella exerce o homem de genio, diz Laurindo:

* A Natureza,
 No meio das procellas,
 Si a voz lhe-escenta, abandonando as furias,
 Dissipando de um sôpro atros horrores,
 Surge risonha, como, á voz divina,
 Sahiu do cahos informe — encantadora,
 Toda nua, trazendo por adornos

Nos seios o *Verão*, nas mãos o *Outomno*,
 Nos cabellos prendendo a *Primavera*,
 Por chapim de crystal calçando o *Inverno*.
 Do genio ouvindo o canto,
 Remoçam-se as edades;
 Os mortos dos sepulchros se-levantam,
 E vivem nova vida
 Dos homens na memória. »

Ha por mãos curiosas uma boa cópia, maior do que se-suppõe, das poesias satyricas e livres de Laurindo. Não se-nota em nenhuma das suas composições lyricas, ainda nas em que o cantor se-elevou ás mais altas regiões da poesia, os arrebatamentos vertiginosos e desordenados de alguns dos que lhe-succederam como poetas na scena do mundo, e em cujas produções estão ás vezes a grammatica e o senso-commum em guerra aberta ou, pelo menos, em forçado consorcio, com as inspirações da musa. Ha em todas ellas o mais completo bom-senso, dote raro, que para o severo Alexandre Herculano constituia o que mais achava por louvar na *Paqueta* de Bulhão Pato. Sem o bom senso o que é o genio, sinão uma bella *desordem*?

Depois da morte do poeta fizeram-se as edições seguintes das suas obras:

III. Em 1867, na typ. de Pinheiro & Comp., Rio de Janeiro, imprimiu seu amigo, o sñr. bacharel Eduardo de Sá Pereira de Castro, um volume em 4.º, contendo 173 pags., sem comptar XXVII sem titulo, consagradas á biographia do poeta, na qual entretanto vem o dia 3 de Julho como o do seu nascimento. Nella conservou o digno editor os improvisos feitos em commum entre o poeta e os sñrs. dr. Antonio de Castro Lopes, Manuel Hilario Pires Ferrão e o, tambem hoje fallecido, dr. Antonio Ferreira Pinto, conviventes inseparaveis d'essa *bohemia*, hoje historica, do *Becco do Imperio*, de que nos-falla o benemerito collector. Dá-nos o sñr. Eduardo de Sá noticia do poema *Alberto*, dos dramas *Os anneis de uma cadeia* e *O mendigo da Serra*, que se perderam. E' facil crer se que se-disper-

sariam muitas das preciosas perolas de improviso de diversos generos, que a musa fecunda de Laurindo produzia espontanea e a rodo e que elle não tinha o cuidado de guardar, prodigo que era do seu talento: a memoria de amigos, que vão desapparecendo e levando-as consigo para o tumulo, archivou grande numero d'ellas. O dr. Alvares da Silva falla-nos tambem de mais um drama, *O pupillo extravagante*, e do romance não acabado *O coveiro*, além de um drama intitulado *Santa Isabel*, que fôra levado á scena na Bahia, « fundido á moderna, diz elle, e em um estylo de encantar. » Ha em collecções jornalisticas do tempo muitas composições de Laurindo que não foram aproveitadas.

O sñr. Eduardo de Sá refere-se tambem a um *compendio de grammatica portugueza*, que o poeta, quando professor d'essa doutrina e de historia e geographia no curso preparatorio anexo á *Eschola Militar*, da Praia Vermelha, concluiu e dedicára á mencionada eschola, e que o sñr. J. Norberto diz ter sido adoptado pelo govêrno e comptar varias edições. Do exemplar que a Bibliotheca Nacional possui d'essa grammatica daremos em seguida as indicações bibliographicas substanciaes, embora haja d'ella muitos exemplares á venda.

E' um volume em 8.º de 158 pags., tendo na folha do rosto — « Compendio de Grammatica da lingua portugueza pelo D.º Laurindo José da Silva Rabello — Obra adoptada pelo Governo Imperial para uso das escolas regimentaes do exercito e para o ensino dos aprendizes artilheiros. — Segunda edição, mais correcta. Rio de Janeiro. Typographia — Esperança — de João José Vellozo — Rua de S. José 14 — 1872. » Esta folha traz no verso a seguinte declaração — « Todos os direitos de propriedade são reservados á viuva do auctor. » —

A 2.ª folha é occupada pelo *Aviso* da Directoria central do ministerio da Guerra, datado de 8 de Janeiro de 1867, remetendo a *D. Adelaide Cordeiro da Silva Rabello*, viuva do auctor, o *Compendio de grammatica* organizado por seu fallecido marido, afim de que sejam corrigidos os erros do copista; decla-

rando-lhe ao mesmo tempo que foi elle approvedo para o uso das escolas regimentaes, &c.

Na 3.^a folha vem uma charta sem data da snr.^a d. Adclaide Cordeiro da Silva Rabello, dirigida ao « Illustre corpo professoral da cidade do Rio de Janeiro, pondo sob os seus auspícios o livro *ignorado de seu finado collega*, que ella encontrára entre os seus manuscriptos. A desditosa senhora começa a sua dedicatória por estas sentidas palavras: « Os unicos bens, que me deixou meu infeliz e sempre lembrado esposo, forão os fructos de sua fecunda intelligencia. »

Esta grammatica, escripta com o mais aproveitavel methodo, com a maior sobriedade de estylo e uma adoravel clareza, faz em verdade honra aos conhecimentos especiaes de Laurindo e á sua aptidão para o magisterio.

Voltemos ás poesias do bardo fluminense.

Na edição do sñr. Eduardo de Sá estão incluídas, até á pag. 91, todas as composições que formam o vol. das *Trovas*, publicado em vida do auctor. Seguem-se-lhe as que o editor poudo colher, e são: — *A' morte de Junqueira Freire* — Fragmento. Amor perfeito. — Dous impossiveis — *Não posso mais!* — As duas redempções. *Ao baptismo e liberdade de uma menina* — *Septenario poetico* — *Ao octogesimo segundo anniversario do Illm. Sr. João Antonio da Trintade* — *Aos annos de minha madrinha* — *Motte a premio* — *Motte improvisado em uma reunião patriotica* — *Fragmento. Suspiros e saudades* — *Poesia offerecida ao sr. P. J. F. Torres... por occasião do baptismo de um seu filho* — *O desalento* — *A' minha terra natal* — *Saudades* — *Epistola ao meu amigo Paula Brito* — *Bando feito com o fim de convidar o povo bahiano a celebrar o dia 2 de Julho com pompa* — *Improviso na occasião de ver terras do Rio de Janeiro, vindo da provincia do Rio Grande do Sul* — *Motte* — *Ao dia de finados. Fragmento dos tumulos* — *Hymno que os meninos cegos cantarão, &c.* —

Além das 23 peças da edição anterior, deu-nos pois o sñr. bacharel Eduardo de Sá mais 23.

Os amantes da verdadeira poesia, os que se-preoccupam

com os destinos das lettras no Brazil, os que conheceram o poeta e, sobretudo, os que puderam admirar-lhe o vigoroso talento e a sua máscula hombridade, muito agradecidos ficaram ao consciencioso collector pelo bello presente, emb'ora ainda incompleto, que assim lhes fez como amigo do poeta e das patrias lettras. Estamos convencido que, a não ser elle, as outras edições das poesias de Laurindo não passariam de simples reproduções da publicação primitiva, feita em sua vida.

IV. A segunda das edições posthumas, publicada pelo sñr. Baptista Luiz Garnier em 1876 (Rio de Janeiro), tem por titulo: — «Obras poeticas de Laurindo José da Silva Rabello, colligidas, annotadas, precedidas do juizo critico de escriptores nacionaes e de uma noticia sôbre o auctor e suas obras por J. Norberto de Souza-Sylva.» — E' em 8.º, e contém 270 pags., das quaes as primeiras 64 preenchidas por — I, *Advertencia sobre a presente edição*, — II, *Noticia sobre o dr. Laurindo Rabello e suas obras*, — IV, *Poesias á memoria de Laurindo Rabello*, — V, *Notas*. — Esta edição faz parte da importante collecção denominada *Brasilia*, bibliotheca nacional dos melhores auctores antigos e modernos, publicada pelo mesmo sñr. Garnier sob a intelligente e patriotica direcção do referido sñr. J. Norberto.

Nesta edição, que denominaremos 4.ª, o sñr. Norberto seguiu por via de regra, a ordem de distribuição das poesias estabelecida na precedente, collocando porém no fim do volume, sob titulos e gruppos apropriados, os *Improvisos*, os *Sonettos*, o *Septenario poetico* e o *Hymno dos meninos cegos*, com que remata o livro, o qual contém exactamente o mesmo numero de composições da precedente, e até, força é confessal-o, conservando um ou outro dos lapsos typographicos d'aquella. Haja vista, na poesia *O genio e a morte*, o verso 17 da 5.ª estrophe, em que se lê em ambas essas edições:

« Dissipando de um sopro atroz horrores, »

quando o poeta, que sabia como mestre a sua e nossa lingua,

quiz dizer, e com effeito disse na edição feita sob as suas vistas, sem esse formidavel *toscanejo* grammatical:

« Dissipando de um sôpro átros horrores »

Apontaremos ainda os dous primeiros versos da XIV estrophe do *Épicedio*, em que se lê em uma e outra das alludidas edições:

« Patria, teu choro,
Merecem mais, que o morto, os filhos vivos. »

com descuidos de virgulação que, em abono da verdade, escaparam na edição de 1855: mas que, segundo as mais comensinhas regras da boa punctuação, devem ser eliminados, restabelecendo-se o visível pensamento do poeta, que, alludindo aos desvios sociaes pela degradação dos costumes, assim os-condemnava nos homens do seu tempo:

« Patria, teu choro
Merecem, mais que o morto, os filhos vivos. »

Ainda em ambas estas edições, na bellissima ode que o poeta consagrou á *Bahia* e a que deu este titulo, poesia tão d'alma, tão natural, tão pura, que parece ter sido lançada de um folego, sem o menor esforço, como um suspiro que se-escapa espontaneo d'um peito oppresso de maguas e a transbordar gratidão e queixumes, poesia que equalaremos em suavidade e melancholia ao formosissimo *Hymno á tarde* de Odorico Mendes... em ambas as edições, diziamos, vem o 9.º verso da IV estrophe d'esta bella poesia

« A' criança ouvia rezar, »

quando na edição que lhes serviu de poncto de partida se-lê:

« A criança ouvia rezar. »

Assim tambem na poesia intitulada *Dous impossiveis*, ambas as edições dão o 2.º verso da última estancia:

« No teu semblante, no teu porte *vix* »

com o notavel descuido de se-deixar errado o tempo do verbo

final, que deve estar no preterito imperfecto para rythmar com o último da peça:

« Que d'ellas copiou na phantasia. »

Das quatro que conhecemos, é ésta edição incontestavelmente a mais digna do poeta pela nitidez do trabalho typographico e pelo cuidado com que o projecto editor procurou nella reunir tudo quanto podia interessar-nos acêrca da vida do auctor e de seus escriptos: si, porém, tivesse levado mais longe as suas pesquisas, ter-nos-hia dado uma edição mais de accôrdo com as suas reconhecidas aptidões bibliographicas.

V. A que publicou recentemente o sñr. Dias da Silva Junior é um vol. *in-8.º* de 268 pags, comprehendida a de rosto, e mais III no fim, de indice.

As 17 primeiras paginas contêm, sob o titulo *Perfil*, a vida do poeta. As pags. 21 a 228 são occupadas pelas 66 peças lyricas que constituem propriamente o volume. D'estas, além das 46 das edições precedentemente descriptas, deu-nos o sñr. Dias mais 13 denominadas:

— Ciúme e razão — O tempo (*sonetto*) — Que mais de-sejas? — Adeus... Adeus... — Eu sinto angustias — O cego de amor — Descrença — Já não vive a minha flor — De ti fiquei tão escravo — Que desconsolo! — Motte (*em uma décima*) — Angustia — Quando eu deixar de chorar. —

As 7, que completam o numero de 20 da differença, são as mesmas que se-contêm na introdução posta á frente da edição do sñr. Eduardo de Sá, de onde as-desentranhou e deslocou o sñr. Dias da Silva Junior.

D'entre as novas composições que o sñr. Dias incorporou no presente volume, temos o sonetto

Deus pede estricta conta do meu tempo.

que o editor transportou dos jornaes em que veio a lume como sendo de Laurindo, que já então era morto, sem indagar com o devido critério em que se-baseava essa paternidade, aliás contestada pelos proprios jornaes do tempo. Segundo nos-assegu-

ram pessoas em quem confiamos, esse sonetto foi originariamente escripto em francez, traduzido em vernaculo por um poeta portuguez e publicado em um dos *Almanachs Castilho*. O que felizmente possuímos de Laurindo chega, para dar perfeita idéia do seu poderoso engenho poetico; não nos-é preciso pedinchar de outros, especialmente para quem em vida zelava por tal modo a sua dignidade de homem e de poeta, que era capaz de morrer de fome antes do que acccitar o que lhe não fosse por qualquer titulo devido.

Tem certeza o sñr. Dias da Silva que são de Laurindo as modinhas *O cego de amor* e *Descrença*?

Além d'estas, a unica composição que o sñr. Dias addicionou ás edições anteriores, a unica que não destôa das que são authenticamente de Laurindo, é a denominada *Ciúme e razão*. Nesta reconhecemos o seu modo de poetar.

Quanto á nitidez da impressão e ao trabalho typographico, pouco lhe-deve a memoria do poeta. Tambem o trabalho de revisão não foi grande. Ha na presente edição, que sendo a última devia ser a mais aperfeiçoada, descuidos que a desfiguram. Assim, já não fallando das incorrecções communs com as precedentes, vemos na poesia de que acabamos de tractar (*Ciúme e razão*), na pag. 147, l. 18, um

« Das sensações o mundo, aos affectos »

que está em completo desaccordo com a natureza do verso hendecasyllabo e com os restantes da referida poesia. Devemos lê-lo:

« Das sensações o mundo; aos seus affectos? »

Ainda na mencionada peça (Pag. 148, l. 12) vemos o verso

« Ao mesmo me serás no pensamento, »

a que visivelmente falta o senso commum, cousa de que Laurindo era entretanto fartamente dotado. Com toda a probabilidade, sinão certeza, deve corrigir-se para

« A mesma me serás no pensamento. »

Supprimindo parte do titulo da poesia que vem reproduzida na pag. 133 da sua edição, empresta o editor ao poeta um *filho* que este nunca teve. *Poesia por occasião do baptismo de um seu filho, tendo a mesma senhora, &c.* dá a edição do sñr. Dias. Que *senhora?* si o editor não nos diz, como o-fizeram os sñrs. Eduardo de Sá e Norberto, que esta poesia fôra *offerecida ao sr. P. J. F. Torres e a sua sra.?* Demais, o sñr. Dias da Silva Junior conservou, com um zelo *facsimilario* perfeitamente dispensavel, os lapsos typographicos que escaparam aos seus predecessores. Sem fallarmos dos que já mencionámos, vêm nestas tres edições posthumas: no 1.º verso da IV estrophe da poesia *A minha vida* o seguinte verso com o artigo, por nós sublinhado, que se-deve eliminar,

« E' sepulero, onde o escuteo da morte »

conservado da edição dada em vida do poeta: no 2.º sonetto feito *à sñr.ª Marieta Landa*, vimos reproduzido d'aquella edição o ultimo verso

« E, só para gosar-o, eterna vida »

que nos-parece dever emendar-se como o-deixámos feito no correr d'este estudo.

No Brazil, sobretudo no Rio de Janeiro e nas provincias mais adiantadas no cultivo da intelligencia, não ha ninguem tão falto de bom gosto e patriotismo, tão indifferente ao movimento litterario da patria ou, pelo menos, tão destituido de curiosidade, quando não se-tome de enthusiasmo pelas produções do talento nacional que se-eleva acima do commun, e pelas conquistas do nosso engenho lentamente alcançadas na litteratura portugueza; não ha ninguem entre nós, repetimos, que não tenha lido as poesias de Laurindo nesta ou naquella edição; muitos lhe-sabem de cór os melhores versos. Como, porém, tudo o que é nosso é pouco conhecido fóra d'aqui, pedimos venia ao douto redactor d'estes *Annaes*, destinados por ventura a irem mais longe e a viverem no futuro, para transcrevermos o bellissimo sonetto do nosso compatriota, a que acima nos-referimos, digno rival por sem duvida do

Si é doce no recente, ameno estio ()*

que tanto concorreu para a fama de Bocage. Conhecerá assim o estrangeiro que nos ler que Laurindo é digno da reputação de que goza. Eil-o:

« Tão docé como o som da doce avena
Modulada na clave da saudade,
Como a briza a voar na soledade,
Branda, singela, limpida e serena;

Ora, em notas de gôso, ora de pena,
Já cheia de solenne magestade,
Já languida, exprimindo piedade,
Sempre essa voz é bella, sempre amena.

Mulher, do canto teu no dom superno
A dadiua descubro mais subida
Que de um Deus pôde dar o amor paterno:

E minb'alma, n'um extasi embebida,
Aos teus labios deseja um canto eterno
E, só para gozal-o, eterna a vida. »

O sñr. Dias da Silva Junior reservou o resto do volume para ali reunir o que podia fazer realçar o merito do poeta e exalçar a sua memoria. Ao reproduzir porém o *Discurso* que Laurindo pronunciou quando se-deu á sepultura o cadaver do general Martinho Baptista Ferreira Tamarindo, e que o editor *trasladou* (de onde? Tambem o sñr. Norberto não nol-o diz), tendo em vista dar um *specimen da eloquencia do poeta*, não o-fez com o necessario cuidado de revisão, pois deixou introduzirem-se, além de outras, as duas incorrecções seguintes, que podem prejudicar a comprehensão nestes pontos d'esta formosa peça oratoria:

Na pag. 234 da sua collecção deixou o sñr. Dias na linha 5 um — *nos* corpos — em vez de — os corpos —, que não estava de certo na mente do auctor do discurso e torna confuso o seu pensamento. Na pag. 236, l. 3. vem ainda um — Que

(*) E' o CXLIX sonetto da excellente edição das Poesias do inspirado vate do Sado, devida aos patrioticos cuidados e zelo litterario de Innocencio F. da Silva. — Lisboa 1853.

motivo é que o chore a esposa —, em vez de — Que muito —, que está nas mesmas condições do precedente.

Na parte consagrada á transcripção do quanto disse a imprensa contemporanea acêrca do poeta fluminense, e a que o sñr. Dias denominou com toda a propriedade — *Homenagem ao poeta*, comprehende-se o folhetim bibliographico do sñr. Zaluar, a que se refere o *Diccionario* de Innocencio Francisco da Silva, alem tambem do artigo de Innocencio em que vem essa referencia, o do sñr. Ed. Villas Boas, os artigos editoriaes do *Correio Mercantil* e *Diario do Rio de Janeiro*, o sonetto do sñr. Pires Ferrão, a Poesia do sñr. Costa Brito, e outra do sñr. J. L. A. Caminha. Por signal que, quanto ao *Diccionario*, o sñr. Dias deixou passar um erro de data que não está na citada obra, e é aqui de grande importancia, pois diz respeito ao nascimento do auctor das *Trovas*. O *Diccionario bibliographico portuguez* o dá como nascido em *Julho* e na alludida transcripção trocou-se aquelle meiz pelo de *Junho*. O eximio bibliographo fal-o nascido no dia 8, e não a 3, como repetem os sñrs. Norberco e Dias e como antes d'elles dissera o sñr. Eduardo de Sá.

Na *Gazeta de Noticias* de 8 de julho do anno passado um amigo do poeta, justamente zeloso pela sua memória, rectifica o engano em que a esse respeito têm cahido todos os que ainda se-occupam com aquelle generoso espirito, e restabelece como certa esta última data, egualmente acceita por Innocencio da Silva, sempre tão cuidadoso nesse particular e tão bem informado. Além de tudo, sabe-se da bocca da propria viúva que o dr. Laurindo Joseph da Silva Rebello nascêra a 8 de *Julho* de 1826. Fique pois por uma vez dissipada essa divergencia.

Não procedem para nós os razões que levaram o sñr. Joaquim Norberto a admittir o appellido *Rabello*, usado pelo poeta e que merecêra o reparo de Innocencio da Silva, razões a que o sñr. Dias da Silva Junior tacitamente se submette. O poeta achou-o na familia de seu pae, e nunca indagou si era assim que se devia ou não escrevel-o. Estamos convencido que, si alguém que estivesse no caso de o-fazer lhe-desse razões phi-

lógicas convincentes para o-escrever de outro modo, seguramente que o poeta o-faria. Por usarem differentemente de *Camara* e *Camera*, *Andrada* e *Andrade*, *Cavalcanti* e *Caralcante*, *Sequeira* e *Sigeira*, *Moniz* e *Muniz*, e outros, não se segue que uns e outros tenham razão, salvo si o movel da preferencia for o capricho ou a vontade de cada um: contra essa razão suprema ninguem tem o direito de quebrar lanças, porque, por fim de contas, o nome do individuo é propriedade sua e pôde quem o-traz usar d'elle a seu talante. Necessariamente deve haver uma regra, grammatical ou de outra ordem, que regule essa materia: os competentes pois que decidam o pleito, si a questão não lhes-parecer de *jota* e *i* romano.

Como tributo de veneração á memoria do poeta publicou o *Diario do Rio de Janeiro* do 1.º de Outubro de 1864 um bello sonetto firmado pela inicial ficticia *D.*, pseudonymo com que nesse tempo o nosso illustrado amigo o sñr. dr. Antonio Gonçalves de Carvalho, actual juiz de direito da comarca de Jaguarão, firmava as produções poeticas que lhe-inspirava a musa nacional nas horas de lazer, e a quem já devemos um volume de *Canções patrioticas* (1865).

Emquanto lançavamos no papel estas linhas, o *Contemporaneo* de 20 do corrente mez de Outubro, na sua *Revista Bibliographica* correspondente ao meiz anterior, saudava o apparecimento do volume do sñr. Dias da Silva Junior, e lavrava um juizo de mestre ácerca do talento de Laurindo e do merito e oportunidade da referida edição. Cremos que o douto escriptor se-equivocou no attribuir a Sá de Miranda o epigramma que o sñr. Dias deu como do nosso compatriota. Não será d'elle; mas tambem, percorrendo nós as obras de Sá de Miranda, não o-encontrámos entre seus versos.

O primeiro escripto em que deparámos com essa copla como sendo da lavra repentista de Laurindo, foi o bello *Ensaio de biographia e de critica* intitulado *Quatro vultos*, do sñr. dr. Anastacio Luis do Bomsucesso, que abrilhanta as páginas da *Bibliotheca do Instituto dos Bachareis em lettras*, publicada em 1867 (*Rio de Janeiro*, typ. do *Diario Mercantil*) sob a redacção

d'aquelle nosso culto amigo e collega. Nesse escripto, que é um magnífico monumento, tão valioso como si de marmore, erguido á memoria de Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Junqueira Freire e Laurindo, aquelle epigramma vem de modo diverso do em que nol-o-deu o sñr. Dias da Silva Junior. Depois de delineado e executado o presente esbôço foi que tivemos conhecimento d'esse brilhante estudo do dr. Bomsuccesso; indicou-nol-o um dos mais serios cultores das nossas e alheias lettras.

Do que disseram as folhas diarias da epocha em que se-deu o lamentavel passamento de Laurindo, cumpre lembrar aqui o que acêrca dos seus escriptos ineditos relata o auctor do folhetim, publicado no *Diario do Rio de Janeiro* de 1 de Outubro de 1864 sub o titulo *Noticiador Militar*, e que era o XXIV da serie que com essa denominação estampava aquella folha. Alli se-diz que, além da grammatica de que já tratámos, ficára nas mãos da inconsolavel viúva um compendio de leitura para as escolas regimentaes dos corpos, onde, envolvidos por factos interessantes da historia militar, se encontram maximas produzidas por sua imaginação toda de fogo... obras. accresceata o folhetinista, que eternisarão seu nome, levando-o além dos seculos.

Na noticia, que o mesmo *Diario* publica a 30 de Setembro em artigo da redacção sôbre as honras funebres prestadas ao cadaver do poeta, citam-se dous sonettos, o do sñr. M. H. Pires Ferrão, que todas as edições de que fallámos reproduzem, e um do sñr. Paulo Alves, que tem sido omitido.

Para fecharmos com chave de ouro o presente trabalho, transportamos para elle, com a devida venia do digno redactor d'estes *Annaes*, o artigo do dr. Alvares da Silva, a que por mais de uma vez nos-referimos. A sua penna foi antes um buril a entalhar em aço o retrato do poeta fluminense, do que a escrever uma simples noticia de jornal, destinada a viver pouco mais do que um dia. Quem conheceu Laurindo Rebello, reconhecerá sem esforço no mencionado escripto do polygrapho bahiano as linhas mais salientes e characteristics da physionomia d'aquelle nosso tão aproveitavel quão mal aproveitado talento.

Eis aqui o seu estudo sobre

« O dr. Laurindo José da Silva Rabello.

A primeira vez que vi este homem estremeci. Estava elle pallido, ou antes amarellado, alquebrado, rosto de moço com resaios valetudinarios em um corpo de meia idade, sobrecenho carregado, maltrapilho, lingua desempeçada a cortar pelo mundo com um desembaraço epigrammatico que me-incommodou. Com o maior sanguefrio saltava por cima de certos respeitos e deferencias, em uma linguagem que eu nunca tinha ouvido. No primeiro momento tive-lhe aversão; o mais é que eu não podia deixar de ouvi-lo, preso, encadeado, como me-achava, a uma palavra rapida, correcta, fluentissima e cáustica que fascinava. Calou-se; mas tal era a minha commoção que, entre mim, perguntei: *que homem é esse?*

Apresentaram-m'o depois como estudante de medicina; começámos as nossas relações como entre collegas. Disse-me que era fluminense, que havia sido seminarista, alumno da Eschola militar, professor em um collegio particular e, por ultimo, redactor de uma imprensa politica da opposição, e, com a mais singular indifferença, que tinha vindo, extremamente pobre, ex-hausto do minimo recurso, á Bahia estudar e prover-se de um pouquinho com que acudisse á indigencia de sua familia; que, enfim, estava muito doente, talvez tuberculoso, tendo expectorado sangue, contra o que, como me-mostrou, tinha applicado um largo vesicatorio na altura do peito.

Reatámos a conversação no ponto interrompido, em que elle estava exaltando a feição varonil e briosa de Pedro Ivo.

Isto era pelos modos em 1850.

Passaram-se alguns dias, e fui encontral-o já quasi restabelecido da doença, bem agasalhado, provido de tudo, no lar auspicioso que não nega sombra a nenhum merecimento açoutado da desgraça. Estava, como tantos outros, em casa do seu patrono, *de seu pae*, como o chamava, d'aquelle que tem bastante nome para não invejar o de ninguem, d'aquelle que, por todos os infelizes, que o procuram, reparte o viatico do seu

appoio moral na obscura e sancta missão que exerce com tanta lealdade. Laurindo estava hospedado em casa do dr. Salustiano Souto.

Então pude admirar de perto um lance imprevisto da perspectiva humana.

Ver um homem que se-confessa pobre e, o que mais é, indigente; que atravessa o preconceito para indicar de publico o bemfeitor que lhe-deu o pão e o tecto de sua mãe; que começa concitando a piedade, a ironia e as lagrymas dos circumstantes, e, quando mais tristes os-vê ou mais galhofeiros, apanha de golpe qualquer thema que passa e de repente falla sôbre elle, revolve-o, desfia-o, illumina-o de esplendores desconhecidos; e, logo todos extaticos, perplexos, agrilhoados por uma elocução incomparavel, escutam-no, vêm-no como a um ser sobrenatural: a esmola trocada em louros; o indigente tornado soberano; a purpura emcima dos andrajos, fulminando a ironia, apagando as lagrymas, supplantando as pretensões; os supplicantes que bemdizem um echo, um monosyllabo, um gesto, um olhar, que os-sobresaltêa, o auditorio, que é seu, e a compaixão de ainda agora convertida em chuva de applausos que cahem a seus pés, transfigurado o beneficiado em bemfeitor; oh! isto é um prodigio!

De facto, a intelligencia de Laurindo era um prodigio. Tinha, é verdade, sinões e fraquezas moraes; mas assim mesmo devia ser. A Providencia, para mostrar a sua omnipotencia, ~~creou-o~~; e para provar que é justa, fel-o imperfeito.

Que seria aquelle homem, si todos os poderes privilegiados da sua organização se-repartissem por egual, e no mesmo quilate, por todas as mais faculdades, rivaes então do raro engenho, que assombrava! Havia de soffrer alguma compensação. Pois não havia?...

Ha certas manchas no disco do sol; uma falha na melhor agua do diamante; o perfume deleterico do jasmim arabico; a aurora boreal na solidão esteril dos polos; um coração perverso sob um rosto de anjo; uma alma angelica aperfeiçoando uma

physiionomia hedionda, Dalila ou Catharina Splencker; a insensibilidade marmorea de Göethe, o delirio de Byron; o que sci eu? tudo, tudo que absolve a natureza de uma tentativa contradictoria.

Era um de entre os seus defeitos o viver sempre desconfiado da sociedade. Laurindo não era absolutamente feio, tão somente pouco cuidadoso da sua pessoa, antithese perfeita do casquilho, e com uns movimentos e ademanes que logo á primeira impressão provocam seu tanto de zombeteiro reparo. Estes reparos é que lhe-foram origem de serios desgostos.

Da primeira feita, entrava em um salão e a companhia, excellente e toda pautada pela etiqueta,* convergia para analysar o recém-chegado. Ora, acontecia que, por occasião da análise, alguma palavra indiscreta, um risozinho amarello, qualquer cousa notava o meu collega contra a sua figura; e, sem mais rodeios, voltava-se mui docemente para o provocador e disparava-lhe um repente epigrammatico tão afiado e certo, que o sujeito ficava estatelado e boquiaberto, sem atinar com a resposta.

Muita gente ha de convir comigo, se quizer passar revista á sua memória, que esta foi a melhor charta de recommendação que o Laurindo apresentára á estima e ao respeito que depois lhe-consagrou.

A sua má estrella queria, porém, que nem sempre fosse elle o aggredido. Estava de mau humor, a veia satyrica a es-caldar-lhe o orgulho, e pouco se-lhe-dava de acceitar um paradoxo, e fazer um brilhante discurso, comtanto que, ao cabo da oração, tivesse ferido um certo alvo. Infelizmente, esse alvo não apagava com facilidade o despeito, causa tardia de mesquinhas represalias. E' o caso.

Conta a parvoíce humana entre os seus representantes um gruppó de gente, que se-vingava de Laurindo atirando lhe ao rosto os cruzados da mezada, o prato charitativo, o escabello que lhe dera. Caberia aqui uma reprimenda a esses filhos es-purios de S. Vicente de Paulo, si o proprio Laurindo com uzura se não encarregára d'ella. Queriam medir a gratidão d'este

homem pela craveira commum dos infelizes, sem repararem na enorme superioridade do talento, que de sobra ja tinha descontado em uma strophe capaz de fazer sahir a lume nome de homem, que nunca se-gosára d'estas honras si não fôra a generosidade do poeta!

Vou contar um facto original da sua vida intima.

Eu bem conhecia os defeitos congenitos d'aquella alma opulenta e illustre, a volubilidade das opiniões, a inconsistencia do character, às vezes sceptico. Tinha para mim que esta maravilha viera ao mundo para o illuminar e seduzir, intelligencia armada do pró e do contra, em um constante zig-zag, não sabendo bem practicar o que queria. Tudo isto, todavia, não me-inhibia de, na intimidade de amigos, inculcar-lhe vastos projectos, ambiciosas carreiras, para as quaes me parecia ter sido elle talhado. Fallei-lhe, por exemplo, um dia de quanto lhe-ficaria bem a nossa tribuna politica.

Voltou-se então para mim com a physiognomia extremamente demudada, dizendo-me que tinha consciencia da sua fôrça e da improficuidade d'essa fôrça; lastimou os homens, maldisse-os, epigrammou-os com um chiste admiravel e depois tornou a si o stylete satyrico, confessando a impermanencia, a irrisoria versatilidade dos seus planos, tudo tingido da fatalidade negra que o embalou, que sôbre o seu cadaver lhe desfecharia a pedra tumular, fatalidade inscripta na sua pobreza irremediavel! Depois, foi um tiroteio aos outros, começando por caricaturar a sociedade, desde os innocentes gozos da familia até às mais vaidosas posições do estado.

Emfim, a crise cerrou por prancos soluçados á lembrança de sua mãe doente e de sua irman!...

Ainda agora, com a só reminiscencia d'esse episodio, me-sinto denovo impressionado. Com effeito, era um espectaculo sinistro!

Aquelle homem, que taes cousas dizia, em uma apostrophe sublime, capaz de dominar pela convicção a multidão mais fria e lerda, arrancava-se os cabellos e blasphemava, porque não

se sentia com a resolução de pleitear um emprêgo!.... Depois de divergir em uma excepcional magestade, era como si a natureza se estivesse combatendo e reputando se esteril. Tanta luz para ser afogada na descrença e nas lagrymas'

Encontram-se tambem d'esses contrastes na ordem physica: ora é a garganta aberta do vulcão a talar planos floridos e risonhos, primores de suave belleza; ora é uma tempestade no meio do oceano!....

Nestas arremetidas contra o proximo, como diziamos, com ou sem razão, o estudante de medicina podia gabar-se rival de Tolentino. L' difficil encontrar mais repentina e aprimorada satyra em lingua vernacula; o verso ferino, e ás vezes á Juvenal, não deixava treguas: dava logo em balda certa, e, enroscando-se na pelle, já golpeada, do pobre diabo que acontecia offendel-o, em transes dolorosos, nem folego lhe-deixava, como ao Laocoonte as serpes malignas e desapiedadas.

Não podia permittir que a inveja o-aggredisse, nem que a mediocridade o-exaltasse, insultando-o.

Loucura! Um homem de tantos dotes, e taes defeitos, não passa são e salvo por este mundo, em benevolo e complacente esquecimento. O seu nome mettia mêdo. Quando a palavra inflammada dos resentimentos ou de altissimas influções em volta de si só via o silencio e a contradicção prostrada, colhidas tão merecidas palmas, porque não se-vencia a tempo e se-continha em justa satisfação, si d'ahi a pouco, passado o primeiro rapto, havia de resurgir o espantallo do seu espirito, que os homens não acceitavam resignados?

A cada um o seu papel: os humildes têm a sua responsabilidade.

A investida mordente irrita e doe; no entretanto, a consciencia sobranceira não quebra a sua attitude divina, para se acurvar em uma postura ridicula e fustigar a mordacidade que coaxa. O instincto animal, cêvo ás violencias, é que se vingae; o genio perdoa.

Uma deformidade, um aleijão, uma intelligencia rara são

aberrações accidentaes; por isso não procreiam; o individuo esvae-se, fica a especie; o plano commum foi perturbado, delicto insano!

A calúmnia está no seu direito; é um protesto que a mediocridade lança ao Creador contra a superioridade que a-esmaga. Deixal-a morder.

Muito acima ficava lhe o estro, como se-deprehende do pequeno volume de poesias, ha annos entre nós publicado e firmado com o seu nome. Naquellas poucas folhas ha de sobejo com que immortalisar a fama do melhor poeta na fórma, na harmonia, no conceito, na imagem.

Em certos momentos, quando lhe-chammejava a inspiração, era Laurindo um repentista feliz, ao molde bocagiano, mórmente no sonetto, grave e bem composto, como si estivera meditando-o no relance instantaneo. Neste genero ficaria em unidade, si não possuíssemos o seu mestre, as opulências caudaes e sempre novas de Moniz Barreto.

Mas, como quer que a musa o-incitava aos mais audazes accommettimentos, sahia-lhe sempre o verso a ressumbrar em um metro formosissimo os prancos da sua desventura, a reflectir o violaceo colorido do seu horizonte, que ainda mal se explicava em flor.

Logo que se-lhe-deparou a lyra, estava decerto toucada de veo funebre: era o do berço; eis porque ficou desde então fiel á estréa e de accôrdo com a sua condição.

Não o-procuréis por conseguinte no gracioso noviciado dos eleitos da poesia. Não conhece os tons ingenuos e festivos da ode anacrcontica, nem com os travessos madrigaes brinca; corôas de boninas, primicias da juventude feliz, ninguem espere descobrir-lhe. Bem moço, repelliu o calice do festim e desceu a prumo *nell' eterno dolore*, na região tenebrosa, olhos cravados na morte, unica realidade que resalva do mundo cinerario e lodoso.

A' sua palheta não accodem as tinctas serenas e convidativas; nem os matizes logo prendem e deleitâm a phantasia.

Todo o painel, á meia côr, vos-faz antes meditar: não se-afiguram *nocturnas*, bem que lugubres; demorae um pouco mais a vista, e vêde si não retratam o entardecer? Reparae agora: o ceo é lucido, como abodada de uma amethista enorme; as ribas estão ermas, frouxamente alumiadas da luz agonisante do último crepusculo, tepido o ar; sombras em toldo penduram se dos serros escavados: ao longe, o mar; o rumorejar confuso das árvores como um segredarem-se invocações no espaço: tudo o mais, silencio, penetrado de quando em quando pelo mysterioso toque d' *Ave-Maria*!....

Ha momentos em que parece estar copiando a Shelley, sem o cynismo do poeta inglez; outros, aproxima-se de Henri Mürger, na dúvida irresistivel; o *rhythmo* plangente e melancholico, quando mais alegre desferia o vôn, é para ser comparado ao lyrico de Manzoni. Entretanto cuido eu que lhe-descubro um irmão em musa, filho da mesma dor, precocemente roubado, como elle, ás glórias litterarias de sua patria.

Confrontae o lardo Iluminense ao Soares de Passos, que todos temos lido enternecidos, e dizei-me si os não perfilhaes na mesma familia, tão consanguineos deslumbram na plastica incomparavel, no surto atrevido pelos astros a fóra, no conversar com os mortos, no espairecer impavidos pelo primeiro alvor da eternidade, tão identicamente misanthropos, de poncto que se não sabe com certeza si sacrificam á saudade ou si a saudade lhes-é o mesmo sacrificio.

O *Adeus ao mundo*, O *meu passado*, A *saudade branca*, e outras do poeta brasileiro, podiam bem ser assignadas pelo auctor do *Novado do sepulchro*, do *Firmamento*, da ode A *Câmões*, etc.

Sôbre estes merecimentos, accresce que o dr. Laurindo se-ensaiva no drama com brilhante exito. O nosso theatro representou o seu *Sancta Isabel*, fundido á moderna, e em um estylo de encantar.

Conhecemos da mesma penna, e com o mesmo realce, O *Mendigo da serra*, O *Pupillo extravagante* e O *coveiro*, romance que ainda não estava acabado quando o-vimos: scena realista,

entrecho profundamente logico, muita moralidade em um torneio de phrase elegante; e discursos litterarios, innumerous folhetins, artigos politicos sem conta, muitas poesias dispersas ou ineditas, o que tudo compilado daria volumes com que se enriquecessem as bibliothecas extremadas nos bons livros portuguezes.

É os thesouros copiosissimos da sua palavra, o ouro mais puro de tammanho ingenho; a palestra vivificada e ennobrecida pela eloquencia, muitas vezes a honrar assumptos de mediocre importancia, mas de que sabia extrahir segredos de mor valia; e a dialectica fina, penetrante, persuasiva, ante cujo poder se inclinavam argumentadores incanescidos; a tela iriada de formosa imaginação, o lume vivace do seu raciocinio (que extranho consorcio.), vinha eu dizendo, quem m'os-dera repetidos, como os-ouvi em religioso enthusiasmo, padrões oratorios que podiam ser attribuidos aos mais insignes mestres da tribuna! Apagaram-se com as occasiões que os-suscitavam, dissolveram-se com o auditorio que os-applaudia!

Já é excusado comprovar o seu ânimo de filho e de irmão e quanto era zeloso respeitador do lar que o-acolhia, condolente de todos os desgraçados, por indole arrebatado a profligar todas as injustiças sociaes, patriota sincero e conscienciosamente liberal. Laurindo não devia ser accusado de ingrato: uma cousa é a perversão moral que quadra a um epitheto tão feio, outra é a instabilidade do temperamento, purificando-se a olhos vistos no arrependimento, até encontrar os antigos affectos, que nunca esquecem.

Pouco mais de dous annos esteve na Bahia, passando á côrte, afim de completar o seu curso medico. Com effeito, alli se-douturou em 1857 (*); sendo, mezes depois, nomeado chirurgião do exercito, seguiu para a provincia do Rio Grande do Sul, onde áquellas funcções unia a de professor de humanidades em um lyceu.

(*) O auctor enganou-se neste ponto: já dissemos que Laurindo se formára em Dezembro de 1854.

Ultimamente residia no Rio de Janeiro, na mesma categoria de 2.º chirurgião e na de lente de algumas disciplinas na escola annexa à militar.

Com poucas mais linhas no perfil e ponho remate.

Os que o conheceram de perto bem comprehendem que temivel adversario era elle do sexo amovel. Não perdoava, nem transigia; no ~~melhor~~ do serão, entre senhoras que o estavam admirando, não perdia o ensejo de contestar em um estylo polido e elegante a fidelidade no amor, a constante dedicação das mulheres, na phrase do grande tragico — *perfidias como a onda*.

Já se-vê que dialogos interminaveis havia; o que sei é que, cochichando umas ás outras, se-vingavam, acotovellando-se, a contarem uma historia de certo desengano cruel, de contrariedades mal dissimuladas.

Era assim quando, ha pouco, me-añançaram que o meu condiscipulo se-havia casado. Casou-se?! pois é verdade.

Da senhora, que mereceu o lustre do seu nome, correm os maiores abonos de virtuosa e heroína. Conseguiu fazer-lhe reponctar a crença nos principios sociaes e os sentimentos de ordem e previdencia. Nos ultimos annos (immensa correcção!) mostrava maior confiança nos homens, si bem que cada vez menos em si.

Eu é que me não devia admirar da noticia; todos os exemplos, mais ou menos brilhantes, n'a-estavam apregoando.

Um homem privilegiado pode ser, até certo tempo, celibatario por abnegação, por despeito, ou por cálculo; em estando, porém, a chegar a hora fatal, si nenhuma familia o-acaricia e assombrêa, ermo o coração para o adeus extremo, não põe pé umbraes a dentro do infinito sem se-despedir do mundo pela mão redemptora de uma mulher. O ósculo casto e sancto no transe mortal é a derradeira consagração do talento que trespassa.

Em verdade, o auctor do *Mendigo da Serra* pouco se-gosou do delicioso remanso do lar. Acommette-o molestia lethal; sabe, e, com o maior estoicismo, pergunta ao seu medico

quanto tempo ainda pode viver: dizem-lhe que alguns mezes. Então, resolutos e intrepidos assenta-se á banca do trabalho e começa a escrever um compendio a uso dos estudantes de preparatorios da escola militar, para com o producto crear um montepio á sua viuva. As sombras da morte interromperam-lhe a piedade. Pobre Laurindo!

A molestia e os desgostos ja o-traziam alterado profundamente. Aquella fronte bem rasgada e alta, onde se-reflectiam os resplendores da eminente paixão, pendia desconsolada e fria, entalhada dos sulcos precoces da velhice. A coruscante luz dos olhos, tinham-na agagado os prantos repetidos. Só eram o mesmo, ouvida a espaços, a clareza persistente do organo, o timbre sonoro da voz insinuante, a intonação incisiva da phrase imaginosa e bem deduzida; quanto ao poeta e orador, como o-conhecemos, asseguram que a mesma facundia não era mais.

O gladiador destemido na arena perigosa da imprensa na epocha memoravel de 1849 a 1852; o repentista, satyrico inexoravel, ferindo os desmandos que escapavam á sua penna de jornalista; o companheiro exemplar nas discussões academicas, edificando com o prestigio da palavra toda esta geração nova, que muito lhe-deve; Laurindo estava agora esquecido no humilde sacerdocio de mestre preparador, arroteando a sua granja de meia duzia de almas adolescentes com a devoção, e prestadio cultivado que se-podiam ver.

Poucos fallavam nelle; ninguém o-encontrava mais nos sarãos, nas partidas, ou ainda nos mesmos gremios litterarios. Depois da aula ia para a casa abençoada e auspiciosa, conchego dos seus cabellos brancos e ás atribulações da primeira mocidade; ahí é que a alguns amigos acaso se depararia — Hercules aos pés de Omphale.

Affirmam que a sua crença viva de christão não fraqueou deante da convicção que estava morrendo. Dias antes compuzera uma poesia sobre esta certeza, o que, posto em musica, é o seu *Requiem* solenne pela arte e pelo genio.

De hypertrophia do coração corre que morreu: questão de

obituario (*). Em curto praso, assim havia de acontecer, mais dia menos dia, por este ou por aquelle organ. Ha perfeita equação entre o homem e o seu destino; vocações como a d'elle já nascem morbidas e transitorias. Desgraçados os que do mesmo tomo atravessam uma longa vida: elles bem sabem quanto custa resistir á lei formidavel!

Foi o infausto dia 28 de Septembro d'este anno a data do seu passamento. Quem sabe quantos lamentaram essa data!

Ao Brazil, a tempos de luto pesado, mais esta calamidade sobre tantas e irremediaveis!

Legião de espiritos predestinados precede-o além-mundo, como para o-cortejarem na essencia immortal. O theatro, o fóro, a tribuna, o cálculo, a musa, todas as potencias, descidas para resgate do homem, concertam o radioso ingresso.

A' cabeceira do seu leito de moribundo não se-indigna porque poucos amigos vê; a patria vai distante, vai vivendo. Acaso, relanceando os olhos desmaiados pela estancia escura, presente — conformado — que os emulos seus, filhos da mesma terra, o esperam, e fita, quasi extincto o derradeiro alento, as imagens peregrinas, que baixaram da sua inspiração, desamparadas na solitaria orphandade. Só ellas, só ellas o-choram!...

— 18 de Outubro de 1864. —

ALVARES DA SILVA.

(Da *Revista Academica da Bahia*).

Antonio Alvares da Silva, auctor do conceituoso artigo que acabamos de submeter na sua integra á consideração do leitor, é natural da Bahia, como dissemos, e alli se-formou em medicina no anno de 1855. Medico illustrado, intelligencia productiva, distincto jornalista e litterato, foi lente oppositor da secção de sciencias medicas naquella Faculdade e socio fundador do *Conservatorio Dramatico* e do *Instituto historico da Bahia*. Além

(*) Alguem, dos muitos que tractaram da vida e escriptos de Laurindo, diz que elle fallecera de tuberculose pulmonar. Recorrendo porém nós ás folhas do tempo da sua morte vemos que com effeito succumbira a uma hypertrophia do coração.

da sua these inaugural e da de concurso, publicou muitas memórias sobre assumptos de litteratura, bibliographia, história e politica em diversos periodicos da sua terra natal, entre outros — *O Prisma, A Opinião, O Caixeiro nacional, A semana, O estudante, O Diario da Bahia, A Revista academica, O Direito* (jornal politico).

Taes são as indicações pessoas que temos d'esse imaginoso escriptor e que julgamos não dever omittir.

O sñr. Alfredo do Valle Cabral, a quem as-devemos, propõe-se a dar-nos uma nova edição, mais ampla que todas as anteriores, das obras de Laurindo, trabalho que mui acertadamente lhe-commetteu o sñr. Cruz Coutinho e que será sem dúvida digno da memória do laureado bardo fluminense, cuja viuva foi para esse fim consultada. Deve adornar o livro o retrato fiel do auctor, por ella obsequiosamente ministrado.

Os admiradores do poeta que nos-agradeçam a indicação.

Vem tanto mais a proposito esta nova edição, quanto a do sñr. Dias da Silva Junior, a despeito de todas as suas imperfeições, tem tido extracção: tal é a avidez com que o público procura as poesias de Laurindo! E, descendo ao lado material do facto, é elle um argumento mais em favor das edições baratas. Vá com vista aos sñrs. editores esta nossa observação.

Outubro de 1877.

Dr. P. A. Teixeira de Mello.

JOSEPH DE ALENCAR.

As lettras nacionaes trajam desde hontem pesado luto.

Passa neste momento o cortejo funebre que conduz á derradeira morada o cadaver do conselheiro Joseph Martiniano de Alencar.

No primeiro momento não se-pode avaliar a grandeza da perda que soffremos com a morte d'este eminente homem de lettras; no primeiro momento a dor aturde e como que embota o sentimento; mais tarde é que se-conhecerá quão grande era o vulto litterario que se-chamou Joseph d'Alencar e quão fundo é o vacuo que o seu desaparecimento abre nas fileiras dos raros cultores das lettras patrias.

Nascido na Provincia do Ceará a 1 de Maio de 1829, recebeu em 1851 o grau de bacharel em sciencias sociaes e juridicas pela Faculdade de Pernambuco, ainda então em Olinda, e passou-se para a cidade do Rio de Janeiro, onde fixou residencia e onde conquistou desde logo uma solida reputação de advogado de primeira ordem, de jornalista e publicista consummado e de romancista e dramaturgo sem competidor, dando-nos as tantas e tão exuberantes provas do seu esplendido talento, que constituem hoje a corôa de gloria que lhe-illumina a memoria e lhe-ornará o busto, quando tivermos um *panthéon* para os filhos d'esta terra que lhe-exalçaram o nome na litteratura, nas sciencias, nas artes e nos campos de batalha em prol da sua honra e dos seus foros.

Jurisconsulto abalisado, lente de direito mercantil no *Instituto Commercial* d'esta Côrte, deputado pela sua provincia

natal à Assembléa geral legislativa em varias legislaturas, como ainda o-era ao morrer, consultor do ministerio da justiça e mais tarde (1868, 16 de Julho) ministro d'essa repartição, Joseph de Alencar quando descia da tribuna parlamentar, de que fôra um dos ornamentos, era para nos-dar as brilhantes e variadas producções do seu multiplo talento e imaginação inexgotavel, desde a revista hebdomadaria *Ao correr da penna*, com que fez as suas primeiras armas no *Correio Mercantil*, e as *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos*, até o *Guarany*, a sua obra-prima no romance nacional, todos os seus dramas emfim e comedias, além dos seus opusculos acêrca de administração e de polemica politica, que chamaram sobre o seu nome a attenção publica.

Reproduzindo o seu retrato, que em verdade é bastante fiel, o *Contemporaneo* de 30 de Novembro do corrente anno conclue por estes termos, que faremos nossos, o juizo com que o-acompanhou:

« A José de Alencar, que é tambem um abalisado jurisconsulto e valente tribuno politico, bastam as glorias litterarias para que seu nome brilhe perduravel, em letras de ouro, no grande livro da patria. »

Pagamos neste momento solemne o tributo que devemos á memoria de um concidadão tão proeminente, reservando-nos para lhe-consagrar mais tarde nestes *Annaes* um estudo desenvolvido e mais de accôrdo com a indole d'esta publicação.

Bibliotheca Nacional, 13 de Dezembro de 1877.



INDICE DAS MATERIAS

CONTIDAS NO

3º VOLUME.

A COLLECÇÃO CAMONEANA da Bibliotheca Nacional, por <i>João de Saldanha da Gama</i>	Pag. 5
ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA. Noticia das obras manuscritas e inéditas relativas á viagem philosophica, & por <i>A. do Valle Cabral</i>	» 54 e 324
RESULTADO DOS TRABALHOS E INDAGAÇÕES STATISTICAS DA PROVINCIA DE MATO-GROSSO por Luiz D'Alincourt (<i>Introdução de A. do Valle Cabral</i>).....	» 68 e 225
DIOGO BARBOSA MACHADO (Catal. de suas collecções), por <i>B. F. Ramiz Galvão</i>	» 162 e 279
SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA. Memórias e chartas biographicas.....	» 182
NOTAS BIBLIOGRAPHICAS (Addições a Barbosa e Innocencio da Silva), por <i>B. F. Ramiz Galvão</i>	» 210
CHARTAS DE ANCHIETA, por <i>J. A. Teixeira de Mello</i>	» 312
LAURINDO J. DA S. REBELLO, por <i>J. A. Teixeira de Mello</i> ...	» 355
JOSEPH DE ALENCAR, por <i>J. A. Teixeira de Mello</i>	» 385
